

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

**ARRANJOS AFETIVOS, SEXUAIS E ECONÔMICOS NAS TRAMAS DA PROSTITUIÇÃO  
ENTRE HOMENS**

**CRISTIANO HAMANN**

PROFA. DRA. INES HENNIGEN  
ORIENTADORA

PROFA. DRA. PAULA SANDRINE MACHADO  
CO-ORIENTADORA

PORTOALEGRE

2021

CRISTIANO HAMANN

**ARRANJOS AFETIVOS, SEXUAIS E ECONÔMICOS NAS TRAMAS DA  
PROSTITUIÇÃO ENTRE HOMENS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Psicologia Social e Institucional.

**Orientadora: Inês Hennigen**

**Co-orientadora: Paula Sandrine Machado.**

Porto Alegre  
2021

CRISTIANO HAMANN

**ARRANJOS AFETIVOS, SEXUAIS E ECONÔMICOS NAS TRAMAS DA  
PROSTITUIÇÃO ENTRE HOMENS**

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Inês Hennigen (Presidente da Banca – Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Profa. Dra. Paula Sandrine Machado (Co-orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Prof. Dr. José Miguel Nieto Olivar  
Universidade de São Paulo – USP

---

Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza  
Universidade do Estado de São Paulo – UNESP

---

Profa. Dra. Vanessa Maurenre  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Suplente)

Porto Alegre  
2021

## **Agradecimentos**

A escrita de uma tese é registro da confiança, acolhimento e acompanhamento no decorrer do curso de doutorado e, por isso, agradeço a minhas orientadoras Inês Hennigen e Paula Sandrine Machado. Ao grupo de pesquisa Lecopsu (Leituras do contemporâneo & Processos de subjetivação) pelas boas discussões, aprendizados, trocas e, principalmente, pelos intervalos repletos de ternura e escuta. Ao Bruno e ao Édson, agradeço pela presença leve, pensamentos ágeis e pela possibilidade de ver na vida acadêmica um espaço de amizade. Ao Adolfo pelos afetos amorosos, e pelos ‘bons combates’ que me ajudam a continuar refletindo sobre psicologia. À Capes pela bolsa de estudos de doutorado, e a resistência de saberes que não se apagam – mesmo na conjuntura obscura em que vivemos no país. Especialmente, entendendo que essa pesquisa só foi possível a partir de pessoas que confiaram a mim um pouco de suas presenças, ideias e histórias agradeço aos trabalhadores, garotos, *boys*, clientes, bichas, monas, tias, viados, compadres. Eles fizeram da experiência de cartografar uma aventura que me tornou outro.

*Vapor barato, um mero serviçal do narcotráfico  
Foi encontrado na ruína de uma escola em construção  
Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína  
Tudo é menino e menina no olho da rua  
O asfalto, a ponte o viaduto ganindo pra lua  
Nada continua  
E o cano da pistola que as crianças mordem  
Reflete todas as cores da paisagem da cidade que é muito  
Mais bonita e  
Muito mais intensa do que no cartão postal  
Alguma coisa está fora da ordem  
Fora da nova ordem mundial...*

*Escuras coxas duras tuas duas de acrobata mulata  
Tua batata da perna moderna, a trupe intrépida em que fluis  
Te encontro em Sampa de onde mal se vê quem sobe ou desce a rampa  
Alguma coisa em nossa transa é quase luz, forte demais  
Parece pôr tudo à prova, parece fogo, parece, parece paz  
Parece paz  
Pletora de alegria, um show de Jorge Benjor dentro de nós  
É muito, é grande, é total  
Alguma coisa está fora da ordem  
Fora da nova ordem mundial...*

*Meu canto esconde-se como um bando de Ianomâmis na floresta  
Na minha testa caem, vêm colocar-se plumas de um velho cocar  
Estou de pé em cima do monte de imundo lixo baiano  
CUSPO chicletes do ódio no esgoto exposto do Leblon  
Mas retribuo a piscadela do garoto de frete do Trianon  
Eu sei o que é bom  
Eu não espero pelo dia em que todos os homens concordem  
Apenas sei de diversas harmonias bonitas possíveis sem juízo final  
Alguma coisa está fora da ordem  
Fora da nova ordem mundial...*

*Caetano Velo*

## Resumo

Esta pesquisa de doutorado analisa arranjos relacionais na prostituição entre homens, possíveis nas tramas dos afetos, sexualidades e economias. Buscando problematizar estereótipos, romantizações e objetificações acerca do trabalho sexual, discute-se a prostituição como uma arena de jogos de poder na qual se delineiam formas de regulação normativa, mas na qual também se abrem espaços de agência e liberdade. O processo cartográfico elaborado se constituiu a partir de diferentes entradas em ambientes voltados para a prostituição: uma rua, um bar, duas saunas, e um site da *Internet*. Estes espaços, compreendidos como estratégicos para analisar os exercícios de gênero e sexualidade no mercado sexual, fizeram-se palco para formas variadas de experiência em relações abertamente monetarizadas. O processo de pesquisa realizado, compreendido como forma de aproximação do trabalho sexual enquanto artesanato, indica que os arranjos relacionais na prostituição entre homens envolvem processos pedagógicos do sentir, transar e transacionar valores. A pesquisa demonstra ainda como as relações na prostituição entre homens se dão intrinsecamente associadas aos vetores prazer, trabalho e relacionalidade, aspectos materializados em práticas que constantemente se reorganizam e rearticulam. Esses elementos indicam como territórios do mercado sexual, tradicionalmente entendidos como vivenciados em fronteiras rígidas, se inscrevem em arranjos inesperados e controversos, explicitando fissuras normativas. Ainda que os sujeitos implicados não tenham por intenção produzir críticas ou afiliações ao panorama de regulação sobre os corpos, afetos e desejos, suas performances de gênero e sexualidade nos espaços acompanhados põem em questão os regimes discursivos tradicionais acerca da prostituição entre homens, especialmente quando pensados à luz de relações nomeadas por seus protagonistas como *fixas*.

**Palavras-chave:** Prostituição. Gênero. Sexualidade. Homossexualidade. Homoerotismo.

## Abstract

This doctoral research analyzes relational arrangements in prostitution among men, possible in affections, sexualities and economies. Seeking to problematize stereotypes, romanticizations and objectifications about sex work, prostitution is discussed as an arena of power in which forms of normative regulation are delineated, but in which spaces of agency and freedom are also opened. The cartographic process elaborated was constituted from different entrances in environments to prostitution: a street, a bar, two saunas and an Internet site. These spaces, understood as strategic to analyze the exercises of gender and sexuality in the sexual market, were the stage for varied forms of experience in openly monetized relationships. The research process carried out, understood as a way of approaching sex work as craftsmanship, indicates that the relational arrangements in prostitution among men involve pedagogical processes of feeling, having sex and transacting values. The research also demonstrates how the relations in prostitution between men is intrinsically associated with the vectors of pleasure, work and relationality, aspects materialized in practices that constantly reorganize and rearticulate. These elements indicate how territories of the sex market, traditionally understood as experienced in rigid borders, are inscribed in unexpected and controversial arrangements, explaining normative fissures. Although the subjects involved do not intend to critically produce or affiliate themselves with the panorama of regulation of bodies, affections and desires, their gender and sexuality performances in the spaces monitored call into question the traditional discursive regimes about prostitution among men, especially in relationships named by their protagonists as *fixas*.

**Keywords:** Prostitution. Gender. Sexuality. Homosexuality. Homoeroticism.

## Resumen

Esta investigación doctoral analiza las combinaciones relacionales en la prostitución entre hombres, posibles en tramas de afectos, sexualidades y economías. Buscando problematizar estereotipos, romantizaciones y objetivaciones acerca del trabajo sexual, se discute la prostitución como un escenario de juegos de poder en el que se delinean formas de regulación normativa, pero en el que también se abren espacios de agencia y libertad. El proceso cartográfico se constituyó a partir de diferentes accesos en ambientes dedicados a la prostitución: una calle, un bar, dos saunas y un sitio de Internet. Estos espacios, entendidos como estratégicos para analizar los ejercicios de género y sexualidad en el mercado sexual, fueron palco de variadas formas de vivencia en relaciones abiertamente monetizadas. El proceso de investigación realizado, entendido como una forma de abordar el trabajo sexual como artesanía, indica que los arreglos relacionales en la prostitución entre hombres involucran procesos pedagógicos de sentir, tener sexo y valores. La investigación también demuestra cómo las relaciones en la prostitución entre hombres están intrínsecamente asociadas a los vectores del placer, del trabajo y de la relacionalidad, aspectos que se materializan en prácticas que se reorganizan y rearticulan constantemente. Estos elementos indican cómo los territorios del mercado del sexo, tradicionalmente entendidos como vividos en fronteras rígidas, se inscriben en combinaciones inesperados y controvertidos, explicando fisuras normativas. Si bien los sujetos involucrados no pretenden producir críticas o afiliaciones al panorama regulatorio sobre cuerpos, afectos y deseos, sus actuaciones de género y sexualidad en los espacios que acompañan cuestionan los regímenes discursivos tradicionales sobre la prostitución entre hombres, especialmente cuando se piensa a la luz de las relaciones nombradas por sus protagonistas como *fijas*.

**Palabras clave:** Prostitución. Género. Sexualidad. Homosexualidad. Homoerotismo.



## **Lista de Imagens e Figuras**

Imagem da capa – Atos, C. M. (Artista). (2016). Feitos em monotipia [Gravura, colorida artificialmente com software Adobe Photoshop]. Porto Alegre, RS.

Figura 1 – E-mail recebido anonimamente em agosto de 2018

## Sumário

Introdução.....	11
1 Passos anteriores, reverberações atuais .....	25
2 Performando um mundo sem prostituição .....	37
2.1 Separando o joio do trigo.....	41
2.2 Desejo e aversão pelo exótico.....	45
2.3 O <i>outro</i> se multiplica .....	47
2.4 Do “tolo” ao homossexual.....	51
2.5 Do homossexual ao “agente fornecedor da prestação” .....	57
3 Rastrear processos, (in)corporar saberes.....	63
3.1 Por “um estado de corpo” .....	74
3.2 Por “alianças e contágios” .....	79
4. Pedagogias da prostituição entre homens .....	85
4.1 Como entrar.....	92
4.2 Como transitar: depois de entrar, ir ficando.....	100
4.3 Como transitar: permanecer, entrar e sair.....	104
5 “Quem trabalha não ganha dinheiro” (?): <i>Intermezzos</i> entre o empresário de si e a carnavalização .....	124
5.1 Francisco, ou o corpo-glutão .....	128
5.2 Pedro, ou o corpo-festa .....	137
5.3 Colocando o corpo em jogo .....	145
6 Conjugações.....	147
6.1 A valência do prazer .....	152
6.2 A valência trabalho .....	157
6.3 A valência da relacionalidade.....	162
Considerações finais.....	173
Referências.....	177

## Introdução

Em “*Fora da Ordem*” – música de Caetano Veloso de 1991 – alternam-se diferentes figuras do quadro social brasileiro, personagens, vozes e cores da paisagem comprimidas no encontro com a concretude e com a fluidez convidativa da urbe. Trata-se de uma cidade vista como “*mais bonita e muito mais intensa do que no cartão postal*” – diferente de uma idealização, é lugar de movimento que se faz em “entres”: a deterioração e a produção, a ruína e a criação, a miséria e a beleza. Neste espaço, formas de vida se mostram também na composição entre sofrimentos e prazeres, alguns da ordem erótica, como respiros nessa intensidade urbana, por vezes, angustiante: “*as coxas escuras de acrobata, a batata da perna (moderna), a transa que ilumina uma existência, o garoto de frete do Trianon<sup>1</sup>...*”.

Não é difícil se identificar ou mesmo se sentir partícipe dessa experiência na cidade, pegar caminho nesse movimento que Caetano Veloso faz, (re)conhecer-se como parte desse dinâmico caleidoscópio contemporâneo, por vezes delirante, que convoca sem necessariamente enunciar. Inscrever-se pelos rastros da cidade é disparar, possibilitar uma ‘des-parada’ – algo como uma desestagnação, mas também como ‘correria desordenada’ da vida cotidiana. A (des)parada “*Fora da Ordem*” convida a uma experiência que não se fixa em um estado ordenado de coisas: sustenta a duração e encolhe o espaço, mostrando algo para além de estereotípias. Produz uma imagem pela intensidade, pelo ritmo; explicita aquilo que se faz irrepresentável, provoca (e se apropria de) certos colapsos de linguagem. A cidade, então, mostra-se trágica: condensada no cano de pistola que mordem as crianças, na despossessão ianomâmi<sup>2</sup>, na transa que “parece fogo, parece paz”. Por fim (?), ambivalentemente, não é possível estabelecer um “juízo final”, somente se conectar com esse retrato que sempre sugere algo outro.

Como um retrato metafórico e sugestivo, esta tese tem por proposta seguir algumas pistas, rastrear o que é da ordem da diferença, os paradoxos que se dão no campo da prostituição entre homens, mantendo, como na canção, uma busca sem um “juízo final”. Na perspectiva de vazar leituras categóricas nos saberes e fazeres do trabalho sexual exercido por homens, objetiva-se rastrear arranjos inesperados e controversos nas tramas do gênero, sexualidade, afeto e dinheiro (assim como outros benefícios). Tal como em “*Fora de Ordem*”, na qual o

---

<sup>1</sup>O Parque Tenente Siqueira Campos, mais conhecido como Parque Trianon ou Parque do Trianon, foi inaugurado no dia 3 de abril de 1892 na cidade de São Paulo. É reconhecido como local com fluxo contínuo de mercado sexual masculino.

<sup>2</sup>Essas imagens estão relacionadas a acontecimentos no período de criação de “*Fora do Ordem*”. Nos noticiários brasileiros figuravam situações como as da polícia obrigando crianças a se submeter a abordagens violentas e a invasão de terras Ianomâmis.

movimento de imagens possibilita expressar experiências no mundo, nesta tese a perspectiva é de que eu possa apresentar uma série de encontros e práticas que tomam o corpo como tecnologias e pedagogias do sentir, transar e transacionar moedas. Como o percurso de pesquisa demonstrará a quem lê, essa conjunção de elementos dá condições para arranjos não fixos, e até mesmo ambíguos (diferente do que apresenta o panorama majoritário na escrita científica), denotando fissuras no plano normativo.

Tendo em vista essa leitura, procuro acompanhar processos, seguir fluxos do vivido no percurso de pesquisa e, para isso, investir em cenas de campo pelas quais certas relações não prescritas puderam se expressar. Evidenciando práticas que, por momentos, diluem a fixidez de categorias identitárias, a prostituição entre homens mostra algo de conjuntural e nômade que, não se restringindo ao território da identidade, desafia a ocupar lugares para os quais não se tem representação rígida, e justamente por isso, possibilita a emergência de um corpo político nas afetações vividas. A prostituição faz pensar e se “dá a pensar”, constituindo-se como um terreno fértil ao pensamento, pois convida a operar pela via do “e”. “E” como aquilo que “não é um nem o outro, é sempre os dois, é fronteira (...), linha de fuga em que as coisas se passam, os devires se fazem, as revoluções se esboçam” (Deleuze, 1992, p. 62).

Devir e revolução, nesse panorama de pesquisa, não são contraditórios, ainda que possam remeter a certas questões em aberto. Uma delas é o abandono da ideia de revolução como fim, como reconciliação final, e sua adoção como processo de criação, na qual elementos que se fazem disruptivos ao panorama hegemônico colocam essas duas noções em sintonia. Seguindo essa perspectiva, ou seja, ao olhar para o trabalho artesanal e miúdo que acontece na prostituição entre homens, recuso um “juízo final” – esse certo afã, constantemente atualizado, da criação de categorizações que se dão intimamente relacionadas a encerramentos identitários das existências. Justamente, pois, a regulação das vidas, a partir da primazia da identidade, inscreve um não pensamento (Butler, 2015a) e faz facilitar/apaziguar o olhar dos que se consideram *outsiders* à diferença, encobrando a vitalidade das formas de vida que não se restringem ao prescrito, reiterando a normatividade e impossibilitando a irrupção daquilo que é potente em sua minoridade (Guattari & Deleuze, 2018).

Esse posicionamento é importante, pois os processos de regulação identitária tomam forma de várias maneiras e poderiam ser um caminho facilmente abarcado nessa pesquisa, ao se considerar a força dos discursos sobre os fazeres na prostituição. Até a década de 1980, por exemplo, os estudos acerca da prostituição masculina (especialmente entre homens) eram associados a investigações dentro de uma perspectiva majoritariamente “psicopatológica”. Tinha-se em vista a prostituição como um fenômeno que envolvia jovens com problemas

diversos de conduta, como abuso de drogas e conflitos com o sistema legal, num contexto em que eram considerados mais desviantes do que as mulheres cisgênero que se dedicavam ao trabalho sexual (Van der Poel, 1992). Ainda que, posteriormente na década de 1980, as pesquisas tenham aumentado consideravelmente, dedicando-se mais a oferecer luz à heterogeneidade da vida no trabalho sexual e sob as condições de vida dos homens dedicados aos fazeres na prostituição (Bimbi, 2007; Castañeda, 2014; Ferguson, 2017; Walby, 2012), visões estagnantes e reducionistas comumente se atualizam.

Uma pesquisa no campo dessas existências facilmente recai em estratégias disciplinares e de controle, bem como nas diferentes modulações em prol de uma leitura hegemônica, produzindo certa denegação da alteridade e rarefação das possibilidades de habitar (experienciar), distintos modos de existência (Rolnik, 1998). Analiticamente, isso pode ser notado numa sustentação de visões restritas à dimensão macropolítica da vida, que – a partir de certas análises – obscurecem os *entres* do espaço relacional. Macropolítica e micropolítica, cabe atentar, são instâncias articuladas. Apesar de a terminologia poder ser interpretada de forma dual, segundo Deleuze e Guattari (1996), trata-se de denominações necessárias para alçar luz a um processo imanente. Enquanto a posição macropolítica operaria pela via da classificatória, a micropolítica trataria dos fluxos, das linhas de fuga, daquilo que produz diferença. No terreno da prostituição, a questão não seria elencar qual das dimensões é mais importante, mas compreender como a vertente macropolítica foi generalizada em termos interpretativos – implicando certa denegação da natureza micropolítica da prostituição, ou seja, a recusa de sua potência em fragmentar espaços normativos tomados como naturais.

No tipo de interpretação que se restringe a dimensão macropolítica, existências possíveis na prostituição são compreendidas em uma mesma perspectiva, ignorando e obscurecendo potências combativas e indexando-as ao naturalizado socialmente, minimizando, assim, as contradições e ambivalências que lhe são inerentes. Essa limitação interpretativa faz com que nos voltemos para análises preocupadas exclusivamente com os modos de existência hegemônicos, podendo desencadear um olhar que se esquiva da experiência como espaço de transformação social. Trata-se de uma questão ética (para além das identificações teóricas ou eleições metodológicas), que se faz potente quando não afeita a planificar formas de ser no mundo, num processo de olhar para aquilo que é mínimo – certa abertura cotidiana a formas singulares de se constituir sujeito no tecido social.

Esse aspecto se mostra quando olhamos para o que Judith Butler (2015b) compreende como narrativas de si. Em oposição aos dualismos clássicos (numa divisão que privilegiaria sociedade versus indivíduo) ela propõe que os sujeitos se constituem sempre em prática, a partir

de ações performativas, baseadas em códigos disponíveis na cultura (Butler, 2015b). Nesse aspecto, pressupondo a ausência de um “eu” anterior à ação, as narrativas seriam sempre incompletas, isto é, o sujeito transitaria pelos discursos que o interpelam, reorganizando-os por meio de sua ação performática sempre inacabada. Dentro dessa discussão, o “eu” excede a narração do próprio sujeito, posto que sua origem jamais será plenamente explicada; o “eu” não se origina em um indivíduo por si, mas sim nas relações de interpelação e resposta que este estabelece com o outro (Butler, 2015b). Nessa reflexão que encontramos em Butler e em outras(os) estudiosas(os), notamos a importância de regimes de verdade que privilegiem a valorização da diferença e a possibilidade de composições não normativas acerca das formas de vida, como instâncias que promovem olhares éticos sobre si mesmo.

Diante da inscrição de figuras identitárias tão fortes no discurso hegemônico, como é o caso das criadas sobre a prostituição na literatura, precisei redistribuir o peso das narrativas com as quais me encontrava no processo de pesquisar. Nesse movimento, procurei me repensar enquanto pesquisador em busca de um *algo* – tomando uma suposta eleição de objeto inanimado no processo de imersão e análise. O caminho aqui escolhido (que procura valorizar as interpelações do campo e o protagonismo das narrativas de meus interlocutores), foi colocar em pauta o que entende-se (ou não) por prostituição. Procurando, enfim, constituir questões que pudessem desestabilizar figuras (teórico-conceituais e relacionais) que insistem em categorizar e estereotipar as experiências dos homens no trabalho sexual. Nesse sentido, o movimento proposto nessa pesquisa (de utilizar situações/cenas consideradas como potentes por fazer pensar e se deslocar de categorias fechadas) se propõe tanto a marcar situações que efetivamente podem reiterar processos inscritos como majoritários quanto, especialmente, atentar para certos graus de liberdade em esferas experienciais e relacionais abertamente monetarizadas (que eventualmente podem ser consideradas fora da prostituição entre homens).

Esse aspecto parece estratégico para o campo de reflexões acerca do trabalho sexual, tendo em vista a mudança sociológica em termos da intersecção gênero, sexualidade e capitalismo na contemporaneidade e que, ao passo que transversalizam sujeitos contemporâneos, também atualizam certos espaços de vulnerabilidade instituídos socialmente. Nessa discussão, as contribuições de autores como Bauman (1998), que discorre sobre um maior desprendimento entre as práticas sexuais e o discurso do amor nas sociedades contemporâneas, são significativas e populares. Bauman (1998) abarca aspectos como a intensificação do consumo sexual que privilegia a novidade e a variedade, assim como a ‘leveza’ das relações. Esse movimento, segundo o sociólogo, estaria no nível da norma social, na qual o exercício erótico estaria ligado a sexualidades supostamente mais evasivas e voláteis.

Attwood (2006) também desenvolve uma análise acerca dessa articulação, estabelecendo uma conexão entre o erotismo e a lógica de mercado, onde normativas tradicionais deram lugar, paulatinamente, a uma noção de erótico como vinculado à escolha individual e à autorrealização – denotando um aspecto das fronteiras cada vez mais nebulosas entre público e privado<sup>3</sup>. Esses elementos gerais, numa perspectiva sociológica, são corroborados por estudos diversos no campo da análise de gênero e sexualidade. Entretanto, quando concernentes à prostituição, tornam-se particularmente borradas (e potentes). Assim, pensar na diluição das fronteiras entre público e privado supõe evidenciar a articulação entre relações afetivas, sexuais e economia (Bernstein, 2001; Carbonero & Garrido, 2018; Sanders, 2008).

A leitura que proponho sobre esses campos relacionais, especificamente quando elas se engendram no marco da prostituição entre homens, tem por pano de fundo uma crítica aos problemas de se olhar exclusivamente às linhas macropolíticas e procura colocar em pauta a necessidade de fazer(-se) presente ao que toma corpo micropoliticamente. Seguindo essa perspectiva analítica, o caminho percorrido nesta pesquisa pode ser entendido como uma forma de processo cartográfico. Entendo esse caminho como uma tentativa radical de não isolar determinado objeto de elos históricos que lhe transversalizam e com os quais estabelecem uma conexão no(s) mundo(s). Esse seria um indício analítico pueril se não se propusesse, justamente, a uma modificação do que se compreende por história – processo já descrito em outros estudos que coadunam uma preocupação ético-político-estética, como se localiza essa pesquisa. A proposição cartográfica aqui elaborada se inscreve no (re)desenhar as forças que conectam e dão corpo a certos fenômenos, e que podem ser de diversas ordens, não verticais e lineares (como interpretações restritas a uma força histórica que se derrama das grandes figuras para as massas), mas sim sujeitas ao acaso de composições criativas, que, muitas vezes, mostram uma ativa resistência a forças majoritárias. Movimentos que – ao contrário de leituras positivistas/herméticas, que constroem o objeto de estudo como independente – se fazem também no “não sabido” e efetivamente participam na modulação e nos movimentos desse “objeto” de estudo.

---

<sup>3</sup>Na esteira dessa discussão que a literatura, guiada pelas reivindicações feministas, reconhece o caráter historicamente localizável acerca do que se entende por público/privado, estabelecendo uma crítica à noção do sexo e da sexualidade como restritos ao espaço supostamente privado, natural – portanto, não político. Tal qual sabemos, a partir de estudos, como os de Michel Foucault, Gayle Rubin, Judith Butler ou Donna Haraway, essa dimensão historicamente engendrada, capilarizada em dispositivos, como da sexualidade, das relações de gênero/sexo ou da suposta natureza humana, convida a uma análise do mercado do sexo como multifacetado (que contradiz, na práxis, o imaginário social que organiza sob certa aparência fixa o que seria a prostituição, não por acaso especialmente orientada para experiências de mulheres cisgênero, trans e travestis).

Nesse sentido, o “objeto” de pesquisa é compreendido como uma arena de poderes do qual o pesquisador participa, de jogos de força na produção de saberes em que se estabelece uma pragmática<sup>4</sup> cuja possibilidade é desestabilizar o que o conhecimento científico majoritário costumeiramente indica como legítimo. Importante destacar que, quando olhamos por essa lente, a ciência é vista não como resultado de uma “ascese, de uma operação do pensamento abstrato ou da razão matemática” (Pozzana & Kastrup, 2014, p. 55), mas sim saberes sujeitos à presença de paradigmas, modelos teóricos e conceituais que constituem conjuntos de práticas que configuram uma cognição científica específica, nunca universalizável. Nesse sentido, é uma série de elementos (atitudes, práticas, valores) que produzem a racionalidade científica e que inscrevem um objeto como passível de ser isolado das articulações históricas que lhes são viscerais. Diferente dessa perspectiva isolacionista, classicamente reiterada, interessou-me como proposição investigativa desenvolver formas de “acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades” (Pozzana & Kastrup, 2014, p. 56), ou seja, formas de trânsito possíveis na prostituição pela via de um exercício estético, ético e político (arranjos relacionais que expressam diferença e provocam a inscrição de modos outros de estar na prostituição). Essa conjugação de princípios nos permite colocar certas questões. Considerando insubordinação como aquilo que retorce, desdobra e refunda sentidos, instaurando um espaço de resistência ao aprisionamento identitário, é possível olhar a prostituição entre homens como insubordinações micropolítica? Podemos considerar a prostituição entre homens um território nômade, cuja fluidez não sustenta categorias fechadas?

Nessa conjuntura de análise, os usos do corpo são estratégicos, já que classicamente são espaços de investimento disciplinar, de controle e vigilância – especialmente se colocamos em pauta as expressões de sexualidade. Se tomarmos o diagrama elaborado por Gayle Rubin (2017) como um disparador analítico para a pesquisa aqui apresentada, alguns elementos fazem atentar para essa potencialidade da prostituição como fazer insubordinado. Rubin (2017) argumenta que, tradicionalmente, a sexualidade “boa”, “normal”, “natural” é aquela que, idealmente, inscreve-se como “heterossexual, conjugal, monogâmica, reprodutiva e não comercial (...) entre casais, dentro da mesma geração e em casa (...) (sem) pornografia, objetos de fetiche, brinquedos sexuais (...) ou quaisquer outros papéis que não fossem o masculino e o feminino”

---

<sup>4</sup> Como indica Luciano Bedin da Costa (2014, p. 67), a “pragmática está ligada a um exercício ativo de operação sobre o mundo, não somente de verificação, levantamento ou interpretação de dados. O cartógrafo, aqui assumido enquanto pesquisador, atua diretamente sobre a matéria a ser cartografada. No entanto, ele nunca sabe de antemão os efeitos e itinerários a serem percorridos. Na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que habita e percorre os territórios, é que sua pesquisa ganha corpo. O corpo, aliás, é uma importante imagem no exercício de uma cartografia, porque nos remete ao corpo do pesquisador e ao corpo dos encontros estabelecidos”.



(Rubin, 2017, p. 85). Portanto, é possível supor certa potência insubmissa da prostituição entre homens – ao menos um conjunto de práticas que parece oferecer certa resistência ao hegemônico, àquilo que procura confinar e modelizar uma série de forças que compreendemos dentro das discussões de gênero e sexualidade. Ainda que seja possível a análise de uma série de marcadores sociais como composições que se interseccionam<sup>5</sup> no panorama da prostituição entre homens, neste estudo, enfatizo as marcações de gênero e sexualidade.

Tomando esse aspecto como mote de discussão, podemos considerar a produção social das masculinidades como elemento que torna densa a discussão na interface sexualidade e mercado – especialmente quando os fazeres supõem o protagonismo corporal dos próprios homens. Nesse aspecto, tradicionalmente se tem utilizado a literatura referente à construção de masculinidade hegemônica (Connell, 1995; 1997) para elucidar aspectos relacionados a gênero e, concomitantemente, ao ‘ser homem’. Entendida como espécie de conjunto de referências sociais que procuram garantir a posição dominante dos homens sobre mulheres, e de homens sobre outros homens, a masculinidade hegemônica pode ser lida não como processo dual (disposta radicalmente como hegemônica ou não-hegemônica), mas como híbrido e maleável, tendo por característica a possibilidade de se modificar para atender às circunstâncias históricas (Connell & Messerschmidt, 2013; Reeser, 2010).

Nessa leitura, as masculinidades se fazem numa multiplicidade de “configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 250), compondo certas formas de consenso e participação de grupos considerados subalternos num panorama normativo. De toda maneira, cabe atentar para a importância de não aderir a um uso de masculinidade como instância fixa, trans-histórica. Ter em vista sua condição conjuntural significa que pensar masculinidade(s), no estudo com homens, é considerar como os sujeitos se posicionam socialmente a partir de certas práticas discursivas e não discursivas – o que nos faz pensá-la(s) enquanto multiplicidade<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup>Interseccionalidade é um operador teórico que tem ganhado cada vez mais espaço em debates e pesquisas acadêmicas. Sua nomeação está associada aos trabalhos de Kimberlé Crenshaw (1989), jurista estadunidense que desenvolveu algumas das mais importantes elaborações teóricas sobre. Procurando propiciar uma fratura em visões classicamente monológicas na análise de situações assimétricas de gênero ou raça, as perspectivas interseccionais se constituíram como ferramentas voltadas para identificar formas de opressão simultâneas (dando ensejo aos cruzamentos de marcações sociais como gênero, raça, etnia, território, nacionalidade, geração na produção de subjetividade). Localizada inicialmente no Feminismo Negro estadunidense, põe em pauta uma multiplicidade de questões sociais vistas a partir de uma perspectiva integrada, na qual não se procuram generalizações, mas sim se permite evidenciar agenciamentos, diferenças e desigualdades que situam sujeitos no tecido social (Brah, 2006).

<sup>6</sup>Assim como no campo tradicional dos estudos de masculinidade hegemônica, que focalizam relações entre pares, estratégias de controle do espaço em organizações, como escolas, padrões de encontros afetivos sexuais, discursos homofóbicos e formas de assédio (Connell & Messerschmidt, 2005), cabe atentar que, a despeito das críticas à

Parece-me que o plano das sensibilidades que ‘dá corpo’ à prostituição entre homens, enquanto fazer estratégico para a reflexão sobre a produção de gênero, sexualidade e erotismo em contextos biopolíticos (Foucault, 1988), potencialmente desloca prescrições tradicionais associadas ao ser homem e às masculinidades, expressando processos de singularização e possíveis relações não prescritas. Para tanto, procuro atentar para as práticas que se inscrevem nas (e para além das) normativas sociais da cena da prostituição entre homens. As práticas que coloco nesse plano de análise se fazem em relações de correspondência, filiação, imitação, mas também em um tornar-se outro (vista, então, como dispositivo de alteridade a partir do qual me inscrevo e sou convocado ao campo de investigação). Nesse sentido, a elaboração desse escrito se propõe a registrar momentos de pesquisa a partir dos quais a análise do percurso forma um quadro que se quer potente pelo contágio, isto é, que tenta possibilitar o (re)conhecimento de quem lê pela via de leituras clandestinas sobre ‘isso’ que os homens fazem nesse espaço existencial instável que é conhecido (na forma de regulação, tradicionalmente) como prostituição.

Nesse contexto, a noção de devir, modulada por Deleuze e Guattari (1997b), é preciosa por não propor uma multiplicação de inúmeras identidades, simplesmente (certa disposição capitalística para encontrar o seu ‘estilo de vida’, a sua felicidade, diante do que as racionalidades hegemônicas oferecem). O devir é “um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, (...) não nos conduz a ‘parecer’, nem ‘ser’, nem ‘equivaler’” (Deleuze & Guattari, 1997). Por isso, é preciso localizar algumas dessas intensidades que me fizeram optar pelo plano de análise das práticas na prostituição, e explicar melhor a constituição de um corpo de pesquisa, um fazer em que se produziu certa “concentração sem focalização” (Kastrup, 2007, p. 39). Seguindo tal traçado, essa deriva se mostrará sem um centro, ainda que com uma problemática.

Nos capítulos desta tese, procuro dar ‘tom’ às intensidades das quais se refere, mas sem a pretensão de tecer explicações sobre as negociações entre homens. O primeiro capítulo, *Passos anteriores, reverberações atuais*, procura indicar como as experiências de investigação na prostituição entre homens formaram um campo problemático, a partir do meu lugar de pesquisador. Por meio disso, inscrevo um plano de questões que vão, aos poucos, tensionando algumas das posições na pesquisa sobre prostituição, e também características fechadas que

---

noção de masculinidade hegemônica, no trabalho de campo, a atualização de discursos normativos é bastante contundente. Na prostituição entre homens em Porto Alegre, por exemplo, a referência de clientes ao “recrutamento” de garotos do serviço militar exemplifica a valorização de uma masculinidade específica.

acabamos por atribuir às negociações sexuais entre homens – seus protagonistas, seus saberes e seus fazeres –, tentando dar espaço aos paradoxos que lhe são, também, constitutivos.

Esse caminho, de toda a forma, tem histórias e uma série de elementos que se atualizam. Não parece interessante prescindir de uma leitura mais acurada, ainda que não extenuante, sobre o plano discursivo que povoa as formas de existir nas negociações às quais damos o nome de prostituição. Certamente abrangentes e de fácil localização – ainda que politicamente incoerentes e inconsistentes –, as estereotípias que lhe compõem se atualizam, de modo que é pertinente, pela via do contraste, colocar em pauta naturalizações que formam o corpo ‘michê’ ou ‘prostituto’ enquanto figuras ilegítimas de vida, da ordem da vagabundagem, delinquência ou psicopatologia. O segundo capítulo, *Performando um mundo sem prostituição*, em uma escrita ensaística, busca discutir a criação de categorias de degradação social atribuídas aos fazeres desses homens e articular, a partir desse movimento reflexivo, certas intensidades que se mostram resistentes a encerramentos identitários, elencando algumas pistas apontadas em diferentes historiografias.

A constatação de que essas leituras são interpretadas a partir de meu lugar como pesquisador não é menos importante, porque envolve a singularidade de quem escreve, pois há décadas se discute e se problematiza questões relacionadas ao espaço que se ocupa nas práticas de pesquisa. Enuncia-se o desejo de uma localização com implicações políticas (Haraway, 1995; Spivak, 2010) que reverbera nas dimensões de trabalho investigativo/militante (tensionando até onde essa dualidade pode ser sustentada). A visibilidade daquele que, nas racionalidades universalizantes, não pode ser registrável, impossível de se fazer sujeito nas tramas institucionais, que não se comporia como agente histórico, marca um desafio coletivo que, neste trabalho, é tomado sob um ponto de vista feminista. Como afirma Marysia Zalewski (2007), as perspectivas feministas colaboraram, principalmente, com a crítica à naturalização daquilo que conta (supostamente) como central, neutro e objetivo – elementos sustentados por uma criação social, ou seja, com potencial de modificação.

Na prostituição entre homens, esse é um elemento importante, já que, para além da convocação a uma análise de implicação composta em atravessamentos sociais de diferença, as teorias feministas possibilitam análises de gênero, sexualidade e outros marcadores sociais nas interfaces políticas com o capitalismo, um jogo de poderes e saberes reconhecidamente complexos (Wendy Harcourt, 2009). Nesse contexto, a rarefação de discussões sobre trabalhadores do sexo não parece significar somente o apagamento de formas de subjetividade e agência política do plano de discussão acadêmico, mas também articula a situação global das trabalhadoras do sexo (Agustin, 2006; Smith, 2011). Para algumas estudiosas, as marcações

dualistas e totalizantes sob o corpo das mulheres prostitutas desde a modernidade (em categorias como esposa/prostituta, boa/ruim, tomadas como discrepantes) ainda se atualizam em alguns feminismos, como características internas da categoria “mulher” (Bell, 1994; Smith, 2011). Dessa forma, a imagem reiterada por algumas vertentes feministas da prostituta sofredora (especialmente considerada parte do terceiro mundo) colabora para uma visão redentora de alguns feminismos identificados com agendas em que se procura deliberar sobre, mas não dialogar com, os interesses de profissionais do sexo (Jo Doezema, 2010) – agindo numa racionalidade imperialista.

Tendo em vista um posicionamento anti-imperialista e dialógico, não procuro entender o lugar de afirmação acadêmico como um cerco que se impõe num campo identitário essencializado, polarizado, romantizado (que infelizmente tem figurado em diversos espaços, e, no que concerne a quem estuda prostituição, muitas vezes, sob um interessante sistema acusatório), mas sim como uma possibilidade de (re)conhecimento vivencial entre sujeitos históricos e discursivos. Pretendo aqui demonstrar que o lugar de onde se fala pode ser entendido como regulador e fiador da legitimidade do que se enuncia, pressupondo que o texto ultrapassa o autor. Nesse sentido, em prol do reconhecimento de um lócus social como postura ética (Ribeiro, 2017), procuro cultivar certa esquivia do lugar de fala como sintagma, operando pela via da produção de outros espaços para se existir. De modo geral, evito uma postura monológica e essencialista em benefício da possibilidade de produzir um entre, de habitar espaços hifenizados, dialógicos, necessários para composições menos caricatas e normativas na vida (Oliveira, 2010).

Levada adiante, essa posição dialógica remarca que habitamos com corpo, especialmente quando das nossas atividades sexuais (e com toda a carga regulatória/disciplinar que historicamente coaduna). Portanto, não parece interessante me furtar de falar de corporalidades e, para isso, penso o corpo como instrumento de investigação (um devir-*boy* e um devir-cliente). No capítulo três, denominado “*Rastrear processos, incorporar saberes*”, coloco em pauta o caráter corporificado da metodologia analisada no mercado do sexo, a fim de apresentar questões com base em um fazer algo antropofágico (que não se reduz a uma dualidade de pesquisador *vs boy*, mas sim demonstra como as negociações na prostituição podem ser um disparador para a potencialização de uma corpo-pesquisa, estando ou não na *pista*<sup>7</sup>). Nesse terceiro capítulo, a partir do argumento que pesquisar pode ser uma forma de

---

<sup>7</sup>Pista é um termo que pode gerar certa ambiguidade. Sinônimo de estar disponível para contato sexual, também pode significar estar nas negociações do mercado sexual. Podemos supor que essa ambiguidade é um ponto

intervir, argumento que a pesquisa não é uma prática fora do corpo – e que, nesta (in)corporação durante o percurso investigativo, é um corpo que se faz mais ou menos aberto para experiências (coletivas), é o próprio corpo que se expande com a agência sob sexo, gênero e erotismo – do que não se pode esquivar quando se estuda a prostituição entre homens.

Além disso, é por meio do corpo que se gesta certa inteligência marginal que toma a materialidade corporal como fundante de uma série de artimanhas/estratégias nos encontros entre os homens dessa cena, pesquisadores ou não. Na esteira dessa reflexão, o quarto capítulo, “*Pedagogias na prostituição entre homens*”, delinea algumas notas sobre as modulações do corpo e apresenta elementos de uma delicada composição de práticas de gestão das atividades (as formas de ‘se fazer’) na prostituição. Nessa perspectiva, a aprendizagem é tomada como algo que se dá em um plano impessoal e múltiplo, de produção de subjetividade (Guattari e Rolnik, 1986), em que se compõem aquilo que é o diferencial do sujeito e do objeto (Kastrup, 2001). Em outras palavras, a aprendizagem não é tomada como a relação de um sujeito com objetos fora de si, mas sim no exercício desestabilizador de “diferenciação mútua, em que tem lugar a invenção de si e do mundo” (Kastrup, 2001, p. 20).

Dessa maneira, as pedagogias na prostituição não podem ser tomadas pela frieza do cálculo racional, de modo que podemos pensar o trabalho com o corpo como espaço de criação que, radicalmente, contradiz o discurso dos fazeres no campo da intersecção sexualidade/economia como ‘venda do próprio corpo’ ou ‘dominação’. Proponho aqui um trânsito pelas possibilidades de agência nos fazeres sexuais dentro de um sistema econômico, considerando também que, nesse contexto, organizam-se determinados impedimentos na participação de homens nos saberes e fazeres pedagógicos. Nesses processos, que convocam certa disposição para penetrações entre corpos – sejam eles “físicos, biológicos, psíquicos, sociais, verbais” (Deleuze e Parnet, 1998) se movimentam uma série de políticas de gênero e sexualidade, performatividades que não se desvinculam de marcas sociais, mas sim escorregam por elas, criam outras coisas e deflagram certa ficção<sup>8</sup> como instância inerente a sua existência. Por isso, considerando os silenciamentos que podem ocorrer na pungente criação de regulações nas negociações do mercado do sexo entre homens, procuro destacar algumas questões relativas à produção de gênero e sexualidade. Essas instâncias são tomadas, em ambientes direcionados

---

interessante, já que denota, no campo discursivo, a relação entre mundos supostamente separados, além de remeter à associação histórica da homossexualidade com o mercado sexual.

<sup>8</sup>O uso do termo ficção procura ressaltar a compreensão de que não existe uma verdade essencial e intransponível que caracterize a sexualidade. Sua composição social torna imanente a possibilidade de construção de experiências singulares e legítimas.

para consumo sexual, como ficções estrategicamente articuladas a exercícios de masculinidade, numa conjunção que se faz possível a partir de fiadores humanos e não humanos.

Considerando que os fazeres associados às negociações de sexo entre homens estão historicamente localizados dentro do marco simbiótico homossexualidade/prostituição (Bimbi, 2007; Weeks, 1981; Scott, 2003) e, diante de uma literatura que mostra como a sociabilidade entre homens se constitui; e se oxigena, em tensos espaços fronteiriços de (re)afirmação de gênero e sexualidade (Welzer-Lang, 2001), adentrar locais direcionados ao mercado do sexo entre homens (especialmente bares e saunas) mostra-se um lócus privilegiado de análise. Olhar com certo estranhamento para essas conjunturas (como territórios de suspensão e afirmação de normativas de gênero e sexualidade), sem deixar de lado a legitimidade das negociações reconhecidamente monetarizadas (confrontando leituras moralistas que tem por efeito a culpabilização, vitimização, desagregação das possibilidades de agência) oferece mais indícios de como a categoria ‘homem’ não é simplesmente dada, mas sim negociada, disputada – e cujo status de verdade, assim, é oscilante e instável.

Pensando nessa composição e enfatizando o atravessamento monetário como elemento importante para espaços de atualização e suspensão de normas de gênero e sexualidade entre homens, o quinto capítulo “*Quem trabalha não ganha dinheiro*”: *intermezzos entre o empresário de si e a carnavalização*, mostra como se operam trânsitos entre a posição de empresário neoliberal e os prazeres possibilitados numa conjuntura estrategicamente carnavalizada. No caminhar por essas (dis)posições subjetivas elencadas no capítulo, procuro indicar como o agenciamento com benefícios (dinheiro, mensalidades, pagamento de contas, objetos ou outros elementos) não só orbita pelas situações, mas efetivamente produz uma série de experiências entre homens, operando territórios de liberdade e normatividade. O exercício, a partir dessa proposta, é colocar categorias dadas de antemão em uma espécie de suspensão. Transitando a partir dessa noção, benefícios se mostram objetos maleáveis, articulados a uma série de possibilidades de agência e mecanismos de regulação na prostituição.

Sob a vertiginosa constatação de que os encontros nos ambientes direcionados à prostituição não se dobram diante de um plano exclusivamente discursivo de “michetagem”, no sexto capítulo, intitulado *Conjugações*, utilizo como disparadores as possibilidades de relação na prostituição entre homens em Porto Alegre, compreendidas a partir dos vetores “prazer”, “trabalho” e “relacionalidade”. É a partir desses elementos que me proponho discutir as formas de (des)encontros possíveis e que abrem uma série de alternativas para o fazer entre homens, pois espelham uma série de jogos de poder instáveis, entre endividamentos ambivalentes e afetos não categorizáveis nos marcos tradicionais da prostituição –

particularmente quando discutidos sob o prisma da expressiva produção sobre a prostituição feminina. Dessa forma, realizo uma leitura atenta sobre aquilo que observei no campo, indicando como a constituição de encontros (ou conjugações) expressa diferentes forças – tomadas como valências de intensidade conjuntural. A ênfase desse capítulo, de toda forma, é campo das relacionalidades, considerando especialmente como as valências supracitadas potenciam vinculações singulares. Em termos de relacionalidade, significaria dizer que, para a análise das negociações na prostituição entre homens, separações bruscas/antagônicas (como as operadas sobre trabalho ou afeto, economia ou prazer), não dão conta de uma análise radical sobre as vivências na prostituição, campo de produção humana que, como costumam ser outras dimensões relacionais, é permeado de ambivalências e contradições.

Centrar a discussão em processos vivenciais e não desencarnados, elencando como as pessoas se fazem presentes em espaços e tempos contextuais, possibilita colocar em pauta como os sujeitos se envolvem com forças estruturais e, ao mesmo tempo, negociam com estas, mostrando como o trabalho sexual está implicado, todavia não determinado, por matrizes sociais (Agustín, 2007; Cavalieri, 2011; Youngs, 2000). Nesse aspecto, meu interesse é fundamentar este estudo na experiência dos homens que se encontram na prostituição. Ressalto que não é interesse do presente estudo elencar uma suposta essência do trabalho sexual, ou afirmar que ele se inscreve em um sistema inerentemente opressor, mas sim indicar como, no panorama da economia sexual contemporânea, a prostituição exercida por homens não possui nenhuma verdade inerente a ser descoberta, considerando-a histórica e culturalmente contingencial, pois pode aderir, desestabilizar ou fraturar relações de poder (Chapkis, 2002). Assim, a partir de experiências de campo, este estudo coloca em pauta que a prostituição pode ser compreendida e experimentada em uma multiplicidade de formas, visto que, apesar de potencialmente divergentes, não se fazem isoladas dos processos históricos, culturais e econômicos. Cabe ressaltar que a intenção de entrada e análise do campo se desenvolveu a partir de uma teorização êmica, ou seja, calcada sob o vivido.

Considerando a radicalidade de um processo cartográfico, assim como a postura antropofágica defendida neste trabalho e explicitada ao longo do capítulo “*Rastrear processos, incorporar saberes*”, a experiência de campo se baseou na elaboração de itinerários elencados nas vivências significativas dos interlocutores que transitavam pela prostituição entre homens em Porto Alegre. Esse critério, abarcado no doutorado, também foi uma premissa no mestrado<sup>9</sup> – iniciado a partir da recomendação de um profissional da Secretaria de Saúde do município de

---

<sup>9</sup>Pesquisa de mestrado intitulada “Itinerários, práticas e significações do sexo tarifado entre homens” (Hamann, 2016).

Porto Alegre. Posteriormente, o caminho de pesquisa é traçado por meio de narrativas de interlocutores que indicavam quais espaços da cidade eram mais significativos para os seus fazeres na prostituição. Nesse sentido, entendo que o percurso pela cidade não se descola de minhas experiências anteriores como pesquisador, mas sim se apropria delas, expandido para locais não vivenciados ao longo do mestrado. Por fim, ao término do doutorado, os espaços contemplados foram um bar (primeiro local sugerido pelo profissional de saúde), uma rua, duas saunas, e um *site* da *Internet*. Os registros realizados (em formato de diários de campo, conversas e entrevistas com gerentes de empreendimentos voltados para o mercado sexual, clientes e *boys*) foram utilizados para desenvolvimento de questões/problemáticas. Assim, nesta tese, deslizo entre vivências do período de mestrado e de doutorado. Os escritos que aparecem são bricolagens: narrativas de interlocutores (identificados com nomes fictícios) eventualmente se alternam com falas/frases escutadas, ou situações vivenciadas no campo.

Sem a pretensão de caracterizar dados formais, a preferência ao longo deste estudo é por termos êmicos. As narrativas dos interlocutores de pesquisa, em específico, não são compreendidas como relatos que revelam uma verdade essencial sobre a prostituição exercida por homens, mas como discursivamente localizadas, situando os sujeitos em relação à construção de identidades, interesses e desejos (Hansen, 2010). Argumento que essas problemáticas são compartilhadas, mas usualmente negadas nas relações consideradas não prostituídas, pela via de um não-pensamento. Além disso, considerando que elas denotam uma série de potências e vitalidades que, por vezes, fogem da interpretação usual de trabalho ou afeto, tomados como antagônicos, procuro pensar o lugar de negociação dos prazeres corporificados como espaço potencial para exercícios de liberdade. Marco a relação dita “da” prostituição como lugar que pode sustentar certa coragem da verdade, nos termos defendidos por Foucault (2014), em prol de uma vida não cafetinada, ou seja, que não se sujeita a forças violentas que operam pela via do retrocesso (Rolnik, 2018). Como exercício, portanto, convido a uma (des)parada, meio “fora de ordem”, em que possamos compartilhar cenas de negociações não como *outsiders*, mas como sujeitos insatisfeitos com uma economia sexual farmapornográfica – essa forma contemporânea de biopolítica, na qual a cooptação de desejo produz capital a qualquer custo, codificando e precarizando todos e todas.



## 1 Passos anteriores, reverberações atuais

Tomo como disparador inicial deste capítulo, cujo objetivo é apresentar campos problemáticos sobre a prostituição masculina pelo meu próprio percurso como pesquisador, a noção de aprendizagem como deriva inventiva, sustentada por Deleuze e Guattari (1997a). Não se trata, para os autores, da variação dicotômica entre um estágio de não-saber para um estágio de saber; não diz simplesmente de condições empíricas para a construção de saber; não é entendida como transição ou preparação de um resultado, ou como experiência de reconhecimento – tal qual um traço mnemônico (Kastrup, 2001). Aprendizado, de outra forma, toma corpo na experiência de problematização, de encontro com novas semióticas diante de um processo de errância e do movimento de explorar. Nesse aspecto, a figura do viajante é potente.

(...) quando o viajante retorna à sua cidade, é tomado muitas vezes por uma sensação de estranhamento, tornando-se sensível a aspectos da paisagem que normalmente lhe passavam despercebidos. O afastamento da cidade (...) prolonga-se então num afastamento da percepção banal e recongnitiva. A abertura da sensibilidade provocada pela viagem para a cidade estrangeira invade, então, a experiência da própria cidade. A experiência de recongnição cede lugar à problematização. Os dados da sensibilidade não fazem síntese com os da memória, gerando reconhecimento. Memória e sensibilidade não convergem, mas divergem, gerando uma experiência de estranhamento potencializada pelo frescor da sensibilidade do viajante. (...) a viagem envolveu um aprendizado porque elevou as faculdades ao seu exercício disjunto, ultrapassando os limites do funcionamento recongnitivo (Kastrup, 2001, p. 18).

Realizado e o conjunto de estranhamentos, incômodos e problematizações acerca do meu encontro com algumas faces do mercado sexual entre homens. Tomo essa linha de discussão, porque o processo de aproximação e vinculação com a temática se deu desde minha pesquisa de Mestrado, pelas incursões em Porto Alegre e pelas propostas de (re)aproximação a partir do Doutorado – em que uma série de questões se modificaram no trânsito percorrido ou foram ativamente excluídas. Alguns trânsitos no campo – tal qual viajante que retorna a um espaço antes conhecido – fizeram-me, particularmente, sentir deslocamentos em relação ao que eu propunha estudar, modificando o que eu passava a entender como estratégico no estudo da prostituição entre homens que centra a pesquisa desta tese. Desse processo, três momentos são importantes, pois permitem explorar (e localizar) alguns movimentos-chave: 1) o exercício de questionamento, a partir da noção de *self* dialógico, da organização narrativa de sentidos, significados e dissonâncias dos homens em relação aos seus fazeres na prostituição; 2) a discussão calcada na noção de comunidades de prática e sua articulação com marcadores de diferença social, por meio de um percurso envolvendo Etnografia e Teoria Fundamentada; e 3)

uma leitura cartográfica dos processos de insubordinação possíveis a partir das negociações entre homens. Como pretendo mostrar, essas temáticas/teorias/epistemes, fizeram parte da minha construção como pesquisador, atualizando-se e (re)torcendo na produção do meu olhar sobre o que se pode na prostituição exercida por homens.

Em 2013, a conjunção entre o plano teórico da dialogicidade bakhtiniana e a teoria do *self* dialógico, utilizada por uma série de pesquisadoras(es) para entender processos psicológicos, incitavam-me perguntar sobre como os homens que se dedicavam à prostituição organizavam narrativamente elementos que, usualmente, seriam tomados como contraditórios – orientação e prática sexual, em especial. Interessavam-me certos dissensos ou contradições diante de um plano social heteronormativo e moralista e um tipo de percurso associado às dissidências em relação ao campo do exercício da sexualidade e das relações de gênero. Esse plano teórico, do *self* dialógico, foi inspirado nas discussões realizadas pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (2008), nas quais o crítico literário estabeleceu paralelos entre a interação narrativa de personagens no contexto do romance polifônico de Dostoiévski, e o diálogo interno aos próprios personagens (possuidores de características conflitantes e ambivalentes). Bakhtin realizou uma série de estudos sobre processos linguísticos e repertórios culturais, de modo a conceber certa capacidade dos personagens de conter em si diálogos internos de forma polifônica (uma multiplicidade de vozes que constituiriam formas de existência). Essa compreensão de Bakhtin forneceu subsídios para a elaboração de uma teoria narrativa psicológica, que entendia a história dos indivíduos a partir de suas relações dialógicas.

Autores como Hermans, Kempen e Van Loon (1992) se basearam em Bakhtin para definir o *self* dialógico como “uma multiplicidade dinâmica de posições do ‘eu’ relativamente autônomas em uma paisagem imaginária” (p. 28). Esse *eu* circularia entre essas diversas posições, dotadas de voz, como personagens, podendo estabelecer narrativas acerca de si, num movimento ininterrupto que deflagraria um *self* narrativamente descentralizado (Hermans, 2001). A teoria do *self* dialógico era uma interessante forma de mapeamento, especialmente dentro de leituras do campo do desenvolvimento humano. Entretanto, as primeiras visitas a um bar voltado para prostituição masculina foram importantes para deslocar o percurso de investigação dessa leitura e atentar para uma série de questões políticas que eu não me colocava antes do campo, especialmente considerando processos transversais de marginalização e possibilidades de composição comunitária. Esses interlocutores da pesquisa na época fizeram-me encarar os espaços que visitava como lugares de produção de singularidade, como registrado em meus diários de campo:

(...) Em uma pequena rua paralela à Avenida Farrapos, encontrei este estabelecimento de um andar, discreto, cuja entrada é indicada por um toldo escuro e guardada usualmente por um segurança. O estabelecimento em questão é um bar amplo, subdividido em alguns ambientes. Na entrada tem-se, à direita, uma copa, algumas mesas e sofás nos quais, geralmente no início da noite, homens ficam sentados observando o movimento. À esquerda o caixa. À frente uma sala maior com um tablado para shows, alguns sofás e mesas, nas extremidades. Depois da área em que fica o tablado, utilizado como palco, também há uma sala com sinuca, quartos para os clientes e os garotos, banheiros e um pequeno camarote bastante frequentado. A despeito da página do Facebook, o local parece menos atraente. Certa decoração ‘noturna’, com cores saturadas e luzes de danceteria, se mescla a uma arquitetura de ar decadente. Estofados escarlate convivem com assoalho composto em lajotas xadrez. Apesar do comosé pouco convidativo, as festas podem ser bem movimentadas e a presença de garotos/boys é sempre garantida. No pequeno palco ao lado da entrada do camarim, no qual circulavam alguns homens que reconheci do circuito sauna/bar, Castanha chamou a atenção de todos. Iniciou apresentando um conjunto de três músicas, versões vintage – com melodias inspiradas na década de 20 – de canções das cantoras Lily Allen e Lady Gaga. Com seus cabelos estilo Channel, vestido longo e maquiagem carregada, a apresentadora não tardou, logo no término das músicas, a falar de forma extrovertida sobre o cotidiano na casa e o show de exibição que se seguiria. Os comentários, recheados de bom humor cultivado com algumas décadas de envolvimento no meio, eram traçados sobre inúmeros aspectos. Uma dupla sentada em uma mesa relativamente afastada recebeu um ‘afago’ da apresentadora, que agradecia a presença dos dois, afinal o boy havia voltado de outro estado e se encontrava agora “agarrado” com um cliente “cheio de saudades”. “Ainda bem que tu chegaste, ele não aguentava mais!” – disse a apresentadora, enquanto o público observava sorrindo. Circulando o olhar pela sala, Castanha dizia em voz alta para os garotos mais famosos que estavam na festa, ensaiando pequenas conversas de palco: “Veio direto da Sauna M?” – e articulava alguns comentários mais ácidos para os que observavam atenciosamente: “Vocês vem pra cá trabalhar, ficam aí e depois? Vocês acham que eu não sei que vão gastar tudo com aquelas mulheres elegantíssimas da Annes Dias?”. Castanha, erguida pelo tablado, salto alto combinando com o vestido longo, boca ressaltada pelo batom escuro, contrastando com a pele clara uniformizada por uma quantidade considerável de maquiagem, desviava o rosto de alguns feixes luminosos escassos para olhar a plateia com cuidado. Logo as luzes intermitentes cessam dando espaço a um holofote que ilumina seu corpo. É um lugar esse, diante de tantos atributos materiais, performáticos, de muito humor. Parece ser possível, para Castanha, dizer algumas coisas que percorrem o ambiente, sem peso. Castanha tem narrativa leve, escorregadia, ácida, engraçada. Não é só o corpo que parece borrar fronteiras normativas de sexo e gênero, é a narrativa que atravessa como lâmina afiada as relações entre todos nós no ambiente. A qualquer momento Castanha pode, iluminada como estrela do Bar, interpelar-nos de alguma forma (Hamann, 2019)

A despeito de ser um fragmento que não dá ênfase à descrição direta dos homens no Bar, seu uso é proposital. Em função do presente momento deste escrito – o caminho de aprendizagem realizado desde o meu ponto de inflexão na investigação – indicar a existência desses elementos me auxilia a mostrar como se trata de um campo potente para análise discursiva e para reflexão sobre a construção de uma ambiência que poderíamos chamar

dialogicamente *carnavalizada*<sup>10</sup> (o que, segundo a análise de Bakhtin acerca do carnaval medieval, diz respeito a possibilidade de suspensão de prerrogativas moralistas ou da primazia da razão, em prol da valorização do corpo, do humor e de outras sensações ‘baixas’ – os prazeres considerados ‘terrenos’). Esta leitura da proposta de Bakhtin, diferente da anterior que se restringe a uma noção individual de *self* (como vista numa perspectiva majoritária em psicologia), convida a compreensão de discursos como inerentemente dialógicos. Posteriormente, utilizando esse olhar sobre Bakhtin, procurarei analisar discursos que (em ambiências *carnavalizadas* da prostituição entre homens) tornam corpos inteligíveis e, paradoxalmente, resguardam silenciamentos e/ou visibilidades nas composições de gênero e sexualidade – estratégicas no mercado sexual.

A situação vivenciada e descrita no diário de campo me mostrava que, para além da presença das mulheres cisgênero, transgênero, travestis e *drag queens* (que, ainda proporcionalmente rara, não deve ser tomada de forma desimportante), a relação de sociabilidade entre os homens supunha um trânsito - geográfico e existencial -, assim como me dava indícios da impossibilidade de indicar um “perfil” de *garoto* de programa. Elementos da composição da cena de prostituição entre homens enquanto fazer que se sustentava em uma organização comunitária (assim como se fazia subjacente um fluxo geográfico entre conhecidos) mostrava essa complexidade. Diferentes marcações sociais dos “*garotos* de programa” em relação à classe, raça/etnia, geração, território; a utilização delicada de performatividades com clientes que transitavam entre dimensões românticas e demonstrações de masculinidade e virilidade (seja na preparação de corpos hipertrofiados e na aspereza comedida das formas de trato como afirmação de um “ser homem”, como nas associações mais agudas com a periculosidade e o crime enquanto atributos eróticos); e as formas regulatórias nas quais se davam diferentes negociações (deflagrando categorias organizativas: *garotos* de programa, clientes, gestores das casas de prostituição), colocavam-me um panorama fértil de proposições.

No que concerne ao aspecto geográfico, que se compunha, também, em trânsitos existenciais, já se mostrava uma série de reverberações com a literatura da área. Mesmo que não tomada como guia, minha formação prévia ao campo constitui-se com olhares atentos ao plano da existência dos sujeitos nas cidades, em sua relação com mobilidades motivadas pelo exercício da sexualidade, já que leituras indicavam a presença de determinada circulação voltada às especificidades da prostituição masculina. Ruas, praças, bares, saunas e *darkrooms*;

---

<sup>10</sup> Termo do próprio Bakhtin, em: Bakhtin, M. M. (1999). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec.

compunham um campo de construção histórica, sociológica, antropológica e/ou de uma psicologia sensível às composições pela elaboração de territórios comuns (Abreu, 2013; Antunes & Paiva, 2013; Barreto, 2017; Neto, 2010; Perlongher, 2008; Pocahy, 2011; Santos & Pereira, 2016; Teixeira, 2011; Viana, 2010), expandindo, também, interpretações sobre a circulação pela cidade de modo a questionar supostas dicotomias entre mundo *offline* e *online* (Miskolci e Pelúcio, 2008). Essa relação com o tecido urbano, no qual se veem expressas heterotopias, indicava espaços de criação tomados, normativamente, como expressões ilegítimas de gênero, sexualidade e erotismo. Afinal, na ambiência muitas vezes higienizada dos percursos urbanos – munidos de uma série de dispositivos em prol da manutenção de moralidades – o “*flâneur* perverso” (Preciado, 2008) inscreve acontecimentos que desterritorializam formas de controle cidadão.

De toda a forma, articulavam-se à fala da *drag queen* Castanha, previamente citada neste texto, uma série de diferenças nas formas de circulação de *boys*, por exemplo dos que trabalhavam exclusivamente no Bar ou dos que vinham da Sauna M. (considerado espaço em Porto Alegre de *Garotos* de Programa de aparência mais jovem e muscularizados, tradicionalmente selecionados conforme critérios estéticos mais rigorosos que outros espaços na cidade). Um etarismo em relação dos trabalhadores era contundente, ainda que sob os clientes este aspecto não impactasse da mesma forma; certa categorização dos “*garotos* mais bonitos” (em geral brancos) ou dos “que sabem dançar” (negros e/ou populares), como me dizia um dos gerentes do Bar, demonstrava atribuições de qualidades essencializadas pela via das intersecções raça e classe; lógicas de valorização e desvalorização marcadas também pelo termo êmico “ser novo”, ou seja, pelo território ou pela iniciação recente nas negociações entre homens; eram alguns dos elementos que passaram a chamar atenção (Hamann, Pizzinato & Rocha, 2017).

Nesse sentido, parecia-me imperativo (em termos da valorização que o campo me demonstrava) deslocar meu trajeto de pesquisador de uma leitura de mentalidade (da utilização que a Psicologia majoritariamente fazia em teorias de *self* dialógico) para uma problemática interseccional, – que abarcasse de forma mais acurada a produção das relações de gênero, sexualidade, masculinidade, raça, geração, como elementos co-engendrados em comunidade. Tomando a linguagem como elemento central de análise, enquanto efetiva produtora de realidades, essas instâncias sociais foram compreendidas como espaços em que se performatizavam modos de existência num movimento de repetição e regulação de atos que colocariam os sujeitos em lugares de (i)legitimidade no campo social (Butler, 1990; 2003). A interpretação de que os processos de subjetivação, em gênero e sexualidade, estavam calcados

na repetição e regulação (Foucault, 1987), cujo escrutínio permitiria compreender categorias naturalizadas como homem/mulher, masculino/feminino, tomadas como manifestações performativas (Butler, 2003) indicavam o caráter fabricado das masculinidades na prostituição, assim como sua evidente vinculação com as formas de tornar-se homem na contemporaneidade (Badinter, 1993; Caetano, Silva, & Garay-Hernández, 2014; Connell & Messerschmidt, 2013; Kimmel, 1997; Nolasco, 1995; Viveros-Vigoya, 2016).

Em minha compreensão, tornar-se homem ou mulher funciona por meio de “coordenadas culturais na constituição da subjetividade” (Madureira & Branco, 2007, p. 82), ligados às posições assumidas no panorama cultural (Louro, 2011). Esses elementos me interessavam particularmente no que concerniam as formas de constituição do ser “homem” como dimensão identitária e dos exercícios de masculinidade articulados à prostituição. A tradicional visão sobre os homens, vinculados aos ritos sociais de passagem e exercícios demonstrativos de força e agressividade (Badinter, 1993), às questões propostas por Connell e Messerschmidt (2013) e Kimmel (1997), que indicavam a existência de determinadas expectativas em relação aos homens – como provas de honra e valentia – eram aspectos que me pareciam reiterados cotidianamente por sujeitos em locais voltados para o mercado sexual.

Nos ambientes estudados, as interações (sob forma de brincadeiras e provocações) me indicavam estratégias de construção e manutenção de relações normativas. Chamava-me a atenção para Welzer-Lang, que compreendia a inscrição da masculinidade como processo de aprendizagem no qual a “casa dos homens” (2001, p. 462) se mostrava termo alusivo ao conjunto de lugares e espaços destinados à estruturação relacional das políticas de universos masculinos. A partir dos grupos de interação na escola, clubes, bares/café ou outras comunidades estudadas por Welzer-Lang, eu via refletida na prostituição uma série de palcos de combates árduos no que se referia às dinâmicas de constituição dos sujeitos como homens. Esses espaços, nos quais o homoerotismo pode ser experimentado em diferentes graus e dimensões, pareciam permitir a incorporação de saberes organizados em códigos e nos quais a aprendizagem se conduzia. O contexto de homosociabilidade que se interpunha nos locais por mim estudados convivía com manifestações de virilidade associadas à heteronormatividade – e que frequentemente flertavam com fatores como a exploração ou o exercício da violência.

Uma série de vigilâncias permeavam os espaços estudados, revelando relações intrínsecas com as formas legítimas ou inteligíveis de ser homem – para além da posição cliente, *boy* ou pesquisador que desempenhasse. Certa ansiedade gerada pela proximidade com o feminino, relatada em diversos trabalhos (Kimmel, 1997; Torrão, 2005; Welzer-Lang, 2001) mostrou-se presente em todo o percorrer de meu caminho de pesquisa, com diferentes

manifestações e intensidades. Essa relação temerosa com a feminilização lembrava-me do que propunha Gregori (2003) sobre o corpo feminizado como espaço de violação e subalternidade, e do que propunha Perlongher (2008) sobre o perigo do efeminamento do michê, cálculo de se “fazer” que permitia atentar para as hierarquias do masculino/feminino. Nesse contexto, atravessamentos institucionais relacionados a essas expectativas de gênero e sexualidade se expressavam num certo modo “intuitivo” de ser, manifestando-se nas tentativas de afastamento das dimensões consideradas femininas (Caetano et al., 2014).

Tendo por ênfase esses aspectos de gênero e sexualidade, procurei estabelecer relações entre as formas de significar e dar sentido à prostituição com os diversos marcadores de diferença que compunham experiências de ser *garoto* de programa/profissional do sexo/*boy*<sup>11</sup>. Sendo parte da proposta compreender como se estabeleciam itinerários na prostituição protagonizada por esses homens em Porto Alegre, a marcação geográfica (já que existia um fluxo fisicamente mapeável) foi proposta como eixo para acompanhar diferentes expressões da prostituição masculina, assim como as estratégias comunitárias e de manejo cotidiano imbricados nesses percursos. Para tanto, a pesquisa de mestrado se deslocou de uma leitura de *self* dialógico, procurando desenvolver análises a partir da constituição de “Comunidades de Prática” (Wenger, 2001), com foco nos exercícios de sexualidade e identificações de gênero possibilitadas nesse trânsito entre homens.

O conceito de Comunidade de Prática na perspectiva de Wenger (2001) pareceu um vetor possível para a compreensão de como relações sociais se organizam a partir de três eixos integrativos: compromisso mútuo, ação conjunta e repertório compartilhado<sup>12</sup>. Utilizou-se, para tanto, Teoria Fundamentada (Charmaz, 2009) e Etnografia, por meio das quais se realizaram diários de campo das incursões nos ambientes (um bar, uma rua e uma sauna), entrevistas narrativas com seis homens que se dedicam à atividade e dois gerentes de duas casas especializadas no mercado de sexo porto-alegrense, durante o ano de 2015. Essas apostas teóricas foram chaves para o delineamento da abordagem de campo cartográfica aqui pretendia, pois possibilitaram o contato e a análise de uma inserção menos moldada, e menos focada, no sabido. O *corpus* analisado para a dissertação indicou dinâmicas associadas à formação de comunidades de prática através de estratégias de vigilância e correção, de modo que aspectos como o investimento corporal e outras dimensões performativas atualizavam relações de

---

<sup>11</sup>O uso do termo *garoto* e programa, trabalhador do sexo e *boy* está em consonância com a forma corrente entre os interlocutores, participantes da pesquisa de Mestrado, de se referir ao fazer no trabalho sexual.

<sup>12</sup>Mais detalhes disponíveis no artigo derivado da pesquisa de Mestrado: *Dinâmicas de gênero e sexualidade no sexo tarifado entre homens: uma análise por meio da noção de comunidades de prática* (2017). <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.3-06Pt>.

consumo circunscritas em algumas esferas de controle exercido pelas gerências, clientes e trabalhadores/*boys/garoto*. Como relatei em diários de campo, essa relação de controle e investimento se sustentava numa série de elementos/substâncias/negociações:

Para o gerente, esse cuidado (com uso de substâncias) garantia o bom desempenho dos garotos e, concomitantemente, o Bar como referência de bom atendimento; para os garotos, parecia ser uma forma de controle e estratégia no desempenho sexual e na manutenção de uma performance delicadamente mensurada (a sobriedade/relaxamento em nível ótimo permitia o controle não só das ereções, mas de performances de masculinidade nas investidas para com a clientela). Estas performances se davam como reiteração constante de corpos masculinos e viris, dotados de certa estética que figurava na interação com e para clientes (mesmo as relações de trabalhadores com trabalhadores, que aconteciam, em especial, ao redor de uma mesa de sinuca, estavam sob a visibilidade dos clientes e suscitavam um clima de exibição). Logo que um possível cliente chegava ao estabelecimento, diversos garotos se apresentavam ordenadamente, oferecendo companhia. Esse ritual de exibição cavalheiresca por vezes tomava outra forma. Não eram incomuns concursos de beleza nos quais os garotos competiam por premiações, em geral quantias em dinheiro. Em uma noite, houve inclusive um desfile para a escolha do “melhor boy”. Logo que começava o desfile, comentários jocosos e erotizados das “bichas mais desbocadas”, como em determinado evento falou um cliente, faziam referência aos garotos, suas “malas”<sup>13</sup> sob as sungas e corpos joviais e sarados – demonstrando, eventualmente, certa decepção com os mais displicentes com este tipo de cuidado do corpo. Garotos mais fortes faziam poses de halterofilismo e deixavam mais explícitas suas formas masculinas e viris. Nas festas oferecidas podiam-se encontrar clientes de 30 a 70 anos, enquanto a idade dos trabalhadores parecia compor-se, majoritariamente, dos 20 aos 30 anos. Segundo Samuel, um garoto de programa com quem foi possível conversar durante um dos eventos promovidos, a quantidade maior de clientes nestes dias exigia ter certa capacidade de escolha crítica, certa “caça”. “Caçar”, segundo ele, era um termo (e uma atuação) muito comum no itinerário de prostituição entre homens em Porto Alegre, uma artimanha que se compunha na identificação de possíveis clientes que demandava uma observação acurada do ambiente. Parte do processo da caça se possibilitava pelas redes de informação entre os garotos, calcadas principalmente sobre o fluxo de pessoas que se repetiam nos bares – sobre os clientes nos quais valia a pena investir e em que contexto: “(os garotos) já conhecem aquele mundo, já sabem quem que paga, quem que tem dinheiro, que não vai te enrolar... e tem uns que o pessoal já diz: Não, esse cara paga bem, ah, esse aí já não paga tanto, com aquele só em último caso...” (Jonas, boy). Esse conhecimento - que se incorpora em estratégias consideradas mais adequadas de aproximação, escolhas de clientes, e investimento em possíveis clientes fixos -, era compreendido por clientes com os quais se conversou nessa pesquisa como representativo de certa “malícia”. Concernentes com essa interpretação, alguns destes homens entendiam que a busca por garotos mais jovens, ou mais “novos”, se justificava por estes não terem sido “contaminados” pelos “malefícios da prostituição”. Entretanto, esse aspecto pareceu estar associado à capacidade crescente que os garotos demonstravam em negociar com mais autonomia seus programas e seduzir outros clientes, processo que se mostrou acontecer com o tempo de experiência e aprendizado nos locais. (...)Nesse ambiente (Sauna), assim como no Bar, os boys propiciavam dicas

---

<sup>13</sup> Referência ao volume do pênis evidente sob as roupas.



(entre si) de possíveis bons clientes, assim como estreitavam laços de coleguismo que acabavam em momentos de lazer e intimidade fora do ambiente. Essas interações, entretanto, não se davam sem conflitos e contradições. Muitas vezes, a situação na Sauna era de represália (organizada pelos próprios boys) a quem não obedecesse às combinações das tarifas. A despeito dessas e outras particularidades vinculadas ao território, os controles que envolvem as negociações eram tidos como um problema do âmbito do coleguismo e da boa conduta – uma conduta estabelecida com base numa noção de “negociação entre cavalheiros”. Ainda que a atuação da gerência e de funcionários indique certo controle sobre o que acontece, na Sauna, os boys pareciam exercer uma dimensão de poder, como me indicava Jonas: “(...) a gente é que faz funcionar aquilo ali, né, sem os boys não tem cliente. Antes pagava, pagava 5 reais pra entrar. E agora não precisa pagar nada, o que tu fizeres é teu. Só tem que fazer o cliente gastar, né (Registro de campo – Hamann, 2015).

Apesar de termos nos debruçado sob os intercursos de negociação comunitária nas interpelações entre clientes/*garotos* de programa, *garotos/garotos*, *garotos/gerência* das casas de prostituição, as relações se ampliavam para mulheres cisgênero, trans e travestis que não só frequentavam as casas de prostituição, mas que tinham relações com os homens que se prostituíam; homens que iam com suas namoradas/esposas para locais de programa, estabelecendo proximidade destas com os clientes; prostitutos que haviam se casado com prostitutas, pois estas compreendiam as particularidades e demandas do trabalho sexual; homens que estabeleciam um contrato de preferência com certos clientes (configurando o que era chamado por muitos como cliente fixo); *garotos* de programa que não mais declaravam ter um intercurso de trabalho com homens que anteriormente eram considerados clientes fixos, mas sim que figuravam agora como encontros em que se atualizavam elementos tradicionalmente associados ao campo ‘conjugal’, entre outras relações. A complexidade era cada vez mais evidente, quando nos dedicávamos a estudar, a partir dos diários de pesquisa, para além do que tínhamos elencado inicialmente como do campo comunitário.

Nesse sentido, existe um amplo espectro de afecções e afetos que constituem esses encontros. As mulheres, de diferentes formas, pareciam compor o trânsito da prostituição masculina, no Bar e fora dele. As “mulheres elegantíssimas da Annes Dias<sup>14</sup>”, como indicava Castanha, as namoradas e esposas que, por vezes, frequentavam o local estabelecendo uma relação de convívio com os clientes, ou circulavam nas calçadas, esperando o que parecia ser o “fim do expediente” – figuras não rarefeitas no cotidiano do local que, numa visão dualista, poderiam parecer marcar uma fronteira entre dois mundos tradicionalmente estranhos. A presença dessas mulheres como fiadoras de um campo discursivo constituía certa potência desses homens nas negociações, passível de ser atualizada no cotidiano do Bar.

---

<sup>14</sup> Rua do Centro de Porto Alegre, conhecida por bares populares e casas de prostituição feminina.

Tomado por essa via epistêmica e ontológica a (re)leitura dos diários de campo do processo de pesquisa de mestrado me fazia atentar para dimensões não elaboradas naquela pesquisa. Assim, suscitavam novas composições, um campo analítico outro. Na esteira dessa discussão, os “agarros” e as “saudades”, das quais falava Castanha – enunciações disparadas para dois homens sentados em uma mesa num local mais afastado do palco, onde um acompanhava, cuidadosamente, o jantar do *garoto* de programa ser servido – apontavam para afetos sob os quais não tinha me debruçado. Essa relação da qual dizia Castanha, supostamente de certa duração, de alguma “fixidez”, não era exclusiva do momento. Em outras situações, algumas formas de performar (certa ambiência amorosa por parte de alguma dupla ou trio, ou a sensação de obrigação de destinar tempo e cuidados para com determinado cliente, por exemplo), faziam-se presentes sem nenhum constrangimento visível. Esses elementos permitem entender que esse espaço complexo constantemente desafiava dicotomizações, essencializações e romantismos teóricos, nos espaços polifônicos da prostituição. Dicotomias muito presentes nos estudos acerca da prostituição, como exploração/protagonismo; dominação/contraconduta; garoto de programa/namorado, por exemplo, não pareciam analiticamente operativas.

Importante lembrar que essas dicotomias não se resguardam somente aos elementos do microcosmos prostituição, mas podem ser vistas na própria constituição dos panoramas de leitura ampla acerca das agendas políticas do mercado sexual. Nesse aspecto, a existência de diferentes paradigmas para a leitura sobre a prostituição se faz representativa. O considerado Paradigma da Opressão, que relaciona a prostituição (heterossexual) ao panorama patriarcal da sociedade contemporânea, considera o mercado sexual como inerentemente uma expressão da dominação masculina e da objetificação das mulheres (Jeffreys, 2009; Mackinnon, 1989) e tem ressaltado histórias de sofrimento, vulnerabilidade e violência, especialmente sobre mulheres que atuam na prostituição nas ruas. De outra forma, o chamado Paradigma do Empoderamento considera a existência de serviços sexuais como forma de produção de ganhos para ambas as partes envolvidas na transação comercial (Agustin, 2007), em estudos que ressaltam exemplos de lucratividade e agência (Weitzer, 2009). Esses campos são criticados por Weitzer (2009), que argumenta a favor de um terceiro paradigma, considerado polimorfo. Nesta perspectiva, “experiências variam entre contextos culturais e formas de prostituição, bem como de acordo com as características sociais e individuais das pessoas envolvidas. (...) De acordo com a perspectiva polimorfa, a prostituição pode ser opressiva em algumas circunstâncias e fortalecedora em outras; pode ser opressora e fortalecedora ao mesmo tempo e, em muitos casos, pode não ser nem opressora nem fortalecedora” (Järvinen & Henriksen, 2018). Nesse

panorama, constitui-se uma problemática importante estabelecer um olhar não dicotômico ou essencializante, tal qual a dualidade opressão/empoderamento. Entretanto, mantém-se a importância política de sustentar uma análise crítica sobre os diferentes posicionamentos de homens e mulheres no tecido social contemporâneo (o que pode se constituir como desafio mesmo para o paradigma indicado como polimorfo).

No trabalho de campo, pareciam-se diluir as compreensões hegemônicas sobre a prostituição exercida por homens (estando afastado de movimentos exclusivamente de opressão ou ‘empoderamento’). O que se vislumbrava eram existências que poderíamos considerar ‘menores’, insubmissas e contraditórias aos olhos dos grandes esquemas interpretativos macropolíticos. Diversos momentos da pesquisa realizada mostravam essa articulação macro e micropolítica que continha, em si, um potencial de fazer-se ‘estrangeiro’, de ser no *entre* de normativas em gênero e sexualidade, especialmente quando das discussões sobre clientela fixa e as economias afetivas/relacionais associadas a ela. Nesse contexto, poderíamos reconhecer certa potência insubmissa numa vida reconhecida como homossexual, na qual a posição de “enviesado” (Foucault, 1981) faz aparecer virtualidades. Entretanto, mesmo que esse elemento ainda seja contundente, formas de companheirismo “endividado” compunham algumas das relações, indicando presenças normativas – elementos que serão trabalhados no último capítulo deste estudo.

Para o que cabe ao atual momento, ressalto que essa faceta (intrincadamente interseccionada por questões como gênero, classe, geração) marcava a possibilidade de modos de vida em que esses indivíduos experimentavam intensidades “múltiplas”, instaurando um curto-circuito pela introdução de afeto em situações em que “deveria haver a lei, a regra ou o hábito” (Foucault, 1981, p. 12). Essa constatação me fazia atentar para outra naturalização operada na literatura. Para além das inúmeras possibilidades que poderiam compor o campo da prostituição, paradoxos e ambiguidades relacionados a seus fazeres, a interpretação usual acerca das relações na prostituição se centrava ainda sob a categorização estática cliente/prostituto. Essa leitura, acredito, vem acompanhada de certa essencialização de posições rígidas no mercado sexual e tem uma trajetória histórica que marca um estratégico jogo de silenciamento e de visibilidade acerca dessas práticas – produzindo um “*outro*” estático – substancializa uma frágil cisão entre economia e vida sexual, assim como uma separação moral dos que negociam a sexualidade na prostituição e dos que não o fazem (ao menos, não nesse mesmo marco).

Esse processo deve ser discutido a partir de uma articulação entre elementos macropolíticos e micropolíticos. Nesse sentido, voltar-me para uma análise de implicação política me remeteu ao que defende Zourabichvili (2000), quando argumenta que existe uma

dimensão política mesmo que involuntária (não centrada na execução de modelos ideais, transcendentais), na criação de novas possibilidades de vida, de devires, processos menores e que não implicam desejar outro mundo como projeto de construção, mas de acompanhar “a emergência de novos campos possíveis” (Zourabichvili, 2000, p. 354) para se viver. Afinal, a prostituição entre homens faz o sujeito “se diluir na paisagem”, ou marca uma afirmação (ética)? A multiplicidade de práticas que encontram lugar nesse território possibilita formas de gestão sobre o próprio trabalho/corpo? Para colocar apropriadamente essas questões é estratégico estabelecer uma leitura que articule elementos que associam a prostituição à ideia de degradação – e procuram performar um ‘mundo sem prostituição’. Para discutir essas questões, começo num mapeamento ensaístico voltado para pensar a paisagem discursiva que historicamente se constituiu sobre a prostituição entre homens, no capítulo que segue: *“Performando um mundo sem prostituição”*.

## 2 Performando um mundo sem prostituição

Como elenquei anteriormente, procurando desenvolver um olhar sensível para as formas de estar no mundo a partir da prostituição, revisei meus diários e registros de entrevistas. Motivado em operar ligações entre corpos conceituais ao vivido, num fluxo de construção que não dissociasse pensamento acadêmico das afecções do próprio campo, interessei-me especialmente pela constante produção (em discursos majoritários e na experiência como pesquisador) do sujeito da prostituição como *outro* (alguém que pode ser supostamente deslocado do funcionamento normal do cotidiano em função de aspectos, especialmente, morais). Seguindo essa conjunção, compreendida como tentativa de elencar experiência<sup>15</sup> enquanto forma de pesquisar, permitiu algum deslizar pelas/nas tramas da prostituição entre homens, percorrendo corpos diversos: narrativas, memórias, referenciais bibliográficos, registros históricos (que, ainda que eventualmente endurecidos pela leitura de ciência tradicional me permitiram fazer ligações que potencializavam compreender o que se passava em meu contato com os meandros da prostituição). Nesse sentido, fui aos poucos formando uma bricolagem que não se reduziu ao representacional, mas que possibilitasse o acompanhamento dos processos que se davam no campo de pesquisa (Kastrup, 2007; Kastrup & Passos, 2013).

Ao longo do percurso, buscando me deixar afetar pelas narrativas, cenas, vivências, acabei por identificar uma série de discursos que se mostravam entrelaçados à produção desse *outro* que eu experienciava como pesquisador, sem a pretensão da descoberta ou do desvelamento. Fui tentando traçar, assim, um modo de compreensão sobre a prostituição entre homens, guiado pela perspectiva de que “a história de uma coisa, em geral, é a sucessão das forças que dela se apoderam, e a coexistência das forças que lutam para dela se apoderar” (Deleuze, 1976, p. 3).

Para tanto, inspirado nas discussões sobre a produção de imagens para Roland Barthes, procurei percorrer os discursos encontrados no campo de pesquisa e apontar o que me parecia estrategicamente intenso (quase como num formato ‘fotográfico’, no qual figuras históricas despontavam possibilitando transversalidades analíticas com discursos contemporâneos). Esse

---

<sup>15</sup> Experiência, neste caso, compreendida à luz do que autoras como Joan Scott (1998) e Gloria Anzaldúa (2005) desenvolvem. Em Scott, especialmente, com base nas vivências de Samuel Delany, em seu livro autobiográfico *The motion of light in water*, e sua percepção de ser a experiência algo que “não é autoevidente e direto, é sempre contestado e político” numa postura afeita a uma “história genuinamente indeterminada, que retém seu poder explicativo e seu interesse na mudança e não se apoia ou reproduz categorias naturalizadas” (p. 324-325). Em Gloria Anzaldúa, experiência como território híbrido, não encerrado em dicotomias, constantemente negociada e potencialmente voltado para uma forma ativa, e não reativa, de estar no mundo.

formato é compreensível a partir de *A câmara clara* (1980/2012), no qual Roland Barthes desenvolve os conceitos filosófico-estéticos *studium* e *punctum*. Esses dois operadores interpretativos para a produção fotográfica possibilitam notar uma foto que desperta, ou não, interesse, ou seja, que diante da possibilidade de “invisibilidade” das fotografias, de fato passa a “existir” para o espectador. Nesse panorama, *studium* remeteria a uma percepção ampla de que quem olha possui da imagem: “tem a extensão de um campo, que percebo com bastante familiaridade em função de meu saber, de minha cultura” (p. 28). *Punctum*, de outra forma, seria aquilo que pela foto fere, atravessa “como uma flecha, e vem me transpassar” (p. 31), algum detalhe que não desponta em função de um interesse prévio, mas sim se expressa no terreno do acaso. Transitando por esses operadores, colocava-me voltado para algo que, no terreno discursivo, parecia incomodar – compondo espaços analíticos.

Essa leitura se fez presente especialmente a partir da entrevista com um dos interlocutores de pesquisa, a qual retomo fragmentos no presente texto – utilizados como disparadores. Trata-se de um encontro realizado com um homem versado na noite gay porto-alegrense, naquela voltada para os espaços de prostituição masculina. O encontro do qual a entrevista deriva, num pequeno apartamento no bairro Floresta, tomou corpo em uma noite de Grenal<sup>16</sup>, o que me fez percorrer um trânsito obstruído pelas avenidas da cidade e me custou uma negociação cuidadosa com meu impaciente participante. Soube logo que teríamos uma duração de conversa pré estabelecida, pois o “namorado” (sic.) chegaria no apartamento para assistir ao futebol. Sentado no sofá da pequena sala de Orlando, os estranhamentos se desfaziam e certa familiaridade tomava conta de nossas falanças. A narrativa de Orlando se mostrava cada vez mais animada e voltada a impressionar – vangloriar-se de seu conhecimento tácito sobre os trânsitos na prostituição para os quais eu pedia passagem (e conhecimento).

Na conversa que se desenrolava, entre uma ou outra apresentação de Orlando sobre seus trabalhos em saunas da cidade, ou a apresentação de fotos dos “boys lindos” que participariam de um concurso de beleza que ele organizava, era possível ver que uma série de questões despontavam, remetendo-me a intersecções discursivas que compunham um jogo complexo e arraigado de verdades sobre os sujeitos dos quais conversávamos. A partir do que Orlando dizia, aparecia uma miríade de elementos que compõem o que se pode compreender como *ser* garoto de programa, expressas enquanto pensávamos as relações de enamoramento que para meu interlocutor eram (im)possíveis no campo da prostituição.

---

<sup>16</sup> Competição de futebol tradicional e de grande rivalidade entre dois clubes no Rio Grande do Sul.

*Os boys, como nós chamamos, são rapazes inteligentes, que estão lá para ganhar dinheiro, eles têm a mesma capacidade de um vendedor de automóveis, de um vendedor de imóveis, e de um vendedor da bolsa de valores. Mas eu não acredito em fidelidade. Não acredito em fidelidade de garoto de programa. A prostituição é um vício, é a forma de ver, de entender e de comunicar, a prostituição é como o vício da cocaína, do crack, do cigarro, da bebida. Porque... quando o camarada, o jovem, entra pela primeira vez na sauna para se prostituir, e um cliente diz 'Ai, eu vou pegar esse, esse é ingênuo, não é prostituto ainda, vou me casar com esse cara'. Esse dono de sauna me disse que quando esse cara entra lá dentro a alma dele já é de puta. Então, mesmo que alguém o encontre e o tire dessa vida pela primeira vez, ele continua mentalmente, espiritualmente, e corporalmente, sendo um homossexual. Mas não somente um homossexual, um homossexual em que o dinheiro está em primeiro lugar. Portanto, ele não vai deixar de ser garoto de programa enquanto seu corpo e a sua beleza permitir...*

Mostrava-se presentes, na narrativa de Orlando, uma série de discursos associados à suspeita. Por vezes, pendia-se para a culpabilização, instaurando um movimento que me parecia inquisitorial e familiar à faceta moral das imagens (naturalizadas) sobre a prostituição. Escutando Orlando, perguntava-me sob que condições determinadas práticas se tornavam (im)possíveis, (in)aceitáveis, (i)legítimas, artificiais – sob que condições se tornavam alvo de escrutínio e desconfiança. A prostituição exercida por homens se associava, na narrativa, a uma diversidade de categorizações. Aglutinavam-se homossexualidade, vagabundagem, criminalidade, vício, malandragem, exploração, ganância, violência. Produzia-se um ‘submundo da prostituição’ na narrativa, nessa composição de categorias consideradas desprezíveis. Evidente que é possível estabelecer como mote analítico, na narrativa de Orlando, a expressão de todo um aparato de normalização de condutas como formas de estratégia de governo, herdadas de processos como a construção do Estado moderno e corporificada numa conjuntura biopolítica que opera formas de sujeição na qual todos estão, com maior ou menor espaço de liberdade, inscritos (Foucault 1988). Nessa perspectiva, poderíamos compreender como um sujeito, marcado/interpelado por essa lógica normativa de assujeitamento, pode (re)produzir formas enunciativas em relação a expressões de gênero e sexualidade (atualizando uma leitura putafóbica<sup>17</sup>).

Entretanto, numa perspectiva de relações de poder, gostaria de marcar que se operava nessa narrativa a (re)produção de um *outro* sujeito, inscrito num olhar-panóptico em que é preciso vigiar (mantendo certa estabilidade normativa e coesão excludente). Essas categorias, ainda que pudessem, não pareciam elementos que estariam em um ‘fora’, pois se faziam, de maneira diferente, pontos que compunham um espaço existencial, em que um terreno polifônico

---

<sup>17</sup>Nomeação para a discriminação direcionada a pessoas que exercem trabalho sexual. Não por acaso, na literatura, referências à putafobia são direcionadas às trabalhadoras sexuais – cuja visibilidade na prostituição, e os processos de discriminação instituídos, se dão arraigados à marcação de gênero.

e instável de múltiplas vozes<sup>18</sup> estava presente, remetendo a uma série de estratégias de regulação. Uma composição polifônica (pois, coexistem discursos diversos), mas com propósitos hegemônicos, que acabam por reiterar uma imagem de “gentalha social” a ser perseguida, identificada, interrogada e que contempla, em sua história, associações de degradação e ruína. Não parece infundado, portanto, dizer que tais proposições geram um modo paranóide de vida, inquisitorial no sentido que Federicci recupera de Mereu (1979, *in* Federicci, 2017), no qual Orlando faz atuar “*o legado da Inquisição, (...) uma cultura de suspeita que depende da denúncia anônima e da detenção preventiva, e trata dos suspeitos como se sua culpabilidade já tivesse sido demonstrada*”. Ou seja, inquisição como aquilo que institui e se compõe em formas de subjetivação afeitas à destruição da diferença pela via da perseguição.

Essa lógica inquisitorial que proscree pelos acoplamentos identitários que acompanham homens no mercado do sexo (à sombra de fraude/artificialidade/obscenidade/periculosidade) não tem uma história recente, ainda que atual. Como faz Orlando, esse escrutínio acerca da prostituição se consolida pela égide inquisitorial predatória: o *puta* tem a alma corrompida e, portanto, como ocorre nos exorcismos, raramente pode ser salva. Precisa ser controlada, visitada estrategicamente, ou mesmo eliminada em prol da proteção não apenas de potenciais vítimas, mas de todo o corpo social. O trânsito no mercado do sexo, nesse sentido, não se faz alheio a possibilidade de leituras predatórias. Como essa demarcação da prostituição opera regimes de verdade para os corpos que participam desse trânsito? A pergunta pode ser contemplada de diferentes maneiras, entretanto, para o presente momento, voltado à demarcação de alguns marcos discursivos acerca da prostituição entre homens, operar a partir da criação de contrastes (tomados aqui como ‘*fotográficos*’) atende à proposta que apresento nesse percurso investigativo. Nesse sentido, argumento neste ensaio que uma das naturalizações sociais relacionados à prostituição entre homens é que ela remete àquilo que os ‘outros’ fazem (performando um mundo sem prostituição). Sigo, para isso, as pistas dadas por Orlando, que, em nossa conversa, tentava me ensinar (como ele mesmo indica) a “*separar o joio do trigo*”.

---

<sup>18</sup>Tomo aqui a noção de polifonia desenvolvida por Bakhtin. Polifonia é o nome utilizado para dizer de um estilo de música na Idade Média. Ainda que não exista unanimidade nos estudos a respeito da origem, todos convergem quanto às raízes populares e sua oposição ao canto monódico da Igreja, ou seja, o canto gregoriano. Como ressalta Roman (1993), a Polifonia se compõe em motetos nos quais “*uma voz canta um louvor a Virgem Maria, enquanto outra propaga as belezas de uma prostituta. Nessa politextualidade, linguagens diferentes se interpenetram, confrontando o erudito e o popular, o sacro e o profano*”. Em Bakhtin (1895/2008), a transposição da polifonia aparece por meio da análise que desenvolve acerca da obra de Dostoiévski. Segundo Bakhtin, seria uma característica do autor a elaboração de romances nos quais as vozes dos personagens soassem ao lado da palavra do autor. Na compreensão de Bakhtin, múltiplas consciências aparecem na obra de Dostoiévsky, entretanto, equipotentes “*sem se subordinarem à consciência do autor*”, assim como se manteriam equipotentes “*os mundos que povoam seus romances*” combinando-se “*numa unidade de acontecimento*”, porém “*mantendo a sua imiscibilidade*” (Roman, 1993).



## 2.1 Separando o joio do trigo

Essa não será a única alusão bíblica, e esse acoplamento também não é fortuito (como as pistas histórico-imagéticas desse capítulo ilustram). Esse mecanismo parece ser fundamental para organizar o mundo sem prostituição, mantendo a “alma de puta” *neles*. Por mais atração que se sinta pelo *boy*, esse desejo é enunciável somente com certas ‘medidas de segurança’, ou estratégias de regulação. Torna-se constante a produção de um sujeito nas negociações de prazeres no mercado sexual por meio de uma ativa regulação dos modos de vida, calcada na produção desse *outro* que desponta em uma tessitura complexa. Ainda que o controle e a negociação e a artilosidade sejam acopladas aos *outros*, aos *alma de puta*, segundo Orlando, são os clientes os que precisam ter essas habilidades e cuidados presentes: “*Sempre que puderem vão querer se aproveitar, te roubar, te enganar. Tu só precisas saber o quanto esse boy é perigoso, o quanto dá para baixar a guarda, o quanto eu posso apostar... porque é um jogo que a gente sempre sai em desvantagem*”, sentencia em nossa conversa, em seu apartamento no bairro Floresta.

Apesar do discurso sobre seu passado e seu presente de promotor de eventos, o apartamento ilustra que esse senhor pálido, de cabelos pintados *acaju*, miúdo e sexagenário leva uma vida modesta, em um quarto-e-sala com ares bastante simples. Além do televisor, do aparelho de som e do computador, não se observam muitos bens passíveis da ganância da que tanto se protege. Como me explica Orlando:

*Esse mundo sempre foi assim, só que agora é pior, porque os vícios de droga são mais pesados e ativam os outros vícios: da vagabundagem, do roubo, da exploração. Eu já vi boys limparem tudo, deixar caras na miséria, endividados...o vício em homem pode ser muito caro. Por isso tu tens que te cuidar, tu não vais ver nada de bom ou de novo com esses guris. Não é à toa que meus bens sempre ficam protegidos, eu deixo tudo guardado, escondido, tenho gavetas com chaves para deixar os computadores, dinheiro, passaportes... como eu sempre digo: tem que pensar sempre com a cabeça de cima. Não dá para relaxar jamais, tem que cuidar sempre.*

Somos interrompidos por um pensamento alto de Orlando, de que o namorado chegaria logo para assistirem ao jogo de futebol daquela noite. Gavetas com cadeado, ou a solitária garrafa de vodca pela metade acima do refrigerador, materializam que o controle não era uma figura apenas retórica, mas uma estratégia para controlar o acesso ao prazer. Assim como no âmbito *micro*, na sala de estar do apartamento de Orlando, no âmbito *macro*, vi uma série de tecnologias sociais que sustentam um discurso macropolítico de segurança, de gestão de medos,

de produção de uma insegurança molecular – uma macropolítica da sociedade por e para uma micropolítica da insegurança (Safatle, 2015), que ainda agita expressões de sexualidade. Curioso saber esse que, a despeito de certo silenciamento sobre a prostituição entre homens<sup>19</sup>, elabora um conjunto de estratégias e técnicas de controle para os encontros, maquinário leve que serve à manutenção de um fluxo desejante. Trata-se de um jogo ambíguo, de engajamento e aversão, que faz coro a própria história da sexualidade como produção social enigmática – palco para muitos saberes contados à boca miúda, dispositivo que se mostra tradicionalmente presente na ausência (pela repetição e modelagem, alçada estrategicamente aos bastidores ou ao palco da vida considerada pública).

No caso da prostituição entre homens, à primeira vista, a vida nos bastidores parece ter sido o mote, mas esse aspecto apresenta suas nuances – especialmente se nossa deriva ensaística se guiar para leituras fora da contemporaneidade, em que se colocou em pauta escrutínios morais acerca das negociações de sexo por ganhos diversos. Peço licença, neste momento, para remeter a algumas imagens históricas que nos fazem recordar como o silenciamento sobre a prostituição ente homens é uma produção temporalmente bem articulada. Retomar, por exemplo, registros como as *lições* no período da Antiguidade Clássica voltados para a temática nos faz elencar a força desse campo de produção social<sup>20</sup>. Como vemos nesses textos, a economia do uso do corpo e a constituição de vínculos sociais já se fazia sensível a uma série de maneiras consideradas mais ou menos apropriadas de se relacionar e constituir-se como sujeito. Quem se prostituía, conforme lei citada por Ésquines<sup>21</sup>, perdia os direitos de cidadão, mas não somente isso, estabelecia-se um gradiente de precariedade diante desse exercício de sexualidade e do panorama apropriado nas relações de racionalidade oligárquica (devemos lembrar que as práticas sexuais entre homens com fins de exercício de inscrição na cidadania, documentadas em textos clássicos, são especialmente voltadas para as elites). Nesse gradiente,

---

<sup>19</sup>Jeffrey Weeks (1981) aponta que, nos estudos desenvolvidos por Alfred Kinsley, a quantidade de homens oferecendo serviços sexuais não era muito menor do que a quantidade de mulheres. Elemento interessante para pensarmos, por via de uma construção representacional, imaginária, certa composição naturalizada das mulheres como vinculadas à prostituição.

<sup>20</sup>Ao que mais nos importa nessa digressão, vemos que se tem registrado, também, *lições* que denotam ser a prática da prostituição oposta ao exercício da cidadania, de modo a compreender que o homem que oferecesse serviços sexuais (considerando a negociação em termos de dinheiro) não estaria apto a qualquer exercício de poder público, já que este “facilmente venderá também os interesses comuns da cidade” (Tim. 29, cf. 87, 188, apud Rodrigues, 2015). Dessa forma de inscreve a forte diferença, nos textos do período, entre os rapazes que se “entregavam a atos sexuais com homens por dinheiro e os designados honestos, que o fariam a troco de uma outra compensação (ou pelo menos apenas a troco de uma contrapartida que consistiria em presentes (...))” (Rodrigues, 2015).

<sup>21</sup>O ateniense “que se prostituiu ou que manteve relações desonestas (entenda-se práticas homossexuais passivas, em idade adulta e a troco de um pagamento) não poderia ser um dos nove arcontes, nem desempenhar funções sacerdotais (subentendendo-se a ideia de impureza), nem defender os interesses do Estado, nem magistrado, nem arauto, nem embaixador, nem sequer sicofanta, nem falar perante os órgãos públicos como o conselho e a assembleia” (apud Rodrigues, 2015).

aquele que faria sexo com muitos, de forma casual e por dinheiro (*porne*) estaria numa situação de distanciamento do campo da cidadania mais precarizado e intenso do que aqueles mais próximos das relações fixas, em que o parceiro sustentaria a pessoa da qual recebe favores sexuais, configurando um espaço mais estável (*hetairisis*).

Na esteira dessa discussão, vemos que, para alguns historiadores, poder-se-ia justificar infundada a ideia de que a prática da prostituição entre homens é uma problemática contemporânea (Rodrigues, 2015), sob a ressalva de não estar inscrita numa racionalidade biopolítica típica do período moderno. Ainda que pareça de fato se inscrever no campo populacional das preocupações modernas, da mesma forma, não parecem recentes as estratégias de estabelecer escrutínio sobre as diferentes expressões de sexualidade entre homens<sup>22</sup> e sua relação com as visibilidades da vida pública. Essas negociações que envolvem o cultivo de si podem ser disparadores para pensar o silenciamento das práticas de negociação.

Tomemos como ponte um retorno à descrição foucaultiana sobre a outra ‘face da moeda’, as pedagogias de cidadania vistas em nos diálogos de Sócrates com Alcibíades Alcibíades (Foucault, 1994). A referência ao cultivo de si pela via de um caminhar ético que suporia uma relação de iniciação entre cidadão e efebo nos meandros da política e da vida social, – estabelecendo um especial escrutínio acerca do efebo para que não se aproveite exageradamente de sua juventude e beleza em prol da ganância –, mostra como na antiguidade a ideia de que ser cidadão está associado à forma de constituição ética de si, controlada e cultivada, especialmente com outros homens (determinando quais os limites do que se pode fazer entre homens). Esse processo, formador da relação com a cidade e com a verdade, envolvia a perspectiva de que o acesso a essa verdade não se daria por um simples ato de conhecimento; de que seria necessário modificar-se, cultivar-se; e de que se daria por um exercício de *áskesis* (trabalho de si para consigo) e de *éros*<sup>23</sup> (Foucault, 2011).

Na liberdade anunciada de nossa deriva ensaística, da qual a narrativa de Orlando nos serve como disparador, vemos refletir-se a separação dos homens que estão guiados pela ganância (sujeitos a paixões e descontroles viciosos) e impossibilitados de participar da vida cidadã. Viajamos, agora, num estranhamento (re)cognitivo (Kastrup, 2001), para outras facetas desse plano discursivo. Da possibilidade do fazer-se cidadão ‘entre homens’ (que se mostra,

---

<sup>22</sup>Corinto, uma cidade essencialmente portuária e mercantil, era associada à prostituição masculina (cf. Ath. 8.352d, 13.567c); a este propósito, não será de desprezar o texto paulino que, dirigido precisamente à comunidade cristã de Corinto, refere de forma explícita “os devassos (*pornoi*), os efeminados (*malakoi*) e os homens que se deitam com homens (*arsenokoitai*)” como não herdeiros do reino de Deus (1Cor 6,9). Nas palavras do apóstolo, haverá por certo uma intencionalidade que encontraria eco na cidade da congregação a que se dirigia.

<sup>23</sup>O comentário de Miranda (2013, p. 32) é particularmente direto e incisivo: “na Erótica grega, Eros relacionava-se com a verdade e a verdade estava do lado dos homens”.

como no fragmento anterior, cheio de conflitos internos quando se observa práticas consideradas degradantes), voltamo-nos para o golpe nesse campo relacional entre homens, fraturando essa forma de cuidado de si. Como demarca Ortega (2002), esses prazeres (e saberes) entre homens passam a ser alvo de aversão social intensa na baixa Idade Média, visto que recusa a formas de vida registrada em escritos de ordem jurídica, teológica e popular. O desejo de uniformidade nascente que se expandia na Europa no período marcou uma série de afetos que são vistos posteriormente, observada em instâncias eclesiásticas e seculares dos séculos XIII e XIV, em inovações como o pensamento escolástico (e sua interpretação dos comportamentos que seriam naturais ou anti-naturais), movimentos históricos que tiveram por efeito a consolidação de poderes civis e eclesiásticos, assim como uma série de novos marcos legislativos. Uma série de maquinários foi tomando corpo e produzindo desejo de ordenação, servindo como formas de uniformização sob estratégias predominantemente dogmáticas e em prol da identificação e aniquilação de diferenças:

As cruzadas, a expulsão dos judeus, o auge da Inquisição e tentativas de eliminar a feitiçaria, a repugnância ante a homossexualidade, são testemunhas da vontade de uniformidade manifestada na intolerância com tudo o que não se adapta ao padrão da normalidade (...) A diferença, o aberto, o inesperado produz medo - medo diante do novo e do desconhecido. Em uma sociedade voltada para a uniformidade, a existência de grupos sociais fora do controle só pode provocar temor e desconfiança, grupos que operam em segredo, possuidores de uma posição incerta, capazes de ameaçar o status quo (...) (Ortega, 2002, p. 88).

É a partir do século XIV que uma atitude persecutória vai compondo-se com interpretações negativas acerca das relações sexuais, que leva a fragilização das possibilidades de cultivo de relações sexuais entre homens. Segundo Ortega (2002), esse campo relacional passou a ser tão obscurecido que acusações de sodomia<sup>24</sup>, realizadas no período da Alta Idade Média e Renascimento seriam, em momentos anteriores, demarcados, de forma difusa e algo evitativo, como amizade (que, aliás, parece se imiscuir até hoje em marcas languageiras, nas raízes dos termos de alguns idiomas – como francês, alemão e inglês, quando se referem a amigos e namorados com termos afins). Trata-se da inscrição de uma tensão, para Ortega, entre

---

<sup>24</sup>Segundo Jean Delumeau (1994), a sodomia seria um dos vetores no que se compõe como pecado nas elaborações teológicas do cristianismo durante a Idade Média. Noções como pecado e pecado original (refletidos por Santo Agostinho) assumiam também formas de ofensa a Deus, ou injustiças contra a soberania divina (tal qual descrita pelo bispo de Hipona). A sodomia (termo adotado por Tomás de Aquino), em específico, aparece como pecado contra a natureza (*contra natura*), referido a todas aquelas relações que não gerariam filhos, tais como a masturbação (*immunditia*) ou a prática sexual com animais (*bestialitas*). A noção de sodomia englobava práticas sexuais de pessoas do mesmo sexo até o século XIX, considerado como um pecado possível de ser cometido por qualquer sujeito, não de algum indivíduo específico. No decorrer do século XIX, entretanto, constitui-se e se fortalece uma série de práticas que fazem identificar e conhecer uma categoria de sujeito, certa “espécie”, concebida como homossexual.

amizade e seu suspeito, a sodomia, que passariam a ter que se demarcar de maneira mais intensa. Se tomamos a história europeia, portanto, o período já poderia ser considerado um marco de tensionamento entre sodomia e amizade como desejo de uniformização e ordem, de modo que podemos utilizar como exemplo do caráter arbitrário e contingencial desse tipo de deliberação sobre os corpos que deveriam permanecer afastados. Na dúvida, a barreira externa demarca, inscrevendo a amizade num ideal romântico crescente, enquanto valor anímico, nobre e etéreo, frente ao suposto descontrole e a animalidade da sodomia (muitas vezes emparelhada com a bestialidade, inclusive).

## 2.2 Desejo e aversão pelo exótico

Esse afastamento entre os homens, entretanto, não impediu uma série de fricções relacionais, que já havia e que se reinventam frentes às interdições. Se o contato sexual, enquanto componente agregador da relação entre homens no espaço público vai sendo apagado, no campo da prostituição entre homens esse processo não é linear. Ele permanece, mas perseguido, condenado e gerando novas imagens com o passar do tempo. A tinta desses novos retratos aparece em outros contornos de moralidade. Esse marco moral, assim como os demais constituintes da mentalidade europeia no período, passa a não se restringir tanto em termos geográficos com a inauguração das “grandes navegações” e da expansão colonial europeia sobre os demais continentes. Na nossa ‘fotografia’, agora, enquadram-se naves lotadas de homens, confinados com seus desejos de toda a monta que desembarcam em portos do mundo, e vigiados pelos limites morais e sua jurisdição sob a linha do Equador.

Se pensarmos na introdução do Brasil nesse cenário, podemos dizer, no que concerne a existência dos homens nas negociações do mercado sexual, que elas se apresentam aqui desde o início do Período Colonial – e já estavam marcadas, como se sabe, por uma dimensão dogmática dos usos da carne<sup>25</sup>. Lembremos de “*Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*”, no qual João Silvério Trevisan (2000) apresenta uma visão sobre a sexualidade no país. Desde o primeiro registro oficial da conquista portuguesa, sob a forma da carta de Pero Vaz de Caminha, tanto portugueses quanto outros europeus, ao chegar

---

<sup>25</sup>Na racionalidade cristã, sujeitos passavam a ser educados em um constante exercício de desvelamento de pensamentos impuros, a procura de vestígios de pecado marcados intensamente pela matéria corporal. Nesse processo, era posto esquadrihar os anseios da “carne”, visando sua renúncia através do controle dos prazeres. Como indicava Michel Foucault, a carne passa a ser compreendida como “origem de todos os pecados (...) um mal que atinge todo homem e sob as mais secretas formas” (p. 23). Era preciso, pois, examinar “todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, a vontade (...) todos os vossos sentidos (...) pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações (...) até os vossos sonhos (...) Enfim, não creiais que nessa matéria tão melindrosa e tão perigosa, exista qualquer coisa de pequeno e de leve” (Foucault, 1988, p. 23).

às terras, parecem obcecados com a atividade sexual do *gentio* – que decididamente não acompanhava a trajetória da moral sexual europeia. São inúmeras as histórias, descrições, fantasias sobre a vida sexual, marcadamente descrita como distinta dos europeus da época. Abundam descrições sobre a falta de pudor, moralizações, vergonha física, casos de poliandria<sup>26</sup>, poligamia<sup>27</sup>, bem como sobre os pênis dos “selvagens”, do apetite sexual considerado “voraz” e “desavergonhado” das mulheres, e registros de “pecado nefando”, “sujidade” e “sodomia” (Trevisan, 2000, p. 65).

Entretanto, tal realidade fascinava mais do que era temida como se também pusesse em xeque os ordenamentos sociais do desejo. Não parece ter sido algo puramente assustador, já que, como nos lembra Padre Manoel de Nóbrega, em 1549 vários colonos “*tomavam índios por suas mulheres, como é o costume da terra*” – ou seja, emoldurando nas terras dos exóticos o pecado que haviam criado e retratado no velho mundo. Já não cabia nas fronteiras da Europa, pois a sodomia se fazia neles/deles, dos selvagens, isto é, não apenas no marco das relações entre homens e mulheres, mas também nas práticas de *peccatum nefandum*. Com relação ao encontro entre homens, Trevisan (2000, p. 65) traz o registro do explorador português Gabriel Soares de Souza que, em 1587, escandaliza-se com a falta de vergonha dos indígenas em contarem suas aventuras homossexuais, especialmente “*o que serve de macho*”. Registra, além disso, casos de aldeamentos do sertão onde homens indígenas “*têm tenda pública a quantos os querem, como mulheres públicas*”, ou seja, dedicados à negociação sexual para além do prazer dos encontros corporais – novamente, a negociação mercantil explícita, manifestando o que seria, na leitura europeia do período, uma conjuntura de devassidão. Esses seriam os que o explorador francês Jean de Lèry registrou como *tivira*, ou seja, “homens de traseiro roto” em língua *tupi* (Trevisan, 2000).

Penas e tintas foram gastas à exaustão pelos colonizadores, de modo que descrições apuradas de devassidão, sodomia e negociações sexuais envolvendo benefícios materiais não param nos primeiros anos da colônia portuguesa, em uma tentativa explícita de demarcação de *nós e eles*. Essa demarcação da diferença, assim como na do *cliente e boy*, é predatória – identifica-se, demarca-se e destrói-se, mas o quadro dessa fotografia segue nas galerias morais do novo mundo. Seria preciso não apenas deixar toda a maldade e a sujidade *neles*, como também dominá-los e exterminá-los. Assim, não se estranha que o mecanismo social de diferenciação predatória da sexualidade se incremente intensamente no projeto de conquista colonial. Esse estranhamento não era exclusivamente português, porque narrativas dessa

---

<sup>26</sup>Forma em que a mulher se relaciona sexualmente/conjugalmente com mais de uma pessoa.

<sup>27</sup>Forma em que o homem se relacionaria sexualmente/conjugalmente com mais de uma pessoa.

natureza seguiram nos domínios franceses, holandeses ou espanhóis e também nos escritos de cronistas e exploradores de outras nacionalidades durante toda a Colônia e Império. Talvez a máxima cunhada pelo holandês Caspar van Baerle, em sua passagem pelo Recife holandês do século XVII marque muito das expectativas sobre a sexualidade que se exercia: *ultra equinoxialem non peccari*, “depois do equador não há pecador”.

Certamente, não sem conflitos. Como vemos nas incursões religiosas por essas terras, exercícios de cooptação e disciplinamento partiam justamente da incansável inscrição dos sujeitos no marco do pecado<sup>28</sup>. O contato dos europeus com indígenas na América Latina é um exemplo de indexação de um *outro* pela via do exotismo e fascínio. Essa relação exemplifica como a negociação dos ‘prazeres da carne’ entre homens pareciam ser possíveis de se enunciar a partir de um ‘fora’, nesse caso, tendo figuras como os *tivira* enquanto sujeitos de prazer e pecado, marcadamente diferenciados de si. Os abjetos, dos abjetos, a ralé do gentio. Contraditoriamente, a ideia de que esses encontros entre homens se faziam somente no espaço de relativa suspensão da vida europeia (por exemplo, nas Américas), seu reconhecimento e preocupação denuncia a memória e a presença da prostituição entre homens em contexto europeu.

### 2.3 O *outro* se multiplica

A inscrição da vida correta, operada no olhar para o precário, exótico, estrangeiro, continua a se delinear em potente velocidade nos períodos seguintes. Historicamente, a conjuração da sexualidade como lugar de verdades a serem perseguidas e escrutinadas se mesclaram em uma série de estriamentos identitários – efetivas tentativas de operar, pelo crivo também econômico, uma leitura de diferenciação e valoração. Podemos transitar por algumas imagens disponíveis da literatura que remetem a esses lugares de verdade que produzem, em diferentes momentos e intensidades, uma segregação predatória que tem por modo de ação desencadear visões polarizadas sobre os sujeitos e, nesse processo, vale-se das ‘fotografias’ que o tempo consolidou sobre esses personagens, sempre em um esforço de instituir essa polarização. Para a prostituição entre homens isto não é novidade, o que permite – num olhar propositalmente afeito ao nosso delírio metodológico (FONSECA et. al., 2010) – relacionar a discussão sobre os usos do termo prostituição nos discursos acadêmicos atuais e seus referenciais em outros tempos da história ocidental.

---

<sup>28</sup>Nesse aspecto, o trabalho inquisitorial sobre as populações indígenas é representativo da energia posta no processo de conversão religiosa, disciplinar e de controle moral.

Esse processo está intrinsecamente associado à emergência da sexualidade enquanto dispositivo social nas sociedades pré-industriais europeias, contexto de produção especialmente fértil em problematizações morais e religiosas. As transformações históricas operadas através dos processos de industrialização e o fortalecimento de disciplinas científicas transformaram o sexo e a sexualidade em objetos de escrutínio, e não mais somente de repressão dogmática (moral-religiosa). Uma diversidade de disciplinas científicas teve por possibilidade sua inscrição no delineamento de uma sexualidade mapeável e circunscrita a verdades essenciais (Foucault, 1988). A pedagogia, operando na construção de um apanhado de atitudes e linguagens tomadas como ‘adequadas’; a psiquiatria, dedicando-se a estabelecer o limiar dos ‘excessos’, as linhas que definiriam o estatuto do normal ou anormal; o sistema judicial, como disciplina através da qual se possibilita circunscrever os crimes ‘contra a natureza’, são exemplos contundentes (Foucault, 1988). Esses investimentos se fizeram numa verborragia que, ao passo que procurava controlar, prevenir, diagnosticar, relatar, intensificaram a perspectiva de um perigo incessante e operaram uma incitação social a falar sobre as sexualidades consideradas inadequadas e abjetas. Através da articulação de tecnologias sociais, como a imprensa, esses discursos se capilarizaram, e os “circos de aberrações”<sup>29</sup> se proliferaram, incitando medo, escárnio e excitação.

Nessa conjuntura, a inscrição da sexualidade em sua versão patológica possibilitou (num jogo de saber-poder) produzir verdades íntimas sobre o corpo e desejo – instaurando noções de normalidade pela via do contraste para além da moral, mas ainda no campo da norma. Agora embasada na ciência e em suas (e)vidências, esse processo, reconhecido como *scientia sexualis*<sup>30</sup>, possibilitou a constituição de uma classificação das normalidades e dos desvios. Neste, a moral cristã, a legislação e a educação operaram simbióticas à ciência, estabelecendo escrutínios sob seus novos objetos de controle, sob os quais operava como ‘ouroboros’: não só mapeava, mas efetivamente produziam sexualidades periféricas. O adultério, o incesto, a sodomia, o homossexualismo, a bestialidade e o hermafroditismo configuravam esse movimento classificatório que fazia crescer “uma inumerável família dos perversos” (p. 44).

---

<sup>29</sup>Consistia na exibição de humanos ou outros animais dotados de algum tipo de anomalia relacionada a mutações genéticas, doença e/ou defeito físico. Tais exposições ocorriam frequentemente em circos e carnavais, especialmente entre os anos de 1840 até 1970. Dentre as atrações mais recorrentes, havia mulheres barbadas, gêmeos xifópagos, casos de gigantismo e nanismo, teratologia etc.

<sup>30</sup>Dá-se como instância de capilarização do dispositivo da sexualidade. De acordo com Foucault (1988), o dispositivo da sexualidade caracteriza a emergência e proliferação de discursos que inscrevem no tecido social a verdade íntima do sujeito da modernidade. Tratava-se, entre outros processos, da criação de mecanismos sociais de reconhecimento e decifração do sexo e das práticas relacionadas. Segundo Scott (2003), a prostituição feminina e masculina era concebida como transgressões às normas sexuais. Nesse contexto, a categoria homossexualidade – ainda incipiente – já era utilizada como forma de explicar motivações para a prostituição (interseccionando motivos derivados do discurso religioso, da ordem da luxúria; morais ou de um suposto instinto sexual inerente).



Nesse sentido, o que parecia mostrar-se uma liberação do sistema “repressivo” da sexualidade se constituía como uma forma de sujeição pela via de novos territórios subjetivos, por exemplo, da patologia e criminalização. A heterossexualidade, a monogamia e o amor romântico eram basilares para um jogo de poder – no qual a atualização de uma sexualidade economicamente “ativa” e conservadora servia à urgência dos propósitos do Estado Moderno.

Para inscrever nessa discussão política a especificidade da prostituição entre homens, podemos nos beneficiar de uma figura analítica que, a partir dos usos da linguagem, circula nessa conjuntura. Marcada pela presença dos homens, e aos poucos, pela simbiose homossexualidade/prostituição, desponta cada vez mais potente a noção de *michê*. Acompanhar as transformações semânticas da palavra<sup>31</sup> *michê* possibilita indicar práticas sociais importantes e, neste caso, é possível observar certa passagem do uso da expressão no que concerne aos homens. Primeiramente, como sinônimo de homem que paga para obter sexo e que, portanto, fornece o dinheiro na negociação – cliente da prostituição de mulheres – para o próprio homem que se dedica à prostituição e que investe seu corpo no plano da negociação econômica para prazeres sexuais.

A palavra *michê* vem da gíria francesa, onde até hoje designa “o homem que dá dinheiro à mulher para conquistar-lhe os favores”. O sisudo e clássico dicionário de Littré, já no século XIX, registrava a seguinte definição: “Miché. Popularmente: tolo, iludido; chulo: homem que vive na companhia de mulheres da vida, amante de mulher da vida”. Acrescenta Littré que a provável etimologia viria de “Michel” (Miguel, em francês), nome próprio usado como metáfora de homem do povo, bastante comum, tolo e fácil de enganar. Aqui, o Novo dicionário da gíria brasileira, de Manuel Viotti (1957), registra significado semelhante: “Michê: gastador, coronel” - sendo coronel definido como “fazendeiro ou pessoa de idade, endinheirada, que esbanja com mulheres; homem endinheirado, facilmente explorável”. Vê-se, portanto, que o sentido original da palavra é mantido na expressão “fazer michê”, mas sofre considerável inversão ao chamar de *michê* o prostituto, pois, originalmente, *michê* é o cliente. A inversão semântica não ocorre exclusivamente em relação à prostituição viril. Aurélio Buarque de Holanda (1975) registra o mesmo equívoco: “Michê. (Do francês miché.) Chulo. 1. A ação de se prostituir. 2. O preço pago à prostituta (...) 3. Por extensão. Meretriz.” A definição do Aurélio permite apreender o mecanismo da transformação da palavra cliente em sinônima de prostituta/o. O nexos associativo, o elemento transformador do código, é o dinheiro. De homem tolo, que dá dinheiro às mulheres (seria tão fácil ter mulher de graça, se fosse usar o código dos sentimentos amorosos...), passa-se ao preço da prestação sexual e, logo, ao agente fornecedor dessa prestação (Augras, 1985, p. 107).

---

<sup>31</sup> Teresa Cabruja, Lupicínio Íñiguez e Félix Vázquez (2000), identificados com uma leitura construcionista, apontam como as narrativas e a linguagem constituem, efetivamente, o mundo no qual se vive. Dessa forma, a realidade se torna inteligível a partir da criação de narrativas que habitam o mundo – neste aspecto, elenco o trânsito da palavra como recurso no rastreamento de subjetividades.

O dinheiro, como nexos associativo entre ambas as categorias, no entanto, não se dá apenas como elemento de troca – parece que efetivamente abre um canal de vasos comunicantes (mecanismo em que alguns pontos possuem mais pressão, devemos lembrar) que produz uma multiplicidade de outros trânsitos nas intersecções com gênero e sexualidade, ou seja, compondo diferentes matizes e intensidades. Existe uma condição flexível do dinheiro enquanto elemento do campo erótico. Essa flexibilidade, entretanto, é relativa: pode remeter a um lugar de estereotipia e segregação; pode inscrever uma série de percursos amorosos (instituídos, mas moralmente desaprovados como na prostituição, ou mesmo como relações que flertam com uma racionalidade familista heterossexual<sup>32</sup>). Dinheiro, pois, enquanto objeto que compõem uma série de possibilidades, tendo como expressão de agência à produção de (des)estabilizações nas relações quando entra em cena de forma explícita. Se pensarmos nas expressões de gênero e sexualidade, poderemos notar essa condição, seja em um modo inquisitorial de vida que vemos transitar na narrativa de Orlando, na suspensão das prescrições de gênero e sexualidade que se manifestam nos usos do corpo na prostituição masculina, ou mesmo em produções amplamente divulgadas para além do marco dessa prostituição, no mercado sexual, por exemplo, na pornografia *gay for pay*).

No que concerne à narrativa de Orlando, o dinheiro na mesa, ou na gaveta, materializa a indecência, o mais condenável dessa relação, por mais que se produzam exercícios de controle de ambas as partes. A tensão que provoca relação economicamente pré-acordada aparentemente tem o poder de selar, na prostituição narrada por Orlando, o destino artificial – ou artificioso – dessa relação. O dinheiro não pode ser excluído totalmente da cena capitalista das relações interpessoais, mas quando posto de forma tão acintosa como na relação de prostituição rompe com o ideal do Romantismo (que também se mostra, portanto, compondo o território de prostituição ocupado por meu interlocutor). Mas e quando o dinheiro é empregado para “impressionar”, em uma conquista amorosa ou sexual? Usado para bem luzir, bem comer, bem beber, bem dançar, bem habitar etc potencializa o capital erótico, mas opera como algo latente: está sempre aí, delinea fazeres e prazeres, não atende à moral estrita da sociedade e, quando se manifesta, fissa as redomas do frágil *ego* moral. Talvez essa conjugação tácita apresente o inexorável paradoxo da separação dessas categorias, michê e cliente, como auto-instituintes uma da outra que passam por diferentes trajetos discursivos na história, e na tessitura desta tese também. Nesse plano discursivo, o dinheiro, assim como o “bom michê”, precisa ser discreto para poder circular sem corromper nem a moral, tampouco a masculinidade.

---

<sup>32</sup>Estudos feministas sobre negociação econômica e casamento.

## 2.4 Do “tolo” ao homossexual

O homem do povo, tolo, fácil de ser enganado, endinheirado, “de idade”, é suscetível à exploração pela via da sexualidade, afeito às paixões mundanas. A presença dos homens no mercado do sexo, segundo a descrição que faz Augras (1985, p. 107) remete a essa produção de um sujeito que se deixa levar por prazeres da carne, que utiliza dinheiro como estratégia (passagem, inscrição) em um trânsito sexual. Apesar das qualificações elencadas, talvez seja importante mencionar que não se restringe a essa leitura, compondo um espaço vinculado aos processos pedagógicos de masculinidade, especialmente documentados no que se refere à prostituição protagonizada por mulheres. A existência de prostíbulos voltados para o trabalho de mulheres no mercado do sexo, e a história de sua vinculação com a vida pública dos homens denota que, apesar de uma leitura moral possível de se enunciar no dicionário de Littré, a vida cotidiana já marcava a relação intrínseca da prostituição com o cultivo de masculinidades (coadunando o exercício da vida política, da negociação entre cavalheiros, da iniciação dos garotos na via sexual, de uma essência do ‘ser homem’<sup>33</sup>, entre outros aspectos contidos no binômio gênero/sexualidade).

Para além de elemento chave na produção e cultivo de masculinidades, registros de meninos e homens, exercendo serviços sexuais em prostíbulos, ainda que menos comuns, fizeram-se presentes<sup>34</sup>. Como Scott (2003) indica, no século XVIII, registram-se negociações sexuais entre homens que aconteciam em centros metropolitanos europeus, ainda que não fossem necessariamente nomeados, dentro de um marco populacional, enquanto prostituição. A singularidade da prática da negociação do sexo entre homens parece ser engolida pelos discursos médico-legais nascentes nesse contexto. Esse elemento indica uma intensificação importante de exercícios de regulação pela simbiose homossexualidade-prostituição com a necessidade de manutenção de uma heterossexualidade regulatória e masculinidade normativa que, enquanto intensamente reforçadas quando na cena da prostituição feminina, são fragilizadas na prostituição entre homens. O cliente tolo, enganado, ingênuo é menos abjeto do que o feminilizado, pois essa feminilização denota uma essência comprometida, enquanto um

---

<sup>33</sup>Segundo Candido Motta, criminalista, Chefe de Polícia e Secretário da Justiça de São Paulo, a prostituição era um “fenômeno social fatal e necessário”. “A sua necessidade explica-se pelo derivativo que oferece às excitações genéricas muito intensas, que sem ela não respeitariam, talvez, nem a infância, nem o lar doméstico”.

<sup>34</sup>No passado, bordéis masculinos não eram incomuns e continuaram existindo em uma série de contextos culturais (Chauncey, 1994)

tolo enganado (mesmo que pela luxúria), a abjeção está no “enganador”, no delinquente, no *alma de puta*.

O reconhecimento da prática de negociação econômico-sexual entre homens, enquanto problemática social vai aparecendo como questão a partir dessa racionalidade de governo biopolítico, tendo por singularidade constituir-se como fenômeno concomitante a inscrição da homossexualidade no imaginário científico (Scott, 2003). Em Weeks (1981), podemos ver reiterada essa interpretação, de modo que o autor indica que elaborar uma genealogia sobre a prostituição entre homens seria, concomitantemente, realizar um exercício de olhar para as homossexualidades. Esse processo simbiótico, de toda a forma, não se desfaz da produção de um outro (interno aos próprios trânsitos pela prostituição). As categorias “*michê*” e “*cliente*” são indicadores desse processo. Trata-se de essencializações que vão no transcorrer dos processos sociais se aglutinando com as emergências classificatórias de discursos médicos e jurídicos.

Intimamente relacionada à produção da racionalidade biopolítica das populações, a gestão dessa sexualidade afeita à ordem social, que se dá de forma explícita e intensa na constituição do ‘outro’ prostituído, interessa-nos neste caso. Segundo Mazziero (1998), na virada do século XIX, no Brasil, foi prática corrente do aparelho policial fazer com que prostitutas, vadios, mendigos e bêbados por hábito assinassem “termo de bem viver”. Esse poder se tornou mais pronunciado na lei 147, de 1902, que dizia que a polícia devia “ter sob sua vigilância as prostitutas, providenciando contra elas sem prejuízo do processo competente, da forma mais conveniente ao bem-estar da população e a moral pública”. No caso brasileiro, o governo moral se articulou considerando o quadro de depravação e imoralidade retratado desde a colônia – os costumes da terra – valendo-se de instituições que a elite branca importa, como a polícia. A polícia de costumes foi a forma como se concretizou a repressão aberta à prostituição, ao proxenetismo, e outras diversas formas de criminalização que eram associadas, como crimes passionais, estupros e atentados ao pudor (Mazziero, 1998). A carência de referência à prostituição masculina não é aleatória, já que a participação dos homens no mercado do sexo estava restrita à posição de cliente da prostituição feminina ou ao campo da homossexualidade.

No período de passagem do século XIX ao XX, classificações como homossexuais “congenitos ou hereditários”, “situacionais” e “perversos”, diziam de uma escala na qual se articulava enunciados sexológicos, médicos e moralistas. Esse campo discursivo, como aponta Weeks (1981), materializava-se sob a forma de títulos em manuais médicos, noções de sujeitos homossexuais compreendidos como “invertidos” (visão congênita) e “perversos” (atribuição

para uma homossexualidade ocasional). A compreensão de uma homossexualidade “verdadeira” pode ser ligada a essa subdivisão categorial. Se, por um lado, operava-se uma subdivisão categorial e moralista dessas formas de prática homossexual, a identificação permitia um campo de atuação de controle social. Segundo Kaye (2003), no começo do século XX, os sexólogos compreendiam que se deveria operar com homossexuais inscritos em marcos médicos e morais de maneira diferenciada. Para os homossexuais considerados “verdadeiros”, o peso legal e o crivo social deveriam ser mais amenos, enquanto, para os homossexuais perversos formas mais punitivas deveriam ser postas em prática.

Esse processo não se dá, como indicava Foucault, tal qual um olhar externo aos sujeitos, mas sim na própria prática social que expressa uma forma de ocupar o mundo. Como reproduz Orlando em sua entrevista: “*Ai, eu vou pegar esse, esse é ingênuo, não é prostituto ainda, vou me casar com esse cara (...) mas quando chegou aqui já é puta*” – ou seja: o controle do ser *puta* tenta ser colocado na essência do sujeito sem considerar a ambiência que inclui o olhar e a intervenção dos clientes, que ao *putificarem* esse *boy* novo, só o fazem, porque também reside neles o crivo da prostituição. O esforço pela segregação classificatória do *nós* e *eles* – do *michê* e do cliente – precisa ser intenso, hercúleo, pois é da ordem do exercício (interminável). Orlando, especialista na noite da cidade, reitera um pouco dessa lógica em outro fragmento de memória de sua história com a prostituição:

*Eu era guri aqui em Porto Alegre (...) Enfim, eu já sabia do que eu gostava, então logo tu vais começando a identificar histórias, cochichos e já naquela época, já tinha uma cena de ferveção e de prostituição de rapazes e de travestis. Tinha uns “inferninhos” na João Pessoa, perto da Redenção e logo que eu fui lá e vi aquela cena, eu fui vendo que meu palco ia ser mesmo a noite. Aqueles ambientes eram decadentes, uma decoração horrorosa, um mau gosto... mas lá tu vias aqueles gurus bonitos... – a maioria da periferia o dos interiores do estado sorrindo para ti, sentando contigo, puxando conversa, se fazendo de interessados... daí o medo se ia, não é? Se fosse na rua um guri daqueles só iria me olhar para me bater, me roubar... lá dava para ter uma vida como os outros da minha idade que, também começavam a sua vida sexual nos puteiros...*

Mesmo, provavelmente, sem ter lido a Kaye (2003), Weeks (1981) ou a Mazziero (1998), Orlando inscreve sua narrativa com a prostituição masculina em discursos essencializantes e moralistas. Reitera em vários momentos da longa entrevista o quanto *nós*, os homossexuais “verdadeiros” (*viado*, *bicha de verdade*, em suas palavras) precisamos nos proteger dos “situacionais” (esses pilantras que sabem o nosso *ponto frágil* e só querem se aproveitar da gente). Em um tom professoral e algo iniciático, tentou em vários momentos me alertar dos perigos *dessa gente*, em uma torção discursiva que opera pelos mesmos mecanismos segregatórios de diferenciação do *nós/eles*, mas negando ou camuflando a natureza predatória

desse mecanismo. Não seríamos da mesma classe de pervertidos, mas antropofagicamente nos nutrimos uma da outra, como em um mecanismo ecológico de simbiose. Orlando parece um verdadeiro álbum de fotografias sobre a prostituição, um *collage* que remete a muitas das memórias subjetivantes dos *outros* da sociedade. Em nosso encontro, ele reitera muitas vezes a necessidade de se proteger tanto do desejo exacerbado – que sua ambiência noturna fomentava – como de seus alvos, os rapazes potencialmente exploradores.

Como eu já te falei meu querido, é uma alma corrompida. Senão estariam fazendo qualquer coisa menos isso. Tem muitos que gostam, claro, mas a maioria não chega nisso, vê a gente como ganha pão, ganha roupa, ganha bebida, ganha viagem... mas os piores são os que gostam, pois esses são os que eu te dizia que têm a alma corrompida. Como gostam, se entregam mais, se esforçam mais e a gente cai... tu acreditas que querem estudar, ou trabalhar, paga coisas e quando descobre, tão contigo e meia Porto Alegre, roubaram cartão, tu tá de fiador em algo... então melhor a michetagem direta, com preço e expectativas marcados. Melhor o puto por necessidade do que o puto por vocação.

A intensidade classificatória presente na narrativa de Orlando se inscreve em boa parte do discurso da sexualidade, seja pela via da patologia, da criminologia, do caráter moral. Como exemplo dessa ordem de funcionamento, temos no Brasil do século XIX, especialistas em Criminologia que se ancoraram no discurso psiquiátrico e operavam a catalogação dos indivíduos que cometiam crimes contra os “bons costumes”. Vemos uma série de exercícios dessa ordem, por exemplo, na classificação de pervertidos sexuais em: 1) os *espinaes*, idiotas completos, cuja prática perversa era o onanismo, “tal é esta idiotia estragada, esgotada, indiferente a tudo que o cerca, que se entrega a uma masturbação desenfreada após a idade de 3 anos”; 2) os *espinaes cerebrais posteriores*, nos quais prevalecia “o ato instintivo puramente brutal. A ninfomania e a satiriasis entram neste grupo”; 3) os *espinaes cerebrais anteriores*, dentre os quais estavam as perversões propriamente ditas, os invertidos. Esses últimos eram considerados os mais perigosos, pois teriam, segundo o criminólogo Casper, “uma alma de mulher em corpo de homem” (Mazziero, 1998). Em sua análise, Mazziero (1998, p. 250) traz um fragmento de um despacho do político e chefe da polícia do Rio de Janeiro, Francisco Viveiros de Castro, que avaliava, no ano de 1895, uma série de preocupações médico-morais nesse espaço citadino:

Entre nós a pederastia tem tido grande desenvolvimento. O onanismo anal com as mulheres, o coito antinatural, está se tornando um costume entre os moços. (...) Mas a inversão propriamente sexual, o amor do homem pelo homem, tem também progredido. No tempo do Império acusou-se mais de um político notável deste vício, uns ativos, outros passivos. Referindo-se ao Rio de Janeiro, ele ainda disse que depois que o novo

Código Penal da República considerou a pederastia um crime, todos os anos no foro desta cidade iniciam-se uns dez ou doze processos por violação de menores.

A cuidadosa eleição de palavras que faz Viveiros de Castro (o policial) chama a atenção, quando apregoa seu pânico moral de apreensão ao crescimento desordenado da perversão sexual no Rio de Janeiro de finais do século XIX. Não chega a nomear a prostituição masculina, mas inscreve a “pederastia” também nas mulheres, os prazeres “antinaturais” do sexo anal no mesmo campo da “violação de menores”, no do vício e no campo da política – decadente – do Império (sendo ele chefe de polícia nomeado pela República, já podemos depreender sua orientação política). Faz essa preleção integrando muito bem, os termos emergentes da *scientia sexualis* (coito anal, inversão, ativo/passivo) com alusões Bíblicas (mais uma vez e ainda, como se repete hoje), como o onanismo<sup>35</sup>. Nomeia passividade, e atividade no “vício”, traz esse emergente mecanismo de controle populacional que é a epidemiologia (das violações de menores). Mas, quando fala dos “invertidos”, fala em amor. Amor entre homem. Ainda que possamos pensar que, para ele fosse muito difícil, naquele momento, descrever com maior detalhe o que se apresenta no campo sexual entre homens, opta pela saída languageira do sentimento – amor. Seria um subterfúgio caridoso aos “invertidos naturais”, movidos pelo afeto e não pela razão, como se desejava separar nas ideias psicológicas da época? Ou o ladino Viveiros de Castro estava nos deixando aqui uma pista: “essa gente” também pode sentir amor? Seriam humanos no fundo ou sua “inversão”, portanto, inscrição no campo de feminino que permitira identificar sentimentos nesses seres?

Outros juristas e médicos classificaram os invertidos em “natos” e “acidentais”. Supostamente, os “natos”, desde a infância, comportavam-se como mulher, na adolescência se apaixonavam por um companheiro e começavam um onanismo recíproco, chegando posteriormente à pederastia. Os médicos legistas consideram esses indivíduos como “verdadeiros alienados” ou degenerados hereditários. Essa inversão seria ou congênita ou devida à depravação moral, à perversidade. Completavam esse quadro de “loucos sexuais” os

---

<sup>35</sup>Onan é um personagem bíblico do Antigo Testamento, mencionado no livro de Gênesis como o segundo filho de Judá e, portanto, um dos netos do patriarca Jacó. Er, o primogênito de Judá, segundo a Bíblia, era mau e teria sido executado por Deus por um motivo não mencionado. Como Er não tinha deixado descendência, Judá mandou que Onan, seu segundo filho, realizasse o casamento de cunhado (também chamado de casamento levirato) com Tamar, viúva de Er (Gênesis 38,6-8). Assim, se tivessem um filho, a herança de primogênito lhe pertenceria como herdeiro legal de Er. Porém, se não tivesse um herdeiro, Onã ficaria com a herança de primogênito. Em Gênesis 38,9 lê-se o versículo completo “Onã, porém, soube que esta descendência não havia de ser para ele; e aconteceu que, quando possuía a mulher de seu irmão, derramava o sêmen na terra, para não dar descendência a seu irmão”. Segundo muitos estudiosos a causa porque Deus o matou foi por "não dar descendência a seu irmão" e não pelo método em si. Ao ter relações sexuais com Tamar, a Bíblia diz que Onã "*desperdiçou o seu esperma na terra*", ou seja, não a inseminou, jogando dessa forma fora seu esperma em um coito interrompido, conduta essa que aborreceu a Deus que tirou sua vida (Gênesis 38,9-10).

sádicos, masoquistas, erotômanos, paralíticos, vesânicos, epilépticos, idiotas e débeis, exibicionistas e fetichistas (Mazziero, 1998, p. 254). Esses “invertidos” foram vistos como extremamente perigosos, principalmente os homens inscritos nos regimes deliberadamente econômicos de atividade sexual, “ralé” dessa “escória”. A homossexualidade (e uma de suas expressões possíveis, a prostituição masculina), era entendida como pior do que a feminina por coadunar esse exercício antinatural da sexualidade. Deveria, portanto, ser reprimida de forma ainda mais eficaz, por ser moralmente, e sanitariamente, mais grave.

Os registros brasileiros a que se tem notícia, desde o final do século XVIII, reiteravam a simbiose entre prostituição e homossexualidade, indicando seus perigos. Nessa época, o médico sanitarista Pires de Almeida, analisando a situação no Rio de Janeiro, compreendia também que a prostituição era um desvio subjacente à homossexualidade, que se fazia incorporada a outros problemas, como o processo migratório e o acúmulo da população masculina – mais uma vez inscrevendo o controle predatório pela diferença. Segundo Almeida, havia um paradoxo relacionado à prostituição: “conquanto essencialmente amoral, o fenômeno concorreria para uma finalidade moral, evitando os males temidos da prostituição masculina, da violência sexual e do relaxamento dos hábitos sexuais e das interdições morais” (Antunes, 1999, p. 174). As interpretações de médico desembocam numa compreensão situacional da homossexualidade gerada, segundo ele, pela falta de mulheres, pela condição hipersexualizada dos homens negros ou dos migrantes portugueses camponeses.

O cliente que, na prostituição feminina, pode aparecer como um tolo, apenas ingênuo (e que não parece ter, portanto, uma inscrição no plano médico/psiquiátrico), no campo da prostituição masculina toma outros contornos, provenientes de uma visibilidade pelo discurso médico/psiquiátrico/jurídico acerca da homossexualidade. A prostituição masculina, nesse sentido, não vista como um problema em si, mas sim acoplada como variante da condição homossexual (Weeks, 1981). Se antes do século XIX as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram entendidas pela noção de “sodomia”, ou seja, desvio religioso e moral a qual qualquer indivíduo poderia estar sujeito, posteriormente a intensificação de um discurso médico-moral constituiu uma espécie específica (o indivíduo homossexual), um outro “completo”, estruturalmente “outro”, portador de algo tanto congênito como adquirível, mas sempre contagioso, algo de que a sociedade e as criancinhas, em especial, precisam ser protegidas. As categorias crescentes, como os homossexuais congênitos ou hereditários, apareciam nos escritos médicos de modo a reforçar a compreensão de que existiam dois grandes



grupos: os que eram “inerentemente homossexuais” e aqueles considerados “perversos”<sup>36</sup>. A pederastia, compreendida como derivada da loucura sob a reiteração desse grande campo intitulado homossexualismo, inscrevera-se como vício, “hermafroditismo moral instintivo”, “loucura erótica”, mostrando-se um “sintoma de um estado patológico”.

Dentro desse plano analítico das formas de governo, no qual a homossexualidade é colocada como problema epidemiológico, podemos pensar que o dinheiro (e outros benefícios) não aparece como marcador óbvio e exclusivo na prostituição entre homens. Como já o fizera Viveiro de Castro, o policial, até amor pode figurar nesse campo – posto que inscrever-se *também* na irracionalidade, a vez que materializaria, pela via do *vil metal* o cume da inscrição da racionalidade capitalista no campo do desejo. Entretanto, esse panorama parece mudar, com a emergência da infância, adolescência e juventude como instâncias estratégicas de governo, que serão abordadas posteriormente neste capítulo.

## 2.5 Do homossexual ao “agente fornecedor da prestação”

Como vimos, os poucos registros sobre o que se poderia denominar prostituição entre homens só parecem ganhar tintas mais intensas nas ‘fotografias’ do período da transição do século XIX ao XX. Reiterando a despreensão de qualquer análise historiográfica, identifico que essa modificação é atribuída a um maior escrutínio no mapeamento, categorização e controle sob o que se passou a denominar populações. A construção do corpo, autocontrole, saúde/doença, produziram a ideia de vidas (im)possíveis de serem vividas. Como elabora Foucault, “é a vida, muito mais que o direito, que se transformou no objeto de embate das lutas políticas, mesmo que essas se formulem através da afirmação de direitos” (1988, p. 191). A “administração dos corpos e de gestão calculista da vida” (Foucault, 1988, p. 187) passa a ocupar as relações do mercado sexual, calcada sob sujeições sociais específicas em gênero e sexualidade, processos que mostram como as formas coercitivas de poder já tinham por potência a capacidade de produzir paisagens disciplinadoras nos modos de vida não monogâmicos, ‘perversos’, em prol da manutenção de práticas monogâmicas, heterossexuais e conservadoras<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup>Os inerentemente homossexuais poderiam ser classificados como “homossexuais congênitos” ou “homossexuais verdadeiros”, os perversos também eram chamados de “pseudohomossexuais”. Segundo Kaye (2003), no início do século XX defendia-se, sustentado pela trama do discurso médico-moral, que os “homossexuais verdadeiros” deveriam ser tratados com leniência legal, enquanto os “pseudohomossexuais” (perversos) deveriam ser submetidos a reformas de cunho moral.

<sup>37</sup>Para Evaristo de Moraes, criminólogo brasileiro do fim do século XIX e início do XX, a prostituição feminina era um “mal necessário” em prol da preservação da moral no lar. Apesar disso, as ‘mulheres de má vida’ deveriam

A intersecção sexual/econômica entre homens como um fazer específico, do ponto de vista de governo, podem ser vistos no Brasil no uso de microdenominações emergentes. No fim do século XIX, como retrata Mazziero (1998), o Chefe de Polícia de São Paulo registrou na cidade a existência de “3 casos de pederastia”<sup>38</sup>, sem a mesma retórica do seu companheiro carioca. Já em São Paulo, na primeira metade do século XX, prontuários policiais começam a intensificar cores e detalhes em seus retratos, passavam a ter registrada uma série de transgressões, que figuravam “pederastas passivos”, “travestis” e “prostitutos”. Sujeitos dessas transgressões frequentavam a Praça da República, o Parque do Anhangabaú, o Jardim da Luz e a Rua Conselheiro Nébias. Os “homossexuais perversos”, aproximados da ideia de delinquência, eram enviados pela polícia para o Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificações de São Paulo, onde um corpo médico realizava pesquisas sobre as causas biológicas e sociais da homossexualidade, com ênfase sobre os biótipos, e análise dos ambientes sociais dos indivíduos. No Rio de Janeiro, essas formas de regulação se mostravam análogas a São Paulo.

Os processos correccionais do fim do século XIX e início do século XX, dispostos de acordo com arbítrio das forças policiais na avaliação das práticas ilícitas, parecem mudar conforme a entrada dos homens num plano discursivo que associa homossexualidade e vadiagem. A constituição dos ébrios, alcoolistas e vagabundos como problemas sociais de ordem jurídico/psiquiátrico/policial dizem desse controle populacional. No período da “República Velha” (1889-1930), vão se constituindo visibilidades a esses sujeitos, expressando uma correlação entre embriaguez e vadiagem<sup>39</sup>. O prostituto e o homossexual ganham novos companheiros na galeria dos indesejáveis a serem caçados: para além dos perversos, dos doentes, dos imorais, dos fracos, somam-se os bandidos e vagabundos.

---

ser controladas pela via de uma polícia sanitária, vista nos decretos 1.034A, de 01/09/1892, 4.763, de 05/02/1902, 1.631 e 6.440 de 1907.

<sup>38</sup>Néstor Perlongher (2008), referindo-se aos processos existentes em São Paulo, nota como a forte associação da prostituição com o corpo feminino possibilita que a definição prostituição masculina seja utilizada como sinônimo de prostituição de travestis – uma associação que não se faz deslocada da perspectiva, nesse período, de que o corpo prostituído não é simplesmente o que vende, mas o que é penetrado (Perlongher, 2008).

<sup>39</sup>Para tanto, foram contabilizados o número de processos em diferentes pretorias (1899-1912) e pretorias criminais (1911-1930) (Kerr, Ferreira & Bicalho, 2018). Os resultados indicam uma associação entre os processos-crimes de embriaguez e vadiagem encontrados no Arquivo Nacional, os quais serviram como dados para correlacionar essas duas tipificações de contravenção. Até 1907, a relação entre vadios e ébrios podia ser vista nos artigos 396 e 399 nos processos crimes, por meio das defesas dos acusados clamando-se “não vagabundo” ou nas sentenças dos juízes afirmando não ser, o ébrio, vagabundo. A despeito desse deslocamento qualificante das práticas, a associação se mantém. Dos 70 processos crimes de vadiagem analisados no período de 1912 a 1920, cerca de um terço (21) faz alguma menção ao uso de bebidas alcólicas sob a fórmula de uma presença constante do vagabundo em botequins ou embriagando-se.

As providências tomadas para dar conta dos problemas levantados nesse quadro cidadão, podiam abarcar até mesmo o sequestro de homens pela polícia e seu encaminhamento para internação prisional ou manicomial compulsória. Isso mostra um exercício de diferenciação da prática contraventiva e da classificação de sujeitos degenerados, ou melhor, da associação operada entre a população e do escrutínio em relação à particularidade das práticas, o que favorecia uma relação de regulação populacional. A construção de uma taxonomia de indesejáveis degenerados, em que um indivíduo poderia transitar entre diferentes gravidades de degradação social, mostra um olhar molecularizado sob as práticas degradantes. Essa proximidade taxonômica, e qualificação moral, expressa-se em narrativas de homens que ocupavam cargos políticos no período, a exemplo de um chefe de polícia paulista em 1904, que afirma: “o bêbado habitual é, *ipso facto*, um vadio que deixa de exercitar profissão, officio ou qualquer mister em que ganhe a vida”.

Se, no contexto brasileiro, já víamos explicações para a prostituição calcadas sob a justificativa da classe, raça e gênero (incorporando figuras como as do imigrante europeu pobre, do negro hipersexualizado, ou da necessidade amorosa de sexo inerente aos homens), vemos se aproximar desse quadro de regulação governamental mais uma inscrição: nas formas de controle da juventude. O prostituto passa a poder ser descrito quase sempre como o jovem pobre, mais vítima do que algoz da perversidade doentia dos homossexuais “verdadeiros” (Scott, 2003). Esse aspecto desponta juntamente com a atualização do quadro de degenerescência social sob o perigo dos homossexuais velhos, que ofereciam risco aos jovens – vítimas fracas, sem capacidade de juízo de si e sujeitos a situações de pobreza. Ou seja, os “verdadeiros” homossexuais já não são sempre as vítimas da ganância de jovens vagabundos que exploram seu vício imoral – passam a ser, crescentemente, perigosos aliciadores de jovens pobres. Novos atores começam a protagonizar essa cena sexual.

Nessa perspectiva, o sujeito que aderira à prostituição na posição de agente fornecedor do trabalho poderia não ser, necessariamente, classificado como homossexual. Passa a ser vítima de uma situacional fragilidade motivada por razões econômicas que o aproxima mais ao vagabundo do que ao perverso e, assim, não macula sua masculinidade. Só uma inscrição constante junto aos invertidos é que acabaria por inscrevê-lo nesse campo de degenerados. Estão no mesmo cárcere, mas em alas distintas. Homossexuais e heterossexuais estariam sujeitos a essa prática considerada de degeneração social, mas passíveis (ou não) do crivo moralmente qualificado da lei e da ordem médica. Uma série de movimentos regulatórios pareciam se articular e, nesse campo, nota-se como o alargamento do panorama científico acerca da sexualidade, a partir de estudos como os de Alfred Kinsley, foram possíveis novas

formas de classificação e escrutínio acerca da sexualidade normal e seus desvios. O prostituto é perigoso pela sua fragilidade contextual; o cliente, por sua constituição. Nesse período, em especial, vemos uma multiplicação de significados possíveis para se atribuir lugar à prostituição masculina.

Through an understanding of the prostitute subject it becomes possible to establish certain truths about prostitution. Perhaps the most striking development to have occurred with the scientisation of male prostitution was the expansion of the range of meanings that became available to describe male prostitutes. It has become possible during the past 50 years to speak of male prostitutes as both agents and victims, as dangerous and endangered, and even as lustful and frigid. The multiplication of meanings around male prostitution amplified the significance it was accorded in socio-political debate (Scott, 2010).

Já no século XX, em especial, a prostituição masculina passa a figurar como problema epidemiológico/populacional fático, prática indicativa do que se entendia como homossexualismo. Homens heterossexuais continuavam a ter intercursos sexuais por dinheiro sem ameaçar o marco de normalidade heterossexual, pois se trataria de uma faceta conjuntural relacionada, principalmente, à situação de pobreza. Os homossexuais verdadeiros, de outra forma, eram responsabilizados por seu engolfamento ao desejo homossexual (patológico), reiterando a homossexualidade como uma problemática digna de controle social pela via da moralidade e da patologia, consolidando a prostituição como apenas uma consequência, uma faceta menor da perversão homossexual no contexto capitalista. O prostituto, senão vítima desse desejo doentio, pode ser bandido, malandro, aproveitador, mas raramente tem sua masculinidade tocada; ao contrário é hipervirilizado associado à artilosidade e à malandragem.

O deslocamento à prostituição entre homens, ao passo que produzia certo afastamento do campo da patologia sexual, inscrevia o ‘michê’ em regulações outras. Homens associados a essas práticas se envolveriam na criminalidade sob a forma do estelionato, abuso de confiança, roubo, assassinato. Tratava-se, na compreensão da época e registrado por Mazziero (1998), de uma sociedade (a de prostitutas), “organizada, com sua língua, seu pessoal, sua hierarquia, seu recrutamento, seu ensino, suas tradições, suas modas, seus hábitos, sua criminalidade, sua solidariedade, sua **psicologia**” (grifo nosso)”. Esse “submundo” passou a ser mapeado de forma mais específica, num período justamente em que o medo das massas figurava em uma série de produções sociais (científicas, estatais, entre outras).

Os homens que se dedicavam às negociações sexuais podiam, nessa conjuntura, serem compreendidos pelas forças policiais/sanitárias em 3 tipos: a) *Insubmissos*; mais próximos das degenerescências do crime, alcoolismo e vagabundagem b) *Entretidos*, que perseguem os

transeuntes se oferecendo – os novos eram *petits-jesus* e os velhos *tias*; c) Os *envergonhados*, filhos de operários, “caixeiros, humildes empregados, aprendizes, que a ociosidade, os hábitos estragados da infância, a influência da habitação nas grandes cidades, a promiscuidade dos centros operários, o abandono dos pais, predispõem para todos os vícios”. Segundo Viveiros de Castro, essa massa, entendida como “*canalha*”, forneceria “um grande contingente ao exército da criminalidade. Todo jesus é mais ou menos um ladrão, apodera-se do que cai sob suas mãos (...) O assassinato está longe de ser raro. (...) O seu principal crime, porém é a chantagem” (Mazziero, 1998).

Esse foco sob a chantagem que podemos compreender como o ganho financeiro a partir da posse de informação, parece ser uma interessante maneira de dizer dos jogos de segredo que permeavam os contextos normativos no Brasil metropolitano. Ainda assim, os comportamentos considerados socialmente indesejáveis, associados, não compunham somente crimes ativos (como estelionato, roubo, assassinato ou mesmo a chantagem), mas também vadiagem, alcoolismo e atendado violento ao pudor (Trevisan, 2000) – figurando como formas de caracterização populacional sujeitas ao escrutínio do profissional da polícia que estivesse à paisana. Essas caracterizações serviam, concomitantemente, como estratégias jurídicas para a detenção dos suspeitos do homossexualismo perverso que, sob uma perspectiva de limpeza social e de perseguição às massas insubmissas, atordoava o poder governamental.

Finalmente, já na segunda metade do século XX, no contexto paulistano da década de 1980, particularmente nas sociabilidades de regiões como a Boca do Lixo etnografadas por Néstor Perlongher (2008), o termo *michê* poderia designar duas dimensões principais, quais sejam: o fazer *michê*, sendo possível de aplicação da noção na determinação da clientela quando da prostituição de mulheres e travestis; e a segunda denominação seria referente ao jovem viril que se prostituiria sem “abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente” (Perlongher, 2008, p. 8). Essas duas versões, verbo e sujeito, não se dariam sem particularidades, o que o autor demonstra em existências hifenizadas, como *michê-macho* (bofe, o que se afinca nos estereótipos da masculinidade viril, jovem), *michê-bicha* (afeminado, também predominantemente jovem, meio andrógino ou até aproximando-se ao “travestismo”), ou o emergente *michê-gay* da década de 1980<sup>40</sup> (identificado com a estética homossexual, valores, comportamentos e atitudes). Essas dimensões êmicas, de toda a forma, não se faziam fora da discursividade do Estado como lugar de enunciação:

---

<sup>40</sup>Este movimento, antes de se reduzir a categorizações estanques, é apresentado como lugares a serem experienciados diante de encontros singulares, conjunturais, no sentido de que um *michê-macho*, por exemplo, poderia ser convocado a estar como *michê-bicha*.

(...) muitos michês e rapazes de programa se enquadram no que os psicanalistas chamam de ‘homossexuais egodistônicos’ - isto é, o seu ego não está em sintonia com seu desejo erótico. Praticam o homoerotismo mas não se aceitam, desprezam os homossexuais, alguns são agressivos e chegam até a matar seus parceiros sexuais. Numa lista de mais de 1300 gays assassinados nos últimos 15 anos no Brasil, 25% dos assassinos foram identificados como ‘michês’ (Brasil, 1996, p. 27).

A composição de discursos psicopatológicos com criminais não é nova; pode ser vista na análise de julgamentos realizados na década de 1980, envolvendo homossexuais no Brasil. Em estudo dedicado a esta seara, pesquisadores compreenderam que mesmo no lugar de enunciação do Direito, as formas de atuar com os crimes em contexto de troca financeira entre homens (enquadradas dentro do campo da prostituição) operavam pela via da patologização de uma das partes (a pagante) e da moralização da outra (a que oferecia o trabalho sexual) (Carrara, 2013). A associação do “garoto de programa” com o jovem afeito à vagabundagem/malandragem/delinquência (num limite tênue daquele que não produz dentro da lógica do trabalhador livre produtivo; entre obter vantagem e cometer crimes; entre ser *bon-vivant* e perigoso; risco a ser combatido na forma do Estado pela via da tutela da juventude), o lugar do “cliente” enquanto pederasta enrustido (suscetível a certas paixões patológicas que lhe colocam a ocupar um lugar de vício; do homem de corpo abjeto que se faz a margem das lógicas homonormativas; ou do homossexual que se inscreve socialmente como uma fraude no contexto do casamento e família heteronormativa), são exemplos da possibilidade de estagnação categorial na prostituição entre homens que compõe a noção de “submundo” da prostituição masculina, historicamente semicriminosa (Silva & Blanchette, 2005).

### 3 Rastrear processos, (in)corporar saberes

Para além do plano discursivo apresentado percorri, nesta pesquisa, por espaços nos quais o (meu)corpo esteve em cena. Desta forma, apresento algumas reflexões de caráter metodológico e conceitual sobre percursos que organizam a tese. Para ilustrar tal panorama analítico, apresento fragmentos de cenas de campo – notas, entrevistas, *e-mail* – articulados a ideias de autores e autoras que acompanharam essa construção. Início com uma acompanhante fundamental desse momento da tese, Suely Rolnik (1998) que, discutindo a dicotomia colonizado/colonizador diante do panorama contemporâneo neoliberal, apresenta sua compreensão de (e aposta em uma) subjetividade antropofágica, definida por uma não adesão a sistemas de referência totalizantes, pela plasticidade na modulação de repertórios sociais e pela capacidade de improvisação. Essas possibilidades se dariam tendo por condição diferentes estratégias, numa processualidade dos territórios existenciais que se contrapõem a uma estagnação identitária. Território, aqui, diz respeito à ocupação, à apropriação simbólica e à produção constante de modos de expressão, não uma determinada propriedade. Como Guattari e Rolnik definem, território é um “conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (Guattari & Rolnik, 2005, p. 388). “O território é antes de tudo lugar de passagem” (Deleuze e Guattari, 1997a, p. 132).

Esse nomadismo antropofágico, tomado como possibilidade de colocar-se em movimento, demandaria posicionamentos, numa adequada organização em prol de bons encontros. Aproveito de Rolnik (1998), ainda, a seleção de três desses posicionamentos chave. Seria necessário, para a autora, “*um grau significativo de alteridade*”, uma disposição para perceber e desejar a singularidade dos outros, já que é justamente no encontro com a diferença que se expandiriam possibilidades de vida. Precisar-se-ia também de um “*estado de corpo*”, determinada disposição a desestabilizações e modulações afetivas provocadas nesses encontros. Além disto, necessitar-se-ia de uma “*errância desejante*” a partir da qual se poderiam estabelecer conexões, descobrir-se com vontade de potência, pela operação de “alianças e contágios”. Três pontos que nos apontam o abandono de uma noção estática, individualista, em prol de uma leitura processual de subjetividade, que conflui com os objetivos da presente investigação.

Sigo esse mapa metodológico, debruçando-me sobre o primeiro aspecto que defende Rolnik (1998), um grau significativo de alteridade que se possibilita (assim como os outros dois

elementos atrelados ao vivido no percurso da pesquisa) no elencar as incursões por espaços de negociação sexual e afetiva que instauraram diferentes condições de existência na prostituição. Alteridade, aqui, é entendida não só como condição de reconhecimento da singularidade do outro – da forma como pensam, agem e compreendem o mundo –, mas enquanto processo de encontro e movimento com a diferença. Nesse sentido, falar de alteridade é pôr em pauta aquilo que nos remove de um estado anterior, provoca uma desestabilização que nos coloca certo imperativo de “criarmos um novo corpo – em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. – que venha encarnar este estado inédito (...), esta diferença que fica reverberando a espera de um corpo que a traga para o visível. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados (...) a cada vez que encarnamos uma diferença – nos tornamos outros” (Rolnik, 1994, p. 161).

Dessa forma, esse outro não é simplesmente um indivíduo ou categoria social (homossexual, garoto de programa, prostituto) com a qual se entenda correto estabelecer um exercício de exotismo, tolerância ou redenção, tal qual se veem reiteradas em perspectivas morais. Trata-se de um arranjo transversal, no qual elementos diversos (humanos e não humanos) nos convocam a sair da estabilidade de uma fixidez identitária e permitem formas outras de ser e estar no mundo – pensar o que era tomado anteriormente como impensável, sobre si e sobre as outras pessoas. Nesse aspecto, a constituição de um percurso em prostituição (enquanto processo) é fundamental, seja na posição conjuntural de *boy*, cliente (ou, no meu caso, de pesquisador). Esse percurso nos indica elementos constituintes para diferentes formas relacionais, proporcionar espaços mais abertos ou mais restritos de encontro e desestabilização identitária. Estabelecer uma leitura sobre esse panorama não pode prescindir pensar territórios e, neste caso, não apenas na materialidade física da geografia espacial, mas no campo das relações que o compõem. Como defende Corrêa:

Território não é sinônimo de espaço, ainda que, para alguns, ambas as palavras apresentem o mesmo significado. Do mesmo modo territorialidade e espacialidade não devem ser empregadas de modo indiferenciado. Etimologicamente, território deriva do latim *terra e torium*, significando terra pertencente a alguém. Pertencente, entretanto, não se vincula necessariamente à propriedade da terra, mas a sua apropriação. Essa apropriação, por sua vez, tem um duplo significado. De um lado, associa-se ao controle de fato, efetivo, por vezes legitimado por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço. Neste sentido o conceito de território vincula-se à geografia política e à geopolítica. A apropriação, por outro lado, pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas especializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, sexo, idade ou outros atributos. Neste sentido o conceito de território vincula-se a uma geografia que privilegia os sentimentos e simbolismos atribuídos aos lugares (Corrêa, 1994, p. 251).



Pensemos na geografia citadina que se agencia com a prostituição em Porto Alegre. Longe de ser rígida, buscando marcações e balizamentos, é constituída por espaços que são estratégicos para o trabalho sexual. Bairros, ruas, bares e saunas mostram-se dinâmicos (em horários diferentes uma rua pode territorializar práticas específicas e contraditórias) e porosos (com um trânsito de informações que permite a determinados sujeitos saberem circular numa rede de continuidade entre rua, bar, sauna). Essa conjunção compõe um trânsito mais ou menos intenso, mais ou menos duradouro, conforme a vontade, disposição ou necessidade de “se fazer” na prostituição. Para reconhecer esses espaços, e compreender como graus de alteridade não se fazem deslocados de geografias situadas, recorri nesta pesquisa a alguns pontos que lhe constituem, dando indícios dessa conjunção entre cidade e alteridade.

Essas zonas geográficas afeitas à prostituição se constituíram em Porto Alegre com certas condições de existência (a vinculação com a vida boêmia, política, acadêmica, por exemplo). É o caso da Rua José Bonifácio, espaço onde começo as observações e de onde alguns dos entrevistados, em diferentes momentos de meu percurso de pesquisa, dizem ter iniciado no trabalho sexual. Essa rua foi um dos primeiros locais reconhecidos popularmente como ponto de prostituição masculina na cidade, especialmente por interlocutores da pesquisa. Trata-se de uma tradicional rua que estabelece um dos limites do Parque Farroupilha, localizado numa área de circulação privilegiada do município. A Avenida faz conexão entre duas vias de acesso importantes ao centro da cidade, as avenidas Osvaldo Aranha e João Pessoa, que conecta logisticamente áreas da grande Porto Alegre. Para além disso, a José Bonifácio se localiza entre três pontos historicamente importantes: bairro Bom Fim, Esquina Maldita<sup>41</sup> e bairro Cidade Baixa, compondo-se também numa região militarizada (prédios vinculados às Forças Armadas figuram na paisagem) e de pegação (Parque Farroupilha, durante a noite, historicamente é utilizado como local de encontros, principalmente por homens, e prostituição de mulheres trans e travestis).

É importante notar que os usos dessa área se modificaram conforme a história da cidade. Sabe-se que, em meados dos séculos XIX e XX, o atual Centro Histórico, localizado na zona portuária da cidade, compunha um dos principais espaços de vida noturna do município, especialmente no que concerne à *Rua da Praia* (dos Andradas), composta por bares, restaurantes, cinemas – espaços de socialização formal e moralmente aceitos, mas que também atraía a sociabilidade e os prazeres menos divulgáveis, como os da prostituição. A característica

---

<sup>41</sup>Trata-se de um espaço boêmio de encontros entre as avenidas Osvaldo Aranha e Sarmiento Leite, nas décadas de 1960 e 1970. Sua ocupação é associada à vida estudantil, artística e hippie (os cursos de Ciências Humanas, não haviam sido deslocados para o bairro Agronomia, na Zona Leste da cidade).

de centralidade dessa região da cidade perde força, a partir da segunda metade do século XX, dando espaço para movimentos de gentrificação em outros bairros, como no Bom Fim. O crescimento deste representa certa descontinuidade na até então centralização da vida boêmia do Centro, um deslocamento urbano que coaduna a ocupação jovem e politicamente ativa em áreas como a Esquina Maldita. Como indica Carneiro (1992), trata-se de um movimento “cabeça-de-ponte”, jargão militar utilizado na Segunda Guerra Mundial que designa a ocupação estratégica de um espaço inimigo para posterior ocupação.

O Bom Fim, a partir da “cabeça-de-ponte” que o final dos anos sessenta vira fincar pé na esquina da Sarmento Leite com a Osvaldo Aranha, em frente ao quarteirão universitário, tornava-se um “território livre” de estudantes de esquerda, aspirantes a intelectuais, boêmios, bêbados, loucos, hippies, yuppies, intelectuais de verdade, professores, artistas, viciados, “magrinhos”, lésbicas discretas, bichas – mais discretas ainda – vagabundos e toda uma sorte de outras gentes jovens, ainda perplexas com 64 e 68 (Carneiro, 1992, p. 149).

Esse movimento de ocupação boêmia e política, no bairro Bom Fim, mesmo que tenha diminuído conforme a passagem da década de 1990 – usualmente associada a reclamações de moradores do bairro –, havia constituído efervescência importante nas décadas de 1970 e 1980 (período caracterizado em narrativas de interlocutores como de fluxo intenso de homens que se dedicavam à prostituição na José Bonifácio). Conjuntamente, outros elementos de territorialização (na extremidade desse espaço geográfico) dão ensejo para pensar as condições de apropriação da avenida, como o tradicional bairro boêmio Cidade Baixa<sup>42</sup>, a presença do Colégio Militar, assim como, na Rua Vieira de Castro, a 1ª Companhia de Guarda da Polícia do Exército e, por fim, os usos do Parque da Redenção como espaço de pegação. Nessa conjunção profícuca, a Avenida José Bonifácio traduziu-se num espaço de fronteira que poderíamos considerar propício, conjuntura geopolítica em que historicamente se pode transitar por certos horários sem estar na visibilidade intensa da Esquina Maldita, do Bom Fim ou da Cidade Baixa. Além disso, contando com organizações das Forças Armadas que, na voz de interlocutores da pesquisa, historicamente potencializou uma circulação de homens jovens e predominantemente pobres e migrantes nessa geografia.

Interessante notar que, em registros jornalísticos do período, a prostituição ainda viva na José Bonifácio foi vista como empecilho para a circulação de transeuntes “decentes” e para a criação do Brique da Redenção (evento dominical e cartão postal do município, inspirado em

---

<sup>42</sup>Área reconhecida como pertencente ao bairro, no século XVIII era constituída por espaços de produção rural. Após uma série de loteamentos das chácaras que abarcavam sua geografia, no período de abolição da escravatura, o contingente populacional de recém-libertos e de imigrantes recém-chegados compuseram historicamente esse espaço.

feiras de Buenos Aires e Montevideu). O *Brique*, mercado de pulgas e variedades, fundado em 1982, num período de efervescência cultural na cidade, marca um processo dicotômico, com ideais de valorização da arte popular e ocupação artística da cidade, mas também de gentrificação da área – com o passar do tempo mais vislumbrada em termos de regulação policial, e com gradual desocupação da rua pelos homens interessados na prostituição. As noites na avenida que foram, por muito tempo, associadas diretamente à prostituição masculina, de acordo com interlocutores da pesquisa, mostraram-se menos potentes com o passar dos anos, caracterizando o que se verificou como um “esvaziamento” do local.

Ainda assim, este espaço merece especial atenção, já que compõe importante parte do que entendemos como prostituição masculina em Porto Alegre e nos indica possibilidade para suas práticas. Compreendendo territorialização como processos em que sujeitos atuam na construção de práticas sociais (concretas ou não), do território como socialmente produzido, usado, valorado (Milton Santos, 1999), como instância que se dá em devir, em movimento (Massey, 2009), importa saber como espaços de sociabilidade como a JB<sup>43</sup> se compuseram. Essas composições nos remetem a uma dimensão importante em termos de alteridade, ou seja, fazem-se campos profícuos para o encontro com a diferença e o diferenciar-se. A geografia da José Bonifácio, em face dessa história, propiciou-lhe ser um local de fronteira, de trânsito, um cenário de diferenças. O contingente denso de homens jovens, pobres, migrantes, militares e o percurso, como dizia Carneiro (1992), das “bichas”, “artistas”, de “acadêmicos”, nas redondezas desse espaço, constituíram-lhe (especialmente na cronotopia da noite) território de resistência e dissidência sexual.

Ainda que sendo o mais público e aberto dos espaços desta pesquisa, não realizei nenhuma entrevista na JB. Entrevistei clientes e *boys*, que passaram mais ou menos tempo de suas existências na rua, mas nenhum dos *garotos* com os quais tentei contato presencialmente na avenida quis dar entrevistas. A escuridão, a vegetação cerrada do parque e a ausência de ambiência possível para a conversação fizeram desse espaço uma das referências iniciais na construção da errância, da manutenção da presença física corporal e da noção de alteridade necessárias para o movimento da tese e de mim como pesquisador. Foi caminho, mas não conteve em si a condição necessária para discutir o espaço de coletividade – nesse sentido, ainda que faça parte do *modus* subjetivante (marcada na história da prostituição masculina na cidade), não compôs tanto o *modus* vivencial no campo da pesquisa. A rua me limitou, ainda no mestrado, quando em uma das vezes em que circulei por ela, ao dirigir-me para casa na

---

<sup>43</sup> A avenida é conhecida localmente por suas iniciais, JB.

Cidade Baixa, fui assaltado. Além dos documentos, chaves e dinheiro presentes no bolso do casaco que me foi tomado à ponta de faca, foi-se aí o meu primeiro diário de campo, mostrando-me a necessidade da ocupação de territórios mais seguros para a pesquisa.

Para além do espaço da rua, outros lugares figuraram como singulares, remetendo à perspectiva de alteridade que elenco na pesquisa. Um desses espaços foi um bar voltado diretamente para prostituição masculina, utilizado na investigação como importante local para produção de diários de campo, entrevistas e registros de pesquisa. Estrategicamente localizado entre largas vias, reduzido tráfego e calçadas desérticas, o Bar continuou existindo mesmo em meio às mídias impressas (majoritárias nos anos 1980 e 90), à *Internet* (nas páginas com perfis de rapazes) ou mesmo diante da enxurrada de aplicativos geolocalizados (como Grindr e Scruff, por exemplo). O estabelecimento se situava em uma região no centro da cidade, movimentada durante o dia, mas silenciosa, e reconhecida como perigosa e guetificada, durante a noite. Entrar por essa pequena rua paralela à central Avenida Farrapos, assim, era encontrar um estabelecimento discreto, com um pequeno toldo, e, ao menos, um segurança parcialmente uniformizado. Entre sofás e poltronas distribuídas pelos seus ambientes, ou nas mesas de sinuca sempre ocupadas, o Bar se fez um lugar popular, ainda que tenha tido sua “idade de outro” anos atrás.

Circulei por esse espaço em diferentes momentos de meu percurso e, mesmo após períodos de ausência no cotidiano noturno da “casa”, o funcionamento sempre parecia o mesmo. Na antessala, gerente e atendente organizam garrafas e cardápios e conversam tranquilamente. Paredes de cores quentes, mas desgastadas, distribuem-se no local, num formato de recepção. Alguns sofás vermelhos davam lugar, no cômodo seguinte, para um salão aberto com mesas e área para shows. Distribuídos pelas paredes, quadros alusivos à Paris. Luzes vermelhas e negras no segundo cômodo, deixando um tanto nebulosa a visão dos homens que jogam sinuca, perto do banheiro e dos quartos para alugar. Os homens sorriam, riam, conversavam, cochichavam... e, de repente, como sempre, um deles se aproximava saudando, com o aperto de mão que é a indicação física da possibilidade no espaço – em uma abertura muito modulada à intimidade física segura. Ilustro o desenrolar de uma das primeiras relações que estabeleço no bar e que marca outro campo analítico – a implicação corporificada do pesquisador que se estabelece como “outro”, um *outro-pesquisador*, que é quem de fato inaugura a pesquisa no (e em) território.

Em uma das minhas primeiras idas sozinho ao bar, é Tiago, nos seus 23 anos, que me interpela. Tem aparência bem cuidada, se vê que a vida não parece o ter exigido, ao menos fisicamente, da mesma forma que a maioria dos outros rapazes do Bar. A figura

atlética impõe presença ao mesmo tempo em que sustenta certa simpatia enigmática. Tem mais de 1,80m e semblante animado. Apesar dos *jeans* (coringa entre todos os homens do lugar), usa camisa polo e um relógio protuberante. Cumprimenta-me, dando a mão de jeito formal e dispara uma apresentação de si um tanto desconfiada. Logo me explica que havia ficado em dúvida, assim como os outros rapazes, se eu estava para trabalhar ou se era um cliente – situando-me enquanto pesquisador, uma primeira vez frente a ser um *entre*. Essa interpelação não era nova, onde o TCLE, o gravador e a carteirinha da universidade materializariam minha posição (insegura, nota-se) de *outro-pesquisador*.

Inseguranças compuseram o campo de pesquisa, ataques de outras naturezas que causaram impactos para além do gravador, casaco ou diário. Como eu logo percebi, a mancha sobre o moralizado campo da prostituição facilmente se impunha, jogando-me na transição para posições tradicionais do mercado do sexo: o ser consumível ou consumidor dos prazeres sexuais. O primeiro desses ataques foi algo sutil. Um comentário “maldoso” através de uma divisória de sala de grupo de pesquisa. O “colega”, também mestrando no PPG em que realizava a pesquisa de mestrado, junto a seu professor, indignado pelo CNPq financiar a uma pesquisa sobre prostituição: “Só esse governo (o da época...) para financiar pesquisas de ‘Bruna Surfistinha’”. Senti que, ao menos para alguns segmentos da academia, havia cruzado uma fronteira e, levar comigo o erário do contribuinte, fazia-me ainda mais questionável. Na segunda interpelação pública, foi mais grave. Em sala de aula, no PPG Psicologia no qual realizava doutorado, um aluno foi explícito: acusou-me publicamente de “prostituição acadêmica”, uma vez que a grande motivação de meu relacionamento afetivo com meu companheiro seria ele “promover meu currículo”. Em um terceiro ataque, em agosto de 2018, recebi o e-mail a seguir. Evidentemente que, numa primeira vista também seria risível, caso não vivêssemos o momento que vivemos e o atual estado do país desde aquela época. Esse e-mail demarcou não apenas um ponto de inflexão nas relações com meu território de pesquisa, como transcendeu às relações do território do doutorado. Seu tom e escopo reeditam a própria relevância e redimensiona a necessidade de se seguir pesquisando sobre o tema, mas foi fundamental na guinada metodológica em direção a um marco de análise e implicação na pesquisa.

---

----- Mensagem encaminhada -----  
De: **Cristiano Hamann** <[prostituta.academica@gmail.com](mailto:prostituta.academica@gmail.com)>  
Data: 4 de agosto de 2018 04:17  
Assunto: Michê Acadêmico - Solicito divulgação   
Para: [cristiano.hamann@gmail.com](mailto:cristiano.hamann@gmail.com)

Prezados,

Meu nome é Cristiano Hamann, sou uma prostituta acadêmica que vende meu corpo para professores em troca de artigos, capítulos de livros, dentre outros acessos acadêmicos. Estudo sobre prostituição masculina para, futuramente, entender meu próprio comportamento ganancioso de auto prostituição.

Envio este e-mail para divulgar meu trabalho, caso você tenha professores que tenham o interesse de me usar em troca de meu crescimento acadêmico, agradeço a divulgação do meu corpo, fonte de meu trabalho.

Aguardo novos contatos.

Att.  
Cristiano Hamann  
Doutorando em Prostituição Acadêmica    
Esquina da UFRGS / PUCRS e Afins

Figura 1. E-mail recebido anonimamente em agosto de 2018.

Registrei um inútil boletim de ocorrência, mas principalmente, decidi que minha presença seria diferente nos territórios da pesquisa, seja de campo ou de academia, e essa posição precisava ser construída de outra forma. Assim, retomei o território analítico mais consciente de suas implicações e mais aberto a que a própria cena – e seus atores – marcassem o ritmo e a forma da construção da tese. Para isso, volto aos *outros* especialistas, clientes e *boys*, para os quais o plano existencial antropofágico, do qual fala Rolnik, não é novidade. A perspectiva ética-estética-política nessa proposição acadêmica, em minha trajetória, espelha as possibilidades na própria vida no mercado sexual e do que aprendi com os sujeitos que transitavam por esses territórios.

Esse aprendizado se possibilitou, neste sentido, por certo “contágio”, algo fora do plano da racionalidade academicista, que operava silenciosamente e instaurava uma dúvida: eu participo disso, como? Parece-me que essa pergunta convocava um *contágio ético*, pois não calcado em procedimentos ou fundamentos de verdade com valor em si, mas sim na afirmação do devir que nasce da constatação (e valorização) da diferença; um *contágio estético*, pois não se trata de um espaço já dado, mas sim da criação desse território pelo rastro das marcas que os encontros deixam em nós; e um *contágio político*, porque procura deliberadamente travar batalhas contra aquilo que impossibilita o trânsito, o nomadismo enquanto modo de vida.

Campo problemático este, no qual se articulam forças antropofágicas ético-estético-políticas com aquelas desligadas do corpo sensível (desinvestidas de singularidade, calcadas no anestesiar dos estranhamentos, na valorização da capitalização dos processos de subjetivação),

deslizando por, e (a)fundando-se nas, vias do sexo, gênero, erotismo<sup>44</sup>. Encontros na pesquisa me mostravam certos “nós” e algumas linhas de fuga nas racionalidades atribuídas a essas esferas da vida. Refiro-me “nós” àquilo que parecia compor densidade através da atualização de regulações em sexo, gênero e erotismo, numa miríade de elementos que, a despeito de seu caráter territorializante que toma corpo até mesmo em situações de violência no campo acadêmico, não dão conta da multiplicidade que transborda. Linhas de fuga, pois demonstravam porosidade nesses encontros, que permitiam negociar com discursos, instituições, formas de racionalidade utilitaristas, liberais, identitárias, do qual os espaços como bares e saunas podem ser singularmente dialógicos. Esses nós e linhas são vistos, aqui, como facetas de um processo contíguo. Retomando meu primeiro contato com Tiago, explico as razões de minha presença, a pesquisa que realizava e quais locais que eu frequentava.

*– Ah, tranqüilo, posso te ajudar... tô esperando o meu cliente que já me avisou que vai demorar... até ele chegar posso ir te contando...*

*– Legal... mas não quero te atrapalhar... se chegar outro antes e tu quiseres ir, podemos parar e seguir depois sem problemas...*

*– Não, eu tenho um cliente já marcado. Vim de L. (cidade do interior do estado) só para isso... Aliás, hoje em dia é quase sempre assim... venho só com esquema certo, com clientes mais frequentes.*

Tiago me explica que em outros momentos já se organizou diferente. Vinha de sua cidade no interior já pela sexta à tarde e voltada no domingo à noite. Ficava hospedado em um hotel barato do centro, mas na prática ficava quase que todo o tempo entre o bar, sauna e os locais aonde ia com os clientes. Aos pais, dizia que tinha uma namorada na capital. Atualmente não vem em todos os finais de semana, eventualmente algum dia no meio da semana, caso seja possível conciliar com seus estudos em engenharia civil.

Tiago me fazia recordar de outro homem com quem havia conversado, há alguns anos antes, ainda em épocas do mestrado. Disposto a fazer com que eu conhecesse o funcionamento do Bar e, com aparente prazer em compartilhar ‘segredos’, o boy, também jovem e branco, tinha me dado informações sobre como era o fluxo de clientes, os usos das salas, as relações que ele mesmo via como incomuns entre os homens e as esposas/namoradas que participavam daqueles momentos. Tiago também parecia ter essa vontade de compartilhar comigo esse ‘mundo’, que era apresentado em tons intensos. Compartilhavam certa postura professoral como o meu antigo interlocutor, que me dizia de que forma analisar potenciais clientes, “chegar junto”, “convidar” (Hamann, 2019), enquanto a narrativa sobre os modos de se viver o lugar se

---

<sup>44</sup>Atento para gênero, sexualidade e erotismo como dimensões que permitem (paradoxalmente, mas não de maneira contraditória) um trânsito que funda formas de se subjetivar, mas que podem aprisionar os sujeitos (quando os sentidos e significados que lhe são atribuídos restringem a possibilidade de criação).

desenrolavam, a sedução se fazia presente, aguardando a possibilidade de eu deslizar da posição de *outro*-pesquisador para a de *outro*-cliente e negociar sexo.

Aparentemente, essas tipologias de *outros* não comprometeriam muito o conteúdo das informações, mas certamente nos posicionaria de forma muito distinta em toda a pesquisa. Apesar de que por pouco tempo, aqui nessas linhas não seria apenas um interlocutor, teria sido um amante, um sexo e mesmo que em alguma medida pudesse excitar ao *outro*-cliente potencial em mim, certamente, comprometeria o desenvolvimento do *outro*-pesquisador nesse território. Em vários momentos, Tiago deixava evidente que essa fronteira era minha; não dele, ou seja, era a ética do *outro*-pesquisador e não a do *boy* a que se impunha o risco. Ele circularia sem problemas. Seria essa uma face da “errância desejante” a que se referia Suely Rolnik? Apesar dos assinalamentos, nesse processo, fomos aos poucos coabitando, compartilhando e construindo familiaridade e fluidez de informações. O sexo parecia sempre uma porta aberta, um convite implícito, mas nos víamos os dois estranhando o que acontecia no ambiente, como *pesquisadores-boys* – posição de *outro* a qual, muitas vezes, também fui interpelado, tanto por boys como por clientes e, como já comentei, por colegas acadêmicos.

Esse jogo de reconhecimentos que se faziam na entrada do Bar (ou no território acadêmico), e que Tiago enunciava, era colocado em análise: questões etárias, raciais, de classe, gênero, ser “novo” no circuito ou não compunham, mas não determinavam, o que seria um bom encontro. Como Tiago reiterava, certa “maneira de se portar” figura na avaliação das oportunidades. Estar “vestido como cliente” e “com cara de quem tem dinheiro”, como me disse um dos rapazes depois de saber da pesquisa que eu realizava, reiterava-se, mas a análise do “todo” era importante forma de escolher novas relações. Por um lado, a leitura dual, sob a figura daquele que oferece serviços e dos que pagam, dava certo contexto familiar aos trânsitos de encontro no bar. Mas, de outra forma, o transcorrer desses encontros mostrava uma série de porosidades, como me relatou em várias conversas entrecortadas por compromissos telefônicos e tentativas de contato com clientes em potencial:

*Alguns homens que aparecem por aqui (me conta Tiago), não são muito interessantes fisicamente... outros são, propriamente, desagradáveis (“feios”, “nojentos”, ou “múmias”, como me dizia outro rapaz em tom irônico), mas para além disso, sempre aparecem caras interessantes de se estar por motivos diferentes. Alguns são mais generosos com bebidas, jantares, pagam viagens e possibilitam conhecer outros lugares e pessoas interessantes. Outros são fisicamente excitantes, mas, a despeito de representarem um sexo (possivelmente) mais prazeroso, provavelmente não oferecerão os benefícios de uma relação a longo prazo. Outros pagam bem, valores mais altos e interessantes, mas sujeitam o cara que aceitar o encontro a situações vexatórias. Tiago me faz recordar um cliente descrito em conversa informal com o gerente do Bar em que*



estávamos, no qual um jovem senhor endinheirado se vangloriava constantemente dos seus “fêmeos”, para desagrado dos que haviam oferecido seus serviços. O problema, me dizia o gerente, não era o cliente ter um ritual conhecido - depilava as nádegas dos rapazes e depois penetrava-os - mas sim o fato de que parte de seu prazer era vangloriar-se no espaço público do Bar. Esse tipo de “humilhação”, segundo o gerente, “não é bom para os negócios”<sup>45</sup>.

Como Tiago me fazia recordar, as características de um bom encontro podiam ser diversas e, ainda cabia a mim, a ética do meu encontro consciente com um campo de múltiplas tensões: desejantes, morais, legais, metodológicas. Mas, entre os rapazes que tinham “sua vida na mochila”, como me havia dito o gerente, isso também era poroso e delicado: tampouco para eles o território era seguro. Quanto mais habituados aos fazeres do estabelecimento, mais sabiam ‘pesquisar’ seus clientes, identificar os que eram bons pagantes, bons amantes, em busca de uma “galinha dos ovos de ouro” – nos termos de um dos rapazes. Organizar entre si formas de bem viver no Bar era, portanto, uma realidade, sujeita às dificuldades que mostravam a importância de certa disciplina no ambiente. Isolar os maus pagantes, punir os colegas que não obedecessem às regras instituídas (não se intrometer na sedução de nenhum outro, não cobrar muito menos do que a média estipulada no local<sup>46</sup>, não falar sobre a vida dos colegas para clientes) se materializavam como possibilidade de trânsito regulatório/tranquilo pelas noites no Bar<sup>47</sup>.

Era possível ver reiteradas algumas hierarquias estéticas, que davam corpo a formas de prestígio para pessoas brancas como eu (Schucman, 2014) ou a jogos de masculinidade e desvalorização de ações consideradas femininas, mas, para além desses aspectos, mostravam-se uma série de bifurcações. Ser um homem mais velho denotava a possibilidade de estabilidade financeira, de se relacionar com alguém que teria disposição a uma relação fixa, de oferecer condições para oxigenar-se da vida na capital com viagens e em conhecer novas pessoas. Ser

---

<sup>45</sup>Aspectos relacionados à economia corporal entre os homens na prostituição fizeram parte de eventuais tensões entre clientes e boys ao longo do campo de pesquisa. Nessas economias, a centralidade do ânus parece expressar uma espécie de “histeria em torno das comportas do ânus” (Perlongher, 2008). Como ressalta Souza Neto (2009): “Se para o boy o ato de penetrar o cliente lhe garante a supremacia de sua masculinidade, inversamente, para o cliente, o fato de penetrar o boy destitui este último da posição de macho viril e dominador [...] Sob o peso simbólico de significado sócio culturalmente construído, o ânus enquanto “zona proibida” para muitos boys de programa deve ser resguardado, a fim de garantir o reconhecimento público de sua masculinidade [...] É neste sentido que a região anal se configura enquanto símbolo de força e cobiça. No universo da prostituição masculina, o boy, muitas vezes, cobra e ganha mais para ser penetrado. Socialmente para os boys de programa, o sexo assume uma representação valorativa estabelecida e justificável pela relação de troca e ganho econômico, onde a honra, muitas vezes, parece se concentrar única e exclusivamente no ânus”.

<sup>46</sup>Valor, a propósito, que era decidido sem imposições da gerência.

<sup>47</sup>Ainda assim, é importante marcar que as relações não se mostravam restritas ao ambiente do Bar. Muitos dos rapazes começavam sua tarde em alguma sauna, passavam o início da noite no Bar e, na madrugada, saíam em grupo para bares no centro da cidade, um gasto desnecessário de dinheiro para alguns, dispêndio boêmio para os que se afetavam por essa possibilidade de aproveitar a vida. As “mulheres elegantíssimas da Annes Dias”, como falava Castanha, eram exemplos do que esses homens compartilhavam entre si.

um homem mais novo, nesse aspecto, poderia ser tomado como um encontro, por exemplo, sexualmente mais fácil, mas sem grandes alegrias futuras. Mostrava-se certa vitalidade nas experiências, usar o corpo como forma de deslizar, com algum risco, pelas normativas sociais e compor um campo de nomadismo – inclusive para o pesquisador.

Mas o que seria, diante dessa conjuntura, a aposta em um grau significativo de alteridade? Por um lado, compreender o trânsito identitário que se mostra nos percursos de pesquisa fez pensar no caráter potencialmente tóxico (quando restritivo a um lugar de objetificação), estratégico (quando se usa da marcação identitária como forma de trânsito e produção de algo outro), e político (de modo que seja possível para mim, na posição de pesquisador, elencar violências que acontecem nas relações entre homens como instâncias inteligíveis). Parece, entretanto, que a alteridade, enquanto forma de reconhecimento do outro, pode ser pensada como caminho para o uma sociedade que entenda a diferença como extensiva (na construção de um campo de visibilidades identitárias) e também como intensiva (o que descontrói esse campo de visibilidade mais estático por meio de formas de criação improváveis, em implicações genéricas) – algo do qual essa pesquisa nem quis e nem saberia mais se safar. Podemos entender que o movimento de alteridade, aqui compreendido como visceralmente político, não opera somente por um sistema reativo, mas ativo (Anzaldúa, 2005), enquanto “arte de exigir que sociedades sejam capazes de se relacionar com o que é impróprio, com o que nunca será reduzido à condição de propriedade, seja individual seja coletiva” (Safatle, 2015, p. 224).

### 3.1 Por “um estado de corpo”

Com base na leitura de Espinosa, Deleuze (2002) aponta motivos para aquele ser um pensador injuriado. Um deles seria o operador desenvolvido por Spinoza chamado de *paralelismo*, segundo o qual não existiria superioridade da mente sobre o corpo, assim como do corpo sob a mente. A radicalidade da proposta, que negava qualquer “ligação de causalidade real entre o corpo e o espírito” (p. 24), retorcía o princípio que tomava a moral como forma de sustentação do controle sob as paixões mundanas (derivadas do corpo e subsidiárias de uma consciência que lhe tome as rédeas). Sob essa moral que procura dominar o corpo, e que confere à consciência o poder de evitar os danos das paixões, Espinosa coloca uma pergunta, que se repetiu em muitos momentos da construção desta tese: “o que pode o corpo?” ou, aliterando, *o que pôde meu corpo?* Em Deleuze essa pergunta se faz num deslocamento de sentidos, do corpo como unidade, funcionalidade, para um corpo sem órgãos, decomposto – sem uma topologia

que lhe enquadre de antemão. Na esteira da discussão sobre alteridade, a pesquisa que gera esta tese invocou tanto a materialidade como a transitoriedade de posições subjetivas, mas especialmente, de corpos.

Academicamente a noção de corpo envolve um circuito conceitual amplo, reiterado na expressão de uma série de potências inventivas. Os corpos, tanto fora como dentro dos circuitos de prostituição possuem valores e potencialidades diferentes e, de acordo com os trânsitos que desenvolvem, também conseguem gerar existências diferenciais. Na prostituição, ele está sempre em questão, enredando-se em diferentes potencialidades e estratégias. Para exemplificar isso, utilizo outro diálogo com Tiago:

*– Sabe como é, tem que ter organização na vida... e nessa também, senão te perde e faz merda... Não vou largar faculdade, estágio ou namorada por isso... eu até posso fazer, já vi alguns dos guris fazerem isso... Mas não dá. Se tu fizeres, quando menos espera essa vida larga de ti e tu fica sem nada. Essa vida de programa exige um corpo, uma juventude... claro que tem exceções, mas a maioria que tá aqui e faz algum dinheiro é gurizão e fortinho... olha aquele lá do canto... que idade tu achas que ele tem?*

*– Não sei... uns 28 anos?*

*– Não, uns 30 e poucos na verdade. Mas olha o cara, não aparenta... é o cara mais sarado aqui, o rosto tá super lisinho, e tem um pau grande... daí é outra coisa. Mas ele não bebe, não se droga, malha a tarde inteira... daí dá para ir mais tempo.*

*– Mas eu reparei que os guris aqui não são de beber...*

*– Realmente a maioria não bebe aqui... mas a maioria segue de farra na madrugada, com gurias depois... alguns até tem namorada aqui nesses bares e casas de mulheres aqui perto... Tu achas que algum deles tem poupança? Tá pensando no futuro?*

*– Tu estás?*

*– Eu? Para mim é um negócio, não é como para a maioria, que é o pão de cada dia.*

*– E como tu fazes, normalmente?*

*– Eu tenho uns clientes meio fixos, então já venho com tudo acertado, hotel, cachê, horários... então me organizo. E os meus clientes são de confiança e confiam em mim, a gente se conhece... esse que eu estou esperando hoje, por exemplo, às vezes a gente nem transa... a gente vai para o hotel e fica bebendo, conversando e ele usando algumas coisas, até desmaiar.... Às vezes a gente transa uma ou duas vezes... às vezes ele procura algum cara no aplicativo para eu comer e ele assistir... mas eu tenho cabeça, e acho que para ele isso é um diferencial do meu programa... ele quer perder o controle e quer eu eu mantenha. Já poderia ter roubado, enganado, até matado ele se eu fosse bandido... mas ele sabe que eu vou cuidar dele e deixar tudo em ordem. Não sou o cara mais bonito, mais gostosão ou mais pauzudo daqui. Eu, fisicamente estou bem para aqui, mas o meu diferencial mesmo é outro.*

A proposição de que criar encontros no mercado sexual exigiria mais do que um determinado corpo, mas um “estado de corpo”, o qual parecia transversalizar outros elementos. Se por um lado momentos como os desfiles de rapazes seminus me remetiam à explícita mercantilização dos corpos, sincronizada em uma coreografia individual e coletiva de caráter antropofágico, fazendo-me lembrar de uma série de leituras sobre masculinidade que atentavam

tanto para a construção homoerótica do ser homem quanto para a recusa do feminino e o campo de reconhecimento de si (Torrão Filho, 2005), convidava-me a pensar que esse estar no mercado sexual envolvia um modo de operar com o corpo. Nesse aspecto, podemos entender que a construção do corpo (enquanto estética masculinizada, no investimento em músculos, adereços, cortes de cabelo da moda, roupas de grifes específicas), mais comumente presentes no estado da arte sobre prostituição, envolvia uma série de outras dimensões.

Para Tiago, existia uma ligação estreita de uma disciplina corporal, em fazer-se “pegável” (que se dava no *crossfit*, inclusive) com a ideia de “negócio”. Isso não excluía o cultivo das relações que, em uma porosidade estratégica (sustentar a não redução da interação com outro homem no marco do trabalho, ou não cair nas obrigações do amor romântico), mostrava-se uma forma de construir relações em que se podia, até mesmo, performar o “namoradinho”<sup>48</sup> sem o peso da exclusividade. Essas estratégias não eram excludentes e produziam bons encontros que se cultivavam dependendo da disposição a entrar nesses meandros relacionais. Nos casos de “clientela fixa”, não enunciar certas fronteiras e ir aproveitando a opacidade das relações, “ver no que dá”, como haviam me referido, possibilitava uma abertura para uma série de paradoxos criativos, para os corpos habilitados e geridos para tal configuração. Para além de características marcantes no imaginário sobre a prostituição, como corpo atlético ou o tamanho do pênis, todas as demais podem ser geridas, adaptadas e ou acopladas eficazmente em potencialidades que vão do absoluto casual ao fixo.

Estar em uma relação fixa trazia consigo, usualmente, a necessidade de performances especiais de cuidado. Tiago me comentava que, em um de seus encontros, particularmente, “cuidar” e “deixar tudo em ordem” era parte da negociação, mesmo que de forma implícita. Para Tiago, ter uma relação de cuidado com o outro não significava ser submisso a suas vontades. Ter “cabeça”, para ele, parecia justamente um dos elementos que lhe colocavam como alguém propício a essas negociações. Ao longo da nossa conversa, eu observava os trejeitos de Tiago. O cabelo bem penteado, as mãos com alguns calos provenientes do *crossfit*, a escolha da composição no vestir-se. Definitivamente, não parecia um corpo obsoleto, casual: era um corpo cultivado, mas a curva para fora de uma lógica de obsolescência vinha de outro aspecto. Chamava minha atenção a capacidade de, para além do cultivo estético, ser um corpo-circuito-aberto nesse mercado. O desprendimento em escolher, negociar, seduzir, propor encontros.

---

<sup>48</sup>Namoradinho é um termo utilizado no mercado do sexo entre homens para dizer de uma performance próxima dos ícones do amor romântico – ficar de mãos dadas, beijar, fazer carinhos. Esse termo, na minha observação, tem figurado com mais frequência nos últimos anos, em especial na internet, e será discutido no último capítulo desta pesquisa.

Certo ar impetuoso em narrar o que os homens faziam entre si naquele Bar indicando suas melhores escolhas, fazia-me recordar uma frase de Suely Rolnik sobre a antropofagia, algo como “o outro é para ser devorado ou abandonado” (Rolnik, 2008, p. 204).

Esse estado de corpo de Tiago não poderia ser generalizado para os homens que ali estavam. Um corpo pode estar (a)fundado na racionalidade da obsolescência, nas leituras tóxicas que as pessoas podem fazer sobre gênero, sexualidade, raça/etnia, idade, classe, como uma dimensão da experiência social que coaduna memórias não necessariamente libertárias. Mas a disposição desse corpo-pesquisa que eu via em Tiago me ajudava a entender meu processo de construção como *corpo*-pesquisador, variando do investigador-cliente ao investigador-*boy*, enquanto potencialidade. Meu corpo indicava uma série de possibilidades. Ser homem havia tornado minha presença inteligível nos espaços que eu observava, até mesmo digno de boa receptividade – mesmo com os momentos de suspensão que se davam na intromissão mais ou menos sisuda do *rapport* de pesquisa. Alguns medos também figuravam, por exemplo, quando tomado, pelo gerente, como possível representante policial (a sombra das regulações sob a cafetinagem não parecia distante). Desconfortos e descobertas propiciadas pelas oscilações entre a conversa e o flerte. Efeitos de um corpo que lida, em certa medida, com a ambiguidade cliente-profissional e que desponta como experimentação epistemológica: como encarar a potência predatória do meu próprio corpo que esse espaço de negociações me convoca a reconhecer? Uma cena de festa, de casa cheia no Bar, onde a familiaridade e a identificação prévia das pessoas diminuía, ilustra possibilidades de resposta a esse tipo de interpelação metodológica:

O dia deste evento foi o mais frequentado e plural em relação à clientela. Podiam-se encontrar clientes mais jovens, de 30 a 40 anos, ou mais velhos, de 50 a 70 anos. Segundo um garoto com quem eu conversava no momento, essa diversidade de clientes exige que se tenha certa capacidade de escolha mais crítica. Propôs, para me ensinar a lidar com essa temática, que eu escolhesse um possível cliente para mim naquela noite. Após efetuar a minha escolha, sou corrigido: “Não! Esse está acompanhado de um amigo e não parece procurar ninguém hoje, agora estes aqui atrás sim, estão com a mesa cheia de energéticos e não param de caçar<sup>49</sup>”. Indicando-me uma mesa próxima da nossa, na qual três homens bebiam, conversavam e pareciam mais interessados nos homens do ambiente. Soube por meu interlocutor que o consumo de bebidas como *Red Bull* era visto como sinal de ostentação, em função de seu preço elevado – e indicava a possibilidade de clientes com dinheiro disponível (Hamann, 2019)

“Caçar” é um termo muito comum na prostituição de homens em Porto Alegre, como “comer”, que pode remeter a posições binárias vinculadas à atividade/passividade e às

---

<sup>49</sup>“Caçar” é um termo usualmente usado para se referir à sedução ou procura por parceiros.

referências naturalizadas de masculinidade/feminilidade. Esse exercício comunicacional, invocado no termo “caça”, é tomado por Olivar (2010). Em seu trabalho com mulheres que se dedicavam à prostituição em Porto Alegre, o autor discute como se estabelecem as biopolíticas da decência, do trabalho e da cidadania, que se incorporam em formas de estimulação e punição. Recorrendo ao conceito de “predação familiarizante”, articula a produção de subjetividades pela via metafórica da comensalidade. Essa relação atenta para uma compreensão da prostituição como composição de agência, mecanismos de troca, consumo e formas de poder (Olivar, 2010), na qual a “caça” passa a ser vista como um fenômeno para além de uma leitura unilateral e estereotipada.

De forma análoga, as artimanhas relacionadas à identificação de possíveis clientes envolvem uma observação acurada dos garotos sobre o cliente em foco, seu consumo de bebidas, as pessoas com quem está acompanhado e a natureza das relações que esse cliente estabelece com quem está próximo. Formam-se redes de informação entre os garotos, calcadas principalmente sobre o fluxo de pessoas que se repetem nos bares, sobre os clientes nos quais vale a pena investir e em que contexto pode ser necessário investir mais ou menos risco em um determinado programa.

A despeito da disparidade de significados e sentidos atribuídos por garotos/boys e por clientes/entendidos<sup>50</sup> envolvidos sobre essas artimanhas de sedução, uma percepção compartilhada entre os entendidos e clientes é a valorização dos que são “novos”. Esta característica parece intrinsecamente relacionada a uma ideia em quem vale a pena investir por ser portador de certa inocência e integridade (vinculadas também ao exercício de masculinidades compreendidas dentro de uma noção heteronormativa). Esse investimento não se restringe a uma leitura cronológica, na qual a idade seria o atributo principal. Ainda que a idade seja um fator importante, ela parece mais relacionada à possibilidade da ostentação de um corpo vitrine que seja consumível. Homens, cuja idade é superior à maioria, principalmente acima de 30 anos, mas que encarnam esse corpo digno de vitrine, são requisitados, apesar de estarem sujeitos a outros marcadores de diferença e negociação, como cor, escolaridade, situação socioeconômica, tempo de circulação nos espaços (que pode ser vinculado à ideia de periculosidade).

O uso estratégico da idade, da cor e de atributos estéticos e performáticos associáveis à identificação com a pobreza se acopla à ideia de essencialismo estratégico que figura em boa parte da literatura sobre prostituição no Brasil. Ainda que, em um panorama regional, a

---

<sup>50</sup>Entendidos, nesse contexto, é tomado como indica Lacombe (2007) – um modo de compartilhar certos códigos e cumplicidade.

distância da cidade grande pode gerar certas facilidades no processo de negociação do sexo, por exemplo, vir do interior do estado e ser considerado um ‘outsider’. Como me disse um garoto de programa por volta dos seus 30 anos e que havia se mudado há poucos meses para Porto Alegre: *“Quando tu chegas lá eles já sabem que tu és novo. Eles já identificam. Eles já: ‘Ah! gurizinho novo!’ Eles já vêm em cima já.”*. Ser novo parece não se reduzir à presença recente no campo da prostituição nem à idade, mas sim está ligado a uma conjuntura na qual aspectos simbólicos se articulam a determinada possibilidade de agenciamento por uma via “colonial”, de dominação e controle dos marcadores etários, de raça e de classe, em uma (re)atualização do mercado sexual para o “bom selvagem” rousseauiano – essencialmente potente, quando ainda não corrompido pela vida da prostituição.

De outro modo, mas na mesma esteira, performar o cliente “novo” também tem suas especificidades. O reconhecimento praticamente imediato dos garotos de um cliente “novo”, vinculado a uma clientela usual do Bar, mapeia-se também pelo corpo. Certo “trejeito” de garoto de programa e de cliente figura na avaliação dos garotos sobre novas oportunidades. Estar “vestido como cliente” e “com cara de quem tem dinheiro”, como me disse um garoto depois de saber da pesquisa que eu realizava, parece bastante próximo da avaliação pela qual passou outro participante: *“Quando cheguei pensaram que eu era cliente.”*. Os corpos se expressam e nessas expressões, sempre valorativas, conectam-se com os desejos dos diferentes atores nesse cenário.

### 3.2 Por “alianças e contágios”

O trânsito desejante no mercado sexual não é totalmente errático, ainda que não possa ser entendido como linearmente categorizável; parte de suas fronteiras são dadas pela composição de horários e fluxos de atividades organizadas na cidade. Ainda que se tenha uma modificação em termos de tecnologias geolocalizadas, o percurso acompanhado obedece a essas regulações. As saunas funcionam com maior intensidade à tarde, os bares à noite e as festas pela madrugada. Mesmo sob a marcação narrativa de negócio ou de trabalho se coadunam prazeres, muitas vezes, sobressaindo o sexual: contemplam o relacional, estético, social, hedonista.

*- A maioria do que eu faço é sexo mesmo, mas com alguns eu saio na noite, no Ocidente, no Cabaret... tem alguns que gostam de pagar de namorado, outros que gostam de sair para jantar, por exemplo, ou ir para a praia... tudo fica por conta deles e se conversa... Mas eu acho que a minha presença assim, ajuda, né? Daí posso fazer esse tipo de atendimento...*

- *Como assim presença, me explica...*

- *Ah, eu não tenho essa cara de cadeia daqueles dois aí... E acho que por eu ter uma certa instrução, conhecimento... eu consigo fazer coisas, tipo conversar... Mas claro, também me cuido, malho quase todo o dia e sou bem dotado. Sem isso é difícil se manter... boa conversa é um diferencial, mas não é o prato principal.*

Essa não foi a primeira metáfora alimentar que eu ouvi na minha trajetória de pesquisa. A mais comum é sempre ligada à carne, à materialidade do corpo – carne firme, carne nova, carne dura – assim, “prato principal” é mais uma dessas analogias que remetem a certa expressão dos prazeres e certa necessidade de traduzi-los a uma lógica corporal. Além disso, o corpo-cara-de-cadeia também é algo facilmente reconhecível, apontados como aqueles de bonés virados, camisetas surradas, tênis tipo skatista e correntes metálicas; são jovens, magros e negros, assim como são as fotos midiáticas de âmbito policial. Esses corpos-carne-anônima se misturam no ambiente e compõem o caricato quadro de estereótipos de precariedade associado a esses espaços. O “diferencial” de Tiago, nesse contexto, é também racializado, como me apresenta em nosso primeiro contato:

- *E faz tempo que vem aqui?*

- *Uns quatro anos.*

- *E como tu chegou aqui?*

- *Bom, quando eu estava no ensino médio um amigo meu costumava se encontrar com uns tipos mais velhos. A gente sabia que rolavam uns presentes e tal. Ele me apresentou um cara, certa vez, e comecei a ter algum contato. Ele começou a puxar conversas, a mandar mensagens... e eu fui retribuindo... ele era um cara daqui, também jovem, morava sozinho lá... um dia me convidou para passar lá, pegar uns cds... e eu já sabia que era só uma desculpa... daí a gente transou a primeira vez...e logo começamos a nos ver sempre... e daí começaram os presentes, o dinheiro... relógio, perfumes, camisas, hotéis, viagens... um pouco por gostar e um pouco para comprar o meu silêncio.... Daí eu comecei a pedir também... e assim eu acho que comecei... Quando ele saiu da cidade, eu já estava acabado o colégio... ele me falou das saunas e desse bar... um dia, peguei um ônibus e vim, resolvi tentar... e me dei muito bem e não parei mais... Mas sei que isso tem um tempo. A vida de sauna, de bar, querer um corpo, uma energia que a gente não mantém para sempre... Isso de fazer, 3, 4, 5 programas por dia não vão dar para sempre... mesmo quem tem muito gás, mesmo com viagra e tal... isso é de um tempo. Depois tu tens que estar preparado para ter uma cartela de clientes mais estável e organizar a vida para viver diferente. Mas é difícil... eu vejo por esses guris aí: a maioria ganha num final de semana, no início, o que a família ganha num mês, mais ou menos... é um dinheiro que vem “fácil” quando o cara é novo e tá de zoeira... tão aí rindo, de farrá com os amigos...na madrugada vão encontrar as minas e tá tudo bem... elas, na maioria das vezes sabem, inclusive”.*

- *E a tua?*

- *A minha nem sonha... é uma guria muito séria, muito tradicional... nunca entenderia. Iria ter ciúmes, achar que eu sou gay... não ia dar...*

- *E tu, te considera gay?*



– Não... eu gosto do que eu faço mas sou hétero... todo mundo aqui vai te dizer isso... aqui só tem hétero (rindo)... Mas eu sim, sou hétero... Hoje em dia a excitação que eu tenho é muito controlada no programa, nem penso...

– E os clientes?

– Tem de tudo... aqui a maioria é gay, mas alguns até vivem como héteros. Tu vê pela postura, idade, naturalidade com que conversam... a forma que te abordam, que tu estabelece uma relação... Nunca tive cliente exclusivo, por exemplo... mas daí é outra coisa, tu não pode circular por aqui se tem um cliente exclusivo, por que os clientes se conhecem, daqui a pouco um dos guris resolve te dedurar e roubar esse cliente... então é um equilíbrio que precisa ser pensado. Financeiramente não acho que vale à pena..., mas depende... para alguns é um jeito de estar mais tranquilo, eu acho...

– Como assim tranquilo?”

– Bom... de não ter que lidar com muitos pedidos diferentes na hora de transar, de já saber mais ou menos o que o cara gosta, não ter que ficar aqui sempre catando caras novos, e também de ter alguém que te ajude fora daqui... Acho que é isso...

Afecções, encontros e estranhamentos possibilitaram meu (re)encontro com os lugares de pesquisa. Esse espaço que se dava como continuum de práticas não estratificadas de antemão, criando um campo paradoxal, heterogêneo e não delimitável em categorias estanques. Essa fluidez das posições a serem ocupadas me fez atentar para certo cuidado com a comunicação, em função dos usos dos léxicos. Evidente que a construção do campo foi influenciada por um corte proposital entre os sujeitos, que me conduziu a iniciar esta pesquisa a partir de uma rede predominantemente voltada para um público homossexual. Trata-se de uma rede ampla e significativa, mas que não corresponde, por óbvio, a toda complexidade do campo. Havia outros caminhos possíveis a seguir, outras relações para investigar, como a presença das mulheres (cis e trans, esposas/namoradas), ou dos homens que realizavam *shows*, sem necessariamente adentrarem nas mesmas negociações consideradas no campo como prostituição. Entretanto, interessava-me, particularmente, as relações possíveis de se fazerem entre os homens, alianças e formas de contágio que se davam nesse espaço de disputa que era o Bar.

Em um meandro de palavras polissêmicas que o percurso me apresentava, mostrava-se um campo político, pois tensionado entre o afã pela definição de afetos que territorializavam as relações (como noções de amizade, namoro, casamento, conjugalidade), mas, principalmente, a capacidade de suspender uma série de prescrições sobre o que são relações legítimas no marco das dimensões normativas em prol da construção de um corpo possível de se fazer circuito-aberto, conjugável. O caráter corporificado desse pesquisar no mercado do sexo, de modo a apresentar questões a partir do fazer antropofágico (e que não se reduz a uma dualidade de pesquisador vs *boy*, mas sim demonstra como as negociações do sexo podem ser um disparador para a potencialização de um corpo-pesquisa, estando ou não na *pista*).

Nesse percurso, foi possível uma recusa de conhecimentos delineados pela via da representação e da imitação, que nos leva a promessas apaziguadoras, “anestesiando o desconforto, domesticando o estranhamento, apagando seu fogo problematizador” (Rolnik, 1998, p. 7). Essa recusa, em prol de um saber vibrátil, que intervém pelo contágio, faz perceber a singularidade naquilo que é impessoal, em composições que possibilitam experiências por meio de múltiplas conexões. Impessoalidade, pois, nos momentos em que nos deixamos interpelar por aquilo que é novo (que desestabiliza e instaura a criação de outro corpo) somos convocados a produzir estados inéditos (outras formas de pensar, sentir, não restritas a uma identidade, ou categoria social). Esses estados de deslocamento em que se inscrevem composições que vão se delineando pela via da diferença, fazem o olhar em pesquisa conduzir-se para fora do individual, rumo a uma “memória de marcas” (p. 4), uma forma de trabalho com o pensamento em que “o que vem primeiro é a capacidade de se deixar violentar pelas marcas, o que nada tem a ver com subjetivo ou individual, pois ao contrário, as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro (Rolnik, 1998, p. 5).

Parece-me que essa descrição acerca de um modo de vida antropofágico se compõe intimamente com as relações que estabeleci enquanto me engajava nos territórios do mercado sexual entre homens. As relações que construí e que pude observar se expressavam instáveis em uma série de tensões entre estereótipos sociais (marcas que, nesse caso, constituíam lugares tóxicos para se ancorar) e uma multiplicidade de conexões possíveis fora desse plano estéril. Do que se espera de um homem nas negociações do mercado sexual, expectativa daquele que deveria operar pela via do cálculo racional (utilitarista, liberal, identitário) e da cafetinagem afetiva (no dramático do amor romântico), eu percebia despontar também uma capacidade erótica de evidenciar as potências predatórias – antropofágicas – da fruição do próprio sexo (formas de gozo<sup>51</sup>, de dispêndio disso que deveria ser voltado exclusivamente para a produção) e de trânsitos de desejo.

Essas relações que criavam corpo nos interstícios (espaços relacionais que não se reduzem às leituras estereotipadas) são uma afronta às instituições, como casamento, trabalho e amor – lugares em que tradicionalmente se deve honrar o limite agônico que separa corpo sexuado, produção de desejo – aspectos que, numa moralidade moderna, consideraríamos “coerente” apartar. Foi nesses lugares de passagem que pude perceber uma potência antropofágica latente entre os homens, como uma “afirmação irreverente da mistura que não

---

<sup>51</sup>Para Bataille, gozo não é equivalente a prazer. É algo que não se enreda em marcações sociais delimitadas, mas que se faz em uma relação de dispêndio (ou seja, fora da marca utilitarista ou funcional).

respeita qualquer hierarquia cultural a priori” (Rolnik, 1993). Aconteceu, nesse sentido, certo (re)conhecimento, a partir dos sujeitos com os quais me encontrei, de um *devir* ocupado por nós, uma disposição a transitar (desterritorializar-se) tanto no campo geográfico como nas paisagens existenciais que se expressavam. Certa disposição (corporalizada) de se fazer imagem-opaca diante dos estriamentos do trabalho, amor, família e, também, da pesquisa acadêmica, absorvendo de maneira propositiva nossas diferenças.

Inspirado por essa possibilidade de não estabelecer um *a priori* – (des)caminhando-se da interpretação do que fazem os homens como aquilo que, para herdeiros e herdeiras da modernidade, é um problema relacional – que constituí o percurso dessa pesquisa. Essas expressões me interessam, pois se recusam a serem capturadas por leituras generalistas e depreciativas (derivada de um maquinário social que promove dicotomizações entre bons/maus em prol da estabilização das identidades dos cidadãos-de-bem<sup>52</sup>), possibilitando olhar para a condição errática do que os homens fazem nas tramas do mercado sexual e da condição de eu também ocupar lugares nesse fluxo de relações. Evidente que, sendo meu protagonismo o de pesquisador, não tenho a pretensão de me colocar como vítima das dores, estereótipos e precariedades de quem tem por seu fazer as negociações no mercado sexual. Entretanto, seria mais do que uma omissão deixar de atentar para o fato de que esses homens, com os quais me encontrei, efetivamente me ensinaram a pesquisar nessas tramas.

Outros desejos se expressaram e questionaram comigo as normas e obviedades das posições estereotipadas e romantizadas. Francisco, um *boy* que se agenciava por aplicativos de relacionamento, por exemplo, além de ter sido um dos poucos a indicar o quanto a performance *boy* lhe satisfazia sexualmente – foi dos únicos que se apresentaram assumidamente não heterossexuais –, também contou de outros agenciamentos de seu desejo pela via da prostituição: sentir prazer em sair por locais badalados, bons restaurantes, bons lençóis e toalhas e até o tato com o dinheiro pago pelo programa, excitavam-lhe para além da fronteira do profissional, mesmo quando não o planejava.

Se essas relações se encontram imersas em emaranhados de nós e linhas, neste escrito, o trabalho emerge, portanto, como forma de rastro. Busca-se estabelecer contrastes, identificar similitudes, mas principalmente elencar eixos em um campo fluido e, em constante disputa, cuja potência se efetiva *com* os sujeitos. Para isso, a implicação se torna fundamental, próprio

---

<sup>52</sup>A despeito da suposta relação de estrangeirismo dos bons-cidadãos em relação aos fazeres da prostituição, vemos que se trata de uma retórica vazia. A prostituição se instaura também como manutenção da lógica familista patriarcal, por exemplo. Ao que poderíamos responder, a partir de Larrosa (2002): “quizás los extranjeros no sean sino los otros en relación a los que nosotros estamos empezando a fabricar una imagen de nosotros mismos, de nuestra cultura y de nuestra casa en la que podamos reconocernos”.

percurso de pesquisa, possibilitando a constatação de diferenças e espaços existenciais, implicação que se fazem no trânsito do pesquisar e, por isso, as discussões de localização, singularização do percurso (Haraway, 1995) passam a figurar como estratégias de (re)conhecimento.

Nesse processo antropofágico que fui convocado a realizar, por certa aproximação com os homens no mercado do sexo e com o plano epistêmico da cartografia, fazer aparecer objetos e mapear campos de força é, também, materialmente partilhar de um espaço de disputa. O que meu percurso com os homens na prostituição me mostrou foi que transitar pelos espaços do mercado sexual era ter a prostituição como espécie de sistema incorporativo – no qual pesquisar era lidar com virtualidades como as de *boy* e cliente.

#### 4. Pedagogias da prostituição entre homens

O presente capítulo propõe uma reflexão sobre a complexa composição de práticas de gestão das atividades (as formas de ‘se fazer’, de aprender) *na* e *com* a prostituição entre homens. Nesse plano analítico, a aprendizagem é tomada como algo que se dá na produção de subjetividades, compostas daquilo que é o diferencial dos sujeitos e o diferencial dos objetos de seus fazeres. Em outras palavras, aqui a aprendizagem não é tomada como a relação de um sujeito com objetos fora de si, mas sim no exercício desestabilizador de “diferenciação mútua, em que tem lugar a invenção de si e do mundo” (Kastrup, 2001, p. 20). Esse processo é possível pois se fazem presente uma série de estratégias pedagógicas na prostituição entre homens – que está intrinsecamente relacionada aos contextos geográficos e sociais da cidade. Apesar de suas especificidades (na rua, em bares, saunas e até ambientes *on-line*), vemos que existe um intenso trabalho de aprendizagem/apropriação/modulação para os homens que, radicalmente, contradiz o discurso dos fazeres no campo da intersecção sexualidade/economia como ‘venda do próprio corpo’ ou ‘dominação’.

Nesses processos, que exigem uma disposição para penetrações entre corpos, sejam eles “físicos, biológicos, psíquicos, sociais, verbais” (Deleuze & Parnet, 1998) se movimentam uma série de políticas de gênero e sexualidade, performatividades que não se desvinculam de marcas sociais, mas paradoxalmente escorregam por elas, criam coisas outras e deflagram certa ficção como instância inerente a sua existência. Por isso, e considerando os silenciamentos que podem ocorrer na pungente criação de regulações dos sexos/gêneros/erotismos nas negociações do mercado do sexo entre homens, procura-se destacar algumas questões relativas à produção de fazeres sexuais situados em ambientes direcionados para consumo sexual masculino, como ficções estrategicamente articuladas a exercícios de masculinidade, numa conjunção que se faz possível a partir de “fiadores” humanos e não humanos e que (re)produz um sistema capitalista.

Reiterando que os fazeres associados às negociações de sexo entre homens (e, aqui, especialmente suas pedagogias) estão historicamente sob forte caráter regulador e normativo (incidindo na própria possibilidade de circulação e existência pelos espaços citadinos), um *locus* privilegiado para a análise de práticas pedagógicas dessa natureza são a singularidade de territórios em Porto Alegre nos quais a prostituição entre homens pode se territorializar. Portanto, iniciamos aqui a apresentação de alguns desses espaços e das trocas pedagógicas rastreadas que, com seus códigos e fazeres específicos, mostram relações singulares na rua, no bar e nas saunas.

Esses ambientes, ao passo que possibilitam um mapear de estratégias pedagógicas que fazem dos homens que lhe frequentam potenciais *experts* no trabalho sexual, também explicitam a incidência do dispositivo da sexualidade como elemento fundamental na gestão das relações, dos usos dos espaços e tempos na cidade. Considerando o dispositivo da sexualidade como a rede que compõe um conjunto heterogêneo de elementos (discursos, organizações, instituições, leis, moralidades) (Foucault, 1988), as pedagogias da prostituição entre homens – com suas incitações, indicações estratégicas, censuras, proibições – mostram a importância da engrenagem discursiva que coloca o sexo e suas negociações em discurso. Pensando, portanto, nas maneiras como o dispositivo da sexualidade penetra pelos espaços de prostituição e como se agenciam estratégias pedagógicas nas suas tramas, iniciamos esse trânsito pela José Bonifácio, um espaço fundamental no imaginário sobre a prostituição exercida por homens em Porto Alegre.

Como anteriormente elencado, esta avenida coadunando-se a uma rede de caminhos investidos de erotismo e sexualidade por outro lugar com o qual marca fronteira: o Parque da Redenção (oficialmente, Parque Farroupilha). A geografia sexual do Parque se faz em fronteiras funcionais, potencializando áreas indicadas, algumas vezes, por objetos arquitetônicos ou referências naturais, como vegetações específicas em um reconhecido espaço de *cruising*<sup>53</sup> da cidade, por exemplo: espaços associados ao trabalho sexual de mulheres trans e travestis, tradicionalmente circunscrevendo o lago do parque; caminhos arborizados utilizados para *pegação*<sup>54</sup>, especialmente entre homens; ou mesmo locais nos quais essas *pegações* acontecem em grupo – indicadas por interlocutores como não monetarizadas, como nos bambuzais próximos à área de estética oriental no Parque<sup>55</sup>. Essa geografia diz de um campo de práticas sensíveis a expressões de sexualidade e a uma série de estratégias de composição entre homens. Transitar por essa geografia envolve determinados conhecimentos, habilidades, práticas que vão sendo apropriadas com tempo e experiência – um trânsito entre entendidos.

Esse aspecto, do *como* transitar, aponta ao fato de ser não somente a geografia (*stricto sensu*) o constituinte da experiência de entendido no Parque da Redenção. A prática da *pegação*

---

<sup>53</sup>*Cruising* se refere ao ato de ir a um local para realizar paquera, namoro, sexo e formas de insinuação com pessoas desconhecidas, comumente entre homens, nos chamados espaços de *pegação*, sexo pode ser a finalidade imediata para a grande maioria.

<sup>54</sup> Termo êmico relacionado à prática sexual em espaços públicos, equivalente ao *cruising*.

<sup>55</sup> Os jardins Alpino, Europeu e Oriental do Parque, ultrapassam as funções provavelmente pensadas em 1941 (data de sua inauguração) e nos fins de tarde e noites são locais de experiência homoerótica. Esses jardins fazem parte de uma área de *pegação* que se estende pelo Parque, contemplando também a área fechada por árvores do outro lado do local, entre o Monumento ao Expedicionário e a Rua José Bonifácio. Não parece por acaso que a Rua José Bonifácio abrigue, entre seus diversos usos, também o fazer de homens na prostituição. Essa relação de proximidade e flerte entre espaços de *pegação* e prostituição já foi alvo de considerações em estudos (Green, 2000; Perlongher, 2008) e interpretado como uma conjuntura na qual potencializaria o exercício erótico (Teixeira, 2011).

envolve certa postura investigativa: a escolha das condições apropriadas (finais de dia, climatologia amena e encerramentos de eventos, como jogos de futebol, espetáculos são ótimos indicativos); o desenvolvimento de um olhar periférico (atentar para áreas protegidas pelas sombras da vegetação, para certos pontos arquitetônicos); a composição de um corpo apropriado (utilização de roupas que se camuflam mais facilmente com a vegetação); gestão de riscos (fazer o percurso acompanhado ou selecionar espaços menos perigosos, quando sozinho). A demanda de saberes e práticas para um circuito que potencialize encontros em uma gestão segura de riscos não se dá, nesse sentido, unicamente marcada pelo espaço geográfico. A geografia do Parque permite a agência dos sujeitos que, por meio de uma série de composições, constituem o território de *cruising* de excelência em Porto Alegre.

Entrar nesse percurso de entendidos é possível pela via da informação entre pares – em uma rede que se desenha historicamente na cena da cidade (conversas em festas, bares, banheiros públicos, mídias) ou experiências entre conhecidos (amigos, companheiros) – assim como se dá enquanto espaço aberto para transeuntes que se deparam com a possibilidade de intercuro sexual. O comportamento, em geral, envolve um percorrer silencioso em busca de um parceiro que desperte interesse, ainda que as negociações não precisem ser tímidas, conforme as possibilidades ambientais (menos fluxo de pessoas e de exposição).

Esses elementos, aparentemente periféricos à prostituição exercida por homens, indicam aproximações quando pensamos em dois aspectos, um mais operacional e outro conceitual. Operacionalmente, a utilização da José Bonifácio como espaço de trabalho sexual se deu tradicionalmente vinculada ao fluxo de homens na Redenção, constituindo um contingente de sujeitos que transita entre o Parque e a rua. Por outro lado, esse contexto estratégico que compõe um *como* transitar no território das trocas sexuais entre homens, mostra que a noção de território se dá enquanto conjunção de elementos físicos, mas também de funcionalidade sociocultural, historicamente aprendidos, criando marcadores mais amplos que uma noção tradicional de geografia física. Nesse sentido, tomo a ilustração do Parque e suas imediações para o território das práticas sexuais entre homens como uma alegoria da singularidade desse território, que marca os fazeres e, especialmente, o imaginário da prostituição exercida por homens em Porto Alegre, (guarda diferenças quando pensamos em espaços fechados ou mídias digitais, por exemplo). Implicam-se contrastes substanciais, nos quais a aprendizagem, a constituição de certa *expertise* que possibilita um adequado transitar, constitui-se em uma rede de elementos mutáveis<sup>56</sup> e alicerçados em relações pautadas por processos pedagógicos de iniciação.

---

<sup>56</sup>Tomemos, por exemplo, a substancial diferença que envolve questões de sigilo: cada território relacional seja ele concreto (como as ruas, bares e saunas) ou digital (mídias como sites voltadas para prostituição, ou aplicativos

Assim como no exemplo indicado, em que figuram recursos de aprendizagem para os adeptos do *cruising*, concreto ou digital na cidade, os agenciamentos pela prostituição nesse território também demanda saberes e práticas singulares. Essa perspectiva de entendimento da sociabilidade sexual entre homens *com* a prostituição, envolve uma leitura localizada do que se compreende por território, assim como uma leitura específica do que se compreende como *expertise* para um trânsito mais seguro, seja para *boys*, seja para clientes. Na presente análise, a noção de território se coaduna a uma série de elementos geográficos, relacionais e experienciais construídos em décadas de exercício marginal da sexualidade e com processualidades próprias de transmissão desses saberes – dos mais *experts* (ou “entendidos” como se costumava dizer) aos menos iniciados. A noção de *expertise* se compõe como um exercício sobre si mesmo, que se faz indissociável de certo aspecto pedagógico, presente de maneira explícita e peculiar no contexto do trabalho sexual entre homens. Nesse sentido, presentes as devidas condições (geográficas, tecnológicas, relacionais), a pedagogia entre homens na prostituição (com seus saberes, estratégias, artimanhas) se desenvolve e potencializa trânsitos específicos, tanto nessa geografia, como no exercício social da sexualidade entre homens.

É no transitar também pelas narrativas sobre os diferentes percursos na prostituição de/entre/para homens que se observam os exercícios sobre si mesmo e os meandros pedagógicos que as compõem. É o caso que ilustro na história de Ezequiel, que exercia ainda saberes cultivados em décadas como profissional do sexo, transitando por espaços como a José Bonifácio<sup>57</sup> e suas imediações: casas de prostituição masculina e, especialmente danceterias, bares e casas de *swing*<sup>58</sup> em Porto Alegre. Numa economia dos fazeres, narrada com cuidado e atenção, descrevia para mim, em uma entrevista iniciada em um supermercado – onde sugeriu o encontro – o que considerava os limiares essenciais a serem atribuídos ao trabalho. Referindo-se ao próprio fazer como o de “acompanhante”, tomava o exercício delicado de “medir as palavras”. Esse aspecto (que eu via operar no transcorrer da entrevista) era explicado como importante forma de manutenção de uma rede personalizada de contatos, como forma de análise

---

geolocalizados) demandarão noções e estratégias específicas. Não se defende aqui uma suposta dicotomia entre *online* e *offline*, entretanto, cabe apontar a singularidade de estratégias, conforme a materialidade e disposição tecnológica – aspecto que será trabalhado ao longo do texto.

<sup>57</sup>A quantidade de homens na José Bonifácio muda drasticamente, segundo relatos que comparam a década de 1980 com a atualidade. Esse espaço, antes frequentado por grupos que se estendiam até a Avenida Osvaldo Aranha, atualmente é rarefeito em termos de trabalho sexual. Entre elementos que são indicados por interlocutores como motivos para o esvaziamento estão a sensação (e constatação) de insegurança – presentes nas “batidas policiais” e nos conflitos entre si –, assim como de uma clientela potencial que passa a migrar para locais fechados e atendimentos domiciliares (aspecto relacionado ao uso dos classificados de jornais).

<sup>58</sup>Empreendimentos voltados para práticas como “troca de casais”. Em geral, estão associados a uma série de normas relacionadas ao convívio nos ambientes e nas negociações para intercuro sexual entre casais.



do grau de intimidade com que se devia dedicar/permitir aos e às clientes, assim como elemento que constituía a negociação das práticas em um fazer sexual profissional adequado para si e para as demais pessoas implicadas.

Ezequiel operava, ao longo de sua história, como o personagem com o qual se punha nessa cena: o “profissional” – palavra que é escolhida e reiterada quando dizia da nomeação de seu fazer, uma construção importante de fronteiras e possibilidades que convinham ao “trabalho sexual” – em contraponto aos que se identificam como aventureiros nesse campo, os “picaretas”. Esse termo, picareta, opera no léxico local como alusivo aos trabalhadores de fazeres pouco qualificados ou, mais comumente, a trabalhadores pouco dedicados ou implicados, pouco profissionais ou sem a formação necessária para o exercício laboral a que se propõem. Talvez a raiz desse termo se deva aos trabalhos de picaretas, trabalhos braçais de base da construção civil, pública ou privada que costumavam ser as portas de entrada de trabalhadores pouco qualificados no mercado de trabalho (no caso local, particularmente jovens, negros, migrantes e imigrantes tinham a primazia dessas estreias laborais na história da cidade).

Ezequiel é um homem negro<sup>59</sup>, de família religiosa cristã, que iniciou sua vivência como profissional do sexo na década de 1980, ainda como soldado do Exército Brasileiro, na Rua José Bonifácio e nas imediações que já apresentei neste capítulo. Nessa rua no coração boêmio da cidade, era onde se engendraram vivências com maiores ou menores semelhanças de vários jovens que compartilhavam elementos identitários importantes – militares, jovens, sujeitos às intervenções da Polícia ou das “enganações e trapaças” típicas do cenário citadino da JB. “Éramos dezenas, os quartéis pipocavam”, lembrou Ezequiel. Interessante ressaltar que, nessa centralidade geográfica e simbólica da rua, funcionava e ainda funciona o Colégio Militar de Porto Alegre, imponente edifício neoclássico que, desde o século XIX, albergou em suas salas a sede dos presidentes da República que governaram o país. Além do Colégio, situa-se nas proximidades da rua Vieira de Castro, a 1ª Companhia de Guarda da Polícia do Exército, onde serviu o entrevistado.

---

<sup>59</sup>Nas narrativas de Ezequiel, ele reitera o reconhecimento de seu corpo como detentor de uma “juventude inerente a pessoas negras”, associando a procura de clientes por certo *ethos* de sexualidade e virilidade. Esse reconhecimento dá indícios das possibilidades de agenciamento em relação a um marcador social de diferença étnico-racial. Cabe elencar que na tessitura discursiva em que a narrativa de Ezequiel se faz possível, que inscreve o homem negro em uma intersecção de potência sexual animalésca, permissividade, promiscuidade, vinculada a uma memória colonial racista (Munanga, 1986), da negritude circunscrita numa disposição heterossexual, representativa de força física e agressividade (Lima & Cerqueira, 2007), Ezequiel opera uma forma estratégica de utilização dessas marcações.

A partir dessa conjuntura, que deu condições para a vivência no trabalho sexual, Ezequiel nomeava o campo relacional experienciado em sua sintética caracterização (a coabitação entre “profissionais” e “picaretas”). Profissionais, como ele definia, seriam munidos de uma escuta cuidadosa, cultivada com o tempo e destinada ao atendimento apropriado da clientela, baseados no preço justo dos serviços prestados. Picaretas, aqueles voltados para a utilização deletéria da figura profissional, na forma do roubo, assalto e extorsão. A trajetória de Ezequiel, além de nos permitir destacar a nomeação e o campo moral do que seria adequado ao trabalho sexual, também guarda outros aspectos. Nesse campo de atividade, dizia ser possível produzir seu “bem-estar”, sentir-se “desejado”, “saudável”, não dependia economicamente desse fazer, pois era servidor público federal, em uma atividade que, segundo ele, é de apoio administrativo, burocrática e repetitiva e que não o estimulava.

Seu trabalho como acompanhante, como um lugar de produção de si enquanto “profissional”, colocava em perspectiva um espaço de práticas singulares – um conjunto de saberes e fazeres efeitos de aprendizagem que permitiu um olhar sobre si mesmo. Produzir-se ( másculo, musculoso, interessante, atencioso, sedutor, em suas palavras), circular por espaços estratégicos (inicialmente o *trottoir* da rua, posteriormente os anúncios na mídia impressa e, finalmente, a agenda de trabalho em bares/domicílios/hotéis/motéis), abordar a clientela (ressaltando seus “pontos fortes”, fazendo operar sua escuta profissional), foram exercícios que se deram no cultivo, numa aprendizagem tomada como algo que se dava em um plano múltiplo. Em outras palavras, Ezequiel operava um exercício desestabilizador de “diferenciação mútua, em que tem lugar a invenção de si e do mundo” (Kastrup, 2001, p. 20).

Esse aprender, iniciado por Ezequiel ainda em seu período de conscrito militar, foi calcado numa diferenciação dos *outros* foi o que permitiu a ele uma forma de (re)invenção de si e do mundo, porque teve uma série de transversalidades como condições de existência. Além das informações recebidas por conscritos mais experientes sobre as sutilezas desse fazer às vistas de um regime disciplinar repressor, a inscrição de um corpo possível à prostituição, um corpo com o qual Ezequiel aprendeu a “escutar”, constituiu-se com o tempo e com a prática em um ponto que o entrevistado julga central na caracterização de seu fazer. Além do corpo, o preparo intelectual, destaca ele, desde levar seus e suas clientes para passear, encontrar casais e homens em locais de diversão, ou mesmo no intercuro sexual, compunha um “saber escutar” – atributo cultivado em conversas, trocas de informação, dicas com outros homens na JB, na prática com as pessoas que procuravam seus serviços – que lhe garantiu uma rede ampla de contatos e clientela frequente. Como prática no campo de trabalho, o “saber escutar” compunha um olhar mais acurado tanto para as demandas emocionais de quem atendia – indicadas, por

vezes, como momentos nos quais clientes “só querem falar” – como, de outra forma, uma imprescindível sensibilidade relacionada ao tipo de prática sexual a ser negociada. *“Eu entendi que no meio daquele mar de caras loucos para ganhar uns trocados, o meu diferencial teria que ser a ‘cabeça’. Eu não era o mais bonito, não era o mais forte, o mais dotado, o mais jovem. O diferencial do meu trabalho tinha que ser na relação. Um trabalho pela relação, pelo momento todo”*, afirmava Ezequiel.

Segundo Ezequiel, sua formação familiar, escolar e militar foram fundamentais para o desenvolvimento dessas ponderadas estratégias de ação e reação no campo das negociações: saber ouvir, desenvolver uma postura tranquila, respeitosa, cordial em público, ter assuntos de conversação, mostrar-se uma companhia que não explicita a todos, de imediato, qual é o contrato com aquele cliente ou casal. Além disso, essa postura não excluía o saber “tomar as rédeas da situação”, definido como processo não só no campo do diálogo, mas também dos intercursos sexuais, quando se espera um homem de “atitude, macho”. Nessa esteira, o bom profissional se colocava, para Ezequiel, numa abertura para negociações que não prescindem de uma economia do desejo: *“Não faço oral em homem nem em mulher, não gosto... Também sempre tenho cuidado com pedidos violentos, esses de amarrar, de bater, a gente escuta muitas histórias e tem que ter cuidado”*.

O rastro biográfico que Ezequiel explicita, que fala sobre corpos, práticas, léxicos da prostituição entre homens com o passar dos anos, não dissocia a trajetória pessoal de um cultivo coletivo, toma o corpo numa série de saberes constituídos em rede. Destaca-se que desse campo de construção de saberes, na conjuntura da década de 1980, a rua é o espaço fundamental. É nela que se encontravam “dezenas de homens”, transitando entre si em movimentos de conflito (competição por espaço, discussões sobre as condutas que poderiam afastar a clientela) e coalisões (como que se faz uma escuta apropriada de clientes, como se produz um corpo que transite em modo vitrine, como se desvia da clientela perigosa ou enganadora, que se apropria do trabalho de artesanato do “bom profissional” sem manter o pacto do pagamento).

Na rua, para Ezequiel, dois movimentos se mostravam importantes, hoje borrados nesse campo de fazeres. O primeiro, seria (re)conhecer os clientes, o que, naquele contexto, era possível pela frequência ou recorrência da procura, pela informação de companheiros mais experientes e pela observação do que acontecia na extensão da JB, o parque, bares e casas noturnas de suas imediações. Analisar com cuidado o “perfil” de clientela para quem dedicaria seu trabalho (carro e estética corporal, como indicações econômicas apropriadas a uma negociação mais lucrativa ou mesmo a tranquilidade na hora do pagamento). O segundo era o

cultivo de uma postura, cuja cordialidade social também era considerada atributo de maior segurança e prazer no processo de contratação dos serviços.

Em narrativas e testemunhos como os de Ezequiel, ao longo do processo de pesquisa, diferentes homens indicaram espaços de prostituição como territórios que convocam formas de aprendizagem/sociabilidade específicos, o que nos possibilita explicitar alguns pontos transversais que permitem inserção, manutenção ou fechamento de possibilidades de vida no trabalho sexual. Nesse processo, esse campo de produção, intitulado pedagógico, poderia ser tomado como um emaranhado de tecnologias sistemáticas de ensino aprendizagem, elementos que envolvem o *como* se fazer sujeito possível no percurso em prostituição, *como* adentrar nos espaços, *como* manter-se diante das estratégias de avaliação e escrutínio dos ambientes de trabalho sexual, e *como* estabelecer uma economia das relações que envolva uma gestão estratégica das emoções<sup>60</sup> e graus de intimidade (complexificando dramaticamente os arranjos relacionais). A partir do relato de Ezequiel, surgem questões sobre como cultivar, afinal, *expertise* na prostituição entre homens, para além da JB e do Parque, mas em espaços geograficamente já demarcados para a prostituição entre homens. Nesses locais, o “engano” ou a ignorância sobre fazeres e saberes necessários não cabem, ou ao menos não possibilitam a permanência. Adotando essa perspectiva, desenvolvo essa seção mapeando esses processos, valendo-me das narrativas, entrevistas e observações desse campo durante a pesquisa: como entrar, como manter-se, como transitar e sair de maneira estratégica no mercado do sexo entre/para/com outros homens no contexto de Porto Alegre.

#### 4.1 Como entrar

Enquanto tecnologia de ensino/aprendizagem, toda pedagogia supõe uma sistematização de processos relacionais, entre pessoas, com objetos, saberes e fazeres específicos. Nesse sentido, dedicar-se a pensar como chegam, como entram, em quais espaços e quais as formas de seleção para circular, ou seja, o que faz desses sujeitos possíveis na prostituição, pode-se entender que constitui um sistema pedagógico. Tal como opera em outros âmbitos sociais, a pedagogia da prostituição implica em processos de iniciação, de inscrição,

---

<sup>60</sup>Esse parece ser um aspecto transversal (ainda que se guarde certa singularidade em termos de gênero) na prostituição entre homens e mulheres. Na prostituição exercida por mulheres, o “trabalho emocional” (Hochschild, 1983) tem sido elencado como condição importante do bom desempenho na atividade, seja pela via da adaptação das expressões de desejo, na modulação dos sentimentos para a realização de uma performance considerada potente e no exercício de tornar as atividades mais suportáveis – por exemplo, na tentativa de neutralizar o nojo ou estimular sensações de carinho (Joseph & Black, 2012).

de cultivo, de avaliação, de conduta. Ainda que não se entendam tais caminhos como lineares – muito pelo contrário – organiza-se aqui uma análise sobre alguns desses processos pedagógicos que envolvem clientes/*boys*/gestores de bares e saunas onde ocorre a prostituição entre homens, assim como caracterizações da pedagogia da prostituição em territórios não tão materializados geograficamente, como a prostituição que se constitui com *sites* e aplicativos.

O ponto de partida dessa análise é inscrição/iniciação nesse campo. Ainda que existam processos de publicização e divulgação desses espaços como possibilidades para o sexo entre homens, os processos de inscrição são mais amplos, compondo caminhos que possibilitam diferentes vivências de ingresso. Uma das formas mais características de entrada nos espaços de prostituição foi a indicação, uma estratégia compartilhada (em menor ou maior escala) tanto por *boys* como por clientes. Essa “indicação” é um dos marcadores possíveis de iniciação, uma vez que nos referimos às práticas que, além de moralmente atacadas, flertam em vários momentos com fazeres (e prazeres) ilícitos.

Muitos dos *boys* e dos clientes chegam aos espaços de prostituição por indicação de pessoas próximas e, em diferentes contratações, mais ou menos explícitas. Exemplo disso é o que relatou André, 58 anos, frequentador de uma das saunas visitadas, servidor público do judiciário, negro, divorciado e morador de uma cidade do interior, com distância de 60 quilômetros de Porto Alegre. André relatava que, quando tinha vinte e poucos anos, veio estudar na capital e descobriu a primeira sauna por intermédio de um anúncio de classificados em um jornal. Na época, como ainda hoje, a vivência de sua homossexualidade não era compartilhada com colegas e familiares. A sauna então, na época, aparentava ser a única possibilidade de exercício “privado”, sigiloso, de sua vida sexual.

Segundo André, seu início foi caracterizado por muita ansiedade, pois “não sabia como fazer”, como escolher companhia, como combinar pagamento, o que compartilhar, como se portar diante, por exemplo, da publicização da própria nudez. Segundo ele, foi se aproximando e observando os demais clientes, a maioria mais velhos, o que teria feito com que logo se tornasse alvo de atenção dos *boys*. Como referia: “aqui gente nova sempre é bem avaliada, né? Por todo mundo... e não é só a beleza, só o corpo... tem a ver também com a malandragem das pessoas... o quanto dá para conseguir de alguém menos espertinho...”. Por meio da observação dos clientes mais experientes, aprendeu a negociar, a barganhar, quando pagar uma bebida, um lanche e/ou quando ceder e se deixar levar pelos pedidos de *boy* que “vale à pena”.

Júlio, por sua vez, outro cliente de mesma faixa etária, branco, profissional liberal da área da saúde, esguio, casado e com três filhos, comenta que frequentava o espaço há mais de 20 anos e seria conhecido como bom cliente, tanto para a casa (uma vez que gosta de sentar,

beber e conversar bastante antes de pagar por um quarto), como na negociação com os *boys*. Entre eles avalia ter boa reputação, afinal “quem quer ser bem tratado, tem que tratar bem, né? Serviço de primeira custa...”.

É importante, de toda forma, ressaltar que essas estratégias colocadas em ação por André e Júlio são desenhadas em vista do plano material da sauna. Nesses espaços, o uso de toalha (seu tamanho, forma de amarrar na cintura, que pode indicar a prática sexual de preferência), chinelos e uma comanda para consumo (utilizada como pulseira, ou tornozeleira, visto que comumente é uma pequena placa com numeração em um elástico) é usual. Em geral, uma recepção para cadastro, na qual lhe é alcançada a comanda, é seguida de uma distribuição de toalhas e chinelos numa antessala. Um vestiário, posteriormente, é esperado – onde já começam os olhares e a análise de possíveis parcerias sexuais. Algumas “casas”, como uma das que utilizo para apresentar os elementos discutidos neste capítulo, criam um vestiário específico para clientes e outro para *boys*. Entretanto, mesmo com essa convocação arquitetônica a ocupar lugares separados, apresentam-se algumas porosidades.

Entre os clientes, transitar da posição de quem ‘contrata’ para um ‘contratado’, é uma possibilidade – especialmente para os que possuem atributos identificados com a juventude. Nesse contato inicial, a condição corporal é particularmente importante. A exposição do corpo pode indicar uma série de percursos, por exemplo, por meio de diferenças de cor (clientes brancos são majoritários), gênero (em expressões consideradas mais ou menos masculinas, mais ou menos femininas), idade (num corpo considerado assertivo à prerrogativa de potência juvenil). Esses elementos se compõem de maneira conjuntural, de modo que mesmo entre sujeitos localizados em um vestiário arquitetado para clientes, o marcador social etário ou físico, por exemplo, pode produzir deslocamentos, como os que aconteciam mesmo quando eu circulava em espaços destinados a clientes, e era interpelado como possível garoto de programa.

Nesse sentido, ainda que a arquitetura estabelecesse certas possibilidades de familiarização com o território, ela se via articulada a outros elementos. O aspecto etário e a aproximação da minha figura mais ao que se imaginava como atributos de *boy* (dentro de uma noção de juventude, por exemplo), tornou o campo, durante um bom período, um processo com certa tensão: o que aquele corpo interpelava e que tipo de negociação poderia vir por trás de uma inscrição – pesquisador – que não se enquadra nos polos clássicos de cliente/*boy*? Ainda que essa dimensão etária fosse estratégica, já que me permitia transitar por espaços e ter acesso às narrativas por parte dos homens do local, demandava-me um exercício de negociação da categoria pesquisador, ainda não inscrita nas categorias relacionais daqueles territórios. Por um lado, existia a possibilidade de me acoplar aos *garotos* jovens que ficavam, principalmente,

cooptando possíveis clientes na entrada da sauna, que eram enunciadas por perguntas como: *E aí? Cliente ou boy?* Esse tipo de pergunta me inscrevia na instabilidade do trânsito, da incerteza: talvez muito jovem para ser cliente, talvez muito velho para ser *boy*, mas podendo ser acoplável a ambas as categorias, dependendo de como me apresentasse, de como agisse e do que meus interlocutores quisessem ou soubessem sobre mim. Essa dimensão que só a adesão aos códigos de conduta poderia explicitar me manteve com algum estranhamento ao longo dos percursos pelas saunas e bares.

Transitar entre os homens considerados clientes em potencial, por outro lado, me colocava constantemente em situações nas quais eu tinha que (re)demarcar o lugar de pesquisador, ou deixar subentendida minha circulação como cliente, que parecia mais inteligível para alguém que não se identificava como *boy*. Esse aspecto se mostrava mais ou menos agudo, conforme a situação. Em uma das tardes na sauna, por exemplo, fui interpelado por um dos frequentadores. Ele me argumentava que conhecia as particularidades do mundo acadêmico, e especificamente, enfatizava que as bolsas de estudo disponibilizavam valores baixos. Propôs-me, nesse sentido, que eu viajasse com ele para o interior do estado, para aproveitar o tempo juntos e assim eu ganharia “uma graninha”, uma ajuda que, ao mesmo tempo, incrementaria minha pesquisa.

Essas abordagens me mostravam que, além de marcadores sociais de diferença incidirem nas formas de trânsito na sauna, existia um modo de operar que atravessava as relações entre os homens no ambiente, para além das inscrições corporais (mesmo que importantes). A possibilidade de indexação dos encontros no marco da troca monetária, ou de benefícios outros, exigia ‘lábria’ e trato mercantil suficiente para investir na desestabilização de categorias que poderiam ser tomadas como rígidas. As histórias de conquistas são exemplos de elementos que faziam menção a essa possibilidade de modulação das relações nas articulações com a constatação/utilização estratégica das diferenças. A modulação de um corpo para ‘se fazer’ nesse trânsito envolviam a atualização de uma série de campos discursivos (como masculinidade, sexualidade, geração, raça) que podiam adquirir valores diferentes, conforme a possibilidade dos fluxos do mercado. De outra forma, a posição de entrada também cobrava valor nos processos de construção relacional, como da relação de coleguismo a que fui convocado a ocupar por um amigo de sauna que constituí:

Fui (re)encontrar Júlio, agora com um convite específico de interlocução para a pesquisa. Havíamos nos conhecido em uma sauna, ocasião na qual ele, gentilmente, me mostrou o funcionamento dos diferentes ambientes e me contou várias histórias. Histórias de alguém que pode compartilhar vivências de mais de 30 anos por diferentes

saunas da cidade. Aparentemente, sempre se dispõe a conversar, mas nunca deixa de tentar ultrapassar uma fronteira rumo ao contato sexual. Júlio deixa sempre muito explícito: sente-se senhor de si. Combinamos de nos encontrar na sala de sauna molhada, espaço de preferência para meu interlocutor. Naquele fim de tarde estava, como sempre, amena (a temperatura e a umidade parecem planejadas para não evitar totalmente a visão, a conversa, o bem-estar nos encontros). Três homens, por volta dos 60 anos, conversavam entre sí:

- *O João desapareceu, não? Nunca mais vi.*

- *Sim, ninguém sabe dele, não veio mais. Vai saber com o que se meteu, daqui a pouco até morreu... Olha, ele adorava bofe com marca de facada, de tiro, que fode bem*(risadas). Errado não tá, né?

Entra um *garoto* na sauna. Cumprimenta todos e dá um abraço em um dos homens, falando algo no ouvido (os dois riem). Ele se senta na arquibancada e se une a conversa, fazendo um *arreto*<sup>61</sup> em um dos mais próximos.

- *E tu, Davi? Quer problema é? Sabe muito bem que não pode ficar aprontando aqui pela sauna, tem que usar os quartos.*

- *Mas é claro que sei* – diz ele em tom irônico enquanto passa a mão na perna de um dos três.

- *Não é o que dizem, né... (risos) por isso eu nem me sento nessa arquibancada. As criaturas ficam se resolvendo por aqui, vai saber né.*

Eu já havia conversado com Davi em outro momento. Tinha 20 anos quando chegou àquela sauna pela primeira vez. Há dois anos servia ao Exército em Porto Alegre, lugar onde aprendeu a cultivar certos hábitos entre homens. O cabelo raspado e a corrente de metal dourado se compunham bem com o corpo jovem e atlético do rapaz. Ser um militar não era motivo de segredo, muito pelo contrário, várias das “bichas” que conhecia na sauna adoravam saber desse particular. O que lhe soava como “fetiche”, se transformava em mais oportunidade (Muitos dos clientes mais velhos, que Júlio me apresentou, contavam várias histórias de espaços do passado, especializados em recrutar *garotos* conscritos nas Forças Armadas). O melhor lugar para arrumar clientes, para Davi, era na sauna molhada. Ali podia circular melhor sem a presença de uma fila de outros *garotos* (como na entrada da sauna, um grupo de homens malhados e ávidos por clientela) e mostrar o “dote” do qual se orgulhava. Ficava sentado, com certa impaciência, observando possíveis clientes e tentando selecionar os mais “atrativos”, mas sem cruzar a linha dos olhares tácitos, a não ser que haja algum tipo de sinalização, um olhar mais fixo, um gesto de cabeça, de mão, de corpo... É uma posição de espera ativa, onde se calcula muito bem como e quando “fisgar” a presa em potencial – que também precisa, mantendo as formas – aceitar essa posição. Mateus – meu conhecido, de outra sauna – entra, retira a toalha e usa a ducha interna à sauna. Mateus faz programas há quase duas décadas. É um homem negro pelos cinquenta anos, uns 1,85 de altura, “bem dotado” e com corpo atlético. Parece ter vários conhecidos no local, ainda que sua circulação seja rápida e eficaz. Dificilmente está sem algum cliente em vista, e quando não está, costuma abordar os clientes com uma estratégia concorrente com a juventude majoritária entre os *garotos* do lugar: *Não quer vir comigo e ver como um homem de verdade faz?*

Como vemos, a utilização da estratégica das diferenças, assim como a atualização de discursos de masculinidade, criminalidade, sexualidade e raça se materializavam em práticas

<sup>61</sup> Expressão regional para referir-se a beijos, abraços ou outras fricções corporais com conotação sexual.



conjunturais. Para, além disso, o percurso guiado que me foi oferecido por Júlio também indicava que minha própria entrada atendeu aos preceitos pedagógicos do lugar (afinal, eu fui apresentado à comunidade da sauna por clientes que me identificavam como um ‘igual’). Assim como no que concernia aos jovens militares, aos “bofes” com “marca de facada, de tiro, tatuagens de facção criminal”, era possível adentrar a comunidade, mas dentro de uma pedagogia na qual o exercício da masculinidade tomava corpo em algo como um papo entre homens, numa apresentação da rede, de amizades e sexo pago. De toda forma, num espaço em que se punha sempre em questão certa economia das informações (por exemplo, não falar dos colegas e clientes, mas, até certo ponto, explicitar nuances de uma vida conjugal heterossexual fora do contexto da sauna) ser pesquisador era um lugar mais ou menos delicado.

Entrar como pesquisador podia abrir espaço para posições que não imaginava estarem inteligíveis, mas que se fizeram operar. Em determinada ocasião, de início do campo de pesquisa, havia conversado por telefone com o gerente de uma “casa”, que se prontificou a me receber num horário anterior ao fluxo de clientes. Era um início de noite, quando cheguei ao bar e fui recebido com desconfiança. Logo após a apresentação do *rapport* da pesquisa, ele me indaga se eu era um “investigador”. Compreendi que a pergunta englobava a questão de eu ser ou não policial, o que respondi negativamente, explicando minhas pretensões acadêmicas e apresentando as credenciais formais da pesquisa. Seguiu-se uma amigável (mas ainda um pouco desconfiada) conversa, uma assertiva explicação do motivo de não se tratar de cafetinagem e um convite generalizado a todos os homens do local para darem entrevistas, realizado pelo próprio gerente em alto e bom som. Os rapazes se reuniam por perto para entender melhor o que se passava, alguns recusando a participação (verbalizando receio de alguma divulgação identificável de suas vidas e percursos), alguns se interessando por colaborar (por simpatia com o trabalho de pesquisa, curiosidade, ou mesmo por supor a possibilidade de trocar narrativas por maços de cigarro, lanches e cervejas) ou, simplesmente, não dando a mínima importância para a intromissão, focando nos clientes que começavam a chegar.

Nesse período (ano de 2015), o bar fazia parte de um conjunto de lugares frequentados no circuito de mercado sexual entre homens em Porto Alegre, mesmo tendo modificado seu local de funcionamento desde o início das minhas incursões pela cidade (inicia suas atividades em 2010 e em 2018 muda de endereço). Quando desse primeiro contato, alguns dos rapazes que se encontravam trabalhando no local tinham iniciado suas atividades na JB (José Bonifácio), o que, nas últimas conversas realizadas (ano de 2019), tornou-se menos comum. Esse movimento parecia corroborar a tendência diaspórica elencada por Ezequiel, nesse microuniverso porto-alegrense que, no passado, começara pelas ruas, em especial, na JB.

Assim como para clientes e pesquisador, esse ingresso também guardava singularidades quando dos percursos protagonizados pelos *boys*. Samuel, por exemplo, outro garoto do bar, contava que havia chegado ao bar de prostituição por meio da indicação de um professor de seu colégio, também em cidade do interior. Ele contava que, durante o ensino médio, tinha iniciado sua vida sexual com esse professor de Educação Física. Quando terminou o colégio e passou no vestibular, o professor com quem se relacionava lhe indicou o bar que frequentava quando vinha a Porto Alegre. Conta que o professor explicou como funcionava o lugar; e foi o caminho que seguiu, chegando já determinado a complementar a renda, com uma ideia bem presente tanto dos fazeres como da etiqueta do local.

Entre sofás e poltronas distribuídas pelos espaços do bar, ou nas mesas de sinuca sempre ocupadas, o Bar se fez um lugar popular, ainda que tenha tido sua “idade de ouro” anos atrás. Essa não é uma constatação pueril, no que concerne às condições de existência desse ambiente diante de uma contemporaneidade, cada vez mais toada pelas mídias digitais. Parece que se sustenta fragilmente no mercado, no que diz respeito ao trânsito citadino modificado pelas novas tecnologias, pois evoca um circuito de indicações que sobrevive, marcado por dimensões geracionais e numa relação íntima com a geografia da cidade. Para isso acontecer, formas estratégicas de regulação de horários de funcionamento e fluxos de atividades entre as casas de diversão (bares e saunas), organizam essas territorializações pela cidade, principalmente para um público reduzido, mas cativo de homens mais velhos e/ou comprometidos em relações conjugais que não possibilitariam trânsitos menos guetificados.

No espaço da sauna, muitas narrativas de trânsitos se assemelhavam às do bar, mas também descubro outras transitoriedades. Um exemplo disso é o que relata Pedro, que chegou à sauna como segurança, trabalhador de uma empresa de seguranças comerciais, e só depois iniciou como *boy*. Nesse local, um colega mais velho o indica para um “bico”, um “por fora” nos finais de semana na sauna pelas tardes de sábado e domingo. Chega ressabiado, sem imaginar como era o ambiente, clientela ou *garotos* que frequentavam o local. Foi se ambientando e, segundo ele, “pegando amizade” com os *boys*, com quem muitas vezes compartilhava o transporte até o centro da cidade. Foi perdendo o preconceito, segundo relata, tendo gradativamente começado a ver o trabalho e os trabalhadores como algo muito mais possível. Passa do rechaço à curiosidade, mas não se arrisca a se pensar na posição de *boy*, mesmo seduzido pela diferença de rendimentos (ganhava por turno de 6 horas menos do que os *garotos* cobravam por programa médio, de 30 minutos). Uma tarde, um dos *boys* mais próximo chega e propõe que ele se dedique a fazer um “extra”, por 100 reais. A oferta, quase o dobro do que ganhava por turno na época, foi tentadora, por isso aceitou. O amigo lhe passou “meio

azulzinho” por garantia e, assim, iniciou uma dupla jornada que, aos poucos, suplanta definitivamente o fazer de segurança na sauna.

Essas vinhetas falam de uma fluidez de intenções, de interesses e de identificações com esse fazer. As posições não têm uma marcação estereotipada em relação à origem, idade ou outras atribuições sociais. Essa fluidez também me toca enquanto homem que se inicia nesse espaço tradicionalmente binário: cliente x *boy*. Em uma das primeiras vezes que chego à sauna, o porteiro me entrega uma chave, uma toalha e um chinelo e pergunta: “é *boy*, né?”. Na minha negativa, troca as chaves (chaveiro de outra cor), passa-me toalhas maiores e me explica o funcionamento da casa. Provavelmente em minha afirmativa, teria recebido informações diferentes das que obtive como “cliente”, como também me explicam os diferentes participantes em outros momentos.

Ainda que mais velho que os rapazes com os quais conversei no bar, a assimetria de idade em relação aos clientes presentes também me colocava mais facilmente em uma posição de possível *garoto* de programa, “cara de novo, aqui é sempre *boy*”, salienta Samuel. A teoria de Samuel acerca dessa assimetria etária de alguma maneira é reiterada pela literatura. As novas formas de busca de pares sexuais e de agenciamento da prostituição através das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) geraram outras possibilidades de exercício da sexualidade em outros espaços e territórios, sejam geográficos ou relacionais. Os sites, os aplicativos e os espaços de socialização menos estritamente associados à prostituição passam a figurar como possibilidades mais manejáveis para homens mais jovens que, potencialmente, seriam clientes das saunas e de bares onde construí as considerações desta pesquisa.

Outro *boy*, Thomás, ao contrário de Samuel, era um jovem negro e pobre. Segundo ele, chegou à sauna por indicação de amigos e primos do bairro que tinham uma relação menos continuada com os fazeres da sauna: “eles vinham mais para complementar a renda para o Natal, para as férias, ou para comprar algum presente, um tênis novo... Eles nem acham que são *garotos*, porque trabalham com outras coisas, normalmente: garçons, em obra, de porteiro...eu era auxiliar de panificação. Daí vim com eles um carnaval, depois perdi o emprego e fui ficando. Vim porque queria comprar umas coisas...”. Segundo ele, prostituir-se nos aplicativos não é tão fácil: “tem que ter cara bonita, sorriso bonito, sarado... senão nem olham as tuas fotos... e quando eles vêm onde tu moras, não querem pagar Uber e tal. Aqui tu ganhas os caras mais na maladragem... os caras estão mais abertos e tu vai pegando as manhas”.

Em síntese, como destacam os fragmentos narrativos de diferentes momentos, seja como cliente ou como trabalhador sexual, adentrar nos territórios de prostituição entre homens requer alguma orientação, preparo, conhecimento tácito dos fazeres que compõem o espaço; seja pela

observação, pela orientação de atores mais experientes nesse cenário, para além de corpos, desejos e ferramentas necessárias (físicas ou monetárias), alguns rituais de iniciação – de ordem condutual e subjetivo marcam o ingresso em territórios que, ao mesmo tempo, podem ser libertadores e/ou opressores para os implicados. A qualidade desse ingresso, a segurança em se apresentar e ter a classe de recompensa que considera justa e/ou necessária são elementos que permitem a manutenção do trânsito e uma permanência satisfatória nesses espaços.

#### **4.2 Como transitar: depois de entrar, ir ficando...**

Para além da permanência insistente desses espaços na cidade, visto a emergência e intensificação das mídias digitais que implica em outras dinâmicas e outras publicizações dos interesses e do comércio sexual dos corpos, outro aspecto analítico importante é o que sustenta a permanência dos seus sujeitos. Ainda nesse período inicial do campo, começa a se fazer necessária a articulação do mapeamento de estratégias de permanência tanto dos *boys*, como dos clientes e, também da figura pesquisador, em espaços que supõem limites e contratos nem sempre explicitados nos contatos iniciais. Segundo o gerente do bar onde iniciei a pesquisa, a quantidade de *garotos* envolvidos com drogas ilícitas, em especial maconha e cocaína era alta e, por isso, eu também deveria estar preparado para identificar situações em que o uso abusivo dessas substâncias poderiam me colocar em perigo, tanto pessoal como em termos da pesquisa, pois poderiam ficar muito “noiados” – afirmou à época.

Esse é um dos fatores que parecia levar o gerente a indicar o uso dos quartos do próprio Bar como opção, tanto para programas sexuais como para entrevistas, pois assim lucrava e garantiria a segurança. Se, por um lado, a manutenção dos quartos em funcionamento garantiria um melhor fluxo de clientes no local e um ganho maior para o Bar, por outro, uma imagem da prostituição de homens vinculados ao negócio seria mais facilmente manipulável por meio do controle do espaço de negociação do sexo – segundo o gerente, intrinsecamente relacionada à continuidade de procura dos clientes. A imagem da prostituição de homens, conforme o gerente, era prejudicada com a quantidade de furtos e de uso de drogas, questões que influenciam na procura pelo mercado de sexo. Mesmo que ele estabelecesse uma linha dura sobre o uso de substâncias ilícitas pelos *garotos* no estabelecimento, uma pequena sala era indicada por um dos *garotos* como local intenso de consumo de cocaína. Entretanto, a sala era de acesso específico para certos clientes e trabalhadores(as) da casa e o uso de drogas ilícitas, mesmo que indicado como contínuo, fazia-se restrito.

Importante notar que, para além desse aspecto, outros elementos marcavam a condição de existência nos espaços de prostituição em um espaço fechado de bar. Segundo o gerente do estabelecimento, muitos garotos possuíam “a vida na mochila”, referindo-se ao fato de que eram homens sem grande apoio familiar ou lugar fixo de moradia, a exemplo de Samuel. Ainda que, para ele, fazer “programas” representasse uma renda rápida, um itinerário divertido e um bom investimento, para muitos outros, a expressão “levar sua vida na mochila” cobrava um sentido mais literal. Ao contrário da grande maioria, que permanecia no contexto do bar como forma de captação de clientes, utilizava o lugar somente como um ponto de encontro de uma lista de clientes já constituída. A postura, a instrução e a estética faziam como que fosse considerado pelo gerente um “dos mais bonitos”. Usava geralmente camisa ou camisa polo, um tênis mais formal e uma calça jeans – tudo sempre muito limpo. As roupas e a postura, segundo Samuel contou, fizeram com que, na primeira vez em que esteve no bar, fosse interpretado pelos outros *garotos* como cliente.

Apesar de os *garotos* mostrarem mais ou menos continuidade no Bar, passando períodos sem frequentar ou indo dias específicos da semana, como fazia Samuel, eles compunham certa regularidade para o gerente, o qual comentou que dias como sexta e sábado tinham mais “*garotos* bonitos” e o lucro era maior. Essa fala parece muito vinculada ao discurso da “boa aparência”. Trata-se de um processo excludente em que a assimetria de poder se dá nos termos das divisões raciais e no qual se compreende como de “boa aparência” uma pessoa que se enquadra num modelo eurocêntrico (Bento, 2000). Essa composição discursiva acabava por “maquiar” questões discriminatórias que se encarnam no cotidiano dos *garotos* de programa e se materializam nas narrativas (e nas escolhas) de muitos participantes.

Thomás reitera que, de momento, preferia o combinado sauna/bar a procurar outro emprego que “ganha a metade e não te diverte nem um pouco”. Segundo ele, com o tempo foi “pegando o jeito”, aprendendo a como trabalhar, organizando-se para não se sentir violentado e, ao mesmo tempo para conquistar uma boa avaliação entre os clientes. A chave seria o respeito a seus limites e ao desejo dos clientes: “Aqui é bom. Tem uns caras que é dureza, né? Mas no forno (padaria) também era. Levantava às 4h da manhã, só levava bronca, suave, sofria e, no final do mês, não tinha nem para pagar as contas. Descontando a pensão do meu filho não sobrava nada. Aqui o pessoal te trata bem, te incentiva, te ajuda, paga coisas por fora, viagem, churrasco, festa...”.

Nas saunas, é comum não ver muito expressas as regulações por parte de uma gerência. Os *boys* entram rapidamente, pegam seu kit na recepção e se dirigem aos espaços privados de banheiro e vestiário. Pouco se vê deles pela indumentária (mais por uma postura de espera nos

corredores) e pouco se identifica de seus trânsitos com clientes no local (as negociações para sexo e utilização dos quartos parece rápida). Já no bar, o trânsito possuiu outras nuances, e a presença por mais tempo com a clientela cobra certa organização da ambiência. Sob o olhar atento do gerente, os *garotos* se organizam seguindo um conjunto de normas: não sair para fumar acompanhado de outro *garoto*, apresentar-se limpo e com roupas em bom estado (que podem compreender a utilização de acessórios que ressaltam partes específicas do corpo, como tórax, pênis e braços), não usar ou vender drogas no estabelecimento e não cometer furtos. Essas são medidas reiteradas cotidianamente pelas ações do gerente e justificadas pelo mesmo sob a alegação de que a circulação de “*garotos novos*” na casa é considerável, assim como são frequentes os históricos de uso de drogas e tráfico. Esses históricos de problemas com tráfico e consumo de drogas pelos *garotos*, fizeram com que os fluxos pelo ambiente fossem modificados com o tempo. Não sair acompanhado ao exterior compreende uma restrição a qualquer possibilidade de atividade paralela que possa comprometer a imagem da “Casa”, como tráfico de drogas ou furtos. Entretanto, cabe salientar que evitar o agrupamento dos homens nas mediações do local pode diminuir a sensação de insegurança no acesso para os clientes, em ambiente ermo e no qual a temática do anonimato é bastante presente.

Nesse contexto, os *garotos “novos”* que chegam são principalmente trazidos por outros que já frequentam o espaço. No Bar, a medida usual é o próprio gerente conversar pessoalmente com os recém-chegados, com o intuito de apresentar o funcionamento da casa, suas regras e benefícios. Os benefícios são, por exemplo, jantares e bebidas para “relaxar” – não é raro o gerente perguntar aos *garotos* que se encontram pelas 20 horas na casa se eles já passaram pela cozinha para jantar ou fazer análises de opinião sobre a bebida que mais agrada. De outro modo, o cuidado com os jantares e bebidas que “relaxam” se faz presente: são servidos pelo início da noite, em horário adequado para ter a circulação de *garotos* garantida até a chegada dos clientes, majoritariamente entre as 21 e 22 horas, depois disso, normalmente poucos consomem álcool. É importante permanecer até esse horário, pois saindo antes “perde-se”.

Outro elemento que tinge o cenário de circulação e permanência é, como para o ingresso, a corporalidade: a juventude e os marcadores étnico-raciais não são regras, mas indicam valores no mercado do sexo entre homens que nem sempre se coadunam à sua valoração fora desse cenário. O cliente Júlio, em uma das nossas conversas, chega a afirmar: “aqui quanto mais cara de moleque, de gurizão safado, mais lucro faz... a maioria do pessoal curte um cara bem tipo brasileiro mesmo... são os de melhor pegada, não adianta. Esses que são bons de sacanagem, que sabem agradar e têm as ferramentas para tanto”. Esse uso estratégico da ideia de brasilidade essencializada para a conquista oportuniza pensarmos paralelos interessantes com o que se vive

no contexto de Porto Alegre, ainda que, em um panorama regional, a distância da cidade grande possa gerar facilidades no processo de negociação do sexo. Vir do interior do estado, e ser considerado um ‘outsider’, pode dar certas vantagens. Ser novo parece não se reduzir à presença recente no campo da prostituição nem à idade, mas sim está ligado a uma conjuntura na qual aspectos simbólicos se articulam à possibilidade de agenciamento por uma via “colonial”, de dominação e controle dos marcadores etários, de raça e de classe.

Para além dessas condições de reconhecimento e investimento de energia, estratégias dos garotos que frequentavam o bar (sua maioria da grande Porto Alegre, e uma parcela do interior do estado) faziam parte do transitar. Fazer saber (muitas vezes com o auxílio do gerente) de características estratégicas, como saber dançar, ou ter certa simpatia (“malandragem”), compunham o quadro. Esses elementos ajudavam a performar o que os garotos reconheciam como uma sedução, uma forma de caça, de busca ativa que não se dava sem intersecções importantes em termos de raça, classe, idade, território. A possibilidade de contemplar um desejo comum de *garotos/boys*, ou seja, a vinculação a um cliente fixo ou mesmo um número considerável de clientes eventuais, não se dava, nesse sentido, de forma simétrica. As formas de relação estabelecidas por meio desses marcadores nos itinerários dos homens do bar acompanham o campo de relações que se estabelecem no local de prostituição. Essas relações se materializam em formas singulares de troca, circunscrevendo-se num contexto de consenso de anonimato e sigilo.

Se a chegada e a entrada necessitam de tutoria, permanecer supõe uma adesão ativa a códigos de conduta e de transação que sustentam o território. É preciso foco na tarefa, manter a jovialidade, a simpatia e o desempenho sexual, além de uma posição discreta frente às drogas ou aos furtos. Por outro lado, permanecer supõe um grau de adaptação e de criação ao mesmo tempo: criar seu diferencial, fidelizar clientes, ou seja, ser especial em algum tipo de prática ou de corpo (o que cobra de alguns homens, que não oferecem características consideradas marcantes, um espaço de margem nos próprios meandros dos bares e saunas); organizar ganhos e fazeres fora dos espaços fechados – e fora do escopo monetário pactuadas/cartelizadas – sem romper com essa fonte de clientes/boys, também é uma arte que requer disciplina, formas específicas de trânsito que a pedagogia da permanência nesse campo possibilita. Poder se manter nessa classe de trabalho relacional, nos termos que Zelizer (2011) propõe, supõe empatia, disciplina, disposição física e de contato que transcendem, na maior parte dos relatos, ao mero objetivo pecuniário, pois envolvem relações com o próprio prazer e com a gestão das relações (como discutiremos no último capítulo).

### 4.3 Como transitar: permanecer, entrar e sair

Para além das estratégias de chegada e inserção no campo do mercado do sexo entre homens, *garotos* de programa, clientes e pesquisador aprendem que a manutenção de sua presença requer consolidar as portas de entrada, mas também as rotas de fuga das fixidezes que se apresentam, sejam nos fazeres, ou nas cooptações identitárias. Assim como fisicamente existem cuidados (horários, bens, trajetos, roupas), a saída e o trânsito de posições clientes/*boys* casuais/recorrentes/fixos/namorados também se inscrevem em marcos pedagógicos

Os ambientes nos quais estive (especialmente bares e saunas) eram espaços oportunos para constituir uma espécie de *co-monidade*, comunidade pela qual é possível se montar sujeito de experiências dissidentes das posições atribuídas aos homens no mercado sexual. Nesse aspecto, as pessoas que se reuniam nos locais (homens cis em sua maioria, mas também mulheres trans, cisgênero, travestis), co-organizam os significados, e funcionavam como sustentáculos dessas experiências. A existência dos sujeitos nesse percurso se dobrava numa série de microidentidades – *bofes*, *viados*, *bichas*, *tias*<sup>62</sup> – modulando corpos e estabelecendo composições delicadas nas práticas e na gestão das atividades que se negociaram por ali e que, tal qual avisava-nos Perlongher em *O negócio do Michê*, não são estáticas. Esse olhar contingencial que permite deslocar o olhar para a experiência de estar alguém nesses espaços (não numa categoria pré-estabelecida) deve adentrar nos processos subjetivos que se corporificam cotidianamente.

Felipe é outro rapaz que conheci em uma das saunas, dirigida a um público economicamente mais abastado. Chegou à sauna por indicação de colegas da academia de musculação de seu bairro. Segundo ele, além de explicarem como chegar e se apresentar, foram lhe ensinando a como se comportar: “Esses malucos que me falaram como fazer. Eles que me disseram que não dava para beber no serviço, nem usar porcaria, droga essas coisas... que afeta né? Se os clientes insistem... tem que ter manha para dizer que não, sem ofender... tomar só uns golinhos, e tal”. Felipe também explica que sua reputação de “honesto” também se construiu por não enganar, não roubar e tratar sempre com respeito os clientes. Segundo ele, isso garantiria mais e melhores clientes e foi fundamental, junto ao seu desempenho sexual, para conseguir se manter há 8 anos no “mercado” e com vários clientes recorrentes. Afirma que a gerência passa as regras básicas de horários a serem respeitados, de respeito aos clientes e seu

---

<sup>62</sup>Bofe (homem másculo, heterossexual ou homossexual); Viado/veado (homossexual) o uso do termo pode estar relacionado à flexão da palavra transviado, entretanto, explicações que relacionam o comportamento de pegação em parques públicos no Rio de Janeiro do século XIX, e das fugas quando de abordagens policiais nesses espaços também figuram; bicha (homossexual afeminado); tia (homossexual considerado velho).



patrimônio, a proibição ao consumo de drogas ilícitas, mas que é entre os outros *garotos* que de fato se aprende a como lidar com as demandas e tentações do ambiente, como otimizar o tempo, a ereção, o uso de estimulantes sexuais, a como se fazer “de parceria”: “os caras na cama podem até gostar – e muitos gostam – de ser esculachados, chamados de puta, de vagabunda... mas no bar, no salão, tem que ter respeito, tratar como homem, no máximo passar a mão, ou deixar eles pegarem no pau... em público tem que manter a presença de macho. Isso é o que todos querem ser ou ter: um cara macho”. Em seu relato, Felipe ainda reitera: “se tu sais daqui, em outros bares, hotel, viagens, tu tens que bancar o lance de ‘sobrinho’, né? Manter a postura e o respeito, não expor o cara. E não se expor também. Por exemplo, tem cliente que insiste em comer o cara... Já vi muito guri aqui acabar dando. Pagam bem..., mas daí, logo a coisa se espalha, o cara perde o respeito, a clientela... e começam a tratar o cara que nem viado, entende?”.

Essas falas de Felipe foram reiteradas por clientes como Pedro. Segundo este, o jogo estético pode contemplar outras dimensões: “bandido e cara de bandido são coisas muito diferentes”. Ao falar de sua predileção por homens jovens e fortes, com cicatrizes e tatuagens, a situa num campo performático, mas não necessariamente real. O rapaz precisaria ter “cara de malandro”, mas manter o código de conduta e respeito às normas instituídas nesse espaço de negociação. “O risco não pode ser muito maior do que o prazer” – sentencia Pedro que, segundo afirma, frequenta as saunas e bares há mais de 35 anos. Esse participante relata vários movimentos que indicam um trânsito de processualidades reiterados por diferentes atores nas cenas de campo desta pesquisa.

Pedro é um dos participantes que ocupa uma posição identitária fixa de “cliente”. Sua entrada nesse campo sempre se deu por essa via e nunca houve dúvidas quanto a isso: é um homem alto, branco, calvo e de mais de 65 anos e gordo. Pelo que conta, fisicamente essas características físicas o acompanham desde a juventude quando, segundo ele, um jovem médico homossexual não poderia viver sua sexualidade de maneira satisfatória em territórios muito diferentes, sob risco de comprometer sua carreira. E depois, como afirma, o hábito ficou consolidado, visto que a negociação explícita de valores financeiros e limites sociais das relações sempre foram um território existencial e afetivo de uma segurança necessária para ele: “Sempre sei o quanto vai me custar e manejo o quanto eu quero pagar e o quanto investir numa relação. Tem muitos caras que valem à pena, daí podem ser um *boy* mais fixo... economiza tempo, relaxa mais...e economicamente vale mais à pena... se tu botas um guri dentro de casa tu sabes como vai acabar? Um dia chega e está a casa e a carteira vazia? A maioria aqui não presta”.

Mesmo assim, a narrativa de Pedro apresenta trânsitos. Alguns rapazes viraram acompanhantes recorrentes, outros fixos; uns poucos namorados e alguns até “compadres”: “É difícil achar algum que dê para confiar... eles são ardilosos. Esses que já chegam te pedindo coisas são mais fáceis de evitar ou controlar. Ou são muito mortos de fome, ou envolvidos em dívidas ou drogas. Daí tu aproveita com o controle necessário. Os piores são os que chegam mansos, se fazendo de apaixonado, de guri de família, que querem companhia... esses são mais perigosos, porque numa carência tu podes cair. Já ajudei muitos, alguns até paguei aluguel, academia, estudos... alguns até posso dizer que namorei. Mas poucos acabam bem. Tem alguns que eu converso até hoje, já ajudei a conseguir hospital para filho e até material de construção para a casa com a mulher já paguei – e ela sabendo. Mas é exceção. De cada 100, é um que tu podes confiar”.

Quando questiono mais sobre o que faz esse fluxo de casual a recorrente, de recorrente a fixo, de fixo a namorado e de namorado a um vínculo mais perene, Pedro teve dificuldades em objetivar, mas associa essas possibilidades muito mais a características psicológicas e de caráter. A cor, a idade, o tipo físico, o tempo de vínculo variaram muito em seus relatos, mas a ideia de certa essência prévia ou adquirida no meio da prostituição parecem ter eco com o relato de outros participantes dessa posição. A ambiência da prostituição contaminaria rapazes com boa índole de potencial e também atrairia homens de mau caráter, os “vagabundos” (ou os picaretas, nas palavras de Ezequiel). Para Pedro, as razões da entrada nesse mundo laboral estarem associadas às necessidades econômicas e não ao consumo abusivo de drogas; viver com família, ser do interior, ter filhos, além de alimentarem certa fantasia erótica de uma masculinidade “tradicional” também explicitam fatores associados ao mundo do trabalho e dos serviços, entre marcadores clássicos da colonialidade brasileira: fatores de desejabilidade para um prestador de serviços confiável. A postura humilde e uma narrativa de comprometimento familiar e, com um ideal de vida do trabalhador capitalista “honesto”, identificado com o trabalho enquanto valor, parecem se aproximar das possibilidades de vinculação mais continuadas.

Entretanto, as primeiras aproximações são ponderadas pelos corpos. O aspecto de corpo masculino, musculado e tonificado são valores sempre presentes nas equações. Os clientes, em sua maioria, valorizam muito os atributos associados à corporificação da masculinidade viril, jovem e com um pênis grande. Esses aspectos parecem menos importantes para os rapazes escolherem seus clientes, mas a aparência e a juventude também são consideradas, menos talvez que a reputação e os indicadores financeiros. A preferência por rapazes dentro desses marcadores de masculinidade não necessariamente se associa às práticas sexuais pretendidas

dentro de uma leitura binária ativo/passivo, já que existem muitas situações de clientes que buscam *garotos* que aceitem serem penetrados mas nas quais a flexibilização do visual estético do macho viril é limitada – chegando ao máximo a uma estética física de adolescente, nunca associada à feminilidade explícita.

Em um ocorrido que presenciei em uma das saunas, aparece no bar um homem jovem, de menos de 30 anos, atlético. Circulava com desenvoltura e aparentava habitar o espaço, cumprimentando a todos, muitos pelo nome. O cliente com quem eu estava naquele momento o cumprimenta e conversam. Convida a sentar-se conosco, ao que o rapaz declina, descendo a escada cantando. Ele comenta: “Reparou naquela bunda? Puro silicone! Grande, bonita! Quem vê esse aí desfilando assim não diz, mas é uma moça na cama!”. Essa cena instrui algo que também me confirma outras vezes clientes e *garotos*: às associações à feminilidade ou as rupturas ao ideal da masculinidade precisam permanecer em sigilo, longe da publicização, até no espaço de nudez das saunas. O feminilizável deve permanecer no armário. Quando um cliente, por exemplo, socializa a “passividade” de um *boy*, além de arriscar a reputação do *garoto*, coloca-se na categoria compreendida como “mau-cliente”, junto aos maus pagadores, “enroladores” e demais que roubam muito tempo ou exigem muito esforço.

Os clientes, mesmo que presumivelmente “passivos”, também não podem ter sua masculinidade posta em xeque em frente aos demais. Os comentários nesse sentido figuram apenas nos espaços de bastidor, entre os *boys* (e, depois de algum tempo, com o pesquisador). Em algumas saunas, há vestiários e salas de circulação onde, segundo me contaram, conjuntamente conversam mais à vontade sobre isso e sobre os “bons clientes”. A avaliação de um bom cliente passa por não ser muito exigente, nem muito demorado e bom pagante. Muitas vezes, referem-se aos clientes mais idosos como “dureza” ou “múmias”, mas isso não necessariamente os posiciona como maus clientes, ao contrário, muitos dos apontados como bons clientes, como paciosos, não abusivos em relação ao tempo ou às exigências sexuais e bons pagadores eram idosos.

Outra característica que tanto clientes como *garotos* utilizam para caracterizar não fisicamente e positivamente seus parceiros é ser “bom de papo”; não fica muito explícito o que significa, ainda mais no âmbito linguístico. Com o passar do tempo fica melhor entendido que “bom de papo” não é nem um assunto, nem um léxico e nem um estilo narrativo. Parece ser uma atitude de escuta, de demonstrar interesse, alteridade e dialogicidade na interlocução, ou seja, é uma atitude sedutora moderada por certa inteligência a respeito de sua audiência, mas não existem temas ideais ou interditos. O “bom de papo” é o interlocutor que, por meio de

pouca interlocução, consegue se antecipar, plantar palavras e contrapalavras de vozes inteligíveis a um diálogo com sua audiência, em termos bakhtinianos<sup>63</sup>.

As palavras seriam, pois, peças em um campo de luta da expressão do sujeito em relação à expressão herdada da comunidade, com a qual ele se defronta para se expressar como sujeito, com sua proposta comunicativa e com seus valores e desejos. Esse campo de luta, para Bakhtin, é uma das faces da dialogia que supõe uma pedagogia eficaz, seara que não seria impropria de assumirmos como presente nos territórios aqui discutidos. Sem retomarmos a discussão conceitual de pedagogia, do ponto de vista tradicional, esta estaria relacionada a uma forma de ensino que parte de um educador como autoridade a ditar um caminho, práticas, e modelos a serem seguidos, em natureza monológica. Já em uma perspectiva de pedagogia de orientação, o processo dialógico nivelaria as posições mestre/aprendente, porque a autoridade do pedagogo deixaria de ser o centro para ser o mobilizador de conhecimento interativo, sendo ele próprio um aprendiz tanto quanto o aluno das situações que se apresentam como desafiadoras. Assim, entende-se que é no espaço de embates, de diálogos e negociações (semânticas, sexuais, econômicas, etc) que se configura o ser *boy* e ser cliente e; é a *expertise* na interpretação desses processos que acaba dando o grau de especialista nesses territórios.

O que se observa é o que Bakhtin pressupõe, pelos exemplos e comentários que propicia, um processo relacional de vários níveis: tanto no que tange ao ensino, quanto na mobilização de conceitos entendidos no processo discursivo em que enunciador, proposta, contexto, audiência presumida e veiculação entram em sintonia, portanto, põe em circulação linguagem, estilo e de tom valorativo (Puzzo, 2013). Em um trecho do clássico *Problemas da poética de Dostoiévski*, as considerações de Bakhtin, a respeito do estudo da linguagem em oposição ao estudo linguístico, ilustram muitos dos processos de comunicação que observei e participei nos territórios da prostituição masculina. Nas palavras do autor:

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego... está impregnada de relações dialógicas. (...) Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que

---

<sup>63</sup>Bakhtin (1990) defende que a aprendizagem deve estar vinculada à prática, à língua em uso, num movimento dialógico e interativo. Para Bakhtin, a linguagem que se usa decorre de um processo histórico-discursivo em que se confrontam o eu e o outro, ou seja, o sujeito com sua experiência e a linguagem do outro que lhe é imposta e que já apresenta conceitos valorativos com os quais o eu se depara reagindo a eles no momento de sua apropriação comunicativa (Puzzo, 2013). A palavra, segundo Bakhtin, apresentaria, como a figura mitológica de Juno, duas faces: uma voltada para o sujeito e a outra voltada para o exterior. “Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (Bakhtin, 1990, p. 117).

ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (Bahktin, 2008, p. 183).

É nesse processo dialógico que os “bons de papo” se constituem e, por conseguinte, configuram relações e abrem possibilidades. Outro exemplo desse campo é a configuração de posições subjetivas, condutas e performances adotadas estrategicamente nas negociações sexuais: o que insinuar e o que explicitar, por exemplo, pode despertar tanto o interesse como a indiferença ou o rechaço do interlocutor. Não apenas pela sensibilidade em relação à percepção dos desejos e potencialidades do outro, mas no marco discursivo e relacional que orienta essas negociações em bares, saunas e mesmo na *Internet*.

Nessa conjuntura, alguns personagens começaram a confirmar-se de forma recorrente, organizando um entendimento de relações complementares. Em uma das conversas que tive com um dos *garotos* em bar, enquanto ele narrava os meandros da vida de *boy*, dizia-me que, quando necessário, sabia se “fazer de namorado”. Enquanto me explica, percebo novamente que o “fazer de namoradinho” aparecia mais uma vez – não supondo necessariamente um léxico, ou um comportamento objetivo em particular, mas uma disposição e atitude. O “namoradinho” é o *garoto* que performa (e oferece enquanto serviço) uma série de comportamentos e posturas vinculadas ao amor romântico (beijos, abraços, olhares, etc.). Os clientes, evidentemente, sabem dessa negociação e também, nas tipologias de *garotos* que me apresentam, agenciam com os “namoradinhos”. Entretanto, tacitamente tentam negociar poder sobre esses personagens, sem desconsiderar o risco que correm em (auto) realizar a profecia de cliente iludido. Os saberes e o controle dos fazeres são sempre influenciados pelo campo dos afetos, os quais precisam ser controlados dentro da etiqueta que os antecede, e muito lentamente, podem sofrer ajustes sem (e)ma(s)cular a honra dos clientes.

Essa *mise-en-scène* obviamente supõe a flexibilidade de cenários, montagens e atores na justa medida para, ao mesmo tempo, inovar e manter o roteiro reconhecível. Nas saunas, nos bares, ou via *Internet*, por mais que as roupagens e o léxico sofram a intenção dos contextos, mantém-se a cena enunciativa da negociação sexual. Ao analisar esse panorama de negociações, podemos nos remeter à análise das relações de poder que as subjazem, pois ainda que não tratemos de uma fixidez absoluta em termos de exercício, o poder circula e, quase nunca, de forma simétrica. As relações de poder, ainda que impliquem jogos de verdade supõem possibilidades de resistência em sua circulação (Foucault, 2010), conjuntura em que se constituem experiências (Scott, 1995). Nesse âmbito, os sujeitos se compõem em jogos de verdade que são, ao mesmo tempo, espaços de tensão e de recusas.

Os jogos de verdade que definem o que é normal e valorizado e o que não é em termos de sexualidade se materializam em práticas, como, por exemplo, na desvalorização do que é considerado feminino dentro de um contexto de dominação masculina. Segundo Welzer Lang (2001), isso culmina em uma configuração social homofóbica e sexista, mesmo nas relações entre homens em cenários como os que aqui discutimos, constituídos discursivamente como campo de (re)produção e aprendizagens da manutenção estratégica do projeto de masculinidade. Esse aspecto remete ao que elenca Maingueneau (1995, p. 122), para quem “o que o texto diz pressupõe um cenário de palavra determinada que ele deve validar através da sua enunciação”, estando atrelada ao conceito de discurso, ou seja, “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (Maingueneau, 2008, p. 15). Como observa Maingueneau (1995), uma narrativa não é um conjunto de signos inertes, mas um rastro deixado por discursos construídos.

No campo de negociação por aplicativos, apesar de não explícito em um primeiro momento, há uma organização semiótico-discursiva com uma audiência que, em tese não é tão específica como a de saunas e bares, mas é suficientemente articulada para poder ser e não ser *garoto* de programa. Como quando analisamos o caso de Lucas, um universitário que se vale do aplicativo *Grindr* para o estabelecimento das negociações sexuais e para conseguir complementar a renda mensal que possui. Lucas aprendeu que, assim como nos bares e saunas, nem sempre o discurso considerado “pornográfico” é uma boa opção, pois se muito “escrachado” espanta potenciais clientes que se inscrevem em um campo que negocia uma performatividade de *quase* negociação, onde a “conquista” opera<sup>64</sup>. Lucas exemplifica: “Aqui o lance é mais de pescaria: tu jogas a isca e finge que nem tá esperando. E quem pega, parece que não sabe que está engolindo o anzol: tem que manter a resistência, se valorizar, entende?”. A investitura do pescador requer um conhecimento de uma natureza de comportamento do peixe ou cardume que quase nunca é visível desde a superfície. Apesar de requerer menos instrumentação especializada que a caça, também envolve paciência, tolerância à frustração, mas normalmente supõe também um uso de iscas muito específicas para peixes muito específicos, além do cultivo de postura de “espera ativa”, de falsa displicência, nem sempre fácil de cultivar. No caso de Lucas, talvez seu perfil na rede social coadune esse panorama.

---

<sup>64</sup>Conexões com esse campo performativo podem ser vistas em estudos que analisam, por exemplo, a “autenticidade limitada”, relacionada ao paradigma pós-industrial no comércio sexual em que emoções associadas tradicionalmente a esferas privadas são alçadas ao plano econômico (Bernstein, 2007). Outros estudos inscrevem essas estratégias, tomadas como intencionais e planejadas, como diferentes formas de construção de “experiências de namorada”, consideradas por profissionais como sem apego emocional, ainda que as demonstrações de emoção sejam forma estratégica de otimizar o conforto dos clientes e uma relação de segurança (Järvinen & Henriksen, 2020).

A constituição de um perfil no aplicativo *Grindr* gira, usualmente, em torno de três elementos: nome, foto e descrição, funcionando como um “cartão de visitas” do usuário (Miskolci, 2017). Esse tipo de ação retoma uma lógica de consumo pela qual o “eu on-line” opera como a mercadoria exposta em uma vitrine, mesmo que não configure uma passividade de objeto. Sabe-se que estão sendo avaliados (inclusive literalmente), mas a iniciativa é do ator/cliente. Nesse sentido, Miskolci (2012) refere ainda à centralidade do corpo no processo de visibilização de si, tornando a aparência física um dos principais elementos das produções fotográficas presentes nesses aplicativos, ainda que não exclusivamente. A homogeneização na criação de perfis, com fotos, termos, frases e signos (*emojis*) assumem um caráter pedagógico para seus usuários, delimitando a partir de quais informações se deve formular uma apresentação sobre si, mantendo a fantasia de anonimato e de fronteira entre as posições cliente/*boy*. Como fora da cena de negociação sexual explicitamente monetarizada, nas saunas, bares e na *Internet*, também não figuram textos neutros, todos se configuram ideologicamente e, para compreendê-los, há de se reconhecer as marcas linguísticas deixadas pelo enunciador, as iscas para audiência poder dar seguimento à suas potencialidades discursivas. Maingueneau (1995) defende ainda que o enunciador deve conceder-se, e ao seu enunciatário, direitos e deveres para legitimar seu dizer, ou seja, ele explicita no discurso sua posição institucional e efetiva sua relação com um saber.

Nessa negociação e nesses posicionamentos discursivamente implicados que os atores dessa cena se produzem, a fronteira entre circulante e cliente que se estabelece como possibilidade, pode nos remeter à ideia de produção de si, alusiva à obra de Butler (1990; 2003) acerca da performatividade, que propõe uma concepção de sujeito baseada na prática. Opondo-se aos dualismos tradicionais, a autora defende uma noção de sujeito baseada no próprio fazer. A assujeição se dá, assim, por meio de práticas, circunscritas na discursividade vigente, em ações performativas interiores à normatividade, mas que a podem reorganizar em manifestações de si (Butler, 2015b).

De acordo com Maracci-Cardoso, Maurente & Pizzinato (2019), podemos entender o sujeito da leitura de Butler como performado em práticas de si relativas a um regime discursivo, relacionando-se a este por meio de reiterações, tensionamentos ou subversões, sempre interiores a ele. O sujeito funda-se, assim, pela resposta aos discursos que o interpelam, reorganizando-os em sua ação performativa, sua agência. O “eu”, para Butler, excede a narração do próprio sujeito, visto que sua origem jamais será plenamente explicada. O “eu” não se origina em um indivíduo por si, mas sim nas relações de interpelação e resposta que este estabelece com o outro (Butler, 2015b). Dessa forma, podemos entender o *Grindr* como um espaço possível de

atualização de normas e expressão de resistências acerca das vivências contemporâneas de homens, de modo que os usuários produzam a si mesmos a partir das dinâmicas de poder e resistência que estabelecem condições de possibilidade para suas vivências.

Assim como nas saunas e bares, na *Internet*, o rosto não é o principal elemento a ser anunciado. Se nos bares a roupa, a postura e performatividade de “jovem hétero popular” como a estética de excelência, nas saunas a nudez e a exposição do pênis (ainda mais se ereto), cobra prerrogativa do personagem *boy*, no aplicativo, que não permite nudez nas fotos de perfil, é o abdome quem ganha o foco da cena e, a ausência dos rostos nos anúncios, reitera o valor do “sigilo” e do *garoto* hétero, ou de família, que precisa se “preservar” e assim preservar o mito da masculinidade tanto da categoria *boy*, como dos potenciais clientes. Essa ação se relaciona com a lógica própria do aplicativo, a partir da pedagogia dos códigos nele utilizados, ao contexto no qual ele se insere, onde circulam verdades acerca do gênero, da sexualidade e do desejo, que são negociadas através de uma ação descritiva de si – acoplados agora à prostituição.

O aplicativo é um espaço de melhor trânsito material e simbólico. O anonimato, o controle da territorialidade, a negociação sem intermediários e sem contratação ajudam Lucas a manter a ideia de que abandona os programas quando quiser, mesmo não querendo. E as marcas do aplicativo mantêm-se em sua agenda do *Whatsapp*, a partir da qual me mostra a extensa família “Cliente”, sobrenome comum ao registro de vários nomes, de vários tipos, idades e corpos. Segundo Lucas, assim como os *boys* de saunas e bares, clientes fixos são um ponto muito desejado nessa carreira: “a gente já conhece, já sabe do que gosta, dos limites, acaba ganhando mais com menos esforço... e com o tempo, se o cara for bom de papo, até rola uma amizade... Já saí com vários clientes fixos por menos do que ganharia com novos, mas ganhei segurança, um bom jantar, até um dormir acompanhado, que às vezes precisava... Tem o risco, de saberem por onde vivo, por onde moro, o de me deslocar às casas e hotéis, tem um custo, um risco, mas vale à pena, porque não quero ficar nisso o tempo todo”.

A sofisticação das tecnologias, sobretudo pelo seu contexto móvel e geolocalizado, produziu novas circunstâncias para a busca por parceiros a partir da possibilidade de deslocamento e interconexão ao trânsito nas cidades, inserindo a questão da localidade como aspecto indissociável da mediação tecnológica do gênero, do sexo e dos desejos (Pizzinato, Hamann & Maracci-Cardoso, 2017). Esse trânsito, como anteriormente mencionado, é mais do que geográfico, é territorial, assim como foi o trânsito de *boy* casual a fixo, essa transição entre ser *boy* e deixar de sê-lo tem sua temporalidade e seus espaços e cenários – cenas outras na esteira ou na oposição ao campo da prostituição.



Muitos passam uma vida toda na prostituição como o caso de Ezequiel, há mais de 35 anos trabalhando como "profissional do sexo", como se define. Outros, como Lucas ou Samuel, vêm no fazer sexual algo de casualidade, efêmero para complementar sua renda de universitário. Outros, como Thomás, nem têm a condição em pensar em temporalidades, pois vivem um dia de cada vez e se refazem nesse campo – sem criticar uma saída, também transitam a cada dia ao saírem das saunas, bares ou ao desligarem os aplicativos.

Thomás, numa noite, saiu do bar na mesma hora que eu. Comenta que a “patroa” vem buscá-lo todas as noites. Quando pergunto como ela lida com a atividade dele, responde-me que não é ciumenta, que entende e sabe que é profissional: “Só é muito noiada com lance de droga e bebida, porque perdeu já dois irmãos para o tráfico. Mas ela já entendeu que no trabalho aqui, tem que estar de cara limpa”. Esse aspecto é delicadamente importante: o uso de substâncias. Algumas pesquisas têm chamado a atenção para o aspecto de controle estratégico do uso drogas em ambientes voltados para sociabilidade e práticas sexuais (França, 2010; Braz, 2010) e cabe notar a articulação dessas formas de controle com a prostituição entre homens, pois o exemplo de Thomás não é exceção. À parte de cigarros e eventualmente remédios para disfunção erétil, não presenciei nenhuma situação de uso de drogas pelos *garotos* nos ambientes de programa, ainda que visse o uso por parte de clientes – especialmente o álcool. Fora do ambiente de programas, entretanto, o uso de drogas ilícitas por parte dos *boys* é indicada (especialmente por gerente e clientes) como comum.

Como Braz (2010) aponta, em clubes para práticas de sexo, essas relações de controle não se restringem somente ao uso de substâncias *per se*, mas também a um conjunto de aspectos performáticos que se relacionam a estereótipos associados a “virilidade”. O uso restritivo de drogas no contexto do Bar pode ser interpretado como uma forma de vigilância em relação a excessos. Para o gerente, garante legitimidade do comércio e, para os *garotos*, parece ser uma forma de controle sobre suas ações. As performances de masculinidade que figuram no Bar são manifestadas como reiteração constante de corpos masculinos e viris, dotados de certa estética que figura na interação com e para clientes (mesmo as interações de *garotos* com *garotos* estão sob a visibilidade dos clientes e suscitam um clima de exibição). São corpos que importam à exibição e que, dentro desse movimento, tornam-se inteligíveis e desejáveis (Butler, 2000), marcados pelo exercício da masculinidade nos moldes hegemônicos cujo uso hiperbólico referência à heterossexualidade (Miskolci & Pelúcio, 2008). Não cabem disfunções eréteis ou barrigas cervejeiras (especialmente nas saunas) nas posições possíveis para os *garotos*. Quando comecei a passar mais tempo nos locais, entendi que a sobriedade compõe o panorama da abordagem, em especial para os novos clientes, já que, como me comentam, em festas e viagens

com clientes assíduos/fixos consomem drogas e bebidas. Mas, o consumo precisa ser sempre cuidado, controlado, para não romper o contrato esperado.

Em geral, é o álcool o aditivo por excelência entre clientes, mas figuram outros. Um dos clientes me comenta do uso que faz de *poppers*<sup>65</sup> para obter mais prazer e excitação com os *garotos*, e Samuel relata de um cliente que o paga para poder fazer uso de *crack* em hotel caro da cidade (em segurança de estar sendo vigiado e cuidado por alguém “de confiança”). Por parte dos *garotos*, o aditivo por excelência é o estimulante sexual para impotência: Viagra, Cialis, Levitra e seus genéricos são estratégicos, variando de dosagem, parecem fazer parte do material de trabalho nesse campo. “É mais por segurança mesmo”, afirma Samuel – “qualquer um poderia brochar algum dia... ainda mais com cada tipo que se apresenta, mas... vai arriscar?”. O uso do “azulzinho” e seus sucedâneos parece ser algo absolutamente corriqueiro e indiscriminado, entretanto, a indicação do uso somente aparece ao longo de conversas em que a familiaridade com o pesquisador já estava resguardada. Outros estimulantes, como as bebidas energéticas (à base de cafeína e taurina, por exemplo) são frequentes, mas não generalizados. Pomadas e géis estimulantes, vasodilatadores para os pênis e vasoconstritores para os ânus também foram relatados por parte dos clientes, mas sempre mais na linha de manutenção de uma preparação para a performance sexual, numa expectativa de garantia de bom desempenho e produção de prazeres.

Tais aditivos se somam às narrativas sobre os usos de suplementos dietéticos de alguns dos *garotos* de programa mais dedicados ao cultivo do corpo, como Felipe. Conforme já mencionei, Felipe chega às saunas e ao bar por indicação de colegas da academia de musculação e há 8, de seus 27 anos, prostitui-se. É branco, alto e com um corpo cultivado em anos de academia – uma hipertrofia muscular cuidadosa, não muito exagerada, mas acima da média. Segundo ele, a musculação também pode ser aditiva e estimulada nesse meio; é uma manipulação corporal que precisa ser disciplinarmente cuidada: “Se fica exagerado, os caras aqui acham que tu estás na bomba e vai brochar, ou ficar com o pau pequeno, daí sai perdendo. Já vi muitos caras se passar na academia e acabar com a carreira aqui”.

Chama a atenção Felipe ser um dos poucos a assumir os fazeres sexuais com um trabalho mais formal, uma “carreira”, um termo bem comum na literatura do mundo do trabalho. De acordo com essa literatura, carreira exige preparo, monitoramento de mercado, empreendedorismo, capacitação, resignação, disciplina... vários termos presentes na narrativa de Felipe. “Cara, se tu quiseres te dar bem aqui precisa se cuidar, comer direito, treinar, ir ao

---

<sup>65</sup>Droga utilizada para práticas sexuais com venda proibida no Brasil.

dentista, cortar o cabelo, ter perfume bom, hidratante, controlar bebida, farra... senão tu viras um trapo, não tem corpo que resista. Eu acordo cedo, para os padrões daqui, arrumo as coisas da vida e treino das 10h às 12h, de segunda a segunda. Antes era musculação, mas já fiz *muay-thai* e agora estou no *crossfit*. Diversifico, né? Porque enjoa e cada coisa é melhor para alguns tipos de musculatura. Meus pais acham que eu sou treinador em academia, mas nunca me perguntam nada..., mas a minha namorada sabe. É irmã de um colega daqui e já me conheceu sabendo, vai ver que por isso nunca se estressou. Mas esse também é um cuidado que o cara tem que ter aqui: cabeça cheia com problema de mulher e de família é pau mole na certa. É como diz o meu treinador lá do *crossfit*: o cara tem que ter a mente sã num corpo saudável”.

De acordo com Felipe, com os exercícios até o desempenho sexual melhorou. Segundo ainda conta, “o cara, se quiser se dar bem, tem que investir, né? Como tu, que tem que fazer curso, estudar, concurso, essas coisas, né? Comigo é a mesma coisa. Já consegui comprar um terreno, tenho a minha moto, viajo, passo férias na praia... Estou melhor que muita gente”. Essas estratégias se concentram de maneira mais intensa na narrativa de Felipe, mas figuram também, de forma mais esparsa nas falas de vários outros participantes. Esse cultivo, controle parcimonioso de riscos e prazeres, transcende o biológico ou o logístico e se inscreve pedagogicamente nas condutas – tanto para os clientes, como para os *boys*. Nesse processo, inteligência não pode ser tomada com a frieza do cálculo racional, de modo que podemos pensar o trabalho com o corpo como espaço de criação que, radicalmente, contradiz o discurso dos fazeres no campo da intersecção sexualidade/economia como “venda do próprio corpo” ou “dominação”. Ao invés disso, o que se vê é a constituição de formas de “agência” dentro de um sistema econômico. Nesses processos que exigem disposição, se movimentam uma série de políticas de gênero e sexualidade, performatividades que não se desvinculam de marcas sociais, mas sim escorregam por elas.

Esses trânsitos, que envolvem traquejo, delineiam as existências dos atores dessas cenas e requerem do pesquisador também se desenvolver – figurar ativamente no mapa relacional do espaço. Ainda que em uma posição de “observador participante”, tanto *boys* como clientes me propuseram movimentos afiliativos, de cumplicidade e de cuidado. Um exemplo desse tipo de cuidado, que me instrumentaliza para uma existência segura e precavida nesse meio, figura no fragmento de nota de campo a seguir, no qual clientes experientes me “ensinam” aspectos importantes do desenvolver-se na sauna, aspectos de um cuidado tanto da gestão do corpo, dos riscos de saúde e contaminação quanto da gestão dos prazeres e relações:

Um conhecido se aproxima rapidamente e começa uma conversa animada. Espero uns cinco minutos até que Júlio entra na sauna. Ele logo se aproxima e fala baixinho:

- *Estava sentado aí? Não sente não, eu não faria isso. Os guris e as bichas cospem e gozam aí, não se senta não...*

- *Bah nem tinha me dado conta – respondo.*

- *Ah meu querido, eu nem cumprimento todo mundo com a mão. Os boys ficam passando a mão no pau depois de comer as bichas, não dá... fora que muitos, hoje em dia são sujos, doentes... tem até aqueles que vem aqui para tomar banho, porque moram nessas pensões do centro, ou até na rua...*

Ficamos um tempo na sauna, conversando amenidades (tempo, localização da sauna, horários, movimento...) em um consenso silencioso de que não era o lugar certo de falar sobre pesquisa acadêmica. Isso se mostrou presente quando resolvemos sair e tomar umas cervejas no salão, onde está um dos bares. Sentamo-nos em uma das mesas plásticas, ao lado de um corredor envidraçado em que duchas eram eventualmente utilizadas no pré ou pós sauna. Enquanto dois homens se beijavam e abraçavam em uma das duchas, e um telão mostrava Beyoncé repetidamente em intensa performance musical, alguns homens em outras mesas eram interpelados por rapazes.

- *Sabe, tem várias histórias escabrosas aqui. O Délcio, por exemplo, aquele que veio nos cumprimentar, que foi delegado e controlou a polícia dessa cidade (ênfase), já quase morreu. Certa vez ele estava com tesão, levou dois boys para casa e fizeram horrores com ele. Não dá para fazer isso, é idiotice! Ele entrou em luta corporal com os dois, bateram muito nele, e a sorte foi que chegou alguém na casa. Outra vez teve uma bicha que brigou com um boy... Pegaram quando saiu daqui um estava armado e atirou nela. É que as bichas são arrogantes também, são cheias de si... amiga daquele ali (faz sinal com a cabeça) não olha! (me recrimina). Ela era assim, toda arrogante, falando mal dos caras, contando vantagem... Aqui não dá para ficar apontando nem comentando muito de qualquer um, as vezes o pessoal vem drogado também, então não dá. Alguns caras aqui vivem na rua, aí tem um lugar aqui para tomar um banho e conseguir uma graninha. Aquele aí mesmo (um jovem alto e barbudo entra na sauna), mora na rua e vem mesmo é para tomar banho, ninguém merece. Algum velho paga uns vinte reais, dez reais para fazer um boquete e eles ganham algo. Esse aqui que passou por nós (um garoto tatuado e forte passa sorrindo em direção à sauna) é marido de uma travesti que controla tráfico em uma parte aqui de Porto Alegre. Com esse não dá para ter conflito - bom, ao menos se você quiser acabar sem cabeça em algum lugar... Eu sei a ficha de muitos aqui. Tem um aqui, um alto e pausado, que tem que ter cuidado, sabe aquele caso de assassinato um tempo atrás, no qual mataram um aqui da sauna?*

- *Não, não fiquei sabendo...*

- *Bom... é o grupo que ele participa que está envolvido.*

- *Tá, mas como tu sabes quem é perigoso e quem, não é?*

- *Ah, tu vais sabendo com o tempo. Cada dia eles contam uma história, tem muita mentira, muita enganação. Quem também cuida disso para mim é o Douglas (rapaz que trabalha em um balcão no hall, com entradas e pagamentos de quem frequenta a sauna) ele me conta sobre os guris, mas eu também tenho os meus contatos... Ah! Uma coisa que o Douglas faz também que é ótimo é que ele já seleciona os guris melhores pra vir aqui pra gente. Isso para quem tem mais tempo de casa né, eu o Délcio e o Jairo - que é militar reformado - nos conhecemos há mais de 35 anos, e a gente vem aqui desde o primeiro dia. Para tu teres ideia eu vim aqui na inauguração, em 2004.*

- *Era muito diferente do que é agora?*

- *Era muito melhor! Os boys eram muito melhores, mais bonitos, queridos, educados. Foi caindo o nível com o tempo. Antes tinha um promotor que ia nos inferninhos, numas*

*festas por aí, e catava muitos guris, muito guri de faculdade, do comércio, muitos do Exército. Era um pessoal que queria fazer uma grana mas que era tranquilo. Acontece que os caras eram selecionados e, depois disso, iam chamando amigos. Era assim que funcionava. E de início ok, só que depois eles começaram a não chamar mais guris bonitos para não competir pela clientela... Aí a coisa foi caindo. Bom, e agora muitos dos bonitos estão em aplicativo, aí nem precisam ficar por aqui, ganham dinheiro direto.*

*- E tu usa aplicativo?*

*- Ah, não... É que grande parte das vezes eu venho aqui para conversar, para ver o pessoal, para conversar com o Délcio e o Jairo... Se acontecer de ter um boy interessante ótimo, mas agora é mais para isso mesmo. Tem uns guris que valem a pena, que são mais confiáveis. Alguns com família, filhos e tudo. Outros são novos aqui e lógico que as bichas são espertas. Logo que esses chegam elas já catam. Tem que ficar de olho. Mas é muito complicado, se você quer uma relação não pode procurar aqui dentro, tem que ser fora. Bom, ao menos se você quiser uma relação para casamento. Por exemplo, eu mesmo, fiquei uns seis meses tendo uma... bom, namorando, pode-se dizer, um guri daqui. Mas é que era um guri ótimo, querido, educado... Não é o comum.*

*- E como foi para ti essa experiência?*

*- Ah foi muito bom. É engraçado, na verdade. Com esse garoto, por exemplo. O tempo vai passando e a gente vai ficando mais próximos... Vai criando uma cumplicidade, uma amizade. Ele mesmo, há algum tempo, foi me visitar porque eu estava doente. Um querido, né? Já aconteceu comigo algumas vezes de deixar o boy ficar na minha casa, de deixar um carro para ele usar, essas coisas. Mas é raro, não pode ser com qualquer um. Com o último rapaz que aconteceu isso aconteceu até uma coisa engraçada, mas que acontece mesmo nessas situações. Um dia ele apareceu todo desconfiado e envergonhado, dizendo que tinha conhecido uma guria e que aí tinha “rolado”. Que não deu para segurar, e tal. (risadas). Aí eu respondi: “tudo bem, sem problemas, mas também quero comer ela!” (risadas). Ele ficou sem reação (comenta rindo alto). Mas como estava te falando, tem isso. Os guris gostam de ter acesso a carro, casa, a ter o cineminha pago, essas coisas. Eu mesmo já viajei várias vezes com eles e não paguei o programa. É que eles fazem para aproveitar o passeio, a comida, bebidas... coisas que para eles são luxos, presentes... essas coisas, né. Mês passado mesmo fui para praia com um menino, queridíssimo. Agora, tem uns também que nem te conto. Vem com um papo de “quero morar contigo, vamos ficar juntos, vamos fazer tudo juntos” aí eu já me ligo e falo: “olha só, eu tenho um sítio, tenho duas empregadas, o jardineiro da casa e do sítio, etc, etc, etc. Pra ficar comigo tem que pagar a metade das coisas, tu podes? Por que casamento no fundo é isso: dividir as contas!” (ele ri alto).*

Enquanto Júlio me conta sobre os outros ambientes da cidade, em especial de outra Sauna na cidade considerada pouco cuidadosa com a higiene e qualidade dos boys, me reitera que é complicado achar garotos de programa realmente bons.

*- Os guris que chegam e que são mais inocentes logo são pegos pelas bichas mais ligadas. Elas catam eles pra uma relação mais próxima. Assim, se acaba ficando com os que estão há mais tempo e que, geralmente, são mais difíceis de lidar. Eles tentam te enganar, mesmo. Tem que ficar de olho, negociar preço, pechinchar.*

*- Mas acontece com certa frequência de ter essas relações mais próximas?*

Me olha nos olhos por alguns segundos sem dizer nada.

*- Cristiano, quase todo mundo tem isso aqui! (ênfase) Em geral, os caras já chegam e têm o boy que espera e que tem uma relação mais de perto... (olha para um rapaz tatuado que nos cumprimenta) Oi querido! Quer sentar-se com a gente? Quer beber alguma coisa?*

O *garoto* senta conosco na mesa e pede um suco de açaí (avisa que não bebe em função da mulher, que não gosta do hábito). Eles já são conhecidos, então Júlio, cúmplice do meu interesse pela história dos *garotos*, se adianta e incita Bruno a contar mais da sua vida. Bruno tem uma filha pequena e está há um mês na sauna. Parece ligeiramente incomodado com a interpelação e passa a me perguntar se estou ali como *boy* ou cliente, se já conhecia o lugar... Depois de alguns minutos, e notando nosso desinteresse por um programa, se despede educadamente e sai da mesa. Nesse momento, Júlio já falava dos problemas de relacionamento entre homens gays:

*- Sabe qual o problema? É todos estão sempre dando em cima um dos outros. A carne é fraca, não adianta. E manter uma relação é muito difícil. Não conheço nenhum casal gay que tenha durado muito. Vir aqui tem muito a ver com isso, para mim... É agradável, tem uns momentos agradáveis, mas é triste ao mesmo tempo. Eu mesmo, o amor da minha vida foi um amigo que eu tinha. Eu fui casado com uma mulher durante anos, foi horrível, e eu sempre tinha esse amigo junto de mim. Em especial quando ela me deixou com as crianças. Eu criei os dois, estão uns homens feitos. Mas foi um tempo difícil, e esse meu amigo me ajudou muito. Um dia tínhamos bebido bastante e acabamos dormindo no mesmo quarto de hotel. E acabou acontecendo, ele se declarou...eu confesso que fui pego de surpresa. Mas me apaixonei, ou melhor, me dei conta que já estava apaixonado por ele. Acho que isso é muito importante para os homens que vêm aqui. É como aquele que cumprimentamos antes, ele tem uma mulher linda (fala com ênfase). Mas ele vem para viver as coisas que precisa... Homem não sossega fácil!*

Nesse momento, um homem aparece dançando no bar, animado e fazendo brincadeiras com um colega atendente e os poucos clientes presentes. É um *garoto* malhado, tatuado, com barba aparada de forma milimétrica. Júlio comenta:

*- Esse aí é o melhor daqui. Um querido... E olha aquela bunda! É um bundão! (risadas) Quero muito pegar, mas tenho que ficar de olho porque ele namora a Nicinha, e aquela é desconfiada... A gente deve ver ela por aqui daqui a pouco. Deve estar lá em cima. Falando nisso, vamos para lá?*

Era um início de noite agradável, a caminho da cobertura resolvemos passar na sauna seca. Alguns *garotos* estavam ali, a luz amarela e o ambiente mais sombrio, e os bancos de madeira (secos e limpos) pareciam mais apropriados para “arretos”. Revejo Pablo, um dos *boys* com quem já tinha conversado em certa ocasião. Pablo é venezuelano, de uns 25 anos. Está em Porto Alegre há alguns meses e soube da Sauna fazendo programas no Parque da Redenção, considerado o “degrau mais baixo, mas mais acessível do comércio sexual entre homens”. Um dos caras com os quais se encontrou entre as árvores do Parque lhe falou sobre o lugar, em uma conversa após o sexo. Indicando que seria mais seguro do que ficar em lugares públicos da cidade, Pablo resolveu frequentar a Sauna. Pablo tem nível superior, é negro e tem no sotaque e na simpatia - segundo ele complementos ao *dote*, aparentemente o item mais avaliado pelos clientes do local.

Continuamos nosso caminho depois de alguns minutos na sauna. Nesse meio tempo, Júlio havia conversado um pouco com um dos *garotos* e lhe convidava para subir conosco. Alguns homens conversam alegremente na área aberta, ao som de músicas dos anos 1980'. Júlio me convida a reunir-me em com conhecidos, enquanto alguns homens ocupam outras mesas ao redor. Somos interpelados repetidamente por novos conhecidos, que por algum momento fazem graça da minha presença e questionam a minha posição cliente/*boy*. Um dos amigos de Júlio, Marcos, me interpela:

*- Você já vinha aqui? Não tinha te visto.*

*- Não, eu não vim muitas vezes mesmo. Eu ia mais na Sauna P.*

-Ah, entendi. Sabe que aqui tem que negociar bem os preços, hein. Geralmente é de 80 a 150 reais<sup>66</sup>, mas se eles sabem que você é novo no lugar jogam o preço para cima. Enquanto isso, o grupo parecia muito envolvido com uma situação de um grupo na mesa ao lado.

- (...) Óbvio que é tudo mentira, tudo armação. Eu conversei com ele esses tempos e ficou falando que era estudante de medicina, que estava agora só fazendo umas disciplinas soltas e tal.

- Mas é inacreditável que o Junior não se dê conta. Ah! Ele é teu colega, Cristiano. É psicólogo. Mas vem cá, vocês não aprendem a identificar se uma pessoa está mentindo ou não? Aquele ali é óbvio que é um tratante.

- Olha, acho que não é tão simples de identificar isso (falo rindo). Mas enfim, o que aconteceu?

Marcos se debruça sobre a mesa e fala mais baixo:

- Bom, é que esse psicólogo aí se envolveu com essa moça (ênfase) que trabalhava aqui. E agora estão nessa de namorar (nova ênfase). Só que é uma mocinha! E fica inventando que é estudante de medicina, que isso, que aquilo. Se acha horrores. Como pode? (silêncio na mesa durante uns segundos enquanto todos observam a mesa ao lado). Sabem o que isso me lembrou? Quando eu peguei meu irmão em uma danceteria com uns viadinhos (todos olham com surpresa e alguns riem). Isso mesmo. Era nos anos noventa, para vocês terem uma ideia. Ninguém da família sabia que eu era gay. Eu estava nesse lugar, bebendo e conversando com um pessoal, quando, do nada, vejo meu irmão com umas bichinhas. Na hora fiquei paralisado, mas nem deu tempo de fugir, ele já tinha me visto.

- Tá e aí? O que tu fizeste? - pergunta Jairo, que se somou à conversa.

- Ué, nada. Ah a gente se cumprimentou como se fosse a coisa mais normal do mundo e ele comentou que tinha ido acompanhar uns amigos. Aham...

(Risadas)

Júlio se vira para Jairo e indaga:

- Tu te lembra aquela vez que uma bicha mandou me matar?

- A diretora da escola? Lógico.

- Como foi isso? - eu pergunto

- Ah, longa história. Ela adorava um boy aqui da sauna. Era um guri muito querido, queridíssimo. Eu estava de olho, pensei assim: vou dar tudo o que esse guri quiser, vamos ver (fala rindo). Depois de um tempo, levei ele para casa e o que ele pedia eu conseguia. Carro, passeios, roupas. Essas coisas. Aí a bicha ficou enlouquecida. Começou a me ameaçar, e eu de olho. Certo dia eu mandei um pessoal ficar de espreita na minha casa porque notei que ela tinha resolvido mandar me pegar. O pessoal cercou a quadra inteira e pegaram os caras armados. Aí eu a encontrei e falei: Olha aqui, eu não vou mandar te matar, mas tu vais ficar sem andar e sem trepar com ninguém durante muito tempo... Eu mandei fazer um trabalho, eu tenho os meus contatos.

- Ah, tu tens os teus contatos espirituais, então - eu pergunto, sorrindo.

- Não só espirituais, querido. Se alguém se meter com qualquer um dessa mesa eu não deixo barato!

Assim como falam dos *boys*, os clientes falam muito dos outros clientes e, nesse sentido, a reputação de bom companheiro também atende a um código moral e de conduta mais ou menos organizado e que supõe um regime punitivo – a feminilização. Tanto os *boys* como os

---

<sup>66</sup> Em valores de 2018.

clientes que rompem os códigos de conduta sexuais, morais e afiliativos, logo passam a ser tratados no feminino (para além de supostas bravatas e/ou violências físicas relatadas, muitas com o objetivo explícito de me impressionar). É um marcador mais que discursivo, pois é a imposição de um estigma pejorativo a quem já não pode permanecer em uma das classes dessa irmandade. Nessa casa de homens, onde a masculinidade viril é densamente celebrada, a feminilização pode ser uma das portas de saída mais difíceis de reabrir.

Os *boys* também têm suas estratégias de controle e cuidado em relação aos tipos de clientes indesejáveis. As artimanhas relacionadas à identificação de possíveis clientes envolvem uma observação acurada dos *garotos* sobre o cliente em foco, seu consumo de bebidas, as pessoas com quem está acompanhado e a natureza das relações que esse cliente estabelece com quem está próximo. Formam-se redes de informação entre os *garotos*, calcadas principalmente sobre o fluxo de pessoas que se repetem nos bares, sobre os clientes nos quais vale a pena investir e em que contexto pode ser necessário investir mais ou menos risco em um determinado programa.

Esse conhecimento que se incorpora em estratégias consideradas mais adequadas de aproximação, para escolhas de bons clientes, no investimento acurado em possíveis clientes fixos, é compreendido por clientes e entendidos da prostituição com os quais tive contato como representativo de certa “malícia” e, por vezes, da “contaminação” por esse fazer. Assim como indicava o organizador de festas Orlando (apresentado no início desta pesquisa), para muitos, a busca por *garotos* mais jovens, ou mais novos, no mercado do sexo, justifica-se por estes não terem sido “contaminados” pelos “malefícios da prostituição”. Entretanto, essa “contaminação” parece estar mais associada à capacidade crescente que os *garotos* demonstram em negociar com mais autonomia seus programas e seduzir novos clientes, processo que se mostrou acontecer com o tempo de experiência e aprendizado nos locais de prostituição – e que é lida, por vezes, como certa “falta de caráter” ou “ganância”.

Essa noção de corpo desejado no mercado de sexo, de homens que se fazem estrategicamente visíveis para ganhos monetarizados, diz de pontos de tensão entre o exercício de masculinidades tradicionalmente concebidas e a posição de objetos desejáveis, muitas vezes, naturalizada como do feminino. Cantalice (2016), em estudo sobre os “caça-gringas”, dá ênfase para a importância de compreender esses processos de abordagem e de conquista de mulheres clientes europeias por homens da praia de Pipa (RN), para além de uma lógica vitimizadora. Para o autor, as articulações entre as esferas do feminino e masculino que figuram nessas trocas fazem atentar para a heterogeneidade e ambiguidade da constituição das masculinidades, de modo que o discurso normativo do masculino como desejante e do feminino como desejado são



problematizados. O encontro nas negociações sexuais se calca numa ideia de essencializações estratégicas (Cantalice, 2016), em que certos atributos de brasilidade, virilidade e afeto são taticamente utilizados.

Assim como ocorre com os clientes europeus e clientes europeias descritos na pesquisa de Cantalice (2016), o campo desta pesquisa também mostrou certas estratégias de busca mais ativa de perfis de clientes que, além de valorizarem os atributos conscientes que os *boys* tinham, poderiam configurar outro tipo de trânsito na ambiência de prostituição: um trânsito de saída. Esse trânsito também não é homogêneo e nem necessariamente definitivo. Em alguns relatos é explicitamente temporal, intervalar. O trânsito da saída pode focar uma saída definitiva do círculo ou intervalar – tanto enquanto projeto como consequência –, mas depende muito de fatores da trajetória de vida dos rapazes envolvidos, suas condições existenciais (de apoio, emocionais ou financeiras) e, principalmente, da gestão de si que conseguem organizar.

Como já explicitarei no relato das conversas com os clientes “VIP” da sauna, o grupo dos clientes mais experientes e mais cativos apresenta relatos de situações em que as vinculações se dão, inicialmente, dentro das saunas e bares e, posteriormente, complexificam-se em uma conjugação de interesses, desejos, prazeres e recursos que transcende o contrato comercial. Os relatos de serem cuidados por boys em momentos de fragilidade, de compartilharem moradia, objetos, automóveis, férias, de pagarem estudos, financiarem negócios, festas de casamento, batizarem filhos, foram recorrentes. O boy Felipe, por exemplo, me contou que já teve clientes fixos por longos períodos e que inclusive morou na casa de um deles por mais de um ano:

*Conheci aqui, na sauna, mas tu logo via que não era o tipo comum aqui. Era um pouco mais jovem, quietão... depois da segunda vez eu ofereci o meu telefone, para caso quisesse combinar algo fora... Daí começamos a conversar pelo whats e todo sábado passávamos a tarde aqui. Depois eu sugeri a gente ir para a casa de praia que ele disse que tinha. Ele perguntou quanto custaria o final de semana... e eu pensei bem e chutei baixo, bem abaixo do que seria o preço normal. Na época um final de semana fora assim sairia por no mínimo 1000,00, e eu pedi 500,00, porque estava bem de grana e queria sair, queria ir para a praia, relaxar... e estava bom. E foi muito bom, um baita apartamento, a gente conversou muito, foi a restaurantes, passeou, trepou, dormiu junto...*

*Na volta, em 15 dias, já fui para a casa dele. Eu tinha de tudo, se penso, estava muito bem, mas não era para sempre. Foi algo para eu experimentar uma outra vida, juntei pouco dinheiro, mas dei um tempo daqui – porque logo ele quis exclusividade – fiz curso de barbeiro, tinha academia, cartão de crédito, celular, tudo pago... mas fui ficando preso, ele mais ciumento, mais possessivo, apaixonado, sei lá... e o que pegou foi a liberdade. Não deu. Eu já tinha tido clientes fixos, uma vez um até alugou uma quitinete para mim. Mas isso de morar junto não vai rolar mais, mistura demais, tu ficas na mão do cara. Eu queria ter juntado dinheiro para montar uma barbearia e sair disso enquanto estou por cima..., mas ainda não deu.*

Os exemplos acima ilustram a organização, o planejamento de trânsitos para fora do mercado do sexo, em andamento nos momentos em que realizei o campo da pesquisa. Mesmo que eu não tenha entrevistado a nenhum *ex-boy*, existem outros fragmentos de narrativas que apresentam outros tipos de saídas, com desfechos dentro dos campos de possibilidade que circunscrevem esse fazer para cada um dos envolvidos. O cliente Jairo, em uma das suas explicações no estilo *master class* sobre a vida nas saunas, aponta a um dos atendentes do bar e comenta a história de uma dessas saídas:

*Está vendo o cara do bar aí? Está gordo, mas ainda dá para ver que ainda é bem bonito. Nossa, ele foi boy aqui muito tempo.... Era stripper lá naquela casa lá do centro, antes e depois dos shows atendia aqui, na internet... Depois de parar de fazer programas bateu aqui e os donos ofereceram esse trabalho que, para ele deve ser uma tortura, né? Ver os guris tirarem em dois três dias mais do que ele ganha por mês. Eu acho que ele deve atender ainda algum cliente das antigas por fora, só pode...*

A história mostra um tipo de saída parcial, talvez do fazer sexual, mas não do mercado do sexo, que como qualquer mercado têm suas regras, atividades, custos, valores, mas também margem para trânsito. Assim como o *boy* virou garçom, também ouvi do segurança que virou *boy*, do *boy* que virou namorado, marido, que antes foi fixo, ou recorrente. Dependendo das oportunidades, das características e, especialmente, da desenvoltura dentro desse campo de saberes/fazer, pode-se chegar a uma expertise nessa pedagogia – o suficiente controlada – para poder sair, com certo controle do processo. Muitos foram os fragmentos de narrativas que se referiam aos *picaretas*, *barra-pesada*, *aventureiros*, *malandros*, *drogados*, que a própria maquinaria desse mercado tratou de expulsar – expulsões sumárias ou ensaiadas, recorrentes ou definitivas, que marcaram as trajetórias mais curtas de muitos *garotos* que tentaram a vida – ou apenas um momento da vida –, nos bares, saunas e aplicativos.

Ainda que o roubo, a extorsão e a violência sejam desses marcadores de exclusão sumária, com o uso abusivo de drogas parece haver mais tolerância ou como ilustrou Daniel, inclusive segundas oportunidades. De acordo com sua narrativa, poder voltar a trabalhar no bar, com sua rotina e o suporte dos colegas e equipe foi decisivo para que pudesse se manter “limpo”. Daniel é um rapaz branco, magro, mas com a musculatura bem definida (“*músculo de trabalho fica, não é como o de academia*”) que começou a vida nos meandros do sexo ainda na infância, na rua, na JB. Tem 23 anos e há dez trabalha como *boy*. Sua narrativa não é linear, apresenta muitas discontinuidades e segmentos omitidos, parece confuso, mas ao mesmo tempo ingênuo na significação dos fatos que narra, aparentando um entendimento precário sobre como as coisas foram acontecendo em sua vida. Estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental, e com a morte da tia que o cuidava acabou nas ruas. Passados alguns meses lhe apresentam a

negociação com homens na rua como alternativa à fome e ao frio que a cola ou o *loló* não resolviam. Sem aparente rancor ou muita emoção, conta em uma cadência suave sobre o início de sua trajetória, sem deter-se em nenhum detalhe ou situação mais específica. Como alguém já acostumado a contar toda essa história em serviços de segurança pública, de garantia de direitos, de assistência social e de saúde pelos quais passou nesses anos – não parecia ser novidade para os interlocutores, portanto, escolhia informar o necessário.

Daniel conta ter algumas cicatrizes de ferimentos dos tempos na rua. O uso abusivo de drogas fez com que tivesse sido internado mais de uma vez, tanto na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE), como em hospitais e comunidades terapêuticas. Quando saiu da última internação, ex-companheiros da rua o convidaram para trabalhar no bar. Como indicava Daniel, parecia uma excelente oportunidade para se reorganizar: “O gerente aqui é muito gente fina, me dá comida e banho, roupa limpa, tendo cliente ou não. Não fosse o bar e o pessoal daqui eu teria recaído de novo, com certeza... mas já faz tempo que eu estou melhor, vendo o que eu vou fazer da minha vida. Antes eu achava que poderia ser modelo, vários clientes e outras pessoas me diziam isso... não sei bem mais, acho que agora isso já está meio complicado para mim, mas vamos ver o que aparece...”.

A dureza do retrato – talvez o mais emocionante e imobilizador com que me deparei na pesquisa, a história de Daniel, como o dono do bar se referia, quando lá o avistava, inscreve o território da prostituição em um campo pedagógico, mas com mais possibilidade de agência para homens cujos itinerários e marcadores se acoplam a um sistema socialmente assimétrico. De todo modo, as violências vividas por Daniel eram, em sua narrativa, mais atribuídas às contingências sociais e familiares do que ao campo da prostituição – interpretado por ele, com boa dose de ingenuidade, como fator de proteção frente às violências institucionais vividas nas ruas e nas organizações do Estado. Apesar das marcas de tantas negligências, violências e provações precoces, Daniel havia aprendido a sobreviver e a se reinventar dentro das normas e possibilidades do mercado sexual. Neste aspecto, como os outros *boys* e clientes que narram longa permanência no território, Daniel é um *expert*, porque sabe aproveitar as oportunidades, é empático, cumpre os combinados, mas se vê nas margens das possibilidades de trabalho sexual nos ambientes de bar e sauna (ainda assim mantendo sonhos e expectativas construídas nos seus territórios).

## 5 “Quem trabalha não ganha dinheiro” (?): *Intermezzos* entre o empresário de si e a carnavalização

O termo *intermezzo* pretende ilustrar, na metáfora do processo musical, parte do observado em campo e nas possibilidades de análise desenvolvidas, em um movimento distinto ao descrito no segundo capítulo desta tese. Naquele apanhado das trajetórias categoriais illustrei os processos de antagonismo predatório cliente/*boy* – entretanto, meu campo aqui se joga a um território de fronteira, assim como o *intermezzo* musical. Em teoria musical, o *intermezzo* (ou interlúdio, em língua portuguesa) é um tipo de composição breve, algo improvisado, e que cumpre duas funções aparentemente ambíguas: unir e separar os atos de uma peça maior, como uma ópera, um concerto ou até um *ballet*. Existem interlúdios famosos (como o que marca as metades da *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni, popularizada na trilogia d’O Poderoso Chefão), mas a maioria tem funções basilares na peça (tempo para organização dos cenários, recomposição dos atores/cantores, descanso das plateias...), não almejam o *status* de figura principal. São composições curtas, com consideráveis graus de liberdade, mas não desconectadas das suas referências (sejam retrógradas ou anterógradas), de modo que não perdem sua função de fronteira.

Tomando certa liberdade poética, posso dizer que os lugares para a prostituição remetem a espaços de fronteira, de *intermezzo* – seja em relação à distribuição geográfica pelas cidades, na circulação languageira e simbólica que historicamente lhe compõem, ou na clássica problemática da porosidade entre vida econômica e afetiva<sup>67</sup>, tão marcante no campo da prostituição. Lembremos, por exemplo, o termo *casa de tolerância*<sup>68</sup>, que remete ao trabalho sexual no âmbito da heteronormatividade como prática que, ao contrário de estabelecer a suposta cisão da família burguesa, mostrou como essa noção de família e prostituição se constituíram ‘suturadas’ – com afastamentos estrategicamente produzidos e otimizados em prol da manutenção dos sistemas de poder. Essa prostituição em específico (alçada na interface de vida pública, família e sexo que se deu majoritariamente no terreno da racionalidade patriarcal

---

<sup>67</sup> Estudos focados no trabalho sexual exercido por mulheres, apontam como essa atividade se agencia com diversas relações consideradas íntimas, inclusive no que diz respeito a formas de conjugalidade/casamento. Nessa conjuntura, a densidade moral atribuída a composições afetivas (Zelizer, 2009; 2011) pode compor o trabalho sexual como espaço de delicada economia em âmbitos conjugais e migratórios (Piscitelli, 2003), por exemplo, ou da prostituição exercida na rua (Olivar, 2013).

<sup>68</sup> Como indica Antunes (1999), referindo-se à naturalização de uma sexualidade a ser controlada e gerida através da prostituição feminina: “conquanto essencialmente amoral, o fenômeno concorreria para uma finalidade moral, evitando os males temidos da prostituição masculina, da violência sexual e do relaxamento dos hábitos sexuais e das interdições morais” (p. 174).

e machista) não se mostra homogênea para o campo do trabalho sexual exercido por mulheres na contemporaneidade<sup>69</sup>. Para os homens que se dedicam ao exercício da prostituição do lugar de quem oferece os serviços, esse trânsito também não é auto evidente – contraditoriamente a visões estereotipadas sobre um suposto perfil de garoto de programa ou mesmo sua completa redução a categorias epidemiológicas ou do campo da saúde<sup>70</sup>. Como visualizei em alguns estudos sobre experiências de prostituição de mulheres, e anteriormente delineei nesta tese sob a forma de processos pedagógicos para os homens, é necessário adentrar no trânsito do trabalho sexual para traçar suas singularidades.

Tendo por foco as histórias de homens que conheci nesses territórios (geográficos e existenciais), e que me auxiliaram nesse reconhecimento, pude ver que as pedagogias que compõem seus cotidianos podem se mostrar de forma mais ou menos instituída – calcada em dimensões identificáveis em um certo *habitus*<sup>71</sup>, nas regras estabelecidas pelas gerências, nos saberes compartilhados entre garotos, nas estratégias de companheirismo entre clientes ou mesmo nos entrelaçamentos relacionais que fraturavam posições supostamente rígidas. Sob esse prisma, a prostituição exercida por homens percorrida por mim parecia potente em (re)posicionar os sujeitos<sup>72</sup> em lugares de maior ou menor possibilidade estratégica - através de uma série de pedagogias que não se davam desvinculadas de elementos materiais, humanos e não humanos, que constituíam ‘ambiências’ de trabalho sexual.

---

<sup>69</sup> Escritos contemporâneos sobre prostituição inscrevem, especialmente do ponto de vista de quem exerce, uma série de possibilidades de agência que tradicionalmente não eram apresentados em escritos acadêmicos anteriores. Exemplos deste movimento são os trabalhos de Monique Prada e Amara Moira.

<sup>70</sup> Na saúde coletiva, trabalhadores sexuais estão categorizados como HSH (homens que fazem sexo com homens). A proposição do termo é abarcar sujeitos que não se identificam como homossexuais ou *gays*, mas que são considerados vulneráveis a infecções sexualmente transmissíveis. A despeito de profissionais estarem dentro da categoria HSH, é comum o silenciamento em relação à categoria, como vemos na redação do Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de AIDS e das DSTs entre *gays*, HSH e travestis (publicado em 2007 pelo Ministério da Saúde) que não considera a singularidade do percurso dos trabalhadores.

<sup>71</sup> A noção de *habitus* possui um longo percurso nas Ciências Humanas (Héron, 1987). Entretanto, é em Bourdieu que o termo *habitus* se populariza academicamente. Para o autor, trata-se de “*um sistema de disposições duráveis e transponíveis que (...) funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas*” (Bourdieu, 1983, p. 65).

<sup>72</sup> Perlongher faz um apanhado de uma série de categorias de identificação operantes na realidade de São Paulo da década de 1980. Entretanto, como indica o autor, “*estas atribuições são sempre tentativas, assinalando antes arquétipos ou modelos do que sujeitos reais; estes costumam oscilar muitas vezes entre ponto e ponto, recebendo até qualificações diferentes segundo o seu lugar de exibição. Pontos de “fixitude” funcionam como eixos de distribuição, tanto populacional como retórico ou semântico das redes circulatórias por onde perambulam os sujeitos*” (Perlongher, 2008, P. 138). No contexto desta pesquisa, a quantidade de categorias não é tão extensa como a vista por Perlongher (restringindo-se a nomenclaturas como profissional do sexo, garoto de programa, *boy*, namoradinho ou, como usualmente percebi, sem categorização enunciada). Nesse aspecto, talvez haja um marco de intensificação e capilarização neoliberal (que se desvincula com mais traquejo do plano das identidades, ainda assim aprisionando a partir de outros fluxos). De toda a forma, mesmo essas categorias parecem obedecer ao funcionamento conjuntural/flexível elencado por Perlongher.

Saunas, bares e mesmo dispositivos geolocalizados (ainda que não o foco do trânsito realizado na pesquisa), mostraram-se territórios possíveis para modulações em termos de marcações sociais como gênero, sexualidade, classe, etnia, território. Nesse sentido, é possível alçar luz a lugares de diferença (Brah, 2006; Piscitelli, 2003), nos quais certas composições desencadeiam espaços de precariedade e potência. A leitura de autoras do feminismo interseccional, nesse sentido, se faz importante, já que instaura operadores que permitem visualizar a inconstância e flexibilidade nas marcações de diferença, muitas dando ênfase para possibilidades de agência dos sujeitos. Agência, neste estudo, é compreendida numa perspectiva butleriana enquanto capacidade de ação diante de relações de poder. Nessa conjuntura, na qual panorama normativo não é uma entidade externa (força que somente incide atribuições sociais) mas efetivamente um plano de poderes que constituem os sujeitos (uma instância nunca fechada, conclusa), agência é o que se pode operar nas tramas do poder – possibilidade de resistência ou subversão diante de um panorama social.

As possibilidades de agência na prostituição (que demanda um trabalho pelo/com o corpo) se fazem, neste sentido, visceralmente relacionadas a marcações de diferença. Localizar a experiência de homens nesse campo de produção social é rastrear o que torna seus corpos inteligíveis no mercado sexual, o que possibilita movimentos performativos singulares - o que, afinal, o corpo encarna (estabilizando e desestabilizando discursos que atualizam o projeto biopolítico da modernidade, evidenciando diferenças e composições). A experiência corporificada de homens (a despeito do debate feminista clássico, que costuma planificar enquanto categoria estática<sup>73</sup>) evidencia atravessamentos que compõem o exercício de quem oferece serviços na prostituição enquanto lugar marcado por gênero; permite alargar o entendimento de sua prática como coletiva evidenciando transversalidades; e também indica diferenças que deflagram conflitos constituintes dos fazeres e saberes no mercado sexual<sup>74</sup>. Nesse sentido, uma leitura totalizante sobre homens, masculinidades e os usos do corpo neste campo não explicitaria a uma série de disputas em que a prostituição se constitui uma arena de poderes (em que a própria posição *homem* se mostra instável).

Na esteira desta discussão, tendo a prostituição entre homens como espaço de instabilidade, procurei neste texto rastrear conjunturas, nas quais é possível – devido ao

---

<sup>73</sup> A despeito da atualização de discursos binários, que em conjuntura molar (Deleuze; Guattari, 2008) organizam o campo social (despotencializam gênero, sexualidade, erotismo, enquanto instâncias supostamente isentas de composição política por se remeterem a um panorama dicotômico público/privado).

<sup>74</sup> Como aponta Piscitelli (2014), o trabalho de Perlongher (2008) é bastante sensível a esse aspecto, concedendo especial atenção a expressão de diferenças de gênero, classe, sexualidade, raça e território como elementos que compõem o percurso e produção do desejo no universo dos michês paulistanos.

mercado do sexo como espaço potencial de *intermezzo* que produz certo jogo de opacidade/visibilidade<sup>75</sup> possíveis para os homens – operar certo deslocamento dos sujeitos, produzindo conexões inventivas, ou seja, formas outras de estar no mundo<sup>76</sup>. Nesse campo de deslocamentos potenciais, uma série de agenciamentos podem provocar experiências inesperadas – formas menores de existir que conseguem fazer do corpo, na prostituição, máquinas que abrem brechas frente aos discursos tradicionais de posicionamento dos homens nesses cenários.

Ter em vista esse rastro de diferentes investimentos sob o corpo, analisado/esquadrinhado/disciplinado/controlado, faz com que não seja possível ignorar um trabalho cuja densidade social se encontra em suas partes consideradas historicamente mais ‘privadas’ (compondo intensidade no trabalho com e ao redor do *pau*, com e ao redor do *cu*, por exemplo). Então, neste texto procuro ainda trazer à baila, referências como as de Mikhail Bakhtin (cuja leitura do carnaval medieval interessa sobremaneira, expondo o corpo como construção que se dá na relação dialógica com os outros, corpo-multidão, corpo-hipertrofia, corpo-riso, a partir do qual constitui-se um espaço de liberdade dos cânones tradicionais<sup>77</sup>); Michel Foucault (que, investigando o dispositivo da sexualidade moderno, constitui-se como precursor em pensar biopoliticamente o sexo em sua relação direta com a produção maquínica de corpos); Donna Haraway (na crítica da natureza e na afirmação de um corpo que desponte enquanto produção propositiva, pela via de um sujeito ciborgue); Judith Butler (em análises de identidade enquanto instância performativa) e Paul Beatriz Preciado (na afirmação da possibilidade de um caminho contrassexual – portanto, afeito a uma política contra-neoliberal). Com elas e eles, portanto, um possível caminho analítico.

Percorro então este caminho tendo por foco a produção, em ambiências-*intermezzo* (territórios de prostituição que se compõem maleáveis diante de convocações discursivas regulatórias<sup>78</sup>), de corpos-*intermezzo* (que encarnam e desencarnam regulações normativas

---

<sup>75</sup> Preciado (2008), tendo como disparador de discussão o pensamento foucaultiano, compreende que um dos elementos próprios às sociedades modernas não foi ter restringido o sexo ao privado, mas sim “ter produzido as identidades sexuais e de gênero como efeitos de uma gestão política dos âmbitos privados e públicos e de seus modos de acesso ao visível”.

<sup>76</sup> Deleuze e Guatarri (1995) compreendem que “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (p. 37).

<sup>77</sup> Bakhtin nos conduz, no início da segunda década do século XX, a melhor compreender a linguagem a partir de seu aspecto dinâmico, enquanto enunciações em movimento e não como uma sequência fixa (Wall & Witt, 2019). Essa concepção de linguagem pode também servir para delinear alguns dos elos entre duas grandes dimensões de seu pensamento: o dialogismo e o carnavalesco, que serão trabalhados posteriormente neste texto. No que concerne a relação com o corpo, a leitura carnavalesca é particularmente potente, já que desenvolve um olhar singular para o que na leitura cristã era visto como aversivo: a ideia do corpo grotesco.

<sup>78</sup> Como indica Foucault: “as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual

sobre o ser homem e o exercício de masculinidades que compõem a prostituição). Se, como aponta Preciado n’*O Manifesto Contrassexual*, “a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades não é a luta contra a proibição, e sim a contraproductividade, isto é, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna” (2015, p. 22), cabe atentar como é possível um ‘estado de corpo’ nas relações entre homens enquanto político, pois contraproductivo. Assim, sigo na discussão de possíveis “contraproduções” através do recorte analítico de fragmentos de histórias de narrativas de homens que compõem esta pesquisa, utilizando nesse capítulo algumas narrativas que mostram como diferentes agenciamentos na prostituição entre homens têm nos corpos uma especial plataforma de materialização.

Diferentes corpos potencializam diferentes itinerários e possibilidades de relacionar-se entre o exercício da prostituição. Foram muitas as histórias ouvidas e presenciadas e alguns elementos desses corpos também já foram discutidos em seções anteriores da tese (como marcadores etários, físicos, raciais e de classe). O que pretendo apresentar aqui, através das histórias de dois interlocutores, são como características e habilidades corporificadas possibilitam constituir itinerários na prostituição como campos compensatórios – financeiros, hedonísticos ou dispendiosos. Nas narrativas que apresento a seguir, Francisco e Pedro ilustram particularmente bem a via do *intermezzo*. Manejam as regras e estratégias necessárias para ao mesmo tempo se agenciarem num mercado do sexo neoliberal, sem desprenderem dele seu potencial carnavalizador. As duas histórias ilustram como prazeres e dispêndios são delineados e possibilitados numa conjuntura de subjetivação neoliberal. Francisco e Pedro, os personagens centrais da organização desse capítulo me levaram a analisar como se entrecruzam os campos laborais e dos prazeres, desejos e necessidades. Assim, ao apresentar como alguns aspectos de suas histórias evadem às representações estereotipadas comuns ao exercício da prostituição, outros pontos se firmam tanto na lógica de subjetivação capitalística, como na em articulações estratégicas de busca de prazeres *per se*. Para tanto, lanço mão tanto das ideias de Dardot e Laval e Streeck sobre a organização corporificada do capitalismo, como da análise discursiva ou da carnavalização na cultura, como já anunciara Bakhtin.

### 5.1 Francisco, ou o corpo-glutão

---

a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1996, p. 9).



Começo esse recorrido apresentando mais uma história, de corpo-*intermezzo*. Trata-se de Francisco, que conheci de maneira inusitada, quase que por acaso, fora do que eu havia estabelecido como norte territorial para a pesquisa (focada em bares e saunas). Francisco é um “colega”, também aluno de pós-graduação *stricto sensu*. Certo dia, numa conversa em um espaço da universidade, perguntou-me sobre esta pesquisa. Ao contrário de muitos, não formulou nenhuma questão exotificante sobre o tema. Suas indagações me pareciam conectadas com um interesse comum naquela conjuntura universitária: epistemologia, método, participantes, noção de sujeito... um papo de café bem usual entre quem investiga ou é estudante. Com algum tempo de conversa, e maior familiaridade, trouxe-me uma interpelação: “*eu poderia ser participante da tua pesquisa*”. O movimento de Francisco, colega-pesquisador-participante tirou meu suposto controle de *ir até o campo* da prostituição entre homens. O *campo* sentava do meu lado e me apresentava, para além das telas ou do papel, uma outra faceta desse espaço relacional.

Francisco é filho da classe média, com pais com educação superior e uma vida relativamente segura e confortável do ponto de vista financeiro, relatou que sua entrada na prostituição entre homens foi marcada pela excitação da experiência – algo que também configurava o campo de sua “confissão”, enquanto flertava comigo de maneira sutil. Que um garoto de programa fosse um jovem de classe média e universitário já não era novidade, nem na literatura e nem na minha própria pesquisa de mestrado. Entretanto, algumas questões se faziam pertinentes: o desejo de estar na prostituição como experiência recreativa; a ênfase no consumo de produtos de luxo derivadas desse itinerário; e o efeito singular que os marcadores de diferença classe e etnicidade operavam aos poucos se mostravam constituintes de sua narrativa.

Francisco não era atlético ou musculoso. Usava óculos ao estilo *Harry Potter* e aparentava menos idade do que tinha. Era esguio e com pronunciados traços orientais. Alguém também com um corpo e uma história bem diferente das dos outros rapazes com quem vinha conversando, que eram muito mais próximos da figura *bofe*, homens muito identificáveis com os estereótipos de masculinidade hegemônica (musculosos, grandes), com marcação racial específica (especialmente homens autodeclarados negros ou pardos) ou de classe (majoritariamente jovens mais pobres). No esquema linguageiro dos territórios em que estive, não se caracterizaria nem como “*boy cara de bandido*”, como alguns participantes haviam denominado, tampouco como “*malhado de academia*” – algo mais *Barbie*, como circula em espaços de conversação LGBTQIA+. Francisco fazia o estilo *nerd, teen*, uma expressão

possível e mais presente em mídias digitais<sup>79</sup>, menos comum nos espaços fechados de bares e saunas que eu frequentava. Francisco se mostrava distante disso e, também, desacomodava outro estereótipo: narrava diretamente fazer sexo com homens na prostituição por gostar, por se excitar com a situação e, ainda, sendo penetrado.

*Pois é, eu não sou como os boys da tua pesquisa. Comecei a trepar por dinheiro meio de bobagem, meio de excitação. Mas fui fina né? Comecei em Paris (diz rindo). Foi uma viagem muito boa. Eu achei o máximo, o Marais. É um bairro gay, sabe. Você conhece? (...) Bom, é ótimo, dá pra “derrubar muitos forninhos”<sup>80</sup>. Como estava te dizendo, eu ia de boa pela rua e notei que tinha um carro me acompanhando. Ele passou por mim depois de um tempo, deu a volta no quarteirão, e voltou novamente a me acompanhar. Pensei... Tem coisa aí (...) Ele parou o carro, desceu, veio conversar, mas não falava quase nada de inglês. Como bom francês, só falava francês... Então a comunicação foi mais ou menos. Não sei te explicar... eu estava meio com medo, meio excitado... se eu entro nesse carro e essa bicha me mata e me joga numa vala! Nunca ninguém vai nem saber onde eu estou... acho que ele devia ter 40 ou 50 anos. E ele veio tentando conversar... Me perguntou quem eu era... quantos anos, o que eu fazia... o que fazia ali... Eu disse que estava passeando. Ele falava que era jornalista esportivo, enquanto começava a passar a mão... Eu continuei andando... ele insistia na conversa. Até que me convidou para entrar no carro. Eu recusei... ah ainda não sou tão louco assim! Vai saber (risos). O que o cara vai fazer? Ai a gente continuou andando e falando, ele passando a mão... pedindo beijo: bisou, bisou! Eu respondi: Não, beijo não. Mas aquela excitação, na hora me deu a ideia... Falei para ele: Tá, então você paga. 100 euros e você faz o que quiser. Ele se espantou na hora. Eu não sei por que, eu só falei... Apesar de ficar contrariado ele acabou negociando o preço, disse que pagava 50 euros. Eu respondi que não, 50 euros eu não queria (dizia rindo). Aí chegamos no meio termo de 75 euros. Entramos no carro e rolou. Tudo isso não deve ter demorado nem 10 minutos e com isso eu poderia ter um momento digno na minha viagem: sentar-me em um bom restaurante e escolher algo gostoso sem me preocupar. E assim foi. Nem pensei mais nisso. Depois esqueci, por muito tempo...*

A história de Francisco instaurou outra possibilidade em minha pesquisa, não somente do desejo erótico do garoto de programa enquanto aspecto enunciado – questão que, até então, não havia se apresentado de maneira tão explícita –, mas também de um sujeito em prostituição (ocasional) que se colocava como agente, impondo seu valor enquanto atributo de erotização, constituindo-se como empresário e voltado para um propósito de consumo (especialmente o

<sup>79</sup> Ainda que tenha encontrado disponíveis trabalhos consolidados versando sobre sociabilidades homoeróticas nos espaços *on-line* (Miskolci, 2012; 2013; 2014; 2016; 2017; Padilha, 2015; Pelúcio, 2017), não se verifica com grande afinco, no estado da arte, estudos sobre prostituição masculina no trânsito das mídias. Ainda assim, foi notável a presença, ao longo do desenvolvimento do campo deste estudo, de sites que podem ser compreendidos enquanto espaços possíveis para encontros, nos quais o uso de aplicativos não é considerado seguro (por exemplo, para homens casados). Alguns sites costumam indicar que os garotos têm local (ambiente fornecido pelo profissional para a realização do encontro), outros possuem, em seu próprio nome, tal denominação (por exemplo, *garotocomlocal.com*) – indicando o apelo ao público consumidor. Outro elemento relacionado a esse aspecto é como os sites acabam operando espaços de avaliação dos garotos, através de fóruns direcionados preferencialmente para diálogos entre clientes.

<sup>80</sup> Referência a sexo com garotos jovens, no qual “forninho” faz referência ao cu.

considerado de luxo). Mesmo correndo o risco de apresentar um relato de raízes rodriguianas, entendo que Francisco complexificou, subjetivamente, a análise do fenômeno com sua história. Cada vez que me perguntava: “*conhece?*”; também mostrava um certo desejo de mostrar-se mais no controle do mundo no qual eu pesquisava, e do mundo de consumos do qual ele tinha *know-how*. Além disso, fazia-se presente uma explícita tentativa, de sua parte, de me tornar próximo a ele – mais do que outros participantes e em outros momentos. Francisco fazia questão de assinalar que aquela história também poderia ter sido minha, que éramos mais próximos do que a configuração de pesquisa normalmente sistematiza. De acordo com sua narrativa, durante muitos meses, após aquela viagem, não pensou em mais nada reconhecível como “*sexo pago*”. Voltou a viver com a mãe e manteve uma vida sexualmente ativa, mas sem envolver negociação econômica explícita.

*Depois disso fiquei muito tempo sem fazer nada do tipo. Voltei para o Brasil e não aguentei ficar com a minha mãe, a gente briga muito... Queria ganhar algum dinheiro em função de estar sem bolsa, antes de começar o mestrado e fui trabalhar em uma loja. Era um saco. Ninguém merece horário de shopping e aquela coisa toda de empresa exploradora, aquele papo de motivação... enfim, um nojo na maior parte do tempo – salário baixo e trabalho sempre explorando mais. As vezes até era legal, conhecia uns clientes como o que te falei - aquele menino todo educado e lindo, falando super calmamente, todo articulado... Para esse fiz questão de tirar tudo das prateleiras e mostrar (risadas). Também dava para levar umas peças ‘perdidas’ para casa, era só colocar nos sacos de lixo da loja nos dias que eu era responsável por isso. Uma economia né (risos). Com aquele trabalho não me sinto nada em dívida por levar umas camisas! Nenhuma pena de patrão explorador de multinacional. Nessa época eu estava usando o Grindr. Vi alguns anúncios de Garotos de Programa e pensei que poderia ser interessante fazer algo do tipo. Bom, não que eu precisasse do dinheiro, mesmo brigando com a minha mãe ela sempre me manda o bastante para passar o mês e pagar as coisas. Mas tem algumas que não dá para pagar tão fácil. Por exemplo, os restaurantes que eu gosto aqui em Porto Alegre. Eu adoro culinária, alta gastronomia, viajar... daí um dia arrisquei... e senti de novo aquela excitação... eu curtia muito as conversas, combinações... me excita muito sentir que estou controlando o desejo do cara... que eu não preciso, mas para ver o quanto ele pode chegar a pagar para transar comigo... o quanto ele acha que vale... e eu consigo um pouco mais do que eles estão dispostos a pagar no início... No aplicativo, a maioria dos caras não é tão mais velho, muitos até conseguiriam transar de graça - mas as vezes estão com preguiça da função de convencer, ou não tão querendo rolo de envolvimento, ou tão pulando a cerca, ou são inseguros... tem alguns guris aqui da universidade que já foram meus clientes. Aliás, tem um daqui que é bem guri, tem uns 20 anos, com quem eu já saí algumas vezes... eu acho que ele recorre à programa por insegurança, meio gordinho... porque na real se ele quisesse se jogar mesmo, arrumava*

Francisco materializa um *intermezzo*, uma interjeição. Se ao mesmo tempo a mentalidade do cálculo, o roubo, o planejamento e a articulação poderia me remeter aos discursos predatórios de estigmatização do passado, também desmontava muito disso: se dizia

gay, não justificava o fazer pela necessidade ou pela proteção financeira. O prazer, o hedonismo e a excitação estavam bem pronunciados. Não parecia haver dissimulação. Eram as notas intensas de supostos extremos dessa peça musical. A desmistificação dos perfis caricatos de clientes, como se residissem todos frente a uma fronteira abissal de marcadores identitários se fazia presente: de classe (clientes ricos e garotos pobres), geração (clientes supostamente sempre velhos), identidade de gênero (no exercício de uma masculinidade não majoritária), sexualidade (nos usos do corpo, especialmente do “cu” como elemento que compõe a narrativa de prazer associada à experiência na prostituição). No transcorrer dessa narrativa, pareceu-me marcante certa compreensão de que o trânsito um tanto conjuntural na prostituição, com entradas e saídas facilitadas, se dava por um território relativamente novo no mercado do sexo, ou seja, no uso de aplicativos geolocalizados focados na busca de parceiros sexuais<sup>81</sup>.

*É, eu acho que eu sou um caso bem atípico. Porque em geral a pessoa acaba fazendo pelo dinheiro. Não necessariamente porque precisa, mas pra ganhar dinheiro mais fácil, sabe? Mas eu não sei, eu fazia porque achava interessante... pela experiência mesmo. Esses dias eu li um artigo sobre o porquê que aconteceu as manifestações em junho de 2013 e ele falava que era basicamente porque os jovens queriam ter uma experiência daquela coisa de ir pra rua, porque em 90 teve o Diretas Já e a nossa geração nunca teve isso. Essa geração queria saber como era, entende? E para mim fez muito sentido, as pessoas foram pra rua por quê? Pra saber como é! Para sentir algo! E aí fica aquela coisa de que não tinha um caráter político definido nem nada. Realmente, não tinha. As pessoas estavam indo para ver como era e não com um objetivo específico. No meu caso era isso, eu só queria saber como era e soube. E gostei. E repeti. E parei. E voltei, vou parando e voltando... (risadas)... Depende, sabe, já me peguei pensando sobre os programas e o dinheiro, isso para mim basta para ficar excitado com qualquer cara, não preciso de Viagra nem nada... estar sendo pago já me deixa a fim... tu é psicólogo e entende, né?*

Francisco apresentava a ideia de que o “sexo por dinheiro” poderia propiciar outra relação com o prazer e com o próprio corpo. Inicialmente pela atribuição de valor, pude considerar como a entrada na prostituição possibilita estar como consumidor de uma experiência<sup>82</sup>, em situações nas quais ele é pago – modo de vida que opera por certa lógica de celebridade, ou seja, pago para se fazer circular. De outra forma, também se compõe excitado enquanto percebe valer mais do que o cliente gostaria de pagar (se o cliente sempre procura

---

<sup>81</sup> Aparentemente, ferramentas da *web* e aplicativos reconfiguram alguns territórios físico-geográficos como as saunas, ruas e bares, potencializando trânsitos mais individuais, autônomos. Ainda que também usados por alguns garotos de programa que frequentam bares e saunas, pode haver dissonância na compreensão do que seria o uso adequado dessas tecnologias. Para muitos homens, a utilização de aplicativos era motivo de insegurança, de ter imagens suas divulgadas para famílias e namoradas.

<sup>82</sup> A “experiência de consumo” pode ser considerada toda e qualquer compra cotidiana que inclui algum tipo de troca, tendo em vista o registro sensível, para o sujeito, da prática de consumir. “Consumo de experiência”, de outra forma, pode ser considerado como a compra da “fruição” de alguma coisa que remete a algo precedente – relacionando-se a uma memória de envolvimento (PEREIRA; SICILIANO; ROCHA, 2015).

pagar menos, a barganha excita pela via da ação ativa de se ver valer o esforço econômico de quem contrata o serviço). Essa narrativa da excitação, aos poucos se agenciava com uma perspectiva psicologizante, mostrando certa (sobre)interpretação mais presente do que a maioria dos demais participantes. Desejos, “fetiches” e sensações eram termos utilizados para interpretar elementos de sua história de vida e deveriam ser relacionados à entrada no mercado sexual. Francisco indicava o terreno conflitivo que pode ser desenvolver uma pesquisa na interface com a Psicologia que, de alguma maneira, pode causar uma interpretação individualizante das sensações e excitações, correndo o risco de pessoalizar ou patologizar.

*O boy que te disser que não curte nem um pouco, que não sente prazer, vai estar no mínimo tentando te enrolar para proteger a própria fantasia de masculinidade que deve ter. Ou se enrolar, se enganar mesmo. Sempre tem prazer, mesmo que a excitação passe por outras vias, do conforto, das coisas mais sociais, sempre passa algo... senão a gente não faz, não levanta, não goza... tem algo da penetração que é também biológico, mecânico, né? Vai vender roupa ou viver dessa merreca da bolsa... Já aconteceu de eu sair com clientes e não cobrar, só para ir a um restaurante bom - que depois se mostrou bem ruinzinho mesmo... conhece o (nome de um restaurante caro)? Decepção... mas enfim... era um cara legal, já tinha saído com ele três vezes, daí me convidou para sair para jantar... eu pensei: por que não? Vou lá provar algo interessante. Provavelmente transarei com ele? Sim, mas também é uma fidelização de um cliente gato, gentil, com as toalhas maravilhosas de hotel 5 estrelas ... então tá mais do que valendo... jamais toparia isso com um desconhecido, mas já temos um vínculo... e provavelmente eu usaria o dinheiro para pagar um jantar ou comprar uma toalha daquelas mesmo... E também tem um interesse específico, um nicho de mercado ... tu me entendes, né? E quantos boys “japas” eles podem conseguir aqui por Porto Alegre? Também tenho a minha especialidade...”*

Francisco se mostrou atento ao uso de termos como *fidelização*, *nicho de mercado*, *especialidade*, termos com os quais marca uma trajetória na qual analisa o que o cliente deseja e se faz agente, assumindo uma posição de produção de si enquanto *grife* (afinal, na possibilidade do marcador étnico ser articulado em prol de um trânsito pelo mercado, no território porto alegre se constitui como diferencial<sup>83</sup>). Através dessa leitura de si e do seu percurso na prostituição, pode articular o que se entende como uma racionalidade neoliberal e o efeito de subjetivação capitalista esta enseja. Esses elementos trazidos por Francisco, ainda que sem nenhuma pretensão totalizante, permitiram-me traçar certos planos analíticos que compõem o campo de relações entre os homens no mercado do sexo - seja explicitamente

---

<sup>83</sup> Alguns estudos apontam que, para sujeitos asiáticos ou com essa descendência, estereótipos de passividade e docilidade são usuais. Na conjuntura da homossexualidade e na prática sexual entre homens, encontrei descrita na literatura a associação de características asiáticas a passividade (receptiva no sexo) e a docilidade (Han, 2006; Logan, 2010). Estereótipos de ordem racial, na literatura internacional, ligam latinos a figura de bons amantes e viris, e negros à potência sexual.

denominado prostituição ou não, inclusive nas fronteiras entre esse tipo de relações e outras, menos explicitamente comerciais e/ou consideradas de diferentes naturezas (não envolvendo o enquadre de programa sexual, mas tendo como operador importante as relações de câmbio econômico). Ainda que nem todas as relações no campo do mercado do sexo entre homens sejam explicitamente ou exclusivamente vinculadas ao uso do dinheiro<sup>84</sup>, não são imunes ao neoliberalismo radical em que a sociedade capitalista se encontra.

A narrativa apresentada compõe-se articulada, tanto a certa leitura experiencial (esporádica e festiva) quanto aos processos típicos das mudanças do capitalismo para um modelo neoliberal<sup>85</sup>, processo no qual se produz uma racionalidade específica. Na perspectiva de Dardot e Laval (2016), a racionalidade neoliberal justamente se caracteriza pela expansão e fortalecimento da “lógica de mercado” fora da esfera mercantil como, por exemplo, na conjuntura das relações anteriormente tomadas como dos espaços privados – que, no caso recém relatado, não se dão somente caracterizadas por uma troca mercantil, mas sim de uma gama de aspectos afetivos (como a experiência de consumo de luxo ou do desfrutar da companhia de alguém que possa oferecer capital cultural). O campo do sexo remunerado entre homens, de toda a forma, vem mostrando essas mudanças, ilustradas em narrativas de participantes como Francisco, caracterizadas cada vez mais pelo uso de estratégias individualizadas (importante lembrar que coincide com o aumento na utilização de *sites*, e especialmente de aplicativos geolocalizados, a diminuição na existência de espaços presenciais como, por exemplo, bares, saunas e casas de prostituição).

No seu trânsito, Francisco nomeia “vínculo”, mas o faz de maneira interpretativa, psicologizando pela via das demandas emocionais – como clientes “carentes”, “solitários”. Assim como outros participantes, em suas narrativas entra em cena uma explicação, certa justificativa relacional atribuída aos clientes. Alguns chamam de “conhecer”, outros de

---

<sup>84</sup> Nessa conjuntura, estudos apontam a interface de naturalização operada entre dinheiro, moral e afeto. Tomado tradicionalmente como associado à impessoalidade e racionalização, o dinheiro foi operado na literatura de ordem sociológica e antropológica enquanto oposto a vínculo afetivo e laço social – configurando supostos mundos hostis (Zelizer, 2011). Tendo em vista a crítica a essas interpretações, estudos passaram a apontar os trânsitos do dinheiro, visando seus diferentes usos e composições morais (Weber, 2000).

<sup>85</sup> Segundo Dardot e Laval (2016), o processo de transição para o neoliberalismo se fez numa “*sociedade permanentemente marcada por forte regulação administrativa em vários campos de atividade, devido ao espaço ocupado pelo Estado 'social' e 'educador' (...) modo de regulação estava fundado numa fictícia centralidade do 'interesse geral' na definição das políticas, na prevalência do direito público na organização da ação social, na difusão de normas e formas de organização burocrática nos mais diversos setores, inclusive na produção de bens e serviços, no compromisso salarial entre as classes sociais e na distribuição dos ganhos de produtividade*” (p. 1-2). Mesmo que tal análise seja coerente com a discussão sobre as mudanças no capitalismo do pós-Segunda Guerra, as sociedades coloniais jamais se comprometeram com elementos como “interesse geral” ou, especialmente, “distribuição dos ganhos de produtividade”. Ainda assim, mesmo em nossas sociedades, a transformação neoliberal e a decorrente expansão da lógica de mercado evidentemente se mostram capilarizadas.

“relacionamento”, “amizade”, “relação”. Algo que transcende a transação pecuniária, mas não se descola totalmente dela. Ao mesmo tempo que existe algo do campo dos afetos, das afeições, mantém-se um território em que a relação programa, prostituição se faz presente, mesmo que nas entrelinhas, ainda que recordada por terceiros, como é o caso da seguinte situação narrada por Francisco:

*Me aconteceu aqui em Porto Alegre, isso de me dar conta. Por mais que o programa fosse um jeito de desligar da loja, aquilo que eu estava fazendo não era só excitação, não era só por fetiche, prazer, eu também era um trabalhador do sexo. Fui encontrar um cara rico, grisalho e charmoso, em um prédio de arquitetura super chique. Ele foi super cordial no aplicativo, sabe, sem pechinchar, colocando as coisas todas às claras, tudo certo, combinado... passou o endereço, peguei o Uber. Quando cheguei, disse para o porteiro, que estava uniformizado em um hall com lustres grandes, que eu iria para o 901. Ele levantou, perguntou meu nome, e me encaminhou para usar o elevador de serviço. Sem mostrar um dente! Sério... tapando a minha visão do elevador social... eu subi os nove andares, lendo pelo espelho a palavra “serviço” e pensando: - será que ele sabe que eu sou puta? Claro que deve saber, não devo ter sido o primeiro... mas aquilo me incomodou, nem pude aproveitar tanto aquele momento... O encontro não foi ruim, foi tudo conforme o combinado... mas aquilo do elevador, rendeu muito para eu pensar... me jogou no lugar de trabalhador... cortou um pouco as coisas. Bom, fui diminuindo os programas e parei, faz uns meses. Parei e não me vejo mais fazendo isso, não acho mais que vou fazer mais. De vez em quando ainda... uns clientes antigos mandam mensagens, mas eu não sinto mais aquela vontade. Mas quem sabe, né?*

No encontro com o elevador de serviço se operou uma mudança considerável. O espaço anteriormente reconhecido por Francisco como caracterizado por graus amplos de liberdade, e certo controle, alterou-se para uma brusca sensação de sujeição. O corpo-glutão (inscrito no aproveitar das possibilidades do paladar, das toalhas macias, das marcas caras, atento ao caráter libidinal do mais-dinheiro), que se considera transitando pelo prazer hedônico, pelos espaços do mercado (em um certo nicho coerente com sua especialidade: seu capital erótico e cultural), se vê alçado ao lugar de alguém que, no elevador de serviço, perde valor. É mais um “trabalhador” do sexo, mais um “boy”. O lugar de poder nas relações – anteriormente marcado pela posição ativa daquele que proporciona prazer (sentindo prazer) a quem demanda, num jogo de consumidor e empresário de si – agora faz se deparar com a possibilidade do corpo-trabalho (de um trabalhador que pode, também, estar sujeito, até mesmo, ao perigo da obsolescência). Como ele mesmo recorda em outro momento da entrevista, referindo-se aos homens que fazem do seu itinerário no mercado sexual sua principal renda econômica, a prostituição tem um “tempo, pois o corpo não vai ser o mesmo, a vontade não vai ser a mesma, e sempre terão caras mais novos e mais bonitos”.

Esse possível “constrangimento” da concorrência, vislumbrado na narrativa de Francisco, pode se impor a todos os agentes e compor em táticas de criação de reputação e fidelização. De toda forma, se produzir, performar para vender ou oferecer um serviço a um preço melhor do que os dos concorrentes (ou melhor serviço por preço “tabelado”, como ocorre nas saunas), se coloca com o fim de extrair o maior lucro possível. O cenário das trocas financeiras no mercado do sexo entre homens é, obviamente, constrangido pela concorrência de preços, mas no cenário neoliberal, de forma diferente do capitalismo tradicional, tem-se a competição por meio de certa inovação, posicionando os trabalhadores cada vez mais no campo empresarial: musculação, procedimentos estéticos, acessórios, produtos químicos para garantir a ereção... ou no caso específico de Francisco, inovações de capital cultural – falar mais idiomas, ter feito curso de *sommelier* e gastronomia, versar sobre Filosofia, por exemplo. O capitalismo neoliberal, obviamente, não acaba com a concorrência de preços, mas ao dar um lugar novo à concorrência por meio da inovação, aproveita melhor a complementaridade desses dois modos de competição com o fim de alargar o seu âmbito e de intensificar o seu jogo. Francisco define: “*o meu programa é diferenciado*”.

Dardot e Laval (2016) argumentam, de forma mais objetiva, que a grande questão prática do neoliberalismo vem a ser: como dobrar os sujeitos à sua norma, todos os sujeitos, incluindo aqueles que não sentem diretamente a pressão do mercado em seu trabalho(?). Os supracitados autores defendem que para pôr os indivíduos em concorrência, para empurrá-los ao máximo desempenho, é preciso pôr um preço sobre o que eles fazem e mesmo sobre o que eles são. Francisco acredita controlar esse jogo, ou ao menos, saber de seus mecanismos, de modo que as práticas de investimento em si (especificamente, a valorização de elementos étnicos, o uso de roupas de grife, o investimento em um corpo jovem compõe uma interface com o processo intenso de investimento). Assim como na narrativa de Francisco, um sistema de mercado concorrencial requer um dispositivo de produção de valor (em muitos casos, os atributos de etnicidade e juventude enquanto novidades). A avaliação constante numa racionalidade de mercado e o controle sobre si mesmos instaura uma existência pela via do cálculo. Não se produz um mercado sem um instrumento que seja, ao mesmo tempo, de medida de valor, instrumento de transação de produto e instrumento da atividade de avaliação – em muitos casos, diferentes de Francisco, mas também subjetivados pela racionalidade do “desenvolvimento pessoal” e da “concorrência”, sob a forma de afiliação, masculinidade e virilidade.



## 5.2 Pedro, ou o corpo-festa

Venho mostrando que diferentes estratégias de mercado que operam na lógica neoliberal atravessam o campo de minha pesquisa, muitas vezes sob a figura do empresário de si. Como indicam Dardot e Laval (2016), esse funcionamento se tornou mais denso tendo em vista descontinuidades relacionadas a muitas espécies de inovações, “*seja a criação de novos produtos (do sexo casual à confirmação de uma relação mais estável ou continuada para além do sexo, como os acompanhantes no campo do entretenimento), seja a abertura de novos mercados (como o agenciamento pelos apps), seja o desenvolvimento de novos processos (negociações virtuais, troca de imagens e vídeos, pagamento com cartões de crédito e transferências on-line) e o uso de novas matérias-primas (medicamentos para ereção, drogas ilícitas)*” (p. 4). Nesse sentido, trabalhar constantemente de acordo com o regime de controle de si mesmo e de pressão autoimposta para atingir os objetivos da tarefa (da empresa, do programa, do parceiro) é apresentado como uma condição de máximo engajamento na atividade que se analisa. O trabalhador é convocado a “dar tudo de si mesmo”. E mais, é preciso que o façam “voluntariamente” e com “liberdade plena” o que se espera deles, sem ter que lembrá-los o tempo todo sobre o que devem fazer e como devem fazê-lo.

Trata-se de inscrever as pessoas a “agir livremente” nos mercados assim construídos, de guiá-las na adoção de condutas “racionais” que maximizam os seus interesses, de fazê-las adotar estratégias eficazes. Para Dardot e Laval (2016), dois fatores são chave nesse processo de subjetivação. O primeiro é a rivalidade – trabalhadores, pretendentes, namorados, *boys* – seriam postos em situações (territórios, práticas, cenários) em que competem entre si, potencialmente apresentando desempenhos melhores. Já o segundo fator é o medo. E esse temor é principalmente aquele de vir a ser mal avaliado por seus superiores, clientes, parceiros. Com efeito, esse modo de operação propicia certa hierarquia gerencial ou aos clientes, instrumentos de controle muito precisos, meios disciplinares individualizados, em que há oferta de outros candidatos e a avaliação constante dos outros implicados. Assim, não atingir as metas físicas de aparência e/ou de desempenho gera a possibilidade de ser substituído no mercado do sexo ou até mesmo nas relações consideradas fora da prostituição.

Essas requisições impõem a norma de concorrência ao comportamento dos sujeitos sem que eles tenham qualquer atividade diretamente mercantil: da concorrência de preços (e da lógica taylorista), retém-se o imperativo da flexibilidade, a obsessão pelo rendimento de curto prazo, a exigência de uma avaliação em todos os momentos; da concorrência por meio da inovação (e da lógica cognitiva), retém-se a exaltação da autonomia ilimitada. Nesse sentido,

não imunes à lógica neoliberal (marcada por um investimento em si conectado com uma racionalidade de competição, alçada em instâncias como a produção do próprio corpo), espaços presenciais voltados para a prostituição geram outros efeitos, além dos já apresentados por Francisco.

Na narrativa de Pedro, observei dimensões afiliativas, comunitárias e pedagógicas que muitas vezes estabeleciam certo fortalecimento das condições de negociação dos trabalhadores (em geral e) no mercado sexual, como formas de agência (Butler, 2009). Na esteira do pensamento foucaultiano, Butler entende que sujeitos encontram possibilidades de subjetivação, construindo estratégias de resistência ou de subversão aos mandatos sociais que os circunscrevem. A agência seria, pois, uma prática de articulação e de ressignificação imanente ao poder de fazer. Assim, ainda que se componha com marcos societários, a agência é também desestabilizadora por definição, já que não existe nenhuma subjetividade que permaneça sempre a mesma.

Quando perguntei a Pedro como havia começado a trabalhar na sauna e o que tinha pensado no início dessa vivência, ele me responde que “(...) a vida é foda. No início eu estranhei, mas logo o *cara* se acostuma... O que é pior? Estar aqui ou numa olaria, o dia inteiro carregando tijolos como eu fazia antes?”. Ainda que possa parecer uma resposta simples, alicerçada na, e reforçadora da, crença corrente de que é sempre por razões econômicas que as pessoas começam a atuar na prostituição, logo a narrativa se revelou mais complexa. Pedro aparenta menos do que os 28 anos que me conta ter. Mais ou menos 1,70m, preto, cabelos cacheados, corpo bem definido e sem pelos. De acordo com sua história, seu início no exercício da prostituição entre homens deu-se de forma muito parecida com a de muitos outros que conheci em saunas e bares: pela indicação de amigos.

*A primeira vez vim meio para ver qual é... nem sabia se iria conseguir... estava com um “azulzinho” na carteira... mas não precisou, foi de boas... o cara começou a chupar e levantou normal... daí o resto é só se concentrar... foca no filme, imagina outra pessoa... mas me adaptei bem ao serviço.*

O agenciamento com elementos que poderiam garantir (previamente) uma boa performance como, por exemplo, o estimulante sexual, ou mesmo aproveitar elementos dispostos na arquitetura do local (aspecto com o qual se deparou na vivência na sauna como, por exemplo, os vídeos, muitas vezes heterossexuais) estrategicamente distribuídos por salas e corredores. Sempre de forma jocosa e com um jeito tranquilo, Pedro conta que ser “*gente boa*” fez com que tivesse uma boa reputação entre os clientes e outros garotos do local. Esse aspecto, da considerada boa conduta com clientes (marcadas pelo bom trato, pelas performances de

carinho e atenção) ou com os colegas (respeitar os preços estipulados principalmente, pois a constatação de um garoto fazendo programas por preços muito baixos fere a conduta esperada de mercado justo; ou fazer jus a uma relação de sigilo sobre as vidas e experiências dos colegas) se faz presente a todo momento. Em um espaço eventualmente marcado, como diz um dos clientes, por “*guris de rua que vem tomar banho e fazer algum troco*”, participar desse marco comunitário tem vantagens.

Trata-se do “saber quem é quem”, que pode gerar movimentos delicados de sigilo e visibilidade. No contexto da sauna, a ambiência fazia congregar – mesmo que numa estratégia específica de relação – instâncias sociais historicamente marcadas pela dicotomia. Dois dos clientes mais recorrentes que conheci na sauna, por exemplo, tinham por profissão atividades relacionadas à segurança pública. A presença de alguns garotos envolvidos com “*crimes mais pesados*”, como um deles me referia, jogava um lusco-fusco nas cenas da sauna que tornavam bastante dinâmica a relação de desejo, exercício de masculinidade, mas também de um afastamento considerado ótimo<sup>86</sup>. No que concerne a Pedro, esse trânsito era narrado como tranquilo. Pedro, o “gente boa” negociava com clientes e divertia-se com os colegas sem grandes dificuldades. Assim, pode constituir um grupo de clientes com certa regularidade, e manteve-se fora dos atritos com os demais colegas, sendo um dos rapazes com mais tempo de casa no momento de minha pesquisa.

*Já faz uns 7 anos que eu venho, mas antes era de vez em quando, quando eu queria comprar alguma coisa, quando eu precisava de dinheiro... vinha com amigos, que me trouxeram aqui... daí também era divertido, ficava aí com os guris, comia um churrasco, bebia bastante... já virava festa... coisa de piazada. Um bico (...) juntava para comprar uma roupa, por exemplo. Numa noite animada, ou num sábado ou domingo, dava para juntar para comprar a roupa nova que tu precisas, um tênis, também. Numa semana mais puxada, se tu vens sempre, tu compras um celular bala”.*

O trabalho conjuntural, inscrito como possibilidade em aberto tal qual um sistema *uberizado* (em que se instaura também a lógica de mais produtividade, mais ganho e mais exploração, ainda que por vezes fantasiados de empreendedorismo), mescla-se com a ambiência de festa, em que churrascos são preparados (nas dependências internas ou nas calçadas, como

---

<sup>86</sup> Além do contato com o proprietário da sauna, que garantia informações atualizadas sobre a vida dos garotos, esse cliente tinha uma profissão que permitia verificar a “fixa policial” dos trabalhadores. Essa verificação e constatação de histórico de envolvimento em situações de crime não impedia, mas muitas vezes parecia instigar, o interesse sexual de clientes (que tinham contato com as informações através da rede de sociabilidade que se formava entre os homens de privilégio informativo). Esse aspecto, em específico, reitera o argumento de que a economia de informações na sauna, assim como o aspecto comunitário e filiativo, não opera por linhas óbvias – a “vida no crime” não supõe aversão sexual, ainda que se possa observar certo distanciamento ótimo (garotos considerados mais perigosos não aparentaram ter clientes fixos, ainda que permanecessem durante anos no contexto da sauna).

acontecia em uma sauna localizada em um bairro residencial da cidade). Não parece se tratar, de todo modo, como dizia o promotor de festas do local, de garotos que estão ali “*só para se divertir*”, mas sujeitos cuja diversão possibilita um deslizar por uma série de negociações. A construção do espaço, suas relações comunitárias, e as corporalidades se fazem como forma de não totalizar as identidades que dentro do sistema da prostituição convivem. Diferentemente de muitos registros da prostituição protagonizada por mulheres<sup>87</sup>, o ambiente de certa carnavalização auxilia a não depor contra os homens que se encontram no jogo delicado de produção/manutenção de seu estatuto de homens e de expressões de masculinidade. A ambiência festiva, a sinuca, a música, os jogos de futebol compõem o cenário de segurança. É trabalho, mas é festa, na “brincadeira” é possível flertar, jogar com as noções e limites de si, com seus desejos e com a leitura de outro que se tenha (e também, por vezes, enraivecer-se, odiar, agredir as “bichas”, os “viados”, as “múmias”<sup>88</sup>). Ainda assim, guarda-se nesse carnaval a ambiência propícia a uma suspensão geralmente segura e chancelada por vários fiadores.

Trata-se de certo contexto que compõe um exercício social oposto ao esquema estático das festas ditas “oficiais” (traçando um paralelo com a cultura popular indicada por Bakhtin<sup>89</sup>). Dentro de um horizonte normativo, a festa carnalizada faz fluir a relação entre homens até a porosidade trabalho/romance típica do “fazer namoradinho”. Talvez esse aspecto possibilite um paralelo com a não demarcação identitária enquanto profissional do sexo, ou mesmo vítima do mercado, que figura na prostituição exercida por homens. Trata-se de uma possibilidade que homens, partícipes de uma conjuntura normativa, não desejam colocar a perder. Afinal, não parece estratégico, numa sociedade heteronormativa, reivindicar essa existência, a não ser que, como no caso de Francisco, haja outros suportes possíveis de se interseccionarem com o exercício da sexualidade, como o espaço privilegiado de classe e capital cultural.

O movimento de festa é o clima da “virada” de Pedro. Quando parecia que sua pobreza, pouca instrução e origem popular o fadariam a um lugar periférico na engrenagem capitalista

---

<sup>87</sup> Algumas diferenças acerca da prostituição exercida por homens, mesmo que conjunturais, parecem interessantes de serem enunciadas. A presença de Promotores de festa e Gerências, não de Cafetões (cafetão é uma figura inexistente no trânsito feito em minha pesquisa); o trabalho como dimensão mais próxima de uma lógica disciplinar; e a identificação, para as mulheres tal qual se mostra no estado da arte, da prostituição como uma categoria totalizante.

<sup>88</sup> Essas denominações fizeram-me lembrar como o espaço de abjeção, especialmente relacionado a geração, opera nos ambientes, como visualizei nos estudos de Fernando Pocahy (2011). Para além da produção da abjeção, considero que o próprio estatuto do que é ser homem se mostra com certa fluidez.

<sup>89</sup> A carnavalização do corpo social indicaria um espaço/tempo de inversão, na qual o que era marginalizado, ou periférico, apropria-se de um lugar de protagonismo. Nessa suspensão de moralismos, valores, tabus religiosos e políticos, a festa e o riso podem ser tomados como potencialmente políticos. Assim, as constatações desse autor apontam para uma problemática de ordem epistêmica: herdeiros(as) do Iluminismo, não tomamos como possível/relevante construir sentidos às produções por meio daquilo que é das quebras operadas nos espaços de diversão/festa/riso, em função da vontade de razão que atualizamos.

(enquanto mais um anônimo operário), esses mesmos elementos o instrumentalizam para circular em um espaço que interpreta como mais leve do que o forno da olaria. Festa, comida, bebida, dinheiro, presentes que quase poderiam operar como mais um vetor de marginalização, mas não. Com a pedagogia correta, com a ambiência adequada – como num carnaval – é possível. Pedro pode ser destaque, sujeito de sua própria história. E, ter amigos nesse ambiente são um seguro, pois eles operam como fiadores em um mundo que se faz estrategicamente de passagem.

Conversando despreziosamente, em um final de tarde no bar da sauna, Pedro bebe uma cerveja e flerta, eventualmente, com homens sentados nas mesas do salão. A bebida alcoólica era possível nesse ínterim, já que os atendimentos à clientes haviam acabado. – *Não sei te explicar o motivo de continuar aqui, não é que eu queira muito permanecer, mas também não tenho vontade de ir embora.* Pedro ri alto, em um amplo sorriso que evidencia a falta de alguns dentes posteriores. Esse detalhe, logo inscreve mais sentido quando classe se compõe na conversa: *Tu sabe né, guri de vila se vira... minha família tinha muitos problemas e pouco dinheiro... larguei o colégio cedo e fui trabalhar no pesado com o meu tio, numa olaria em Cachoeirinha... 12 anos carregando tijolo, até que eles quebraram e eu fiquei na rua, sem os meus direitos... O dono está sumido até... Isso de carregar tijolo acho que me deixou assim, mais baixinho (rimos juntos) mas me deixou forte, e isso o pessoal aqui curte, né? (...) Tenho dois filhos, um de 10, que eu tive com uma guria aí, quando estava com 18 anos... e agora a minha menina de 3, com a minha mulher... daí o cara tem que se virar, né? Não sou sem noção, não vou fugir das minhas responsabilidades. Pergunto como sua mulher lida com isso, e Pedro me responde: - Olha, 100% de boa ela não é, mas também não é com nada (risadas). Mas nunca foi muito problema, na verdade... Ela reclama muito mais se eu bebo demais, ou se gasto com festa, com farra... se eu saio com os guris daqui algum dia para alguma festa... No mais, ela sabe que é tipo um trabalho e que, se fosse por isso, a gente não iria ter muitas das coisas de dentro de casa... não teria tido férias... essas coisas... atualmente nem comenta nada. Aproveito para perguntar se ela sabe o que acontece na sauna. – Ah... claro, ela não é boba, sabe sim... (rindo) não se metendo com outra, acho que tá tranquilo. Pergunto se ela questiona sobre detalhes sexuais, a que Pedro me responde: *Às vezes de zoeira... ela já veio aqui me buscar, já viu que a maioria é uns velhos que não ameaçam ela... ela só me diz: se eu descobrir que tu anda dando a bunda... tu vai ver só o que eu vou fazer! Na verdade, o que eu faço aqui não é muito diferente do que eu faço em casa... o que muda é com quem...* E questiono se a situação de “dar a bunda” seria um problema na negociação com clientes. - Ah, ainda não aconteceu... mas teria que ver a situação, negociar, né? Isso não é coisa que se conte, nem aqui e nem em casa (risadas) – Por quê? (pergunto, acompanhando em tom de humor) - *Porque... meio que isso é mais para os caras que são gays, que são bi... mas a maioria é hétero... e os clientes querem caras mais hétero... mas tem os que fazem sim, só que ninguém comenta.**

Para Pedro, a circulação eventual passou a ter caráter mais sistemático. Passava todas as sextas, dia que saía mais cedo do trabalho. Em vários momentos de entrevista, Pedro reiterava o lugar de seus amigos como mais do que guias, cúmplices (em relação, por exemplo, a família estendida ou outras redes de sociabilidade). Assim como quando falavam de suas mulheres,

esses se inscrevem no itinerário como fiadores de uma sexualidade (colada a uma performatividade masculina) que, apesar de transitoriamente suspensa/modelada, segue protegida e amparada, comunitariamente por mulher e amigos. A situação de exploração laboral, a pobreza, o contexto... narrativamente eram elementos operados em prol da produção de um *intermezzo* seguro. Nesse sentido, o fragmento narrativo ilustra a leveza, mas também a atenção às oportunidades e as fronteiras de segurança no trânsito pela prostituição (no uso de substâncias, na economia corporal e moral envolvendo a penetração, na relação da orientação sexual como elemento, também, de grife).

Nesse jogo, a identificação com a masculinidade tradicional se torna valor no mercado, mas também é um seguro para poder transitar fora desse circuito sem grandes fricções, controlando as narrativas que circulam sobre certos limites na sociabilidade como, por exemplo, no caso da penetração realizada por clientes. Assim, a ambiência da prostituição destaca vários elementos, especialmente o controle dos prazeres (no uso das substâncias, por exemplo), das informações (nas relações de sigilo sobre colegas ou do investimento de fazer, estrategicamente, que outros saibam informações sobre mulheres, namoradas e filhos), dos ganhos (não somente dinheiro, mas presentes ou “ajudas”<sup>90</sup>). Longe das generalizações sobre a prostituição masculina, os encontros e desencontros nas negociações e/ou relações que delas derivam são influenciados, mas não determinados, pelo atravessamento neoliberal. Existe, portanto, uma gama de microdecisões que afetam, de forma inesperada e por vezes criativa, esse panorama. Um exemplo disso são as relações de amizade, de camaradagem e de cuidado que por vezes transversaliza à esfera mercantil ou contábil.

Por mais que Pedro transasse com vários homens durante a semana, por mais que tivesse clientes fixos, a atualização de uma masculinidade majoritária se mantinha presente nos programas e era garantida na saída da sauna ou do bar, onde a esposa o esperava (em muitos dos dias em que nos encontramos). Esse grupo de fiadores/guias, inserem Pedro abrindo espaço para outras territorialidades seguras: *“primeiro vinha só aqui na sauna, depois comecei a ir com os guris daqui lá para o Bar. Com o tempo, tu vais conhecendo melhor. Passei a vir nos domingos também, que são os dias mais movimentados. Isso e quando tem jogo. Vem caras de outras cidades, o futebol movimenta muito”*.

---

<sup>90</sup> O termo “ajuda” frequentemente denota um investimento afetivo em relação à transição econômica. Ao analisar cenários singulares como os visitados, torno explícita a maneira como a palavra isolada se compõe com a ambiência do trabalho sexual. Nesse sentido, a palavra assume valores distintos de acordo com cada campo discursivo, como relembra Maingueneau (2008, p. 81): “os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo”.

Maingueneau (2008), quando discorre sobre o que entende como fiador, aponta para o que, numa produção discursiva, diz de algo que caracteriza o corpo do enunciador, associando-o a um conjunto de estereótipos e elementos outros. Segundo o autor, o fiador implica um mundo ético do qual ele é parte integrante e ao qual ele dá acesso. As mulheres, os amigos, o futebol, como um tanto de outros elementos que apresentarei, parecem compor certa fiação adicional da masculinidade heteronormativa que serve tanto fora como dentro da ambiência de prostituição. Dentro, porque chancela que esse é “bofe”, “*boy macho*”, “pega mulher”. Uma masculinidade altamente capitalizada. Fora, porque sustenta a suspensão do que acontece dentro: dá para fazer sexo com homens se, fora desse ambiente, a heteronormatividade e a masculinidade se organizarem em discursos e condutas afiançadas por pilares incontestáveis como os “parceiros”, os “*brothers*”, as namoradas, os filhos – em suma, certo *ethos* “macho”. Essa aproximação cobra sentido quando analiso, além desses interlocutores, a própria ambiência dos espaços de prostituição. Nelas, a noção de carnavalização auxilia em relação ao entendimento de processos de subversão dos discursos que se querem hegemônicos.

Trata-se da possibilidade de recriação da realidade sob uma ótica que guarda estreita relação com o popular e o dialógico (Bakhtin, 1999). Em outras palavras, a forma carnavalesca, sátira e jocosa possibilita o lidar com as realidades que podem atravessar as pessoas, para as quais o humor possibilita a aproximação e o trânsito com diferentes mundos – como ilustram várias falas de Pedro. Comigo ou com seus amigos, ria, brincava, vulgarizava corpos e fazeres de clientes com quem vinha logo interagindo afetiva e sexualmente. O escárnio protege, o deixa presente, entretanto também o descola de qualquer filiação rígida. Assim, os recursos mobilizados para a construção dessa realidade carnalizada, são, antes de tudo, originários de uma apreensão dialógica e, por isso mesmo, singular enquanto processo: o futebol, as bebidas, a sinuca e até a política compunham com a decoração precária, a nudez e as toalhas, instaurando uma realidade masculina o suficiente. Espaço *intermezzo* em que as imagens se distinguem por uma espécie de 'caráter não-oficial'.

Partindo desse viés interpretativo, do carnaval enquanto dispositivo que oferece, por meio de expressões como um *corpo-riso*, uma visão não-oficial do mundo e das relações, posso dizer que se expressa uma ambiência passível de certa fluidez. A estética carnalizada<sup>91</sup> incorporada por Pedro representaria, no que concerne a sexualidade, certa "liberação temporária

---

<sup>91</sup> A carnavalização, de acordo com a análise de Magalhães e Queijo (2015), é um operador que permite identificar o que Bakhtin efetivamente toma como objeto: a crise, a transição, a mudança, as fronteiras de épocas, de religião e de culturas. De acordo com Silveira e Axt (2015), Bakhtin assinala o que, em Rabelais, recolheu sabedoria na corrente popular dos antigos dialetos, dos refrões, dos provérbios, das farsas dos estudantes, na boca dos simples e dos loucos – dos *outsiders*, dos estrangeiros, dos da margem.

da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus" (Bakhtin, 1999, p. 08). No riso ambivalente, alegre e ao mesmo tempo repleto de ironia e sarcasmo, o mundo se expressa um tanto múltiplo. No mundo outro, ainda que temporário, há espaço para ousadias. Saunas, bares e ambiências virtuais de prostituição seriam o lugar onde se viveria uma flexibilização de atribuições sociais, compondo fragmentos discursivos e situações em que a carnavalização opera como potencial marcador *intermezzo*. Aparentemente, uma leitura mais superficial poderia indicar que a prostituição entre homens em bares, saunas e aplicativos é a quintessência do carnaval de Rebelais (todos os personagens estão deliberadamente em busca e captura dos prazeres – suas, dos outros, das outras). Nesse aspecto, compreendo que esse terreno se não se faz alheio a uma lógica de mercado, entendo que se expressa (de forma singular) como uma série de racionalidades (que antes operavam pela via disciplinar, pela vigilância, encarceramento e punição), mostrando ativamente incorporados como lazer e diversão. A proteção da masculinidade e a defesa do trabalho neoliberal (como incitação à diversão) se compõem nesse território.

O modo de governar que implica o neoliberalismo consiste em passar de um comando jurídico e administrativo, suspeito de tornar as pessoas passivas e dependentes, para uma lógica econômica baseada na concorrência e na incitação, que supostamente produz sujeitos responsáveis pelos resultados de seu trabalho. Esse plano societal engendra o caráter difuso das relações de trabalho e produção, nas quais o sujeito é convocado a ser gestor de si, ativo, capaz de criar e administrar seus potenciais ganhos. Uma sociedade na qual a vida cotidiana se faz suscetível a transformar qualquer processo ou relação numa mercadoria sob a axiomática do capital. Nesse sentido, diante de um panorama em que o “tempo do acontecimento, da invenção, da criação de possibilidades já não pode ser considerado como exceção, mas sim o que há de ser regulado e capturado cotidianamente” (Lazzarato, 2006, p. 82), tornar-se empresário de si, autônomo e supostamente livre, impõem-se como postulado imprescindível ao modo de subjetivação neoliberal.

Essa subjetivação contábil, que é afirmada com a expansão e a capilarização do mercado (Streeck, 2012), força motriz do desenvolvimento capitalista neoliberal, ramifica-se nos espaços moleculares da sociedade, compondo continuamente as relações sociais e as instituições que as governam. O desenvolvimento neoliberal está profundamente entrelaçado com a forma como as pessoas organizam sua vida pessoal e íntima, articuladas com as normas sociais e delineadas pela expansão capitalista. Nessa construção de medidas, o que é e não é "natural", "normal" se institui sob diversas facetas da vida (Streeck, 2012, P. 17), não mais tidas como incompatíveis com a prostituição, como constituía-se no passado (e ilustrado no capítulo



2). Da outra forma, compõem-se e materializam-se mutuamente com outra ética, a do capital e sua axiomática capilarizada. A prostituição foi o meio de muitos participantes, como Pedro, de ser efetivamente o provedor familiar, agregando valor ao percurso na prostituição e na agência (em termos financeiros), para sua família.

### 5.3 Colocando o corpo em jogo

A análise da subjetivação capitalista (seja nomeada contábil, neoliberal ou simplesmente capitalista) não se reduz aos campos de trabalho (seja produtivo, invisível, indiferenciado), apesar de esse ser um ponto importante do processo. Soma-se aos lucros (moralmente julgados obscenos não só pelo fazer que os gera, mas pela razão da mais valia dos fazeres possíveis a esses homens no mercado de trabalho), ao consumo de prazeres e de potencialidades familiares e comunitárias (férias, bens de consumo, bens duráveis, sustendo de terceiras pessoas). O custo da inscrição “profissional” no mercado do sexo, seus limitantes e possibilidades, não necessariamente se faz uma questão aos sujeitos: não há totalidade identitária, tampouco cobrança social direta, mantendo uma prática que convive com expressões de masculinidade majoritária e atribuições sociais típicas do “homem da casa”, afinal é um “bico” – que pode ser fortuito, ocasional ou durar mais de 30 anos, como me ilustram diferentes interlocutores da pesquisa. Ainda que boa parte da discussão seja dirigida especificamente ao campo do mercado exercido em espaços nos quais o enquadre econômico da prostituição é explícito, a lógica de subjetivação neoliberal também poderia ser entendida para além desse marco analítico específico, servindo como disparador para o entendimento de outras conjunturas relacionais.

Na trajetória dos homens elencados, se coloca o corpo em jogo (estabelecendo uma economia corporal atravessada por uma série de moralidades e transversalizada por potências); coparticipa-se de um circuito no qual a produção de desejo se articula com a lógica do lucro (numa racionalidade imanente que constitui modos de disciplina e controle sobre si mesmo); demonstra-se que, diante dessa conjuntura, a expressão de marcadores de diferença não operam numa linha óbvia de opressão ou um somatório de dominações. As conexões-*intermezzo* se corporificam em ambas as histórias aqui apresentadas, atravessadas por discursos que estabelecem inteligibilidade normativa aos sujeitos no mercado do sexo entre homens, mas também de agência que se configura, fundamentalmente, como resistência política, estabelecendo descontinuidade entre poder e os movimentos que esse sujeito assume. Nas palavras de Butler (2010, p. 9): “A agência excede ao poder que lhe faz possível”. Assim, a agência, que emerge em Francisco e Pedro não se dá fora das regulações no capitalismo, mas

demonstram que a prostituição entre homens guarda potenciais de acoplamento e transgressão. Talvez essas linhas, que indicam a porosidade entre a racionalidade de empresário de si e a carnavalização das atividades no mercado sexual, possam auxiliar a traçar perspectivas acerca dos limites que os sujeitos protagonistas estabelecem como prostituição (tensionada de forma mais intensa no próximo capítulo).

## 6 Conjugações

Durante o processo que deu corpo a esta tese, conversei com muitos interlocutores: clientes, gerentes de estabelecimentos, artistas, promotores de eventos e, especialmente, trabalhadores sexuais. Em suas narrativas, diferentes arranjos relacionais foram colocados em pauta, fazendo-se possível desde programas considerados mais usuais<sup>92</sup>, um tanto impessoais e próximos do que se associa a uma leitura de trabalho moderno-industrial do capitalismo (cuja separação entre vida pública e privada parece ter mais aderência) (Bernstein, 2007); encontros envolvendo performances românticas, em geral numa conjuntura de programas que aconteciam com certa recorrência; até contextos particularmente complexos, considerados em termos êmicos como “fixos”, abarcando marcadores de relações tradicionalmente entendidas como de conjugalidade e estabelecendo relacionalidades<sup>93</sup> que se compunham com dinâmicas familiares moldáveis ao funcionamento das negociações. Essas tipificações, ainda que genéricas, auxiliaram-me na compreensão do campo experiencial presente no trabalho sexual exercido por homens.

Entretanto, para além da singularidade das questões relativas aos fazeres considerados usuais na prostituição, e mais próximo do imaginário social acerca dela, as relações que sustentam essa espécie de “fixidez” indicam um olhar para pontos desafiadores. Estabelecer contraste entre essas diferentes possibilidades possibilita fazer aparecer algumas valências (que variam em intensidade de acordo com a conjuntura) na produção de modos de vida no trabalho sexual. Na prostituição entre homens, a dimensão laboral se compõe com valências relacionais e de prazer – processo muitas vezes apagado em função do crivo de moralidade a afazeres que interseccionam sexualidade e ganho econômico explícito. Assim, proponho aqui uma leitura que, com base no que por mim foi observado no percurso desta pesquisa, discute como a prostituição exercida por homens propiciou um território para a constituição de diferentes encontros, relacionalidades – ou conjugações – em que prazer e trabalho se mesclam em

---

<sup>92</sup> Em estudos voltados para a prostituição exercida por mulheres, são citadas vivências do que seriam os programas “básicos”, que aparecem sob a forma de menos atividade de cunho emocional. Para os homens com quem conversei, o programa “básico”, termo utilizado por um dos interlocutores, envolvia prática sexual “sem grandes desafios” (diferentes das que envolvessem sexo em que fosse receptivo ou, em casos considerados mais extremos, práticas como coprofilia, por exemplo); com tempo reduzido; no qual não se performava práticas associadas ao discurso romântico.

<sup>93</sup> Tomo a noção de relacionalidade com base no que aponta Carsten (2014). Discutindo a noção de parentesco, a autora investe no termo relacionalidade como forma de compreensão de movimentos de diluição e espessamento das relações entre os sujeitos.

conjunturas diversas, nem sempre com a mesma intensidade ou abertura, mas potencialmente sempre presentes.

Trabalho, prazer e relacionalidade são entendidos aqui como valências pois atuam de maneira mais ou menos explícita, mas sempre potencial, conforme a situação em análise. Podemos utilizar, para tanto, a ideia de um triângulo, a figura geométrica que ocupa o espaço interno limitado por três segmentos de reta que concorrem, dois a dois, em três pontos diferentes formando três lados e três ângulos internos que somam  $180^\circ$ . Mas como acontece com a figura geométrica, a equação entre as três valências que apresento aqui (trabalho, prazer e relacionalidade) nem sempre - ou quase nunca - formam uma figura totalmente simétrica (como um triângulo equilátero, que possui todos os lados iguais e todos os seus ângulos internos medem  $60^\circ$ ). Na maior parte das situações narradas e vividas durante o campo de pesquisa desta tese, a conjugação das valências formava triângulos isósceles (dois lados iguais) e, especialmente escalenos (onde as medidas dos três lados são diferentes, assim como os ângulos internos, que também possuem medidas diferentes).

Ou seja, ainda que se rearranjassem de maneira heterogênea e com grande variabilidade de acordo com o tempo, o cliente/boy envolvidos e a relação em si, praticamente todas as histórias poderiam ser configuradas em uma imagem triangular, quanto às valências ou forças que as compuseram. Em diferentes momentos, ou em diferentes histórias de uma mesma dupla/casal, o prazer, o trabalho ou a relacionalidade ocuparam posição de destaque. Às vezes com aberturas angulares surpreendentes, mas sem jamais anular totalmente a um dos ângulos ou um dos três fragmentos de reta necessários para que esse polígono fosse entendido como um triângulo. Um jogo de valência, de forças em ténue equilíbrio, na maioria dos casos. Nem sempre (ou quase nunca) pode-se prever de antemão o quanto uma relação comece negociada por ângulos completamente visíveis e controláveis. Cada primeiro programa, por exemplo, leva consigo a potencialidade de virar o primeiro de uma futura relação *fixa* ou de um surpreendente prazer ou recompensa pessoal. Ou, como também ouvi, relações que não nascem com o objetivo inicial explícito de compensação monetária, mas, mesmo pautada pelo prazer ou pela relacionalidade, compõem uma sequência de trabalho sexual.

Em termos da valência de relacionalidade, por exemplo, significaria dizer que, para a reflexão acerca das negociações na prostituição, as separações bruscas/antagônicas (como as operadas sobre trabalho ou afeto, economia ou prazer), não dão conta de considerações mais próximas ao campo que, como as que costumam ser vivenciadas em outras esferas da vida, são permeadas de ambivalências e contradições constituintes. Em especial aqui, opto por operar em termos de valências e não polarizações, o que envolve indicar que, por estarem sujeitas a certas

formas de densidade ou rarefação (entre os eixos de trabalho, prazer e relação), a prostituição em si, ou relações outras, podem aparecer conjuntamente. “Ajudas”, “cortesias”, dinheiro, presentes, refeições, acessos a viagens compõem esse quadro experiencial. No entanto, a circulação desses elementos e os processos relacionais que eles engendram, auxiliam a compreender como certos agenciamentos constituem modos de vida entre os homens que se fazem mais próximos ou mais distantes do que (eles) consideram prostituição. Nessa conjuntura analítica, acredito ser importante situar o motivo de investimento nos processos entendidos como “fixos” pelos homens com os quais me encontrei.

Inicialmente, localizo a problemática em reflexões, como elaboradas por Piscitelli (2016), acerca do panorama conceitual sobre a prostituição. A autora destaca que se disseminou no Brasil a noção de que mercado do sexo se faz no jogo de oferta e demanda de sexo e da sensualidade, podendo remeter a uma dupla problematização: ao questionamento da necessária vinculação da prostituição com a noção de indústria do sexo e à redução do vasto leque de intercâmbios econômicos e sexuais à prostituição. A primeira problematização está ancorada na percepção das diversificadas características do trabalho sexual no país em que, com certa frequência, a prostituição remete a uma ideia de trabalho mais artesanal do que industrial. O segundo questionamento está associado ao fato de que a oferta e a demanda de sexo e sensualidade estão muitas vezes vinculadas a intercâmbios sociais e econômicos que não são considerados prostituição pelas pessoas neles envolvidas, fazendo parte da sociabilidade de diversos setores sociais. Em sua análise sobre o panorama conceitual da prostituição, e na composição com uma série de outros estudos (Cabezas, 2009; Olivar & Garcia, 2017), Piscitelli (2016) chama a atenção como o campo das economias sexuais é mais amplo do que a discussão de mercado. Ainda que, em muitos textos, a ideia de economia sexual figure sobreidentificada à determinação econômica, outras dimensões podem definir uma postura tática em relação ao sexo e a intimidade – como relações sociais marcadas por gênero, significados culturais e assimetrias sociais que mostram a multiplicidade do poder e sua relação com a produção da intimidade (Cabezas, 2009; Constable, 2009 apud Piscitelli, 2016).

A saída parece ser, frente à ênfase exacerbada na dimensão econômica, explorar como a monetarização das relações íntimas é compreendida por aqueles/as envolvidos/as nesses relacionamentos. Nesse sentido, considero, assim como Piscitelli, que a intimidade, o amor, os seus significados históricos, sua construção e as performatividades envolvidas podem apontar para como afetos se imbricam em intercâmbios sexuais e econômicos marcados por desigualdades (Piscitelli, 2016). Considerando, especialmente, que a literatura sobre prostituição mostra posições diferenciadas sobre esse ponto, considero importante destacar, a

partir do panorama internacional, como relacionamentos sexuais e amorosos com transações econômicas podem abrir caminhos para as pessoas estarem juntas compartilhando de mundos sociais – inscritos em, mas não determinados por preocupações materiais e desigualdades estruturais. Nesse contexto de discussão, o ponto que destaco está na produção internacional de como esses relacionamentos podem expressar uma resistência radical às ordens raciais de segregação social e aos pressupostos nas assimetrias de gênero, mas também podem remeter a conjunturas em que bens materiais e agência são intercambiadas por elementos como intimidade – uma importante arena de relações de poder.

Além dos eixos supracitados, Piscitelli (2016) destaca ainda pesquisas em que, nos contextos de extrema desigualdade econômica, evidenciam-se narrativas que vinculam amor a performances de intimidade estratégicas, mediante as quais algumas mulheres obtêm recursos possíveis dos seus amantes, em processos que atualizam os códigos de gênero existentes. Figuram ainda pesquisas em que todas essas possibilidades analíticas se fazem presentes, em um mesmo contexto, mas em diferentes momentos dos relacionamentos implicando a ideia de “performatividades de amor” nas “subjetividades afetivas” de pessoas envolvidas nesses relacionamentos. Em estudos dessa ordem, a abertura para uma possível relação de intimidade/amor pode ter efeitos indicados como, inclusive, a constituição de “amor verdadeiro”. Levando em conta as junções entre amor e economia, política, parentesco, gênero e sexualidade e, considerando o jogo de forças, desigualdades e as tensões entre obrigações familiares e desejos individuais, o amor romântico parece oferecer certa inteligibilidade linguageira – algum tráfico de significados (Preciado, 2008). Nesse contexto, aparece como um campo de agência, operando estrategicamente nas negociações das relações de poder enquanto forma de negociação de lugares de subordinação/protagonismo.

Ainda que predominantemente focado em relações heterossexuais (de homens clientes e mulheres profissionais do sexo mais ou menos declaradas), o panorama analítico discutido oferece caminhos para pensar no lugar ocupado por afetos considerados íntimos nas economias sexuais. A noção de economias sexuais, como todos os conceitos, tem sido formulada e reelaborada em contextos acadêmicos situados. Em parte, representativa dos trabalhos socioantropológicos, a noção de economias sexuais está voltada para a análise de intercâmbios sexuais e econômicos envolvendo “outros”, pessoas pobres em sua relação com pessoas ricas (regionalmente ou no panorama global). Entretanto, no contexto da presente pesquisa, procura-se uma leitura mais identificada com as carências de problematização para uma faceta específica de estudos sobre a prostituição, neste caso, especialmente a de homens para homens.

Tento em vista essa conjuntura, a seguir apresentarei as principais vértices da compreensão de como essas performances de intimidade aparecem na prostituição entre homens, na forma de triangulação – entendida como constituída por três vértices –, em diferentes angulações, em diversos momentos: valência de prazer (centrada no corpo e em suas sensações), a valência das configurações de trabalho (para além dos processos práticos já apresentados nos capítulos IV e V) e a valência de relacionalidade (situações nas quais o vínculo íntimo/afetivo é o elemento chave da situação). Reitero que essas valências figuram nas situações que observei ou me foram relatadas, mas com diferentes composições: tanto entre os sujeitos implicados nas cenas escolhidas do campo, como em diferentes momentos envolvendo os mesmos sujeitos, e as apresento como eixos não excludentes e não obrigatórios em todas as situações do campo de minha pesquisa. Observando que essa organização se constituiu considerando que os encontros nos ambientes direcionados à prostituição não se dobram diante de um plano exclusivamente discursivo de “michetagem”, utilizo como ponto de convergência uma das possibilidades de relação que se mostrou ao longo do período de pesquisa, o termo êmico “cliente fixo” – talvez um dos conceitos mais representativos para a discussão das relacionalidades neste capítulo. A partir desse elemento, de certa estabilidade relacional, que proponho uma discussão acerca das formas de (des)encontros possíveis que abrem uma série de possibilidades para o fazer entre homens, pois espelha (paradoxalmente e a despeito do uso das palavras “cliente” e “fixo”) uma série de jogos de poder instáveis, entre endividamentos ambivalentes e afetos nos marcos da prostituição.

Para tanto, minha escolha das narrativas como forma de visualização desses vértices tem por objetivo mostrar como elas estabelecem possibilidades para situações “fixas” – conjunturas que apresentam alguma estabilidade e intensidade circunstanciais que, pelos interlocutores, são compreendidas como composições potencialmente densas e com uma intimidade diferenciada. Nesse movimento, começo apresentando alguns elementos tomados como indicativos de como o prazer, ou sua busca, se potencializa pelo trabalho sexual e organiza relacionalidades. Para essa apresentação, lanço mão de fragmentos de narrativas de participantes, de diferentes situações de relação por eles contadas. Não se apresentam como “casos” ou perfis – mas como diferentes situações – por vezes com os mesmos implicados, em diferentes momentos. As histórias são apresentadas para enlaçar a trama analítica e conceitual de acordo com as diferentes valências predominantes em cada uma delas, quais sejam: prazer, trabalho e relacionalidade – esta última, mais centrada nas situações mais inusitadas, as de relativa estabilidade (ou que negociam significados relacionados à formas de conjugalidade) que caracterizam as relações “fixas”.

## 6.1 A valência do prazer

A despeito dos que iniciavam e mantinham como principal vetor a dimensão profissional nos seus fazeres, para muitos dos garotos com os quais conversei a negociação de encontros sexuais com outros homens no marco econômico, era tomada, em especial, como um trânsito divertido e prazeroso. Prazer em vários sentidos, em relação ao sexo, mas também nas recompensas diretamente sentidas pelo corpo, como pela bebida, comida, roupas, substâncias ou sexo. Associados a esses prazeres figuraram, em muitas narrativas, aspectos como: a organização de horários de atividades mais tranquilas e recompensadoras do que em outras experiências de trabalho; a acomodação entre uma vida boêmia e o ganho financeiro mais rápido; o reconhecimento, a diferenciação e a valorização de si, de suas habilidades e de seus corpos; e o contato com prazeres inviáveis em suas ocupações laborais anteriores – bens de consumo luxuosos, ambiências requintadas, viagens, bebidas, restaurantes, etc. Além disso, a prostituição entre homens era narrada por muitos como uma conjuntura que propiciava um percurso social positivo, especialmente possibilitado pelo ganho financeiro, mas também pelas relações estabelecidas em seus territórios. Devo então ressaltar que, nessa conjuntura, a articulação com dinheiro ou com benefícios imediatos dele derivados (na obtenção de bens de consumo pessoais) podia se mostrar particularmente importante – por vezes, mais do que ganhos como o pagamento de despesas mensais básicas ou presentes diversos, possibilitando o uso do ganho econômico na forma de trânsito de consumo (por exemplo, na produção de uma circulação boêmia pela cidade).

Em um mesmo dia, um garoto de programa poderia ter acesso a bens de consumo considerados mais elitizados, alimentação, bebidas, vestuário, que não conseguiria com a mesma rapidez nos tipos de trabalho que já havia experienciado anteriormente. O percurso reiterado por muitos constituía uma inicial presença em saunas, a partir da metade da tarde até início da noite; posteriormente, bares voltados para prostituição entre homens, nos quais se mantinham por horas, dependendo do fluxo de clientes. Finalmente (encerrando as atividades na negociação com homens), alguns se dedicavam a usufruir dos ganhos nesses espaços em bares e boates com os amigos de dentro e de fora do circuito, muitas vezes com consumo de substâncias e encontros (no marco econômico ou não) com mulheres também dedicadas à prostituição, como conta Felipe, um dos participantes:

*Para tu teres uma ideia, uma noite foda, pegada mesmo acaba lá no centro, nos inferninhos. Eu na sexta vou cedo para a sauna, pelas 16:00 e fico lá até 19:30, 20:00.*



*Depois vou para o bar e fico até pela meia noite... depois vamos para o after até pelas 3:00, 4:00... daí a finaleira é no centro... nos inferninhos até o dia clarear.... as gurias que trabalham por aqui vão lá também, daí ninguém é de ninguém, né? Daí dá para relaxar, tomar todas, fumar – eu não sou dessas coisas, mas tem uns piás que são... pegar umas gurias... isso é noite foda... e saber que com tudo isso, se a noite antes tiver sido boa, tu chegas em casa de manhã ainda com o bolso cheio... É bom fazer festa e todo dia ter as contas pagas, churrasco todo o domingo... para um cara como eu, não tem um trabalho que garanta isso.*

Além dessa marcação mais fugaz, como a apresentada por Felipe, outros participantes mencionaram o prazer como elemento-chave para a permanência no mercado do sexo. Tanto o prazer sexual do momento – esse menos mencionado – como o prazer fora do âmbito da prostituição foram reiterados por participantes. Parte dessas narrativas estava associada às manifestações de liberdade frente à permanência na prostituição, assim como certa racionalidade hedonista. Como me indicava Francisco:

*Olha, como eu já te disse antes, não dá para negar que tem prazer... para mim, que tenho o dinheiro da família para bancar o básico, eu te digo que atualmente, ou melhor, desde o início, para mim a maior motivação sempre foi o prazer. Eu gosto, e quem faz não pode dizer que não sente prazer. Gosto ainda mais quando sei eles têm muito tesão em mim, que pagam para trepar comigo... saber que a pessoa está pagando já me excita... mas nem sempre é o dinheiro em si... mas o que ele me possibilita dentro e fora dos programas. Os programas já me possibilitaram tomar vinhos, ir à restaurantes caros, me vestir bem, hotéis...*

Francisco já havia contado que começara a vida de prostituição em uma viagem, “*por fetiche*”, conforme já fora citado. Ainda que seja filho da classe média e, portanto, fora dos padrões tradicionais associados à necessidade de trabalho sexual, é a um consumo de maior nível econômico que figura em sua narrativa como grande motivador de permanência no campo da prostituição. Além disso, Francisco descreveu sensações de excitação e prazer sexual de maneira mais explícita do que os demais participantes – descolando-se das narrativas usualmente vistas sobre a prostituição como trabalho. Mesmo assim, a explicitação de sua orientação homossexual parece ser uma licença para falar de prazer sexual que os demais participantes não apresentam, assim como certa agência na escolha dos clientes: “*eu gosto mesmo, da maioria. E como não faço por necessidade, também consigo dar uma filtrada, excluo os mais feios, os muito gordos...*”.

Aparentemente, a associação com o prazer não exclui a possibilidade de se relacionar em outros marcos com a clientela, mantendo presente, também, a noção de realização laboral.

“*Ajudas*”<sup>94</sup>, bens de consumo e prazeres gastronômicos figuraram com elementos de experiências turísticas, formativas e sexuais em vários momentos de minha pesquisa, culminando tanto em motivo de permanência como em motivação para maior estabilidade relacional com alguns clientes. Um exemplo disso pode ser a narrativa de Diego, outro *boy* entrevistado e que se vale de *sites* e aplicativos (como Francisco) para a negociar encontros sexuais. Diego tem por volta de 35 anos, é branco, cursou uma licenciatura em universidade pública, tem aproximadamente 1,80m de altura. Não tem um corpo musculoso e nem possui um rosto com traços que se destaquem dentro do padrão estético normativo (especialmente marcado por características associadas a masculinidade, virilidade). Nas fotos de seu *site*, inclusive, pode-se perceber que tem um corpo pouco atlético, e ao contrário da esmagadora maioria dos participantes desta pesquisa, com pelos. Em sua narrativa, desde a entrada no mundo da prostituição até ao abandono gradual da carreira do magistério, Diego destaca em vários momentos o peso das condições de trabalho e da obtenção de prazer, tanto na escolha ocupacional atual como na escolha de clientes. Diego indica:

*Eu tenho limites de dois tipos: coisas que de jeito nenhum, e coisas que precisam ser muito bem pagas... tem alguns clientes que eu até pagaria (risos), mas são a minoria. A maioria precisa de dinheiro envolvido e, como muita gente consegue de graça nos aplicativos, cada vez mais o perfil da clientela é marcado por homens mais velhos ou caras que não querem se expor, por que oferta gratuita é imensa nesses aplicativos... não é à toa que os locais de antes estão quebrando... Para mim o dia que eu pego um cara gato, que eu olharia na rua e sentiria vontade, é um dia especial, sinto que atendo melhor, por já ficar excitado e com vontade mesmo. Sem preservativo, com escatologia, violência pesada eu não faço de jeito nenhum... mas o resto, dependendo da cara, do corpo e da carteira do cliente, tudo se negocia... os fixos também são bons, porque como conheço “o caminho”, não me exige tanto e a recompensa parece melhor, mais justa.*

Tanto nas experiências de Diego como em outras narrativas ao longo do percurso desta pesquisa, a erotização do corpo do cliente tomava espaço enquanto uma questão. Assim como figuram os clientes “gatos”, “gostosos”, também os “múmias” e os “dureza” convivem em um fazer no qual a economia dos prazeres também se compõe. O *boy* Thomas, por exemplo, conta que muitas vezes esse corpo de cliente que inicialmente pode apresentar-se como feio, velho ou associado a ideia de decrepitude, pode gerar um programa prazeroso:

*Bah meu, às vezes aparece uns caras que na primeira vista te dão um pouco de medo (risos). É uma idade que impõe respeito, tu ficas meio até querendo que se engracem com outro cara para tu não ter que encarar... não é todo dia que São Jorge levanta a*

---

<sup>94</sup> A noção de “ajuda” figura na literatura e remete a amplitude de trocas econômicas para interlocutores de pesquisa. Caracterizada como menos mercantilizada e distantes de uma leitura de programas/prostituição, as ajudas comumente envolvem relações populares (Piscitelli, 2007; 2011).

*espada para matar o dragão, né (risos). Mas vou te dizer: tem vezes que esses caras são massa e tem alguns que os caras se jogam para pegar. Podem ser fisicamente mais complicados, mais sofrido... mas às vezes é um papo legal, ou o cara não é mala, sabe ser generoso, se faz até bonito sabe. Ganha na atitude e tu acaba curtindo ficar com ele”*

Relatos como o de Thomas ilustram que, em algumas situações, o prazer e a erotização do corpo do cliente podem surgir quando se transcende um primeiro contato físico, e na ambiência das saunas e dos bares, especialmente, o trabalho sexual tem espaço para o cultivo de dimensões relacionais diversas. Constituindo-se em elementos como a própria arquitetura, os espaços de conversa e troca dão condições para a constituição de momentos de intimidade em que a abordagem, a corte e o programa passam a ser significados considerando outras esferas (para além da condição corporal do cliente ou de sua compensação econômica). A questão do pagamento explícito, que em estudos como o de Pocahy (2011) acerca da interface prostituição, homossexualidade e velhice, é registrada como possibilidade de mobilidade de uma relação marcada normativamente pela abjeção, permitindo envolvimento com os “dramas do coração” (p. 141), nesta pesquisa se mostra reiterada. A dimensão econômica produz, nesse aspecto, certa modulação de significados e possibilidade de fratura normativa, “furtos silenciosos que redistribuem o capital do prazer” (Pocahy, 2011, p. 142). Nesses momentos inscritos na porosidade das normas de gênero e sexualidade, clientes compõem uma ética de cuidado nos encontros com garotos de programa, produzindo um espaço que não é somente de valorização do corpo jovem dos trabalhadores, mas dessa conjunção na qual o cliente também tem seu corpo ressignificado, potencialmente visto como erótico, sexual e prazeroso.

Esse movimento de constituição de uma ética da escolha – que aparece na narrativa de muitos garotos de programa e profissionais do sexo na forma do investimento no corpo e no trânsito na prostituição como de um cuidado de si –, não é menos verdadeiro para os clientes, mesmo desses que, em um panorama normativo etarista, compõem aproximações com corpos considerados improdutivos ou desqualificados (Pocahy, 2011). Graus de liberdade diante de uma conjuntura social marcada por prerrogativas normativas, em que a prostituição possibilita um espaço de reconhecimento enquanto sujeito nas tramas do prazer e da economia sexual. Essas questões são importantes especialmente se tomadas as experiências nas narrativas de muitos dos clientes que frequentavam saunas e o Bar na cidade há algumas décadas, quando falavam de suas experiências enquanto homens casados anteriormente com mulheres e que conviviam frequentemente com o jogo da abstinência dos prazeres com outros homens, ou do segredo.

Um dos clientes com os quais conversei apontava como dessa problemática havia derivado uma intensa sensação de comunidade entre os homens com os quais havia “*feito uma vida ali*”. Participar das histórias que circulavam pelas mesas entre os clientes (especialmente os idosos) era também ser convidado a conjugar uma relação de parceria – parte do caráter integrativo da cena da prostituição. Nesse aspecto, a leitura que os clientes/parceiros fazem sobre os espaços de prostituição aglutinava movimentos de afirmação do seu poder econômico (ter liberdade em pagar pelos prazeres que são oferecidos); momentos de produção do lugar dos garotos como sujeitos que servem prazeres, e que não ofuscam o protagonismo dos clientes; e situações em que se mostram vivas a competição e a disputa, entre clientes e garotos, nas existências de sauna e bar.

Nesses momentos, não parece haver preocupação com o corpo idoso. O que se enuncia, de outro modo, é certo traquejo e valorização da experiência nos espaços de prostituição como forma de ‘se fazer’ na cena. Especialmente pensando na questão do trânsito desses homens nas ambiências das saunas e do bar, o que posso indicar é justamente um *know-how* no qual os atributos associados normativamente a velhice são ofuscados pela valorização do capital (seja ele econômico ou cultural); o poder nos trânsitos sociais (reiterados momentos em que clientes citam sua importância em espaços tradicionalmente marcados pela masculinidade e virilidade, como cargos na polícia e no judiciário); ou os traquejos (as artimanhas) do lidar com os diferentes sujeitos que transitam pelo mercado do sexo. Nessas tramas eróticas, nas quais se deflagram uma série de porosidades e conjunções, o trânsito desses homens – normativamente tomados como abjetos – toma outra força. Na esteira dos encontros com os *boys*, e contradizendo muito do discurso de vitimização e estagnação nos jogos de poder da sexualidade e do gênero, trata-se de “*não ser enganado, mas se deixar enganar um pouquinho, quando vale a pena*”, como dizia-me o cliente Júlio. Aparece, então, outro aspecto dessa ética relacional enquanto cliente: “*enganar*” ou “*se deixar enganar*” são ações inscritas nas posições que a pedagogia do local honestamente inscreve. Talvez, nesse aspecto, a prostituição se faça potencialmente mais extensa em graus de liberdade do que muitas das relações ditas fora do marco abertamente monetarizado.

Francisco, o único dos participantes *boy* que se apresentou como gay, também foi o mais explícito em erotizar os corpos de clientes, considerando esse fator explicitamente como determinante não apenas de seu prazer, mas também implicado em um dos pontos centrais da configuração da relação sexual profissional: o pagamento.

*(...) chegar lá naquele apartamento todo estiloso e ver aquele tiozão... que não mentiu nem editou as fotos que me mandou pelo Grindr, faz o programa virar quase um “date”. O pagamento já fica até em segundo plano, já levou (risos). Um corpo cuidado; uma casa bem decorada; um perfume bom; um papo legal, mexe com qualquer um, me deixa mais excitado, mas não compromete o serviço. A beleza ou o tesão pelo cliente não atrapalha o negócio. Ao contrário, melhora!.*

Tanto a erotização do corpo dos clientes como a produção de si como sujeito investido de erotismo compunham o quadro experiencial dos profissionais do sexo. São vários os relatos em que os garotos destacam e elogiam a si e a partes de seus corpos – com ou sem a intenção de levar a pesquisa para o campo do programa. Entretanto, Ezequiel, o “profissional do sexo” com mais anos de atividade, é quem apresenta outra dimensão dessa erotização – voltada para uma leitura de reconhecimento, de (auto)valorização, de cuidado e controle de seu próprio corpo que, segundo ele, se organizou *a posteriori*, como uma decorrência da gestão de seu trabalho sexual. Em sua narrativa, explicitava o quanto estar na prostituição lhe garantiu um reconhecimento de habilidades, virilidade e produção de um corpo (atlético, magro e negro), que seu trabalho enquanto servidor público não propiciava. Segundo seu relato, foi na manutenção do que define como profissionalismo que passou a sentir-se melhor, mais bonito, mais desejável e interessante no campo da prostituição e fora dele. Ter em mente que seu corpo despertava desejo nos outros apareceu na narrativa como fundamental para passar a reconhecer-se como desejável e, nesse processo, para Ezequiel, foi visceral outro dos eixos desta análise: o trabalho.

Os diferentes fragmentos narrativos também apresentam diferentes concepções e relações de prazer, desde aquelas mais associadas aos sentidos (como bebidas, comidas, roupas, sexo, desejo, cosméticos) até àquelas valências de prazer associadas a uma percepção e valorização de seus corpos, habilidades e formas ou potenciais de ser reconhecido por si e pelos clientes e colegas.

## **6.2 A valência trabalho**

De maneira mais ou menos explícita, ou planejada, a existência no trabalho sexual pode atender às lógicas laborais e econômicas como acontece com outros afazeres remunerados, constituindo certa composição de “*carreira*”. As narrativas de Diego, por exemplo, sobre uma experiência específica no trabalho sexual, me remetem a esse processo de constituição profissional. Diego ressaltou que, em seu “*trabalho*”, as estratégias que utiliza para seu trânsito com clientes, como certa modulação do comportamento, do tom de voz (o que chama de

“*atitude*”), foram constituídas a partir da experiência na prostituição. Remetendo-me assim aos processos estratégicos de modulação do corpo, constitui um lugar de profissional que, ainda que não bloqueie as dimensões relacionais ou de prazer, não parece ser guiada por elas. Apesar de contatar Diego através de um *site* de anúncios na internet, ele também indica atuar através do aplicativo *Grindr*. Como indicado anteriormente, Diego não tem um corpo musculoso nem possui traços estéticos que se destaquem no plano majoritário das divulgações *on-line*, ainda que se enquadre em uma estética *hipster* – “*de barbearia*”, como nomeia.

Contatei-o pelo próprio *site* e, depois, combinamos nosso encontro pelo *WhatsApp*, em uma cafeteria do centro da cidade. A entrevista durou o tempo combinado, e a conversa (de vocabulário elaborado) fluiu com naturalidade. Apesar de apresentar-se como muito identificado com uma leitura “*profissional*” dos seus fazeres na prostituição, Diego indicou que seu iniciar em programas foi “*por acaso*”. Ainda na época da faculdade, morava em um município da região metropolitana com a mãe e vinha com amigos para festas em Porto Alegre nos finais de semana, sempre nas noites de *cena gay*. Em uma madrugada, esperava os amigos em uma famosa festa da cidade, para voltarem juntos com o primeiro trem da manhã. Nessa espera, conheceu um homem que insistiu em levá-lo para casa e, quando argumentou que, apesar do interesse pessoal, não poderia ir pois perderia a “*carona*” dos amigos, o pretendente insistiu e ofereceu uma “*ajuda*” financeira, para que ele voltasse para casa, oferecendo uma quantia muito tentadora e substancialmente acima do valor de transporte na época. De acordo com Diego, foi assim que se inaugurou essa possibilidade que, com o passar do tempo, garantiu-lhe a independência econômica da mãe, a vinda para Porto Alegre e o distanciamento do plano juvenil de ser professor:

*Foi aos poucos... e consegui porque tenho cabeça e noção. Tem que se organizar, é uma carreira... Estou nesse mercado há 15 anos e sei que logo precisarei reabrir, mesmo que parcialmente, a porta da docência. Essa vida não é para sempre. Já mudou bastante, como te falei. Já tenho uma agenda menos intensa e já não vou para saunas e bares, tenho outro mercado agora. E é preciso avaliar bem a conjuntura, o que é mais valorizado e se adaptar, dentro dos teus limites, é claro (...) Na real, acho que eu faço coisas, no sexo, por exemplo, que nunca tinha pensado em fazer, mas ainda assim, com muito mais liberdade do que no colégio, onde eu não escolhia nem turma, nem horário e nem escola – quando fazia contratos emergenciais para o estado, muitas vezes... não escolhia nem o que eu queria trabalhar em sala de aula. Apesar dos estereótipos, e talvez por eu não ter me envolvido no mercado sexual por desespero – por fome ou por drogas, por exemplo – eu sinto um trabalho com mais liberdade e com mais recompensas do que eu tinha enquanto professor. Tenho clientes que hoje posso considerar próximos... Gosto do que faço e hoje essa é a minha praia. Pensei muito antes de decidir que queria viver disso... alternei com outros trabalhos... me vali dessas coisas também. Por exemplo, antes de me demitir, dei a entrada no financiamento do*

*apartamento que tenho... e ainda imagino que, velho, volte a dar aulas, mas a garantia de uma vida mais confortável é do trabalho como boy.*

Parece se tratar de um sujeito que não somente indica um trânsito naquilo que se pode entender como, para além do que normativamente se compreenderia, sensato nas economias do trabalho ou do desejo, mas sim uma experiência provocada por uma torção nas representações marcadas em termos de gênero, sexualidade e nos usos dos prazeres. Nesse sentido, a narrativa de Diego pareceu-me reivindicar não só o acesso a uma representação acerca do trabalho sexual, mas, sobretudo, seu direito a protagonizar o processo de sua representação (Silva, 2003, p. 49).

A entrada na prostituição, relatada por Diego como “*por acaso*”, no campo desta pesquisa se mostrou mais regra do que exceção. Aparentemente, o termo “*ajuda*”, ao invés de referência explícita à negociação de um programa sexual, além de criar uma instância moral intermediária e aparentemente mais fácil de ser ocupada, também pode se mostrar presente em outras situações associadas à prostituição, mas não necessariamente nomeadas como tal. Uma “*ajuda*”, “*uma força com uma conta*” compõem relações em que as posições *boy*/cliente não são explicitamente nomeadas, mesmo configurando o que poderia indicar como um encontro relacional com troca econômica, mas que não gera um comprometimento moral ou identitário tão intenso como o assumido quando o termo prostituição se explicita. Diego complementa:

*Vários guris fazem uns esquemas assim, tanto na noite, como em aplicativos... desde pedir uma ajuda para o Uber, bem inflacionada... até pagar a conta da casa noturna, “dar uma força”; “dar uma mão” ou “dar um dinheiro” para voltar para sua cidade ou sem nem explicar. As pessoas no Brasil são acostumadas com isso: com os que pedem e os que dão coisas, então os caras não se ofendem em pedir e nem em dar uma ajuda. Eu diria que isso é meio prostituição, mas não é totalmente, porque normalmente o interesse começou antes e muitas vezes, frente à negativas ou quantias menores, a gente acaba ficando com o cara igual... é diferente de negociar preço de antemão.*

Como Diego elencou, nem sempre há uma única forma de contrato ou de tabela a ser cumprida. Dependendo do momento, do espaço e do interlocutor, estabelecem-se outras negociações. De todo modo, para além da fugacidade de relações geradas na noite ou em espaços nem sempre marcados para prostituição, Diego desenvolveu reflexões sobre as implicações corporais do fazer, e algumas relacionais em que o corpo também pauta limites na configuração laboral. A prostituição faz com que o corpo, afinal, volte à cena.

*Olha, como eu comecei a me anunciar, um dia, uma mulher me procurou. Não é tão comum, mas tive experiências com várias e, algumas até continuam clientes. Mas isso implicou muitas mudanças no programa, desde o sexo em si, que normalmente é diferente, até à minhas atitudes... coisas como a forma de colocar a voz, temas de conversação, roupas... é diferente. E eu também tive que me acostumar, porque eu não*

*tinha muita experiência com mulheres. É um programa que exige muito mais fora do sexo. Tem uma cena, um tipo de papo – que não pode ser de viado, tipo elogiar roupa ou cabelo, que seria fácil (risos). É um galanteio baseado em uma relação diferente da dos homens. Uma delicadeza mais controlada, uma agressividade mais controlada, mais carinhosa, mas ao mesmo tempo bem masculina. Tu não soltas um palavrão ou dá uma pegada mais forte sem ser autorizado, sabe? E ao mesmo tempo se ficar tudo controlado daí também não rola, não consigo... é um equilíbrio que precisa ser treinado. Com os homens é diferente, eu já sabia antes, eu sou homem. E um homem que gosta de homem. Então por mais que algum programa exija mais, é um campo onde eu me desenvolvo melhor. Acho que também flui melhor, é outra intimidade.*

Ainda que este seja um exemplo da presença de uma mulher como cliente, através do contraste elaborado por meu interlocutor é possível ver atuantes algumas implicações de gênero quando do reconhecimento dos traquejos necessários para o trabalho. Um traquejo que Diego indica fazer presente a partir de experiências “da vida”. Usar conhecimentos da vida sexual fora da prostituição com fins de produção de estratégias de relação com a clientela é um elemento reiterado na literatura sobre prostituição feminina. Nesse contexto, o conhecimento sexual proveniente de relações fora da prostituição se articula, e são utilizados, para a melhoria de performances dentro da prostituição (e vice-versa). Na literatura voltada às mulheres, são compostas expectativas sexuais nas relações conjugais fora do programa em aspectos relacionados a performance sexual, descobertas sobre o que lhes dá prazer e como produzir situações de prazer, assim como uma não dissociação de prazer na relação sexual e ganho financeiro, até mesmo temendo relações marcadamente fora da prostituição. Esses aspectos são interessantes ao que concerne à prostituição exercida por homens, pois as mudanças relacionadas a produção de saberes sobre como se relacionar parecem ir para além da questão sexual, produzindo outras compreensões sobre suas relações amorosas, ainda que seja rara a referência entre os homens a temores relacionados a constituição de novas relações para além do marco da prostituição, como estudos sobre mulheres na prostituição por vezes indicam.

Esse horizonte de discussão, que aparece na narrativa de Diego sob figura da intimidade, pauta uma questão importante a essas negociações econômicas. Giddens (1993) argumenta que a ideia de intimidade no discurso social é uma função associada a um "relacionamento puro", cujos participantes seriam igualmente engajados no compartilhamento interpessoal. O relacionamento puro repousaria sobre uma base de sexualidade plástica, livre das necessidades de reprodução (Giddens, 1993) e assumida por si mesma. Conseqüentemente, o estabelecimento de limites evidentes torna-se importante para sustentar um conceito de tipo igualitário de intimidade. Uma implicação, por exemplo, dessa idealização de relacionamento puro é que a intimidade envolvida transcende qualquer relação econômica entre as duas partes.



Ainda que profundamente arraigada no imaginário social, outros(as) teóricos(as), no entanto, desafiaram essa formulação de Giddens. Autores e autoras argumentam que as relações que envolvem intimidade estão usualmente associadas a atividade econômica e nem sempre são organizadas de maneira simétrica em termos de relações de poder. A intimidade torna-se, portanto, um fator nas relações que incluem entendimentos e práticas distintas que operam na construção de delineamentos relacionais – certas formas de transações econômicas são tomadas como adequadas para as relações, se estabelecem limites para outras transações (compreendidas como inadequadas) e meios de comunicação para estabelecer um adequado cálculo e facilitar as transações econômicas (Zelizer, 2009; 2011). Na esteira dessa discussão, Diego destacou o equilíbrio de intimidade como algo que tensiona o profissionalismo e o prazer nas relações que estabelece.

*(...) tem essa situação com uma cliente fixa, há anos. Já acompanhei muitas coisas na vida dela, a crise no casamento, o divórcio, namorados, o crescimento da filha, a morte do pai, muita coisa. Vários de nossos encontros eram de muita conversa... outros eram de sair para fazer coisas sem necessariamente transar... até que um dia ela me chamou para a casa dela e começamos a nos ver lá. Um dia ela me ofereceu o valor do programa, por dia, durante uma semana para cuidar dos gatos enquanto ela viajava com a filha. Eu aceitei, claro, mas aquela abertura dela, aquela confiança toda eu acho que deixou certas coisas mais difíceis. (...) Essas coisas nos aproximaram, acabei conhecendo a filha... e hoje posso dizer que ficamos amigos..., mas daí isso me gerou um problema: como ter tesão suficiente e fazer um programa? Eu acho que estamos num ponto que eu não consigo mais ter tanto prazer em transar com ela, mas ao mesmo tempo gosto dela, sabe? Cuidaria dos gatos igualmente... Eu acho que nesse caso eu não consegui manter o profissionalismo que eu mantenho em geral e agora fazer o programa com ela é mais difícil.*

O conflito de Diego explicitou como uma atuação na prostituição, mesmo que organizada, planejada, acabou gerando situações em que prazer e intimidade se cruzam quando se pensa em relações elencadas pelos homens como de marco profissional. Talvez o próprio âmbito de conjugação do contrato sexual via internet ou aplicativos, se por um lado objetiva e direciona enunciações sobre o contrato de forma mais direta (na descrição do que o garoto oferece ou não em termos de atividades), por outro retira um espaço de convivência que saunas e bares dão, em que a dosagem de intimidade é ensaiada desde os primeiros contatos. Esse quase flerte, essa conquista que envolve olhares, gestos e diálogo cria um clima amigável para o desfecho do programa, ensaiando uma performatividade de encontro, de “date”. Uma ética do ensaio. Entretanto, ser amigável é diferente do ser amigo – e acredito que é nesse vértice que reside o conflito de Diego. Gostar de um(a) cliente e ter uma atitude amigável, receptiva de interesse – mesmo que legítimo – não compromete o contrato sexual remunerado da mesma

forma que uma amizade que se estenderia para além do campo contratual. Não que essa amizade seja mais “legítima” ou “verdadeira” que outras. Não se trata da inscrição de uma verdade essencial a ser descoberta nos meandros da prostituição. Trata-se de um sutil trânsito para além das fronteiras do contrato e que, como em toda ruptura contratual, pode derivar tanto em uma nova pactuação (como outro tipo de relação) como em um afastamento das partes. Mesmo o fragmento elegido da história de Diego ter sido o único a referenciar uma presença de fazer sexual com mulheres na posição de clientela na prostituição, ela também se associa a outras histórias presentes no campo dessa pesquisa. Nesse contexto, uma ética do trabalho não se mostra dissociando controle de prazer ou afeto, como vemos quando desponta nas situações a valência da relacionalidade.

### 6.3 A valência da relacionalidade

Os territórios gerados por bares e saunas são preparados para abarcar uma diversidade maior de manifestações do que as ruas, mostrando-se mais afeitos ao relaxamento e a troca segura, inclusive múltiplas expressões afetivas. Particularmente nos bares, a presença de um público mais vasto é possível, envolvendo, por vezes, as namoradas e esposas dos garotos de programa, em uma explícita ampliação relacional do que se imagina na prostituição entre homens. No bar frequentado para a realização desta pesquisa, a presença física das mulheres se mostrava mais fortemente nos momentos de término de expediente, em que essas esperavam os garotos saírem para a calçada do bar. Outras, ainda que mais raramente, frequentavam com maior traquejo o espaço interno do Bar, acompanhadas do namorado ou esposo e do cliente desse, em várias situações. Em algumas dessas conjugações, era evidente que eram pessoas já conhecidas e com explícita vinculação.

*Entro no bar e, revejo vários rostos conhecidos. Entretanto, é a segunda mesa da entrada, ao lado do balcão do bar que me chama a atenção. Na mesa estava Guilherme, um jovem a quem já vira várias vezes na companhia de Pedro, um dos participantes da pesquisa. Guilherme é branco, alto e forte, com cabelo encaracolado mais volumoso. Na mesa, estava sentado com um cliente algo mais velho, na faixa dos cinquenta e poucos anos, calvo, alto e muito magro. Com eles estava uma mulher jovem e acinturada com volumosos seios escapando da blusa. Maquiagem carregada e bem desenvolva na conversa, logo percebo que a moça é namorada de Guilherme. Ele já havia comentado que a namorada também exercia a prostituição em uma boate na cidade. Guilherme beija e acaricia suavemente tanto à moça como ao cliente e logo vão embora. Pedro me explica que Guilherme e a namorada costuma fazer programas juntos com clientes do bar e também com casais, mas que ali tratava-se de “lance antigo”, chegando a conviver em períodos de finais de semana e feriados*

A camaradagem e as parcerias que se observam entre os garotos e entre os clientes também se dão entre clientes e garotos. Sejam elas de companheirismo, sejam elas mais afetuosas ou romantizadas, não excluem a dimensão “negócio” da prostituição. As interfaces entre as performances de amor e estratégias de obtenção de máximo de recursos possível é algo reconhecido na literatura sobre prostituição, especialmente voltada para as estratégias elaboradas por mulheres (Brennan, 2007) mas também entre homens (Pocahy, 2011). Neste contexto, a literatura por vezes se volta para processos relacionais que não necessariamente desafiam códigos de gênero. Entretanto, no contexto da prostituição entre homens, essa conjunção põe em pauta uma negociação tácita difícil, uma vez que envolve, majoritariamente, a permanente construção e manutenção da masculinidade do garoto de programa mesmo diante de atributos reconhecidos tradicionalmente como do feminino ou do conjugal, que suporia certo binarismo em alguns imaginários sociais (manifestações de carinho, segurar as mãos, dar um “cheiro”, ou, até mesmo, as enunciações de saudade e espera, como nos contextos de clientes que não são residentes em Porto Alegre).

Um exemplo de cenas paradigmáticas das possibilidades de interlocução para além do que se compõe tradicionalmente como prostituição são as de “namoro” em saunas e bares. A constituição dessas performatividades como possibilidade comercializável tem força suficiente para figurar nas investidas de garotos de programa, sob enunciações como a de “faço namoradinho”. Essa classe de performatividade, enquanto atributo que pode ser contratado, é enunciada especialmente no contexto dos serviços ofertados através dos meios digitais. De toda forma, vale indicar que, nas negociações presenciais em saunas e bares, a negociação do “fazer namoradinho”, por exemplo, é composta em singulares e delicadas conjunções que, na prática, não precisam ser explicitamente indicadas (diretamente enunciadas, como na *Internet*). Envolve uma análise por parte do garoto de programa de características como o “perfil” do cliente e a sua disponibilidade para encontros com maior fixidez, como ilustra o fragmento a seguir:

*Na mesa do Bar, em um horário ainda marcado por certa calma e em um espaço destinado prioritariamente a consumo de jantares, um homem correspondia afetuosamente às carícias do garoto de programa que lhe acompanhava. As cadeiras colocadas conjuntamente em uma das extremidades da mesa quadrada, permitia que, com os braços entrelaçados, pudessem conversar e se beijar demoradamente enquanto bebiam cerveja e comiam batatas fritas. Ouço de relance o comentário de outro cliente com o atendente do bar: “Ah... voltou da temporada em Floripa.. Tá todo de amorzinho”. Essa conjuntura não surpreende nem é motivo de algum tipo de consideração no espaço, a não ser as que são enunciadas entre os próprios garotos de programa e outros clientes, que não se intrometem na relação de preferência dos dois*

– *resguardando certa relação de civilidade, respeito às negociações no trabalho sexual e garantia de controle das condutas no espaço*”.

Essas técnicas, como o “*fazer namoradinho*”, consideradas muitas vezes formas de lucro mais seguro e constante, são conjugadas com cuidado, de maneira que se possibilite um retorno dos clientes e a indicação para outros potenciais conhecidos desses. O “*fazer namoradinho*” se aproxima das expressões recorrentes como “*tratar bem*”, ser “*boa gente*”, ou “*ser de boa*”, ainda que essas expressões estejam mais associadas a características mais genéricas como simpatia, afetuosidade e atenção. Esses aspectos, associados aos espaços de sauna e bar como formas de fidelização da clientela, não se mostram com a mesma intensidade e apropriação técnica como a visualizada na prática de “*fazer namoradinho*”.

Esse aspecto tem reflexos em estudos como os de Milrod e Weitzer (2012) que, destacando as mudanças no mercado sexual nas últimas décadas, incluindo a diversificação do entretenimento erótico, uma maior integração cultural de certas atividades e produtos que antes eram marginalizados, apontam para o fornecimento de “*experiências de tipo namoro*” (ETN) – o que é indicado como desejável por muitos clientes. Essa forma relacional parece abranger o que Bernstein (2007) chama de autenticidade limitada: um nível de conexão emocional e física autêntica, que é genuína, mas limitada por restrições de tempo e pelo fato que os benefícios são negociados economicamente. Nesse contexto, ainda que o sexo continue a ocupar o eixo importante do trabalho, pode ser acompanhado de compartilhamento, apoio e companheirismo mútuos. Para Milrod e Weitzer (2012), especificamente, a intimidade estaria disponível e valorada - nem sempre apenas pela via monetária. Muitos clientes (de *sites*, aplicativos, bares, saunas e outros ambientes fechados) desejam expressões que nesses estudos são indicados como de “*emocionalidade*”, e que os trabalhadores se mostram sensíveis a fazer disso parte da experiência na prostituição (Milrod; Weitzer, 2012). A qualidade da experiência física é indicada por clientes como dependente da realidade percebida e de algum envolvimento emocional entre as partes (Earle; Sharp, 2007; Sanders, 2008). Até certo ponto, portanto, esse tipo de negociação oferece benefícios intangíveis que se articulam com o que se vê em relacionamentos não remunerados. Buscando algum tipo de “*experiência de tipo namoro*” significativo, esses clientes desejam envolvimento com acompanhantes cuja capacidade de expressão emocional componha com seus atributos físicos (Earle; Sharp, 2007; Milrod; Monto, 2012). Muitos clientes também se orgulham de sua capacidade de proporcionar prazer, afeto e atenção aos trabalhadores do sexo (Huf, 2011), inscrevendo o prazer sexual enquanto ação recíproca.

Todavia, essa aproximação ao campo dos afetos, da atenção e do que PocaHy (2011, p. 103) intitula ser certa performatividade de *conjugalidade gay* – com *entradas e saídas no regime romântico*, também produz tensão nas identificações de gênero, em especial nas masculinidades possíveis. A marcação discursiva, por exemplo, em narrativas alusivas a gênero se fez presente relacionada à atribuição e ao desempenho de expectativas culturalmente fundamentadas – chaves para o surgimento, manutenção e às transações relacionais. Assim como já discuti no capítulo anterior, as relacionalidades do mercado sexual entre homens tensionam identificações e expectativas, tanto na atividade sexual como fora dela. Colocar-se em uma posição de maior fragilidade – física, financeira ou emocional – pode tensionar as identificações sexuais e de gênero, o que exige um estratégias para manter a prostituição entre homens à salvo da feminilização. Receber “*ajudas*”, pagamentos, presentes ou manutenção financeira só é seguro quando as garantias físicas, sexuais e de ‘etiqueta’ que mantêm os *boys* inscritos na virilidade e na masculinidade – matéria base para a manutenção do território existencial em questão. O exercício de poder, a intencionalidade, o controle e (in)submissão parecem marcar, inscrever os sujeitos em territórios mais ou menos seguros de circulação, assim como, por exemplo, a presença (física ou simbólica) de namoradas/esposas como fiadoras da virilidade e masculinidade – tão cultivadas nesse campo analisado.

De toda forma, neste plano de pesquisa, a clientela aparece brincando com a atualização performática do ciúme, do “namoradinho”, das performances de amor romântico, mas que não se restringe aí. Potencialmente relacionada ao “*fazer namoradinho*”, mas não necessariamente a situação fixa, que garante fonte mais segura de renda já que o fluxo de clientes nos ambientes pode ser variável, faz-se também como possibilidade de receber “*agradados*” (presentes) e “*ajudas*” (mais associadas a pagamento de contas básicas para a vida cotidiana, estudos ou aquisição de bens). São táticas que, se colocadas como ponto de compreensão, a possibilidade de maior obtenção de recursos com segurança e estabilidade, entretanto, pode desencadear momentos de adensamento ou fragilização relacional<sup>95</sup>. São muitos os fragmentos que ilustram essa tensão – como no caso de Sandro e Eliseu, e em várias orientações de “cuidado” que recebi de clientes e *boys* durante esses anos. Parece ser ainda que o frágil cristal da masculinidade segue sendo o elemento mais valioso desse campo – e ainda inscrito sob marcadores tradicionais associados a ideia de virilidade que muitos autores nomeiam como masculinidade hegemônica –, talvez menos majoritária do que em outras épocas, mas ainda com algum protagonismo.

---

<sup>95</sup> Numa interface com o que indica Carsten (2014), certo “espessamento” ou “diluição” de relacionalidades.

*Por indicação de meu interlocutor, Eliseu, marcamos um encontro em um restaurante no bairro Cidade Baixa. Sentados na mesa, esperando o companheiro de Eliseu, conversávamos um pouco sobre os atuais problemas de relacionamento de meu interlocutor. Eliseu era um homem magro, senhor de uns 70 anos, corpo frágil, narrativas diretas e objetivas. Nos últimos dias, havia descoberto que Sandro (o não uso de nenhum termo de designação como namorado, ficante, esposo, ou algo do tipo me era interessante) tinha voltado a fazer programas. Indignado com a situação, mas, em especial, magoado com a atitude do rapaz, Eliseu me dizia que não sabia o que fazer. Havia financiado a vidraçaria que Sandro queria... Segundo ele, era melhor ensinar a pescar do que dar o peixe. Ele já havia exercido essa profissão, afinal. Mas agora, os programas eventuais voltavam a assombrar a relação. A despeito da promessa que Sandro havia feito, de que os programas não mais aconteceriam, Eliseu se sentia angustiado com tal situação. De outro modo, um aspecto me chamava particular atenção, a relação com a família do rapaz não parecia ser um grande problema. A esposa, que sabia do envolvimento de Sandro com Eliseu, e os filhos, conviviam quase que como numa outra realidade. Nesses itinerários o ponto de conversão era o jovem homem. Nossa conversa é abruptamente interrompida por Sandro, que chega no restaurante com roupas de futebol. Segundo Eliseu, Sandro sairia direto do jogo para nos encontrar. Atento à hipérbole da cena que se passava, era notável para mim o lugar no qual Eliseu colocava Sandro. Um “homem de verdade” (como dizia Eliseu) – em que ser rapaz do futebol, de figura masculina e com as responsabilidades de uma família eram descrições que compunham esse ‘outro’.*

A relação entre os dois, que começara num marco explícito de prostituição masculina, desenvolveu-se a ponto de Eliseu não mais sentir possível estabelecer um delineamento nesse mesmo campo, ainda que não o negasse e não assumisse uma nomenclatura específica para identificar esse plano atual. As negociações possibilitadas dentro do marco econômico, ao mesmo tempo que inscreviam potenciais criativos (suspendendo planos identitários rígidos e possibilitando aos dois um trânsito singular), pareciam estabelecer certa tensão pela via da territorialidade masculinista e monogâmica (a valorização de uma estética masculina que diferenciava, para Eliseu, Sandro de outros homens que conhecia, mesclava-se com o ciúme e a exclusividade na vida sexual). Assim como esses afetos compõem o campo da prostituição, também podem desestabilizar as negociações, a ponto de diminuir consideravelmente a valência trabalho frente às conjugações mais afetuosas.

*Essas questões pareciam ser bem administradas para Sandro e Eliseu. Haviam se conhecido em uma sauna da cidade, em um momento no qual Sandro dedicava-se a prostituição como forma de auxiliar no sustento da esposa e dos dois filhos. Moradores de uma região periférica de Porto Alegre, Sandro transitava entre relações recorrentes com clientes e trabalhos outros, como o de vidraceiro (este último cada vez menos presente diante das possibilidades de ganho financeiro no trabalho sexual). Sandro, um homem branco de 30 anos, com pouca instrução formal e grande apelo erótico (nos padrões do mercado sexual da cidade, contemplava aspectos como corpo considerado masculino, atlético, tatuado e jovem) se encontra com Eliseu, um homem branco, de corpo aparentemente frágil, completando 70 anos, com grande nível de instrução,*

*acesso a bens de consumo e filhas já crescidas. Um dos aspectos na narrativa de Eliseu que fazia “se encantar” por Sandro era a forma carinhosa com a qual lhe tratava, e que lhe havia feito investir na possibilidade de uma relação mais estável. Na vida em casa, Sandro passaria a ocupar dois espaços, uma parte da semana era dedicada a relação com a esposa e filhos, e a outra era dedicada à relação com Eliseu, em seu apartamento numa região nobre de Porto Alegre. Eliseu parecia compor-se com a situação familiar de Sandro de maneira ambígua. Por um lado, contemplava muito do já enunciado pelas saunas e bares da cidade, a ideia de que havia algo de erótico em ter uma relação com um “paizão”<sup>96</sup>, de outro modo não parecia afeito a um laço de comunicação muito denso com a esposa – com a qual, segundo Sandro, havia certo pacto de “não falar sobre”. Ainda que não se falasse sobre a prática que se estabelecia, o casal parecia falar dentro do contexto de prática: desde presentes para as crianças, ajudas mensais ou mesmo a divisão dos tempos nas festas de fim de ano eram uma questão (alçadas ao protagonismo de Sandro, mas com a adesão da esposa)”.*

Tratando-se do campo das relacionalidades, pude notar que existia nessa situação apresentada a construção de uma intrincada relação entre formas de vínculo, em que não se estabelece uma imposição, segredo ou passividade, mas sim um campo de produção de relacionalidades em que o sistema familiar de Sandro lhe possibilita transitar de forma singular pela prostituição – produzindo benefícios também para a família. Nesse agenciamento entre Eliseu com Sandro e sua família, o “dar presentes” e as “ajudas”, abarcadas tendo Sandro como articulador entre as necessidades da família e Eliseu, instauram certa relação de dependência recíproca. Entretanto, nesse campo de sociabilidade, Eliseu não desejava fazer parte de uma relação próxima com a esposa e filhos. Construía-se então uma delicada fronteira entre a vida familiar de Sandro e a relação dos dois, o que visualizei, especialmente, nos momentos relatos de pedidos de subsídio por Sandro. Segundo Eliseu, antes de auxílios mais demandantes em termos financeiros, era usual um maior cuidado de Sandro no trato diário, mais intensidade e disposição no sexo, carinho e escuta. Esse comportamento, de toda forma, tomado com ar de humor por parte de Eliseu, é relembrado como próximo ao que já vivenciara décadas atrás, na conjuntura do seu casamento em uma relação monogâmica e heterossexual.

Com o passar do tempo, concomitante à acomodação gradual das duas rotinas de Sandro, os laços entre os dois pareciam se tornar mais densos. Ainda assim, a “distância” se fazia uma problemática eventualmente indicada por Eliseu. Aparentemente por uma articulação entre a vida de Sandro como pai de família e esposo de Aline, Sandro não conseguia dispor do tempo de dedicação que Eliseu achava adequado, de modo que suas idas ao apartamento de Eliseu foram se tornando, na sua percepção, insuficientes. Eliseu começou a demandar que

---

<sup>96</sup> Esse aspecto aparece em falas de clientes nos espaços de prostituição, especialmente como forma de reiteração de masculinidade e potência sexual. Na literatura, estudos como “Padrinhos gringos: turismo sexual, parentesco queer e as famílias do futuro”, de Gregory Mitchell, exploram essa figura de pai e as relações de parentesco e família no contexto de turismo sexual masculino.

Sandro não mais circulasse pelos espaços de prostituição, oferecendo financiar suas atividades como vidraceiro (uma competência de trabalho indicada por Sandro). Ainda que esse plano fosse concretizado, compadres que frequentavam assiduamente uma das maiores saunas na cidade indicavam que Sandro havia voltado a fazer programas, dando ensejo para uma acalorada e difícil negociação entre os dois.

Aparentemente, além dos ciúmes e da noção de controle/posse, também há um investimento financeiro e de economia moral que faz fortalecer ou enfraquecer a relacionalidade. Constituir um trabalho digno (na vidraçaria), supostamente aumentaria a relacionalidade de ambos, mas também poria um crivo moral. Atualizando a ideia de um trabalho “limpo”, Eliseu parecia endividar emocionalmente a Sandro. A volta aos fazeres na prostituição enfraqueceu a relação em função tanto dos ciúmes como da perda de controle e de poder nessa economia moral<sup>97</sup>. Para Sandro não parecia bastar o trabalho “limpo”, os presentes, os momentos a dois. Aparentemente a atuação na prostituição lhe era mais cara, e, talvez, mais afeita ao tipo de itinerário que desejava cultivar, colocando-se em uma situação fora do espaço relacional doméstico que Eliseu propunha. A história dos dois indica um itinerário que se modifica, um desencadeamento relacional que desponta de estratégias como o “fazer namoradinho” e que toma densidade o bastante para figurar num jogo de “promessas e violações de promessas, atos e violações de intimidade, e atos de perdão e vingança” (Lambek, 2011, p. 4).

Contudo, talvez, como síntese deste capítulo, o que cabe pensar com mais detalhe é a intimidade como especificidade daquilo que se entende por relacionalidade nesta investigação, e algumas abordagens discursivas podem auxiliar nesse processo. Em pesquisa sobre discursos sobre intimidade entre grupos gays – envolvidos ou não com a prostituição, Canoy (2015) compreende comporem-se pelo menos cinco discursos<sup>98</sup>. De acordo com o autor, esses discursos muitas vezes eram utilizados para justificar as travessias de “fronteiras” entre os contratos relacionais – fossem tarifados ou não, mas fortemente influenciados pela intersecção de raça/etnia, classe e idade. A linguagem da intimidade na pesquisa de Canoy (2015) mostra cinco discursos culturais: I) desejo pelo corpo, II) desejo pela alma, III) transações equitativas,

---

<sup>97</sup> Essas economias morais se delineiam com nitidez nos estudos que, no Brasil, mostram como opera a noção de auxílios para além do considerado “programa”, envolvendo sujeitos em relações tanto hetero como homossexuais (Passamani, 2017; Padovani, 2015; Teixeira, 2011).

<sup>98</sup> Canoy (2015) explicita ainda, em sua análise, que a maioria dos estudos sobre relacionamentos íntimos (românticos ou afetivo-sexuais) explicam isso através das lentes de forças sociológicas no nível macro e processos psicológicos individuais no nível micro, mas a maioria dos trabalhos empíricos adota um modelo causal e individualista da atividade humana com a intimidade como uma das variáveis independentes que prediz os comportamentos sexuais.



IV) parceria investida e V) identidade de gênero. O *desejo pelo corpo* pode ser descrito como o anseio por prazer corporal, que conota o controle e a liberação de desejos para satisfazer a si mesmo e ao parceiro. O *desejo pela alma* pode ser descrito como um anseio pelo metafísico, que conota um anseio por uma conexão perfeita, feliz e profunda com o parceiro. As *transações equitativas* envolvem uma troca material e discursiva em que o processo de mercantilização do corpo torna algumas identidades visíveis enquanto outras permanecem invisíveis. A *parceria investida* pode ser descrita como o anseio por uma parceria duradoura e estável, de acordo com o que socialmente é considerado um relacionamento "aceitável".

Ao pensar em meu contexto de pesquisa, vejo que parte desses discursos figuram nas diferentes narrativas, inscritos também pelos marcadores identitários discutidos por Canoy (2015). Se elenco o discurso de *desejo pelo corpo*, ainda que mais presente entre os participantes *clientes* da pesquisa, posso considerar que também é expresso por *boys* para justificar os interesses que fazem com que clientes os procurem ou permanecem sob seus serviços sexuais. Em muitas das situações narradas o desejo pelo corpo é a porta de entrada das relações, é o que instaura, inaugura não apenas a relacionalidade sexual paga, mas o que pode manter algo ativado para outros campos relacionais. Como já dizia o participante Orlando, “*quem vai ao açougue é por que quer carne fresca*” – para além da óbvia analogia à juventude, a beleza, a atração física disponível e pagável de corpos atraentes são o motor do início das relacionalidades na prostituição entre homens, ao menos no campo aqui analisado.

No entanto, algumas relações transcendem esse momento inicial – meta para muitos dos garotos – e pode derivar outras relacionalidades. Mesmo que nem sempre (ou quase nunca) explicitados, quando as narrativas abordavam relações cliente/*boy* fixo, “*namoradinho*”, ou mesmo relações mais estáveis, o discurso de *desejo pela alma* também se fazia presente – por vezes com o mesmo tom de posse, domínio. Mesmo que parte da literatura da área insista em excluir os afetos de cunho mais amoroso ou conjugal do campo das relacionalidades na prostituição, vez por outra seus atores subvertem essas articulações e lançam o campo afetivo de maneira explícita. Marcados ou não pela discursividade do amor romântico e da especialização dos afetos como descoláveis dos territórios de economia sexual que os possibilitaram, muitos clientes justificam que algumas relações se consolidaram porque havia um anseio de conexão emocional mais profunda e, no campo desta pesquisa, muito associáveis à redenção da contaminação moral da prostituição. São aquelas histórias do “*guri que tu vêes que vale à pena investir*”. Nesse sentido, classe e raça/etnia se conjugam como balizadores desses processos de uma outra intimidade, em que as barreiras da “formalidade” contratualizada pelo serviço sexual podem ser levantadas.

Os clientes *gente boa* costumam ser homens mais velhos, geralmente com educação superior, renda e patrimônio que os colocam em uma posição de potenciais provedores. A racialidade não foi homogênea, alguns desses clientes que tinham ou tiveram relações de maior estabilidade e envolvimento afetivo e social com garotos de programa eram negros. Entretanto, a maior parte dos “*gurus que valem à pena*” são jovens e brancos, ou negros de pele clara. O fator de etnicidade associado à ruralidade também se soma, visto que jovens do interior, de regiões de colonização predominantemente branca também eram mais associáveis à essa categoria discursiva. O rapaz pobre, mas não “miserável”, do interior parece ter uma ‘garantia’ de formação de valores associados ao trabalho e à honestidade que podem suplantar, inclusive, algum elemento físico não tão valorizado (como, por exemplo, acne ou um pênis não tão volumoso). Tal estereotipia é radicalizada/eticizada com maior intensidade quando a *carne é fresca*, ou seja, quando os rapazes são novos no mercado do sexo (mais do que em idade). Seria como se o “deslize” da prostituição pudesse ser recuperado pela essência originalmente boa desse grupo.

Diferente, ainda que não desprovidas de carga afetiva, são as discursividades que explicitam justamente a “honestidade”, mas não tão personalizada nos atores envolvidos, e sim no que Canoy (2015) chamou de *transações equitativas*, já que envolvem relações de troca material e afetivas/relacionais pactadas, com mais percepção de controle. Narrativas em que essa ideia de controle e de acordo figuram: seja para justificar escolhas, para se vangloriar ou para registrar a mim ou à audiência a expertise do campo, do saber se relacionar e lidar com os desafios, as fantasias e os perigos que as relações advindas do marco da prostituição podem gerar. Saber “*até onde dá para ir com esse cara*”, como me disseram muitos *boys* e muitos *clientes*, é algo essencial à já comentada pedagogia da prostituição, mas também nas aberturas às relacionalidades possíveis nesse território.

Nesse contexto, demandar exclusividade, como na história de Sandro e Eliseu (que não inclui a esposa de Sandro, já que se trata de uma economia entre homens nas quais as mulheres são fiadoras), nem sempre satisfaz a ambos como são as relações de clientela fixa descritas por Guilherme ou Francisco – em que pode haver carinho, afeto, respeito ou reconhecimento, mas tudo dentro do previsto previamente –, mesmo que não explicitado em palavras, mas em atos. Em uma relação que se explica por esse marcador discursivo, não figuram sentimentos de exploração, de roubo ou de fragilização, como, por exemplo, no caso de Diego, quando o trânsito entre cliente e amigo compromete o exercício pactado – fragiliza o contrato em função de afetos não previstos.

Essa discursividade também se diferencia das que mencionam as *parcerias investidas*, em que talvez os termos de limites financeiros ou de atividade social e sexual não se marquem tanto quanto os de camaradagem, de amizade, de parceria e até conjugalidade. À diferença do marcador discursivo anterior, o investimento sentido como de maior valor não é monetário ou financeiro, é afetivo. Nas narrativas desta pesquisa, os sentimentos de traição, de engano ou de frustração não envolvem perdas monetárias, mas perdas sentidas como afetivas. Essas narrativas foram presentes nas histórias contadas por vários clientes justificando, por exemplo, as razões ao procurarem organizar as suas relacionalidades na prostituição sob a égide das transições equitativas – cartas postas na mesa. Seja por justificativas morais como as de Orlando, ou mais situacionais como faz Paulo, os investimentos afetivos nunca figuraram sem a possibilidade de frustração.

As relações elencadas neste capítulo, mais ou menos próximas da situação “fixa” entre clientes e garotos de programa, foram utilizadas por mim como estratégia para discutir (des)encontros possíveis na prostituição entre homens – compondo-se em jogos de verdade instáveis em que atuam os vetores trabalho, prazer e relacionalidade. A constituição de encontros (ou conjugações) no marco econômico expressa diferentes intensidades, reiterando que categorias estanques ou separações bruscas/antagônicas (trabalho ou afeto, economia ou prazer) não auxiliam na compreensão das ambivalências e contradições constituintes da prostituição. Nesse contexto, elencar como discussão processos vivenciais significa por em pauta como os sujeitos efetivamente produzem trânsitos de significado (Preciado, 2008), como do campo “íntimo” – indicando-me que esse é um elemento que efetivamente articula forças estruturais, ao mesmo tempo que possibilita agência dos sujeitos no trabalho sexual.

Esse campo de produção, sob muitos aspectos compartilhado com relações enunciadas como fora do contexto econômico, denotam uma série de potências e vitalidades que por vezes fogem da interpretação usual de trabalho ou prazer - espaço potencial para exercícios de liberdade. Nessa conjuntura, a relação dita “da” prostituição pode sustentar certa “coragem da verdade”, nos termos defendidos por Foucault (2014), em prol de uma “vida não cafetinada” – ou seja, vítima de forças violentas que operam pela via do retrocesso (Rolnik, 2018). Conjugações, nesse sentido, demandam compreender uma série de agenciamentos entre elementos que possibilitam, pela via das afecções, a construção de relações, atentando para os encontros considerados íntimos e os graus de envolvimento que trazem complexidade a esses arranjos. Para tanto, a partir da ideia de relacionalidade, pude pensar as possibilidades de conjugação (de composições, ou modulações) entre os sujeitos na prostituição. A produção de relacionalidade e intimidades em conjunturas explicitamente engendrados no marco econômico

escapam de uma leitura oposicionista que insiste em reiterar este como um espaço dos “outros” – atualizando nas intersecções de sexualidade, gênero e mercado, *mundos* (supostamente) *hostis* (Zelizer, 2011).

## Considerações finais

A tese aqui apresentada é, ao mesmo tempo, fruto de investigação e análise desenvolvidas no curso de doutorado em Psicologia Social e Institucional, mas também – conforme já comentei na introdução – de uma trajetória de formação que transcende as fronteiras e os tempos desta pesquisa. Acredito que o texto da tese também apresenta as marcas desse percurso com algum avanço e com algumas restrições (escolhas diante de um universo de possibilidades férteis de questionamento e caminhos possíveis para futuras investigações). A despeito das necessárias contextualizações teóricas e reflexões históricas sobre a relação dos homens com a prostituição, este escrito apresenta algo ainda precariamente debatido no estado da arte em Psicologia: os percursos de vida, os saberes, as relações entre práticas afetivas, econômicas, sexuais que tomam corpo de maneiras por vezes ambíguas, contraditórias e até transgressoras – atualizando discursos normativos, mas apresentando graus de liberdade nas relações abertamente monetarizadas entre homens.

Num campo ambivalente de práticas que não se enquadram em planos teóricos fechados (às vezes por se mostrarem muito distantes de enquadramentos identitários, ou por se darem vinculadas a discursos que se afastam do eventual desejo acadêmico de ‘encontrar’ existências puramente dissidentes), esta tese foi se construindo e se (re)fazendo. Foi mostrando facetas dessa multiplicidade na prostituição que optei por acompanhar, experienciando um percurso de pesquisa que focasse em cenas de campo pelas quais certas relações não prescritas pudessem se expressar. Por mais clichê (ou anti-clichê), a prostituição faz pensar e se “dá a pensar”. Mostra fazeres que, em diferentes momentos, diluem a fixidez de categorias identitárias, denotando algo de conjuntural, que não se restringindo ao território da identidade desafia a ocupar lugares para os quais não se tem representação fechada – e justamente por isso possibilita a emergência de um corpo político nas suas tramas.

Como força incorporadora/antropofágica, a prostituição e seus territórios não apresentam demarcações rígidas. Inscrevem fissuras em suas supostas fronteiras quando olhamos para as práticas sociais de conjugações entre homens. Isso se mostrou nos encontros possibilitados nas ambiências estudadas (registrados em algumas histórias nesta investigação), que fazem brotar arranjos inesperados e controversos entre afeto, sexualidade e economia – esculhambando estereótipos. Na companhia de meus interlocutores e no registro de suas narrativas, pude recobrar a proposta do “e” que Deleuze (2010) inspirara, e a subjetividade antropofágica que Rolnik (1998) apontava.

Tendo por eixo importante na potencialização desses arranjos, o caráter pedagógico na prostituição entre homens mostrou como entrar, transitar e sair de seus territórios (como tornar-se um *expert* no mercado sexual). Aproximando-me dessas pedagogias – que tomam forma em aprendizagens do sentir, do trepar, do transacionar moedas, dos querereres, dos controles – que as valências trabalho, prazer e relacionalidade geraram sentidos possíveis para a minha discussão. As valências, como já comentei, são elementos potenciais que atuam de maneira mais ou menos intensas, conforme a situação em análise, compondo arranjos que põem em pauta potencialidades (corporais, etárias, culturais, econômicas, afetivas) de singular significação nas trajetórias, práticas e existências dos sujeitos dessas cenas. Tais ambivalências e contradições constituintes agenciam diferentes posições aos “bem dotados”, aos “cara de bandido”, “múmias”, “profissionais”, “afeminados” no mercado do sexo. Esses termos êmicos, ainda que vislumbrando margens em um panorama normativo que incide nos territórios da prostituição, não se mostram imobilizadores, mas sim estabelecem formas singulares de transitar e constituir estratégias relacionais.

A pedagogia, nesse aspecto, possibilita reconhecer potencialidades para o negociar, consolidar ou transbordar expectativas normativas. Como em um jogo de cartas, mesmo cada naipe tendo um valor e uma possibilidade consensuada nas regras, é em cada *mão*, ou em cada rodada que esse valor pode ter sua potencialidade materializada. Depende das *mãos* dos demais jogadores, das estratégias, das motivações do momento. Mesmo aquele jogador que se lança na mesa da prostituição com fichas muito definidas (o quanto arriscar, o quanto apostar), pode ter sua estratégia interpelada pelas apostas, valores e *mãos* dos jogadores de cada rodada. O treino – daí o pedagógico desse campo – ajusta os bons jogadores, mas não os imuniza de perder ou ganhar. Depende de quanto esses posicionamentos podem de fato se fazerem potências naquele momento.

Essas possibilidades de conjugar-se com outros em prol da produção de bons encontros, tiveram como um dos elementos principais, para além da constituição pedagógica de *expertise*, certa carnavalização. Entendida como construção de ambiências que suspendem e reafirmam prescrições de gênero e sexualidade, a carnavalização se mostrou campo fértil para a composição dos homens com diferentes benefícios (dinheiro, mensalidades, pagamento de contas, objetos). Nesses territórios de agenciamento (estratégias diante e com o panorama neoliberal), as fronteiras do trabalho, afeto, gênero e sexualidade se borram. Olhar para esses arranjos relacionais possibilitados em territórios carnavalizados, para os fazeres na prostituição, é evidenciar o caráter ficcional da noção de trabalho ‘puro’ que se tenta inscrever os sujeitos

desde o capitalismo moderno. Uma utopia moralista de controle dos fazeres, afetos e conjugações que nem o dinheiro e nem o desejo conseguem demarcar.

Nesses trânsitos, utilizando a metáfora do viajante que me parece cara a esse movimento de pesquisar, provavelmente os marcos fronteiriços e as alfândegas sejam distintos entre homens e mulheres que exercem a prostituição (o que demanda olhar para um campo de pesquisa sob o qual não me debrucei e que é ainda pouco explorado). Não à toa, como já amplamente apontado, os termos ‘mulher pública’ e ‘homem público’ geram resultados tão diferentes nos buscadores da *Internet*. De toda a maneira, o homem que exerce a prostituição ainda não é um ‘homem público’ e, respeitosa e talvez nisso a presente tese traga sua colaboração – publicizar parte da invisibilidade do trânsito de homens por esse fazer.

Vistos, valores e provas distintas podem ser cobradas para o trânsito *entre* trabalho, prazer e relacionalidade. Essa tríplice fronteira, esse vértice existencial pode supor inclusive etiquetas de conduta distintas, mas são sempre potencialmente negociáveis. Os passaportes nas narrativas de meus interlocutores eram carimbados com letras nem sempre fáceis de ler. Quase nunca se apresentaram abertamente nas aduanas ou salas de embarque. Aparentemente a masculinidade supõe uma discricção pública que dificulta inclusive nomear a permanência em um desses territórios de valência. Como assumir sentir prazer no trabalho sexual com outro homem sem carimbar o passaporte na fronteira da homossexualidade ou ainda, na feminilização? Como amar, namorar, casar com um profissional do sexo? Como se pode permanecer nesse território sem perder a cidadania que a masculinidade viril chancela? Como o sexo pode configurar trabalho, sem assumir uma aposta identitária com seus fazeres?

Como o texto da tese explicita (se constituindo como uma reverberação dos próprios interlocutores da pesquisa) não se tem uma resposta única para essas questões. Penso que essas respostas de *entre*, de *fronteira*, de “*e*” explicitam a potencialidade dos jogos, das diferentes partidas, das distintas cartas que têm na mão em cada rodada. É um jogo que socialmente se fez clandestino, e que ainda parece ameaçar a masculinidade de uma maneira difícil de encarar para muitos dos jogadores que recusam a legitimidade das esfumaçadas salas das saunas, bares e aplicativos.

Esse intenso jogo de forças que se mostrou no campo da prostituição, também me compôs como pesquisador nesse período. Pôs-me a questionar as fronteiras, barreiras e canais que comunicam os meus fazeres (econômicos, afiliativos, institucionais, afetivos e sexuais). Nessa construção, a escrita da tese traduz/produz leituras sobre encontros possíveis na prostituição entre homens, mas também marca no presente texto o peso da historicização de prazeres, masculinidades, afetos e performances analisadas. Afinal, num contexto geopolítico

em grande transformação, os espaços estudados se veem cada vez mais diminuídos diante de trânsitos geolocalizados pelas cidades. Os que compartilham vivências nos ambientes descritos, que transitaram/transitam pelas névoas das saunas ou luzes de bar, certamente entendem que se vê e vivencia mais do que apresentam livros e artigos. Muito não pode ser mostrado porque não está para além da potência dos encontros (esses continuam presente entre lençóis, afetos, prazeres, valores, relações).



## Referências

- Abreu, V. B. S. (2013, setembro). Para além do feminino/masculino: A (des)construção do gênero na prática sexual de garotos de programa. In: *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios atuais dos Feminismos*. Florianópolis. SC, Brasil, 10.
- Agustín, L. (2006). The disappearing of a migration category: migrants who sell sex. *Journal of ethnic and migration studies*, 32(1), 29-47. <https://doi.org/10.1080/13691830500335325g>
- Agustín, L. (2007) *Sex at the margins: Migration, labour markets and the rescue industry*. London: Zed Books.
- Antunes, J. L. F. (1999). *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Editora da Unesp.
- Antunes, M. C., & Paiva, V. S. F. (2013). Territórios do desejo e vulnerabilidade ao HIV entre homens que fazem sexo com homens: desafios para a prevenção. *Temas em Psicologia*, 21(3), 1125-1143.
- Anzaldúa, G. (2005). La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. *Revista estudos feministas*, 13(3), 704-719.
- Attwood, F. (2006). Sexed up: Theorizing the sexualization of culture. *Sexualities*, 9(1), 77-94. <https://doi.org/10.1177/1363460706053336>
- Augras, M. (1985). Poder do desejo, ou desejo de poder?. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 37(2), 106-109.
- Badinter, E. (1993). *XY: Sobre a identidade masculina*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bakhtin, M. (1990). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. (1999). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2008). *Problemas da poética de Dostoiévski* (P. Bezerra, Trad., 4a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Barreto, V. H. S. (2017). “Vamos fazer uma sacanagem gostosa”: Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói: EDUFF.
- Barros, L. P., & Kastrup, V. (2014). Cartografar É Acompanhar Processos. In: E. Passo, V. Kastrup, & L. Escóssia (org.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. (p. 52-75). Porto Alegre: Sulina.
- Barthes, R. (2012). *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1980)
- Bauman, Z. (1998). On postmodern uses of sex. *Theory, Culture and Society* 15(3-4): 19-33.

- Bell, S. (1994) Reading, writing and rewriting the prostitute body. Indianapolis: Indiana University Press.
- Bernstein, E. (2007). Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity and the Commerce of Sex. Chicago and London, *The University of Chicago Press*.
- Bernstein, E. (2001). The meaning of the purchase: Desire, demand and the commerce of sex. *Ethnography* 2(3): 389–420.
- Bimbi, D. S. (2007) Male prostitution: Pathology, paradigms and progress in research. *Journal of Homosexuality* 53(1–2), 7–35.
- Bourdieu, P. (1983). *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- Brah, A. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação. *cadernos pagu*, (26), 329-376.
- Braz, C. A. (2010). *À meia-luz... Uma etnografia imprópria sobre clubes de sexo masculinos*. (Tese de doutorado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, SP, Brasil. Recuperado em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280661> Acesso em: 12, fev 2021.
- Butler, J. (2009) Cambio del sujeto: La política de la resignificación radical de Judith Butler. In: Casale, R; Chiachio, C. (Orgs.). *Máscaras del deseo: una lectura del deseo en Judith Butler*. Buenos Aires: Catálogos, 2009b. p. 65-111.
- Butler, J. (2000). *Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do “sexo”. O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2010). *Mecanismos psíquicos del poder: Teorías sobre la sujeción*. (2a ed.). Madrid: Ediciones Cátedra
- Butler, J. (1990). Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. In: E. Case (ed). *Performing feminisms, feminist critical theory and theatre*. Baltimore: The John Hopkins Press.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2015a). *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* (T. M. Lamarão, S. & A. M. Cunha, Trads) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Butler, J. (2015b). *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. (R. Bettoni, Trad.). São Paulo: Autêntica.
- Cabezas, A. (2009). *Economies of Desire: Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia, Temple University.
- Cabruja I., Ubach, T., Íñiguez Rueda, L., & Vázquez, F. (2000). Cómo construimos el mundo: relativismo, espacios de relación y narratividad. *Anàlisi: Quaderns de comunicació i cultura*, (25), 0061-94.

- Caetano, M. R. V., da Silva Junior, P. M., & de Garay Hernandez, J. (2014). Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades. *Revista Periódicus*, 1(2), 8-18.
- Canoy, N. A. (2015). 'Intimacy is not free of charge': An intersectional analysis of cultural and classed discourses of intimacy among gay and transgender identities. *Sexualities*, 18(8), 921-940.
- Cantalice, T. (2016). *Dando um banho de carinho!* São Paulo: Paco Editorial
- Carbonero, A., & Garrido M. G. (2018). Being like your girlfriend: Authenticity and the shifting borders of intimacy in sex work. *Sociology* 52(2): 384–399.
- Cardoso, J. G. M., Paz, B. M., Rocha, K. B., & Pizzinato, A. (2019). Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. *Psicologia USP*, 30. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180160>.
- Carneiro, L. C. (1992). *Porto Alegre – De aldeia a metrópole*. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira.
- Carrara, S. (2013). Discriminação, políticas e direitos sexuais no Brasil. In: S. Monteiro, & W. Villela (org.) *Estigma e saúde*. (p. 143-60). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Carsten, J. (2014). A matéria do parentesco. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, 6(2), 103-118.
- Castañeda, H. (2014) Migrant male sex workers in Germany. In: V. Minichello, & J. Scott (eds.) *Male Sex Work and Society*. (p. 386-425). New York: Harrington Park Press.
- Cavaliere, S. (2011). Between victim and agent: A third-way feminist account of trafficking for sex work. *Indiana Law Journal* 86(4): 1409–1450.
- Chapkis, W. (2002) The meaning of sex. In: C. L. Williams, & A. Stein (eds). *Sexuality and Gender*. (p. 207-220) London: Blackwell.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: Guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Chauncey, G. 1994. *Gay New York: Gender, urban culture, and the making of the gay male world, 1890–1940*, New York: BasicBooks.
- Connell, R. W. (1995). Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185-206.
- Connell, R. W. (1997). La organización social de la masculinidad. In: T. Valdés, & J. Olavarría. (eds.). *Masculinidades: Poder e crisis. Ediciones de las Mujeres*, (No. 4, p. 31-48). Santiago: Isis Internacional.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

- Corrêa, R. L. (1994). Território e corporação: Um exemplo. In: M. Santos, M. A. A. Souza, & M. L. Silveira. (orgs.). *Territórios, globalização e fragmentação*. (p. 251-256). São Paulo: Hucitec.
- Crenshaw, K. (1989) Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *The University of Chicago Legal Forum*, 140, 139-167.
- da Costa, L. B. (2014). Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV*, 7(2), 66-77.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). Neoliberalismo e subjetivação capitalista. *Revista Olho da História*, 22.
- Deleuze, G. (2002). *Baruch de Espinoza – Filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (1976). *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997a). Acerca do ritornelo. In: G. Deleuze & F. Guattari. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia* (vol. 4, p. 115-170). São Paulo: Editora 34. (Original publicado em 1980).
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997b). Devir intenso, devir animal, devir imperceptível. In: G. Deleuze, & F. Guattari (orgs.). *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (vol. 4, p. 11-113). Rio de Janeiro: Editora 34. (Original publicado em 1980).
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. (vol. 1). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil latôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vvol. 3). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G., & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. (E. Araújo, Trad.). São Paulo: Escuta.
- Delumeau, J. (1994). *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Doezema, J. (2010) *Sex slaves and discourse masters: The construction of trafficking*. London: Zed Books
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2002.
- Ferguson, J. L. (2017). “From the Heart” Sex, Money, and the Making of a Gay Community in Senegal. *Gender & Society*, 31(2), 245-265.
- Fonseca, T. M. G., Costa, L. A., Moehlecke, V., & Neves, J. M. (2010). O delírio como método: A poética desmedida das singularidades. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(1), 169-189.

- Foucault, M. (2014). *A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II*. (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2010). A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: M. Foucault. *Ditos & escritos V. Ética, sexualidade e política*. (p. 264-287). Rio de Janeiro: Forense.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loiola.
- Foucault, M. (1981). Da amizade como modo de vida. *Gai Pied*, (25), 38-39.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- França, I. L. (2010). Consumindo lugares, consumindo nos lugares: Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. (Tese de doutorado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, SP, Brasil. Recuperado em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280486>. Acesso em: 12, fev 2021.
- Giddens, A. (1993). *Transformações da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP
- Green, J. (2000). *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNES
- Gregori, M. F. (2003). Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*, (20), 87-120.
- Guattari, F., & Deleuze, G. (2018). *Kafka: Por uma literatura menor*. São Paulo: Autêntica.
- Guattari, F., Rolnik, S. (2005). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Han, Chong-Suk. 2006. Geisha of a Different Kind: Gay Asian Men and the Gendering of Sexual Identity. *Sexuality & Culture*, 10:3–28.
- Hansen, L. (2010). Ontologies, epistemologies, methodologies. In: L. Shepherd (ed.) *Gender matters in global politics: A Feminist Introduction to International Relations*. (p. 17–27). London: Routledge.
- Hamann, C. (2019). Arenas de poder na prostituição masculina: Notas sobre pesquisa. In: T. Oliveira (org.). *Homens no mercado do sexo: Reflexões sobre agentes, espaços e políticas*. São Paulo: Editora Devires.
- Hamann, C. (2016). *Itinerários, práticas e significações do sexo tarifado entre homens*. (Dissertação de mestrado). Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Hamann, C., Pizzinato, A., & Rocha, K. B. (2017). Dinâmicas de gênero e sexualidade no sexo tarifado entre homens: uma análise por meio da noção de comunidades de prática. *Trends in Psychology*, 25(3), 1007-1024.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41.

- Harcourt, W. (2009). *Body politics in development: Critical debates in gender and development*. London: Zed Books.
- Hermans, H. J. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & psychology*, 7(3), 243-281.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G., & Van Loon, R. J. P. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47(1), 23-33
- Héron, F. (1987). La seconde nature de l'habitus. *Revue Française de Sociologie*, 28(3), 385-416.
- Hochschild, A. 1983. *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*. Berkeley: University of California Press.
- Järvinen, M., & Henriksen, T. D. (2020). Controlling intimacy: Sexual scripts among men and women in prostitution. *Current Sociology*, 68(3), 353-371.
- Jeffreys, S. (2009) *The industrial vagina: The political economy of the global sex trade*. Abingdon: Routledge.
- Joseph, L. J., & Black, P. (2012). Who's the man? Fragile masculinities, consumer masculinities, and the profiles of sex work clients. *Men and Masculinities*, 15(5), 486-506.
- Kastrup, V. (2001). Aprendizagem, arte e invenção. *Psicologia em Estudo*, 6(1), 17-27. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722001000100003>.
- Kastrup, V. (2007). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 15-22.
- Kastrup, V., & Passos, E. (2013). Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(2), 263-280.
- Kaye, K. (2003). Male Prostitution in the twentieth century: P, hoodlum homosexuals, and exploited teens. *Journal of Homosexuality*, 46(1-2)
- Kerr Pontes, A., Leal Ferreira, A. A., & Gastalho de Bicalho, P. P. (2018). Uma história da internação de ébrios, alcoolistas e vadios durante a Primeira República: lições para as políticas atuais? *Revista de psicologia (Santiago)*, 27(2), 127-144.
- Kimmel, M. (1997). Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. Masculinidad/es. *Poder y crisis*, 24, 49-63.
- Lambek, Michael. 2011. "Kinship as gift and theft: acts of succession in Mayotte and ancient Israel". *American Ethnologist*, 38(1):2-16. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1548-1425.2010.01288>.
- Larrosa, J. (2002). Para qué nos sirven los extranjeros. *Educación & sociedade*, 23(79), 67-84.
- Lazzarato, M. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

- Lima, A., & Cerqueira, F. A. (2007). Identidade homossexual e negra em alagoinhas. *Bagoas-Estudos gays: Gêneros e sexualidades*, 1(01).
- Logan, T. D. (2010). Personal characteristics, sexual behaviors, and male sex work: A quantitative approach. *American sociological review*, 75(5), 679-704.
- Louro, G. L. (2011). Pedagogias da sexualidade. In G. Louro. *O corpo educado-Pedagogias da sexualidade*. São Paulo: Autêntica
- Mackinnon, C. (1989). *Towards a feminist theory of the state*. Cambridge: Harvard University Press.
- Madureira, A. F. D. A., & Branco, A. M. C. U. D. A. (2007). Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 81-90. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000100010>.
- Maingueneau, D. (2008). *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. (1995). *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes.
- Massey, D. (2009). Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. (H. P. Maciel. & R. Haesbaert, Trads.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Mazzeiro, J. B. (1998). Sexualidade criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos-São Paulo 1870/1920. *Revista Brasileira de História*, 18(35), 247-285.
- Milrod, C., & Weitzer, R. (2012). The intimacy prism: Emotion management among the clients of escorts. *Men and Masculinities*, 15(5), 447-467. DOI: 10.1177/1097184X12452148.
- Miranda, C. E. S. (2013). O erótico no verbo: O espírito da carne e a carne do espírito. *Synergies Monde*, (10), 29-41.
- Miskolci, R. (2012). A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: L. Pelúcio, & L. Souza (orgs.), *Olhares plurais para o cotidiano: Gênero, sexualidade e mídia* (vol. 1, p. 35-55). Marília: Cultura Acadêmia.
- Miskolci, R. (2017). *Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Miskolci, R. (2013). Machos e brothers: Uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Estudos Feministas* 21(1). 301-324.
- Miskolci, R. (2014). San Francisco e a nova economia do desejo. *Lua Nova*, (91), 269-295. doi: 10.1590/S0102-64452014000100010.
- Miskolci, R. (2016). Strangers in paradise: Notes on the use of the dating apps for hookups in San Francisco. *Cadernos Pagu*, (47), 1-30. doi: 10.1590/18094449201600470011.
- Miskolci, R. & Pelúcio, L. (2008). Aquele não mais obscuro negócio do desejo. In: N. Perlongher. *O negócio do michê. A prostituição viril em São Paulo*. (p. xx-xx) São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

- Munanga, K. (1986). *Negritude: Usos e costumes*. São Paulo: Ática.
- Neto, E. N. S. (2010, agosto). Quem come é quem engole: A subjetividade na construção das performances de gênero entre os boys de programa de Recife. In: *Seminário internacional fazendo gênero 9 – Diásporas, diversidades, deslocamentos*. Florianópolis, SC, Brasil, 9. Recuperado em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277817374\\_ARQUIVO\\_QUEMCOMEEQUEMENGOLE.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277817374_ARQUIVO_QUEMCOMEEQUEMENGOLE.pdf). Acesso em: 12, fev 2021.
- Nolasco, S. (1995). A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: S. Nolasco. (org.). *A desconstrução do masculino*. (p. 15-29). Rio de Janeiro: Rocco.
- Olivar, J. M. N. (2011). Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 26(75), 89-101. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092011000100005>.
- Olivar, J. M. N. (2013). *Devir puta – Políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: CLAM/EdUERJ.
- Olivar, J. M. N., & Garcia, L. (2017). " Usar o corpo": economias sexuais de mulheres jovens do litoral ao sertão no Nordeste brasileiro. *Revista de Antropologia*, 60(1), 140-164.
- Oliveira, J. M. D. (2010). Os feminismos habitam espaços hifenizados-a localização e interseccionalidade dos saberes feministas. *Ex Aequo*, (22), 25-39.
- Ortega, F. (2002). *Genealogia da amizade*. São Paulo: Iluminuras Ltda.
- Padilha, F. A. (2015). O segredo é a alma do negócio: Mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos. (Dissertação de mestrado). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. São Carlos, SP, Brasil. Recuperado em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7178>. Acesso em: 12, fev 2021.
- Padovani, N. C. (2015). Sobre casos e casamentos: afetos e " amores" através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona.
- Passamani, G. (2017). "É ajuda, não é prostituição". Sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *cadernos pagu*, (51).
- Pelúcio, L. (2017). Um flerte com a normalidade – Apresentação. In: R. Miskolci. *Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica
- Pereira, C. S., Siciliano, T., & Rocha, E. (2015). Consumo de experiência" e "experiência de consumo": Uma discussão conceitual. *Logos*, 22(2).
- Perlongher, N. (2008). *O negócio do michê*. (2a ed). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.



- Piscitelli, A. (2011). Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia e OLIVAR, José Miguel (orgs.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-PAGU-Unicamp, p. 537-582.
- Piscitelli, A. (2016). Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais. *Cadernos Pagu*, (47), e16475. Epub 15 de agosto de 2016. <https://doi.org/10.1590/18094449201600470005>.
- Piscitelli, A. (2003). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, 11(2), 263-274.
- Piscitelli, A. (2007). Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do ‘turismo sexual’ internacional”. *Revista Estudos Feministas.*, vol.15, n.3: 717-744
- Piscitelli, A. (2014). Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil. *Cadernos Pagu*, (42), 159-199. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420159>.
- Pizzinato, A., Hamann, C., & Maracci-Cardoso, J. G. (2017). Dinâmicas atuais na busca de sexo entre homens: O uso do Grindr como ferramenta de gestão de práticas sexuais. In: F. Machado, F. Barnart & R. Mattos (orgs.). *A diversidade e a livre expressão sexual entre as ruas, as redes e as políticas públicas*. (vol. 1, p. 179-194). Porto Alegre: Editora Nuances.
- Pocahy, F. A. (2011). Entre vapores e dublagens: Dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. (Tese de doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28822>. Acesso em: 12, fev 2021.
- Pozzana, L.; Kastrup, V. (2014). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 52-75.
- Preciado, B. (2008). Cartografías queer: El flâneur preverso, la lesbiana topográfica y la puta multicartográfica o como hacer una cartografía zorra con Anne Sprinkle. In: J. M. Cortes, (ed). *Cartografías disidentes*. Barcelona: Seacex
- Puzzo, M. B. (2013). Teoria dialógica da linguagem: o ensino da gramática na perspectiva de Bakhtin. *Linha D'Água*, 26(2), 261-278
- Reeser, T. W. (2010). *Masculinities in theory: An introduction*. Oxford: Willey-Backwell.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento.
- Rodrigues, N. S. (2015). Problemática da prostituição masculina na Atenas Clássica. *Idades e gênero na literatura e na arte da Grécia antiga*, 129-166.
- Rolnik, S. (2008). Antropofagia Zumbi. In: S. Cohn, P. Cesarino, & R. Rezende. (orgs.). *Azougue: Edição especial 2006-2008*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

- Rolnik, S. (2007). *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: UFRGS Editora.
- Rolnik, S. (1994). Cidadania e alteridade: O psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: M. J. P. Spink (org.). *A cidadania em construção: Uma reflexão transdisciplinar*. (p. 157-176). São Paulo: Cortez.
- Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 edições.
- Rolnik, S. (1998). Subjetividade antropofágica. In: *XXIV Bienal de São Paulo: Arte contemporânea brasileira: Um e/entre outro/s*. São Paulo, SP, Brasil, 24.
- Roman, A. R. (1993). O conceito de polifonia em Bakhtin – O trajeto polifônico de uma metáfora. *Revista Letras*, 42.
- Rubin, G. (2017). *O tráfico de mulheres: Notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: Ubu Editora.
- Safatle, V. (2015). Por outros corpos políticos, individuais e coletivos. *Revista EPOS*, 6(2), 220-224.
- Sanders, T. (2008) Male sexual scripts: Intimacy, sexuality and pleasure in the purchase of commercial sex. *Sociology* 42(3): 400–417.
- Santos, É. N., Pereira, P. P. G. (2016). Amores e vapores: Sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. *Rev. Estud. Fem.*, 24(1), 133-154, <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p133>.
- Santos, M. (1999). O território e o saber local: Algumas categorias de análise. *Cadernos Ippur*, 2, 15-25.
- Schucman, L. V. (2014). Branquitude e poder: Revisitando o “medo branco” no século XXI. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 6(13), 134-147.
- Scott, J. (2003). A prostitute’s progress: Male prostitution in scientific discourse. *Social Semiotics*, 13(2).
- Scott, J. W (1998). A invisibilidade da experiência. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 16.
- Silva, A. P. D., & Blanchette, T. (2005). "Nossa Senhora da help": Sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, (25), 249-280.
- Silveira, P. D., & Axt, M. (2015). Mikhail Bakhtin e Manoel de Barros: entre o cronotopo e a infância. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 10(1), 176-192. <https://doi.org/10.1590/2176-457320845>
- Smith, N. J. A. (2011) The international political economy of commercial sex. *Review of International Political Economy*, 18(4): 530–549.

- Souza Neto, E. N. (2009). Entre boys e frangos: Análise das performances de gênero de homens que se prostituem em Recife. (Dissertação de mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife PE, Brasil. Recuperado em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/8423/1/arquivo3723\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/8423/1/arquivo3723_1.pdf) Acesso em: 12, fev 2021.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Streeck, W. (2012). How to study contemporary capitalism?. *European Journal of Sociology/Archives Européennes de Sociologie/Europäisches Archiv für Soziologie*, 1-28.
- Teixeira, A. E. (2011). Representação sobre a atividade de garotos de programa em Belo Horizonte (MG): Emprego, trabalho ou profissão? In: *Anais XI Congresso uso afro brasileiro de ciências sociais – Diversidades e (des)igualdades*. Salvador, BA, Brasil, 11. Recuperado em: <https://docplayer.com.br/1857721-Representacao-sobre-a-atividade-de-garotos-de-programa-em-belo-horizonte-mg-emprego-trabalho-ou-profissao-1.html>. Acesso em: 12, fev 2021.
- Torrão Filho, A. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, (24), 127-152.
- Trevisan, J. S. (2000) *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (3a ed Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record.
- Van der Poel, S. (1992). Professional male prostitution: A neglected phenomenon. *Crime, Law and Social Change*, 18(3), 259-275.
- Viana, N. J. Q. (2010). “É tudo psicológico! dinheiro... Pruuu! fica logo duro!”: Desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. (Dissertação de mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife PE, Brasil. Recuperado em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/8588/1/arquivo756\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/8588/1/arquivo756_1.pdf) Acesso em: 12, fev 2021.
- Viveros-Vigoya, M. (2016). Masculinities in the continuum of violence in Latin America. *Feminist Theory*, 17(2), 229-237.
- Walby, K. (2012). *Touching encounters: Sex, work and male-for-male internet escorting*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Wall, A., & Witt Mendonça Junior, J. (2019). Os personagens na teoria de Bakhtin. *Revista Odisseia*, 4(2), p. 1 - 20. <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2019v4n2ID18940>.
- Weeks, J. (1981). Inverts, perverts, and Mary-Annes: Male prostitution and the regulation of homosexuality in England in the ineteenth and early twentieth centuries. In: S. Licata, & R. Petersen (orgs). *The gay past. A Collection of Historical Essays*. New York: Haworth Press.
- Weitzer, R. (2009). Sociology of sex work. *Annual review of sociology* (35) 213–234.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460-482.

- Wenger, E. (2001) Communities of practice and social learning systems. *Wenger Organization*, 7(2), 225-246.
- Youngs, G. (2000) Embodied political economy or an escape from disembodied knowledge. In: G. Youngs (ed.) *Political economy. Power and the body*. (p. 11-30.) Basingstoke: Palgrave,
- Zalewski, M. (2007) Do we understand each other yet? Troubling feminist encounters with(in) international relations. *British Journal of Politics and International Relations* 9(2): 302–312.
- Zelizer, V. A. (2011). *A negociação da intimidade*. Petrópolis: Vozes.
- Zelizer, V. A. (2009). Dinheiro, poder e sexo. *Cadernos Pagu*, (32), 135-157. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000100005>.
- Zourabichvili, F. (2000). Deleuze e o possível (Sobre o involuntarismo na política). In: É. Alliez (org.), *Gilles Deleuze: Uma vida filosófica* (A. Oliveira, Trad.). São Paulo: Editora 34